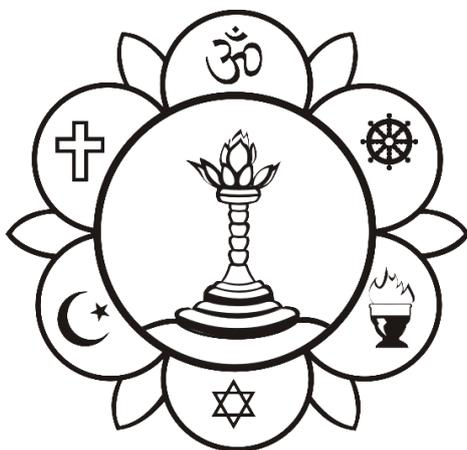


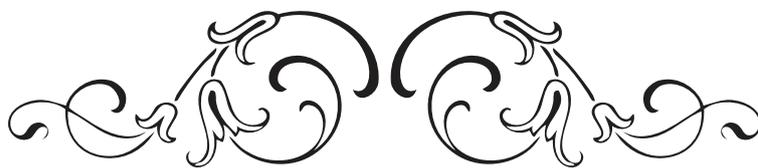
RAMAKATHA RASAVAHINI

A História de Rama: o Fluir da Sagrada Doçura

Volume 2



por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba



RAMAKATHA RASAVAHINI

A História de Rama: o Fluir da Sagrada Doçura

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Copyright 2021 © by Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, fotocópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por: Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel – Rio de Janeiro – RJ / CEP: 20.541-024

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br

Loja virtual: www.fundacaosai.org.br

Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução: Coordenação de Publicação / Conselho Central do Brasil

Organização Internacional Sathya Sai do Brasil

www.sathyasai.org.br

SUMÁRIO

ESTE LIVRO	4
O SIGNIFICADO INTERNO	6
PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	7
1. A FLORESTA DANDAKA.....	8
2. PANCHAVATI.....	17
3. O ASTUTO VILÃO	29
4. UM ALIADO ACEITO	46
5. SUCESSO NA BUSCA.....	61
6. LANKA EM CHAMAS	76
7. A PONTE	90
8. O CERCO	105
9. A REGIÃO INFERIOR	120
10. DEZ CABEÇAS ROLAM.....	127
11. A FELICIDADE DE AYODHYA	138
12. A COROAÇÃO	142
13. EXÍLIO PARA SITA.....	155
14. O FINAL DA PEÇA	167

ESTE LIVRO

Por muitos séculos, *A História de Rama: o Fluir da Sagrada Doçura* tem sido, para milhões de homens, mulheres e crianças, fonte perene de consolo na tristeza; de vitalidade quando prostrados pela hesitação; de iluminação em meio à confusão; de inspiração em momentos de desânimo e de orientação em face de dúvidas. Trata-se de um drama intensamente humano em que Deus interpreta o papel de homem e reúne em torno de Si, no vasto palco do mundo, o perfeito e o imperfeito, o humano e o sub-humano, a besta e o demônio, para nos conferir, mediante preceitos e exemplos, a dádiva da Suprema Sabedoria. É uma história que toca ternamente o coração do homem, evocando ágeis e límpidas respostas em forma de comoção, piedade, exultação, adoração, êxtase e entrega, transformando-nos, a partir do animal e do humano, no Divino, que é o nosso âmagô.

Nenhuma outra história na humanidade teve um impacto tão profundo sobre a mente do homem. Ela transcende os marcos da história e os limites geográficos. Moldou e sublimou os hábitos e as atitudes de gerações. O *Ramayana*¹, a história de Rama, tornou-se uma célula curativa na corrente sanguínea da humanidade em vastas áreas do globo. Enraizou-se na consciência dos povos, estimulando-os e impulsionando-os ao longo dos caminhos da Verdade, da Retidão, da Paz e do Amor.

Por meio de lendas e canções de ninar, mitos e contos, dança e teatro; por meio da escultura, da música e da pintura, de rituais, poesia e símbolos, Rama tornou-se o alento, a bem-aventurança, o tesouro de incontáveis buscadores espirituais. Os personagens da história de Rama os convidam a imitá-los e a se elevarem; fornecem-lhes exemplos luminosos de conquistas e de aventura; alertam os indecisos contra o vício e a violência, o orgulho e a mesquinhez; encorajam-nos com a sua fidelidade e fortaleza. A cada língua e dialeto que o homem criou para expressar os seus mais elevados anseios, a história de Rama acrescentou uma doçura ímpar e reconfortante.

Sai (*Isha*, Deus), cujo pensamento é o Universo e cuja vontade é a história do Universo, é o autor, o diretor, o ator, a testemunha e o apreciador do Drama que se desenrola permanentemente no tempo e no espaço. Agora Ele próprio dignou-Se contar-nos a história de um ato épico nesse Drama – um ato épico no qual assumiu o papel de Rama. Como Rama, Sai instruiu, inspirou, revigorou, corrigiu, consolou e confortou os Seus contemporâneos na era denominada *Treta Yuga*². Atualmente, como Sai Rama³, está empenhado nessa mesma tarefa; por isso a maior parte do que os

¹ Célebre poema épico hindu composto pelo grande sábio Valmiki; consiste de 24.000 versos distribuídos em sete livros ou cantos (*kandas*). (N. T.)

² Segundo a antiga tradição hindu, cada ciclo cósmico (*kalpa*) se divide em mil ciclos de quatro eras ou idades (*yugas*), classificadas com base nos atributos mentais predominantes: *Krita Yuga* ou *Satya Yuga* (Idade do Ouro), *Treta Yuga* (Idade da Prata), *Dvapara Yuga* (Idade do Bronze) e *Kali Yuga* (Idade do Ferro), a era atual. À medida que elas se sucedem, há um crescente declínio da retidão (*dharmā*), da sabedoria e da virtude, assim como da capacidade física e intelectual e da longevidade do ser humano. (N. T.)

³ Diz-se “Sai Rama” porque Sri Sathya Sai Baba, como Ele mesmo declarou, é a “Forma de todas as Formas da Divindade” (*Sarvadevatasvarupa*). Em 1968, ao discursar na Conferência Mundial da Organização Sri Sathya Sai Seva, em Bombaim, Sai Baba disse: “Nesta forma humana estão manifestadas todas as Entidades Divinas, todos os Princípios Divinos, o que significa todos os Nomes e Formas atribuídos a Deus pelo homem...”. (N. T.)

leitores da revista *Sanathana Sarathi*⁴ examinaram, mês após mês (durante estes anos), com fervor e prazer, como episódios desta narrativa – o *Ramakatha Rasavahini* –, deve ter parecido a eles “eventos e experiências da época de hoje” e “aconselhamento direto no contexto de problemas e dificuldades contemporâneos”. Ao lerem estas páginas, os leitores muitas vezes se sentirão agradavelmente impressionados com a identificação existente entre o Rama desta história e o Sai Rama de que são testemunhas⁵.

A “Ciência” moldou esta Terra na forma compacta e capsular de uma espaçonave na qual a humanidade tem que viver o seu destino. A “Saiência⁶” é, como sabemos, o rápido remodelamento dessa espaçonave em um venturoso lar de Amor. Sai deve ter desejado este livro como uma panaceia suprema para a remoção dos males que obstruem o Amor Universal: a ânsia mórbida pelo prazer sensual; a irreverência crescente para com pais, professores, idosos, líderes e guias espirituais; a frivolidade e a leviandade desastrosas nas relações sociais, conjugais e familiares; a confiança demoníaca na violência como meio para alcançar fins imorais; a pronta adoção do terror e da tortura visando a obtenção de ganhos para indivíduos e grupos e muitos outros males adjacentes.

Sai Rama recapitulou aqui, com o Seu estilo próprio simples, doce e alentador, a Sua Trajetória Divina como Rama! Que grande sorte a nossa, termos em mãos esta narrativa divina para gravá-la em nossas mentes e imprimir-la em nossos corações! Que possamos ser transformados, pelo estudo deste livro, em instrumentos eficientes e entusiastas para a realização da Sua Missão – a de moldar a humanidade em uma só Família e fazer com que cada um de nós perceba Sai Rama como a Realidade, a única Realidade que É.

Sai declarou que Ele é o mesmo Rama que retornou e está procurando os Seus antigos companheiros e trabalhadores (*bantu*, como Se referiu a eles em télugo) para lhes designar papéis na Sua presente Missão de ressuscitar a Retidão e conduzir a humanidade até o abrigo da Paz. Enquanto refletimos sobre a primeira metade desta história, oremos para que também nos sejam atribuídos papéis nessa Missão e que Ele nos conceda, como recompensa, a visão desse abrigo.

N. KASTURI

Editor da revista *Sanathana Sarathi*

Prashanti Nilayam

14 de janeiro de 1984

⁴ Revista mensal editada a partir de 1958 em Prashanti Nilayam (posteriormente traduzida para o português com o título de *Eterno Condutor*), para ampla divulgação da mensagem de Sri Sathya Sai Baba e das atividades da Organização Sai. (N. T.)

⁵ Sri Sathya Sai Baba deixou o Seu corpo físico (*Mahasamadhi*) em 24 de abril de 2011, ou seja, em data posterior à da presente edição em inglês deste livro, datada de julho de 2010. (N. T.)

⁶ Aqui, Kasturi faz um trocadilho em inglês entre as palavras “*Science*” (Ciência) e “*Saience*”. (N. T.)

O SIGNIFICADO INTERNO

Rama é o Morador Interno em cada corpo. Ele é o *Atma*⁷-*Rama*, o Rama (Fonte de Bem-Aventura) existente em todo indivíduo. As suas bênçãos, jorrando desse manancial interno, podem conferir paz e bem-aventurança. Rama é a própria encarnação do *dharm*⁸, a personificação de todos os códigos morais que mantêm a humanidade coesa em amor e unidade.

A sua história, o *Ramayana*, ensina duas lições: o valor do desapego e a necessidade de cada um se tornar consciente do Divino existente em todo ser. A fé em Deus e o desprendimento de buscas materiais são as chaves para a liberação humana.

Renunciem aos objetos dos sentidos e conquistarão Rama. Sita abandonou o luxo de Ayodhya⁹ para que pudesse estar com ele durante o período de "exílio", porém quando lançou olhares desejosos sobre o cervo dourado e almejou tê-lo para si, perdeu a presença de Rama. A renúncia leva à alegria, o apego traz a tristeza. Estejam no mundo, mas não sejam do mundo.

Cada irmão, camarada, companheiro e colaborador de Rama é um exemplo de pessoa impregnada de *dharm*. O pai, Dasharatha¹⁰, representa o meramente físico, relacionado aos dez sentidos. As três qualidades da Criação ou *gunas*¹¹ (*satva*, *rajas* e *tamas*), ou seja, serenidade, atividade e ignorância, são as três rainhas. As quatro metas da vida humana ou *purusharthas* (retidão, riqueza, desejo e liberação) correspondem aos quatro filhos. Lakshmana é o intelecto, Sugriva é o discernimento (*viveka*); Vali é o desespero e Hanuman é a personificação da coragem.

A ponte é construída sobre o Oceano da Ilusão. Os três chefes *rakshasas* (demônios) são personificações das qualidades rajásicas (Ravana), tamásicas (Kumbakarna) e sátvicas (Vibhishana). Sita é a Consciência do Absoluto Universal (*Brahmajñana*), que o indivíduo deve adquirir e reconquistar após trabalhar arduamente no crisol da Vida.

Tornem o seu coração puro e forte mediante a contemplação da grandeza do *Ramayana*. Mantenham-se firmes na fé em que Rama é a Realidade da existência de vocês.

– Baba

⁷ O termo *Atma* (sânscrito) significa o Ser, no sentido de Ser Interno ou Eu verdadeiro; uma centelha do Divino; é traduzido, às vezes, como "alma". (N. T.)

⁸ Literalmente, "aquilo que sustenta". É o conjunto das leis universais que regem a harmonia social e os direitos, deveres e obrigações individuais. O *dharm* é aquilo que faz com que cada ser e cada objeto no Universo esteja em seu lugar e represente o seu papel na ordem cósmica, o que significa que, sem ele, o Cosmos não poderia existir. Com o sentido de Retidão, é um dos cinco Valores Humanos universais, sendo os outros quatro a Verdade (*satya*), o Amor (*prema*), a Paz (*shanti*) e a Não Violência (*ahimsa*). (N. T.)

⁹ Capital do antigo reino de Kosala, no norte da Índia, governado pelos reis da dinastia de Ikshvaku, a linhagem de Rama. (N. T.)

¹⁰ O nome Dasharatha significa "dez carruagens", que correspondem aos dez sentidos, os externos (de ação) e os internos (de percepção ou conhecimento). (N. T.)

¹¹ Todos os seres da Criação apresentam uma combinação variável de três qualidades ou *gunas*: *satva* (equilíbrio, pureza, bondade, altruísmo; *rajas* (paixão, emoção violenta, agitação, raiva, agressividade, egoísmo) e *tamas* (inércia, torpor, indolência, ignorância, escuridão). (N. T.)

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

É com grande alegria que apresentamos a obra *Ramakhata Rasavahini*, ou *A História de Rama: o Fluir da Sagrada Doçura*, aos leitores de língua portuguesa. Como os demais livros da série *Vahini* (palavra que significa “fluxo”, “torrente”), este foi escrito originalmente na forma de artigos publicados na revista mensal *Sanathana Sarathi*, editada a partir de 1958, para divulgação da mensagem de Sri Sathya Sai Baba. Por sete anos e sete meses, até agosto de 1977, Baba brindou os leitores da revista com o relato da história do príncipe e herói Rama, a personificação do *dharma*, a Lei Cósmica que rege o Universo.

Esta releitura do *Ramayana*, o grande épico e clássico da literatura sagrada indiana, está dividida em duas partes. A primeira conta a história de Rama desde o seu nascimento até o seu exílio na floresta e a instalação das suas sandálias divinas no trono de Ayodhya. A segunda parte, que integra este volume, tem como tema central a grande batalha entre Rama e o rei-demônio Ravana, um símbolo do duelo entre o *dharma* e o *adharma*, a retidão e a iniquidade. Em todo o livro, Baba enfatiza a nobreza de caráter e o elevado senso de dever dos personagens principais, colocando diante do leitor sublimes ideais a serem seguidos.

A tradução aqui apresentada tem como base o texto de um e-book editado em 2014 pelo Sri Sathya Sai Sadhana Trust¹², embora edições anteriores também tenham sido consultadas durante o processo de tradução e revisão. Esta edição, tal como a do e-book, apresenta subtítulos em seus capítulos e substitui diversos termos em sânscrito pelos seus equivalentes no idioma para o qual foram traduzidos. Acreditamos que isso torne a leitura mais fácil e prazerosa para aqueles que não estão familiarizados com o sânscrito ou com palavras comumente usadas na literatura sagrada indiana. Notas de rodapé ao longo do texto esclarecem o significado de certas expressões em sânscrito ou apresentam informações adicionais que podem enriquecer a leitura.

Vale também comentar sobre algumas escolhas de estilo. Por exemplo, empregam-se geralmente iniciais maiúsculas na grafia de pronomes pessoais e possessivos relativos às divindades principais. Neste livro, entretanto, optou-se por grafá-los com inicial minúscula quando se referem a Rama, para conferir maior fluidez e simplicidade ao texto e evitar uma possível poluição visual resultante do uso excessivo de iniciais maiúsculas (Lo, Nele, Dele, etc.). Do mesmo modo, visando contribuir para uma familiaridade maior do leitor com o texto, e por se tratar de obra traduzida para o português do Brasil, optou-se pelo uso dos pronomes de tratamento “você” e “o senhor” ou “a senhora” no lugar de “tu” e “vós”, habitualmente empregados na literatura épica.

Agradecemos a todos os que contribuíram para que esta tradução seja agora disponibilizada ao público de nossa língua e convidamos você, caro leitor, a embarcar com o coração aberto neste doce fluir da história de Rama e a deixar-se inspirar e moldar por ele.

Coordenação de Publicação – 2021
Organização Internacional Sathya Sai do Brasil

¹² <http://www.ssbpt.info/vahinis/RamakathaII/Ramakatha2.pdf>

1. A FLORESTA DANDAKA

Enquanto Bharata passava os dias em Nandigrama, na constante contemplação de Rama, bem longe, no monte Chitrakuta, Sita, Rama e Lakshmana louvavam a sua devoção e senso de dedicação. Estavam felizes no seu tranquilo e sereno lar na floresta.

O tolo Jayanta

Certo dia, um tolo chamado Jayanta¹³ procurou medir o valor de Rama, uma aventura tão estúpida e suicida quanto a de uma formiga que tentasse descobrir a profundidade do oceano! Impelido por pura travessura, transformou-se em um corvo e, aproximando-se de Sita, que estava sentada ao lado de Rama, perdida na contemplação do cenário que se descortinava diante deles, picou a sola do seu delicado pé com o bico afiado, fazendo gotas de sangue pingarem da ferida. Ao ver o sangue, Rama arrancou do chão uma folha de grama seca e atirou-a no corvo.

Rama nunca machucaria ninguém que não houvesse causado nenhum mal. No entanto, quando é necessário, quando é preciso fazer algo, até mesmo Rahu engole a Lua¹⁴, não é? Isso igualmente se aplica a Rama. Ele jamais feriria um inocente. Aquela folha de grama transformou-se em uma enorme labareda que voou em direção a Jayanta e, quando ele fugiu, passou a persegui-lo implacavelmente por onde quer que fosse. Indefeso e apavorado, o corvo retornou à sua forma original e Jayanta caiu aos pés de Rama, implorando socorro. Vindo a saber que o culpado era o seu próprio filho, Indra também sentiu arrependimento pela sua audácia e irreverência.

Prostrado diante de Rama, Jayanta suplicou a sua misericórdia: “Eu sou um tolo! Não percebi a baixeza do meu ato! Salve-me da sua ira, desse fogo!” Rama apiedou-se daquele pobre ser que se fazia tão humilde e permitiu que vivesse, tornando-o apenas cego de um dos olhos. A folha de grama que se tornara um míssil de fogo foi por ele neutralizada e retomou a sua natureza. Grato por haver sido libertado com uma punição meramente simbólica pelo crime hediondo que cometera, Jayanta viveu por muito tempo no monte Chitrakuta, onde Sita, Rama e Lakshmana haviam fixado residência. Então, no décimo dia da metade brilhante do mês de Margashira¹⁵, Rama ordenou a Jayanta que deixasse a sua morada e rumasse em direção ao sul.

Uma visita ao ermitério do sábio Atri

Sita, Rama e Lakshmana também partiram de Chitrakuta e se dirigiram para o ermitério do grande sábio Atri. Este soubera antecipadamente, por intermédio dos seus pupilos, da intenção que tinha Rama de visitar o seu retiro; por isso, quando os três estavam se aproximando do seu ermitério (*ashram*), percorreu uma longa distância na trilha da floresta para recebê-los. Sentiu-se tomado por uma alegria tão imensa diante daquele sinal de Graça que, em seu êxtase, verteu profusas lágrimas. Declarou que a visita realmente fizera com que a sua vida alcançasse a mais elevada meta e que naquele dia as austeridades por ele praticadas haviam finalmente frutificado.

¹³ Filho de Indra, senhor dos deuses (*devas*) e do Céu na mitologia hindu. (N. T.)

¹⁴ Segundo a mitologia hindu, Rahu e sua contraparte Ketu são demônios que, sob a forma de corpos celestes, atacam e “engolem” o Sol e a Lua no seu caminho pelo céu, sendo, portanto, causadores dos eclipses solares e lunares. (N. T.)

¹⁵ Correspondente a novembro-dezembro no calendário gregoriano. (N. T.)

À noite o sábio reuniu os pupilos e providenciou um assento alto para Rama no lugar de honra da assembleia, enquanto a sua consorte Anasuya atendia às necessidades de Sita e a conduzia ao local. Em seguida pôs-se a descrever a todos os presentes o caráter sagrado da ocasião, os poderes de Rama, Sita e Lakshmana e as forças divinas que haviam encarnado como aqueles três. Anasuya também enalteceu as virtudes de Sita e ministrou-lhe piedosos conselhos sobre os deveres das mulheres e os ideais que elas deveriam ter sempre em apreço.

Sita, por sua vez, discorreu sobre o fato de que o princípio feminino era inerente à composição de cada indivíduo, cada ser e cada criatura. Afirmou que, embora haja papéis masculinos e femininos atuando no palco do mundo, todos são basicamente femininos quando se consideram a sua força, as suas emoções e as suas atitudes. Declarou ainda que Rama, o seu senhor, era a encarnação do Um e Único princípio masculino no Universo. Nele não havia vestígios de dualidade, de “meu” e “seu”, de tristeza ou alegria. Rama era a encarnação do destemor, a força personificada. O Eterno Masculino (*Purusha*) casara-se com o Eterno Feminino, a Natureza (*Prakriti*)¹⁶. Embora a Natureza pareça ser múltipla e variada, ela é, na realidade, uma Unidade indiferenciada. Dessa forma, Sita revelou a Anasuya, a consorte do sábio Atri, a verdade do Princípio de Rama.

Rama, Sita e Lakshmana passaram momentos muito felizes no *ashram* do sábio Atri. Deram bons conselhos aos residentes e aos alunos sobre vários problemas relativos à reta conduta. Depois, tendo se despedido do sábio, retomaram a sua viagem pela selva. Os habitantes do eremitério verteram lágrimas de pesar ao se afastarem da sua companhia. Apesar de estarem determinados a acompanhar Rama durante as etapas seguintes da sua vida na floresta, tiveram que parar e retomar a existência à qual haviam se dedicado. Impotentes, foram obrigados a testemunhar a partida do divino mestre dos seus corações.

Uma estada em um belo eremitério

A selva ressoava com o rugido dos animais ferozes que vagavam em busca de presas. Nas árvores, múltiplas variedades de aves emplumadas cantavam melodiosamente, cada uma com a sua beleza e sonoridade peculiares. Os seus gorjeios e trinados eram bálsamo para os ouvidos. Parecia que os três haviam entrado em um novo mundo de sensações.

Ao percorrerem aquela região de impressionante esplendor, repentinamente os seus olhos caíram sobre um atraente eremitério que tinha ao centro um templo pitoresco. Lakshmana avançou e limpou a trilha, empurrando para os lados os arbustos que atravancavam a passagem. Quebrou as trepadeiras espinhosas que pendiam, ameaçando machucar os viajantes, para que Rama e Sita pudessem andar em segurança ao longo da trilha. Quando chegaram aos terrenos do eremitério, um jardim encantador apresentou-se diante deles. Bem cuidado e tratado com desvelo, tinha árvores frutíferas e floridas que se erguiam lindamente do solo, com deslumbrantes coroas de beleza e galhos que vergavam sob o peso de suculentas frutas maduras. Encantada, Sita esqueceu todo o cansaço e perdeu-se na paz e alegria celestiais nas quais penetrara. Caminhava atrás de Rama, absorta na vibração da Natureza que a rodeava.

¹⁶ *Purusha* é Deus, o Senhor, o Ser Supremo; *Prakriti* é o mundo, a Criação, a Natureza. (N. T.)

Alguns residentes perceberam a sua aproximação e apressaram-se a informar o preceptor, que correu até o portão principal para dar as boas-vindas a Rama, Sita e Lakshmana, os olhos vertendo lágrimas de felicidade. Os convidados foram tratados com a devida hospitalidade. Fizeram-nos entrar, ofereceram-lhes bebidas refrescantes e colocaram diante deles saborosas frutas e tubérculos. Aceitando com grande prazer a atenção e a consideração recebidas, os hóspedes serviram-se da simples refeição.

À noite, após se banharem e realizarem os rituais apropriados, Rama falou aos residentes a respeito da conduta e comportamento ideais. Permitiu que lhe fizessem perguntas sobre dúvidas que os poderiam estar confundindo e acerca de pontos intrincados relativos à interpretação das Escrituras. Ofereceu a todos explicações convincentes e claras em linguagem simples e satisfatória. Os moradores do *ashram* acolheram aquela oportunidade com o maior entusiasmo. Estavam, sem dúvida, vivenciando o próprio Céu na Terra. Comentaram entre si, com imenso júbilo, que a presença de Rama era uma experiência tão elevada quanto o contato com o próprio Deus no Céu.

Quando o dia amanheceu, Rama, Sita e Lakshmana banharam-se e procederam à realização dos ritos matinais. Apesar das súplicas lamuriosas dos residentes do *ashram*, retomaram a jornada, advertindo-os de que ninguém deveria pôr obstáculos aos votos feitos por eles nem às resoluções que haviam tomado. Disseram ainda que haviam decidido não permanecer em um eremitério ou em qualquer outro local por mais de uma noite.

Um encontro com Viradha, o ogro

Quando estavam atravessando a floresta, uma figura monstruosa, o assustador ogro Viradha, surgiu repentinamente e investiu ameaçadoramente contra eles. Sita, naturalmente, assustou-se com a aparição, mas logo reuniu coragem, sabendo que, tendo o leão Rama para protegê-la, não precisava se assustar com aquela “raposa manca” que se apresentava! “Que ele dê o seu pior rugido”, reconfortou-se. Permaneceu atrás de Rama, observando o desenrolar dos acontecimentos.

Lakshmana atirou no monstro uma flecha afiada, seguida de uma saraivada de projéteis. Ao ser ferido, Viradha transformou-se em uma massa flamejante de fúria; parecendo a própria encarnação da morte e da destruição, lançou-se sobre Lakshmana. Vendo que o irmão estava ficando exausto com a batalha, Rama pôs no seu formidável arco uma flecha com ponta em formato de lua crescente e arremessou-a no ogro. A flecha despedaçou a impressionante lança de três pontas que Viradha manejava e depois lhe decepou a cabeça. Naquele exato momento, emergiu do cadáver caído uma resplandecente forma celestial!

Viradha pertencera ao grupo dos *gandharvas*, anjos celestiais que serviam Kubera, o deus da riqueza. Nascera como um ogro na Terra em consequência de uma maldição que lhe lançara o seu mestre divino. Mais tarde, Kubera tivera piedade dele e afirmara que a sua carreira demoníaca chegaria ao fim no momento em que ele encontrasse a morte em consequência de uma flecha do arco de Rama; poderia, então, retornar como *gandharva* à sua presença. Vidhara, já na forma de um anjo, caiu aos pés do seu salvador e exaltou-o em profusão antes de partir para a sua morada permanente.

Rama sepultou o enorme corpo do demônio, que jazia estendido no chão, e realizou os ritos prescritos para a ocasião. Naquele momento, uma chuva desabou sobre o local,

como se os deuses, lá do alto, derramassem lágrimas de alegria pela compaixão que Rama então manifestava.

A imolação de Sharabhanga

Em seguida, Rama foi até o célebre eremitério do sábio Sharabhanga. Enquanto ele se aproximava, os ascetas e monges comentavam sobre o caos gerado pelas incursões de Ravana, o rei-demônio. Em meio à conversa, viram Rama, Sita e Lakshmana aparecer diante deles e compreenderam o significado daquela visita, sabendo que os seus temores logo chegariam ao fim. O sábio mal podia acreditar nos seus olhos quando avistou a figura divinamente cativante de Rama. A princípio ficou em dúvida, imaginando se seria um sonho, uma ilusão ou alguma estranha experiência decorrente da sua mania por meditação, mas logo percebeu a autenticidade da sua boa sorte. Foi tomado pelo êxtase da conquista do seu objetivo tão longamente desejado e viu que finalmente o seu ascetismo havia sido abençoado com a concretização daquele anseio.

Sharabhanga ofereceu-lhes generosa hospitalidade enquanto louvava Rama abundantemente: “Rama! Você é o Cisne Celestial que desliza majestosamente sobre as águas que preenchem as mentes dos sábios. Ah! Neste dia realizei o objetivo da vida. Rama! Não conheço nenhuma disciplina espiritual que valha o Nome. Só me foi possível conquistá-lo por um único caminho, o do amor. Agora que os meus olhos já o viram, não precisam ver mais nada. Você deu a sua palavra de que cumpriria os desejos dos sábios; bem, então deve agir de acordo com ela. Eis o meu desejo: permaneça à minha frente nessa forma extremamente encantadora até que o meu alento deixe este corpo. Desejo abandonar este corpo com o olhar fixo em você”.

Em poucos minutos montou-se uma pira, na qual Sharabhanga subiu. Ela foi acesa com o sábio sentado despreocupadamente no topo, os olhos brilhando de felicidade no êxtase de mirar Rama. As suas pálpebras não tremiam, a intensidade do seu olhar não diminuiu. Com as formas de Rama, Sita e Lakshmana impressas no coração, Sharabhanga reduziu o próprio corpo a um punhado de cinzas. As plácidas águas azuis do seu coração refletiram a forma azul de Rama, a quem adorou até o último instante, e a sua alma fundiu-se no Universal que estava diante dele.

Embora inicialmente houvessem sofrido com a partida do seu preceptor e mestre, os residentes do *ashram* logo perceberam que ele tivera a fortuna ímpar de uma bênção rara. O próprio Deus viera na forma humana e o abençoara com a fusão na sua majestade e glória. Sentindo que também haviam compartilhado dessa graça, adoraram Rama e o louvaram de diversas maneiras, gritando: “Salve! Vitória! Vitória!” Depois apanharam as cinzas do seu mestre e as aplicaram na testa com reverente gratidão.

Sutikshna adora Rama

A notícia da imolação de Sharabhanga logo atraiu ao eremitério residentes de outros *ashrams*, que se prostraram aos pés de Rama, louvando-o e enaltecendo a sua missão de compaixão. “Senhor! Quão afortunado foi Sharabhanga! Muitos sábios caíram presas da insaciável ferocidade da tribo de demônios (*rakshasas*) nesta região, mas ele foi abençoado pelo próprio Senhor, a quem ofereceu o corpo e a vida. Senhor! Salve-nos desses inimigos vorazes. Permita-nos progredir em nossas práticas e disciplinas espirituais sem esses ataques demoníacos. E, ao fim de tudo, Senhor, abençoe-nos com o fruto pelo qual nos esforçamos: a sua Presença diante da nossa visão”, imploraram.

Nisso, um sábio de nome Sutikshna avançou e prostrou-se diante de Rama. Discípulo do renomado sábio Agastya, era um incomparável devoto, com a mente repleta de amor pelo Senhor Rama. Tinha fé inabalável em que só se pode conquistar Deus pelo amor. E não conseguia imaginar em sua mente nenhuma Forma de Deus que não fosse a de Rama, a quem fitava sem pestanejar para não desperdiçar uma fração de tempo sequer. O seu coração derreteu-se em adoração diante da visão de Rama.

Ele disse: “Senhor! Veio tão longe até esta região apenas para me abençoar? Não pode me fundir no Senhor que é? Tendo vindo à Terra nessa forma visível, ainda deseja que eu adore, como até agora, o Absoluto sem Forma? Não. Eu amo esta Forma e este Nome. Não conheço nenhuma cerimônia ou ritual. Sei apenas que você, a encarnação do Amor, pode ser alcançado por meio do amor. O anseio é o único ganho que acumulei, o único ascetismo ao qual me submeti. Diga-me, isso não é suficiente? Ó Aquele que salva do labor do nascimento e da morte! Nenhuma forma de adoração é tão eficaz quanto o serviço ao Senhor por meio do amor, não é? Pode alguma outra coisa gerar maior alegria do que cantar a Sua Glória e nela meditar, obtendo, nesse processo, indescritível bem-aventurança?”

Sutikshna dançava para lá e para cá, inconsciente de onde estava ou do que fazia. Copiosas lágrimas lhe rolavam pelo rosto. Aos olhos de todos os que não podiam avaliar o júbilo interior que experimentava, parecia insano. Rama, porém, conhecia o impulso interno do sábio. Trouxe-o para perto de si e abraçou-o carinhosamente; falou-lhe com doçura e suavidade a fim de trazê-lo de volta à consciência do seu entorno. Enquanto Rama lhe segurava as mãos, o grande sábio entrou no estado supremo de *samadhi*¹⁷. Tornou-se um boneco imóvel e impassível.

Rama trouxe-o de volta à consciência. Assim que retornou, Sutikshna prostrou-se aos seus pés. Ergueu as mãos acima da cabeça e, unindo as palmas em adoração, expressou a sua felicidade, deleitando-se nela: “Senhor! Você é o grande incêndio que destrói a floresta da Ilusão na qual a humanidade se perdeu. É o orbe solar que torna possível florescerem em beleza e fragrância os lótus dos corações dos homens de bem. É o leão, rei dos animais, que chegou para destruir a manada de elefantes demoníacos. É a águia que veio caçar e aniquilar o pássaro que esvoaça para o nascimento e depois para fora da existência, em um ciclo recorrente de prazer e dor.

“Senhor! Os seus olhos são tão encantadores quanto lótus. Os meus dois olhos não conseguem sorver toda a beleza da sua forma refulgente. Você é a Lua que derrama a sua luz suave para arrebatrar os *chakoras*¹⁸ gêmeos – os olhos de Sita. Como o Cisne Celestial, desliza alegremente pelos plácidos lagos que brilham nos corações dos sábios. É Garuda¹⁹, a ave que ataca e destrói as serpentes criadas nas mentes dos céticos e dos incrédulos. Toda crueldade, confusão e catástrofe são consumidos quando um olhar seu recai de relance sobre eles.”

Sutikshna exaltou Rama dessa e de diversas outras formas, sentindo-se imensamente alegre por essa oportunidade. Também aproveitou a ocasião para fixar os olhos nele e ter a sua imagem impressa no coração. Não estava consciente da passagem

¹⁷ Estado de êxtase espiritual no qual se transcende a consciência do corpo e da mente. (N. T.)

¹⁸ Segundo a mitologia hindu, o *chakora* é uma ave semelhante à perdiz que se alimenta do néctar dos raios lunares. Aqui o texto faz um paralelo entre essa ave e Sita, pois Ramachandra significa “Rama, aquele que é como a Lua”. (N. T.)

¹⁹ Águia celestial que serve de veículo ao Senhor Vishnu. (N. T.)

do tempo e tampouco das necessidades do corpo. Não piscou nem por um momento enquanto contemplava a glória de Rama e nela se embebia profundamente.

Rama observou-o por algum tempo e depois, pondo as mãos nos seus ombros, levantou-o e disse: “Sutikshna! Você é dotado de todas as virtudes desejáveis. Peça-me o que quiser, pois eu o abençoarei como desejar”. O sábio respondeu: “Ó amigo e parente dos aflitos! O meu desejo é este: resida sempre nas profundezas do meu coração, juntamente com Sita e Lakshmana”. Rama anuiu: “Que assim seja”.

Rumo ao eremitério de Agastya

Tendo Sutikshna como companhia, Rama prosseguiu rumo ao *ashram* de Agastya, seguido por Sita e Lakshmana. Haviam caminhado uma curta distância quando ouviram o murmúrio de um rio. Foram em direção ao som e, ao se aproximarem, avistaram o pico de uma montanha ao lado da água corrente, belos jardins floridos e, sobre um tapete de flores perfumadas, o encantador eremitério de Agastya, que parecia um lótus brilhando no centro de um espelho d’água.

Não se conseguiria descrever adequadamente em palavras a primorosa natureza daquele cenário. Sita, Rama e Lakshmana ficaram petrificados por alguns momentos diante daquele cativante esplendor. A atmosfera era tão surpreendentemente espiritual! Ali animais que eram inimigos pela própria natureza, aquáticos e terrestres, feras e aves de todos os tipos brincavam e viviam juntos, livres do medo ou da hostilidade. Havia muitos monges e ascetas sentados na margem do rio, imersos em meditação.

Quando se aproximaram do eremitério, Sutikshna correu para transmitir as novidades ao seu mestre. Prostrou-se aos seus pés e declarou: “Ó grande instrutor! Ó encarnação da misericórdia! O príncipe de Ayodhya, o próprio mantenedor deste Universo, acaba de chegar ao nosso *ashram*, juntamente com Sita e Lakshmana. Aquele mesmo Ser que durante anos o senhor buscou conhecer e visualizar nas suas práticas espirituais, sem considerar se era dia ou noite, veio até o senhor; está aqui, perto do senhor. Ah! Que grande dia é este! Que imensa boa sorte!” Sutikshna esqueceu-se de si mesmo, arrebatado por imensurável êxtase.

Agastya levantou-se repentinamente do seu assento e caminhou rapidamente para fora. Lágrimas lhe fluíram livremente dos olhos quando viu os três vindo na sua direção. Correu para onde estavam, gritando: “Senhor! Senhor!” Estreitou Rama contra o peito, sem a menor intenção de libertá-lo do seu abraço. Permaneceu com os braços à sua volta, agarrado a ele como uma trepadeira ao tronco de uma árvore.

Sem poder conter a felicidade que brotava no seu interior, conduziu Rama, Sita e Lakshmana até o eremitério. Convidou-os a descansar em assentos elevados e ordenou que trouxessem frutas e tubérculos doces para a sua refeição. Indagou, então, a respeito da jornada que estavam realizando. Enquanto Rama respondia às suas perguntas, Agastya escutava tudo com os olhos fechados em profundo deleite. Lágrimas de alegria lhe escorriam pelo rosto e no seu semblante pairava um sorriso de felicidade.

Finalmente, declarou: “Senhor! Estou convencido de que não existe ser mais abençoado do que eu. O Senhor Narayana em pessoa veio a mim e está aqui no meu eremitério! Será verdade? Será um sonho? Não. É claramente um fato vivenciado”. E expressou o seu júbilo em palavras repletas de gratidão e devoção.

Agastya pede para não ser iludido com o egotismo

Rama disse: “Ó monarca entre os monges! Nada tenho a lhe esconder. Sabe muito bem a razão pela qual entrei na floresta. Oriente-me sobre o modo como posso destruir a raça de seres demoníacos (*rakshasas*) que obstruem as práticas de austeridade dos sábios e monges, e também como posso proteger e preservar do perigo os dedicados servos de Deus. Aguardo o seu conselho; agirei de acordo com ele. Na estação fria (*hemanta*), os lótus murcham e morrem; aproxima-se a estação que fará com que os demônios murchem”.

Agastya sorriu e respondeu: “Senhor! Você é onisciente. Não sei por que me pede que lhe diga como fazer isso. Fico sem saber se está me abençoando ou me testando. No entanto, pelo efeito da sua graça, ou seja, da visão (*darshan*), do toque (*sparshan*) e da conversação (*sambhashan*)²⁰ com que me abençoou há pouco, sou capaz de entender o alcance da sua pergunta. Ela também é sua graça. A ilusão (*maya*), que é criação sua – uma marionete, uma escrava prostrada aos seus pés –, está sempre atenta para cumprir as suas ordens à menor elevação da sua sobancelha. Por meio da habilidade com que a dotou, *maya* cria todos os seres na Terra e no Céu.

“A sua *maya* é invencível. Assedia os seres interminavelmente, quer dizer, aqueles que são presas das suas maquinações. Esse é um fato conhecido por todos. Ela é como a figueira-de-bengala, que se espalha por toda parte. Os orbes no Cosmos são como os frutos dessa árvore. Os seres e objetos existentes no Cosmos são como vermes e larvas que rastejam no interior da fruta. Esta pode parecer linda por fora; no entanto, ao ser aberta, veem-se centenas de vermes se mexendo lá dentro.

“Aqueles que são apegados a este mundo exterior e aos seus tesouros transitórios o temem porque, no seu aspecto como Tempo, você ocasiona a inexorável ruína dos seus planos. O Cosmos em si é uma aparência da sua realidade, Rama! Você é adorado por todos os mundos.

“Pede-me instruções tal como faria um homem comum. Elogia-me como fazem os homens. Isso me provoca risos. Não estou preocupado com nada agora. Gostaria de que ficasse neste eremitério com Sita e Lakshmana, esta é a única dádiva que peço. Eu prefiro sempre adorar a sua Forma com atributos, não o seu Princípio sem atributos. É no que acredito e o que ensino. Esse é o meu ideal, o meu objetivo favorito, a minha aspiração.

“Conceda-me, portanto, esta dádiva. Faz parte do seu jogo elevar os seus servos enquanto desliza para o segundo plano, como se fosse inocente de tudo e ignorasse tudo! Mas não me eleve, não me peça instruções. O meu dever é aceitar e concordar com os seus desejos e seguir os seus passos. Pai! Não me seduza com a sua *maya*, não me iluda com o egotismo, fazendo-me alvo do seu jogo.”

Rama replicou: “Ó venerável sábio! Esta região é bem conhecida pelo senhor; então que mal há em me dizer que lugar eu poderia escolher para a minha estada? É o que todos esperariam do senhor, não é mesmo?”

A história da maldição lançada sobre a floresta Dandaka

Agastya respondeu: “Mestre! Uma vez que me ordenou, devo obedecer e lhe dar uma resposta. Bem perto daqui flui o sagrado rio Godavari. Há eras esse enorme curso d’água corre livre e em plenitude. Ao seu lado temos a região da floresta Dandaka ou

²⁰ São três as maneiras pelas quais o Divino, um *guru* ou um santo podem conferir a sua graça: por meio da visão (*darshan*), do toque (*sparshan*) e da conversação (*sambhashan*) com ele. (N. T.)

Dandakaranya. Quando você a santificar habitando nela, conferirá toda a alegria e felicidade aos monges e sábios que ali vivem, pois aquela região e o guardião que a governa se acham sob a influência de uma maldição e estão aflitos por causa disso”.

Nesse momento, Rama interrompeu o sábio com as palavras: “Mestre! Sita está ansiosa para conhecer a história dessa maldição. Conte-a para nós em detalhes”. Percebendo o que estava por trás desse pedido, Agastya assim se dirigiu a Rama: “Ó diretor do drama eterno! Tempos atrás, a fome assolou a região de Panchavati. Todos os monges e ascetas que ali moravam refugiaram-se no eremitério do sábio Gautama, que, por meio dos poderes adquiridos pela prática de austeridades, atendeu a todas as suas necessidades! Quando a fome terminou, os monges decidiram retornar às suas antigas habitações.

“Mas dentre eles havia alguns falsos monges que conspiravam contra o sábio, planejando levá-lo à desonra. Trouxeram uma vaca que estava prestes a morrer e a fizeram entrar em certo recanto verde e atraente do jardim do eremitério. Gautama viu que ela, com uma mordida, ia arrancar do caule uma linda flor. Tentou afastá-la, mas ao seu primeiro impulso a vaca exalou o último suspiro! Os monges conspiradores imediatamente lhe imputaram o temido pecado que é matar uma vaca (*go-hatya*) e o condenaram como proscrito e bárbaro.

“Gautama quis descobrir se a vaca morrera em consequência do seu empurrão ou porque chegara ao fim o tempo de vida a ela concedido. Sentou-se em profunda meditação, pesquisando uma resposta para essa questão vital. Em breve lhe foi revelado que havia sido apenas um truque engendrado por monges inimigos. Desgostoso com a natureza desprezível deles, declarou: ‘Que esta floresta contaminada por pessoas tão vis fique fora dos limites dos bons e dos piedosos. Que se torne o covil de demônios *rakshasas*’.

“Outro incidente veio aumentar os efeitos da maldição. Danda, o governante da região, violou a castidade da filha do seu próprio preceptor, o sábio Bhrgu, que ouviu a comovente história relatada pela filha e, em um assomo de raiva, inundou a região com uma torrente de pó. Toda a área ficou encharcada de lama e, com o passar do tempo, tornou-se uma selva densa de ponta a ponta. Hoje tem o nome de Dandakaranya por causa daquele infame regente.

“Rama! Joia suprema da dinastia de Raghu! Tenho certeza de que, quando você passar a residir naquela floresta, os demônios (*rakshasas*) serão dizimados, e a maldição revogada. Monges e aspirantes espirituais (*sadhakas*) poderão novamente habitar lá e progredir nas suas austeridades. Em todos os lugares a humanidade se beneficiará com essa purificação e consumação. E você também deixará feliz o sábio que lançou a maldição, pois ele está triste com as consequências da sua ira.”

Rumo à floresta Dandaka

Quando Agastya terminou o seu relato da história de Dandakaranya, Rama falou: “Bem, que assim seja. Eu residirei lá”. Despediu-se do sábio e, juntamente com Sita e Lakshmana, seguiu para a floresta Dandaka. Antes que deixassem o eremitério, Agastya trouxe algumas armas que obtivera de fontes divinas mediante a prática do ascetismo. Deu-as a Rama, dizendo que não desejava mais usá-las, pois agora seriam manejadas por alguém digno delas e que podia utilizá-las para um propósito sagrado. “Rama, você é o meu escudo, a minha força, a minha bravura. Estas armas não podem me salvar, mas

você pode. A sua graça é a arma mais poderosa que possuo. Você é o meu refúgio, a minha fortaleza, a impenetrável armadura para o meu peito”, foram as suas palavras.

Assim que Sita, Rama e Lakshmana entraram na área da espessa floresta Dandaka, árvores que haviam secado palpitarão, enverdecendo, e se cobriram de feixes de folhas tenras e sussurrantes. Trepadeiras e plantas rasteiras fracas e debilitadas sentiram-se repentinamente cheias de vida, vigor e energia e produziram cachos de flores perfumadas. A floresta apressou-se a vestir-se de um lindo verde todo salpicado de pontos florais multicoloridos.

Os três procuraram um local onde pudessem residir e logo chegaram à área conhecida como Panchavati, que Agastya havia indicado. Ali avistaram Jatayu, o velho chefe dos abutres, que fora um grande amigo de Dasharatha e o acompanhara em expedições espaciais para ajudar os habitantes do Céu. Rama transmitiu-lhe a triste notícia da morte do imperador e amenizou o seu sentimento de perda e privação. Falou-lhe de si mesmo e de Sita, e também de Lakshmana e dos outros irmãos e disse que estavam decididos a erigir uma cabana de palha às margens do rio Godavari. Jatayu tornou-se um amigo íntimo deles e, por seu intermédio, conseguiram ter uma visão mais clara da região. Naquela noite, passaram as horas debaixo de uma árvore, em profundo e revigorante sono.

2. PANCHAVATI

O senso de dever de Lakshmana

Rama desejava permanecer durante algum tempo em Panchavati, próximo ao rio Godavari; então, reclinando-se à sombra refrescante de uma árvore frondosa, chamou o irmão e pediu: “Lakshmana, encontre um belo e confortável local nesta área e ali construa uma cabaninha agradável, tão encantadora quanto for do seu desejo”. Lakshmana recebeu a ordem como uma punhalada! Sem poder suportar a agonia, caiu aos pés de Rama gritando, angustiado: “Diga-me que crime cometi para merecer essa ordem cruel”.

Sita e Rama ficaram surpresos com esse comportamento. Rama respondeu: “Lakshmana! Não consigo entender o que o deixou tão triste. Já ouviu uma única palavra cruel sair da minha boca? Será que me tornei tão insano a ponto de dirigir palavras ásperas e desagradáveis a você ou a qualquer outra pessoa? Você atende às minhas necessidades e desejos e me serve como o próprio alento da vida. Então como eu poderia lhe falar em termos cruéis? A sua dor não tem sentido, é fruto de um mal-entendido. Afinal de contas, o que foi que eu lhe disse há pouco? Apenas isto: ‘Escolha algum lugar que seja do seu agrado e ali construa uma cabana para ser a nossa morada’. Não foi assim que me expressei?”

Lakshmana tampou os ouvidos com as palmas das mãos e, lamentando-se, protestou: “Rama! Rama! Não posso suportar ouvir essas palavras!” Rama surpreendeu-se com esse gesto de pesar, porém Lakshmana permaneceu à sua frente com as mãos postas, suplicando:

“Senhor! Em mim não há ninguém para dizer ‘eu’. Sita e Rama são o meu único tesouro, o meu único bem. Não tenho desejo nem vontade própria. O meu desejo e a minha vontade são o desejo de Rama, a vontade de Rama, a ordem de Rama. Obedecer é o meu desejo, a minha vontade. Eu sou o escravo que não se importa com mais nada nem com mais ninguém. Como poderia, então, suportar ouvir palavras indicativas de que devo selecionar um lugar para uma cabana de acordo com os meus desejos? Como se eu tivesse capacidade e inclinação para escolher! Se tivesse as minhas preferências, como poderia ser um bom servo de Rama? Como poderia merecer esse privilégio e essa alegria? Se assim fosse, eu não estaria qualificado para viver na Terra e a minha existência não passaria de um fardo e de uma vergonha.”

Lakshmana ficou de pé, soluçando alto, incapaz de sufocar a sua dor. Vendo o seu estado, Rama consolou-o gentilmente: “Irmão! O seu coração é altamente santificado. Empreguei aquelas palavras no sentido mundano comum, porém não fique com a impressão de que o seu irmão não está ciente da profunda qualidade da sua dedicação. Não se aflija”.

Rama cobriu Lakshmana de sorrisos e continuou: “Irmão, estou encantado com a pureza da sua devoção e com a sinceridade do seu serviço. As suas intenções são virtuosas e elevadas. De agora em diante não o farei mais sofrer com tais palavras. Dirigi-me a você em linguagem de uso comum, foi só o que houve. Não leve isso tão a sério. Venha! Vamos escolher!”

Assim dizendo, levou Sita e Lakshmana com ele. Após percorrer alguma distância, parou e disse: “Muito bem! Erga a cabana (*parnasala*) aqui!” Ao ouvir essas palavras,

Lakshmana exclamou com grande alegria: “Ah, sou realmente abençoado! O meu dever é executar tais ordens, não exercer o meu desejo ou a minha vontade e tampouco fazer qualquer coisa por minha conta”. Caiu aos pés do irmão mais velho e depois, tendo se levantado feliz e contente, dedicou-se à tarefa de coletar ramos e galhos para a cabana que seria o lar dos três.

Sita e Rama perceberam que Lakshmana possuía uma mente altamente sensível e um intelecto delicadamente sutil. Sentiram imenso júbilo interior ao se lembrarem da profundidade da sua fé e devoção. Sita já havia em muitas ocasiões confessado a Rama que, para ela, a vida na floresta era ainda mais agradável do que em Ayodhya porque um irmão como Lakshmana os acompanhava e servia a Rama.

Quando viram o eremitério erguido por Lakshmana, Sita e Rama ficaram deslumbrados com a sua beleza, cativante simplicidade e conforto, e também com o ambiente inspirador no qual ele brilhava. Ao entrar na cabana, Sita sentiu-se impressionada com a habilidade e o gosto artístico do cunhado; elogiou-o pelas divisões e anexos úteis com que o construía e pela rapidez com que o terminara.

Rama recebe frequentes visitas

Os três passavam os dias alegremente naquela habitação. A notícia de que Sri Rama fizera de Panchavati o seu lar e que ali residia em uma cabana coberta de palha espalhou-se amplamente. Todos os dias grupos de ascetas caminhavam até lá a fim de lhe prestar homenagem, trazendo consigo os seus pupilos. Saciavam-se com a visão (*darshan*) do Senhor e tinham a grande oportunidade de falar com Rama e também de que ele lhes dirigisse a palavra. Depois partiam dali muito a contragosto, louvando Rama por todo o caminho de volta aos seus eremitérios.

Muitos vinham com a intenção de elucidar as dúvidas que os perturbavam nas suas tentativas de entender as Escrituras e definir e interpretar os códigos morais ou textos relacionados aos rituais. Havia ainda os que suplicavam a Rama que lhes esclarecesse se as suas práticas ascéticas estavam sendo feitas corretamente e de modo a produzir benefícios. Uma vez que Rama era o mestre de todos os *dharmas* e conhecia plenamente todas as Escrituras, eles obtinham a mais completa satisfação com as suas respostas e diretrizes e enchiam-se de contentamento e deleite.

Com relação às perguntas e respostas, é melhor que se compreendam claramente os quatro graus de perguntas. Estas são geralmente classificadas em quatro grupos: (1) triviais, (2) reles, (3) aceitáveis e (4) louváveis. As colocadas com o intuito de levar alguém a uma controvérsia e posteriormente lhe infligir uma derrota humilhante são “triviais”. As feitas com o objetivo de demonstrar a própria inteligência e habilidade são “reles”. As que proclamam a bagagem intelectual e a faculdade de raciocínio do seu autor são “aceitáveis”. Finalmente, as levantadas com o sincero desejo de remover dúvidas são “louváveis”. Não é necessário mencionar que sábios, monges e ascetas chegavam a Rama com apenas o quarto tipo de pergunta.

Rama e Lakshmana enchiam-se de contentamento quando viam os ascetas. Muitos eram tomados de admiração e gratidão ao ouvir os ideais que Rama propunha – tão simples e desprovidos de complexidade, tão fáceis de perceber e de compreender e tão fielmente de acordo com os ditames estabelecidos nas Escrituras (Shastras). Rompiam em hinos de louvor e adoração, exclamando: “Ó Mestre Supremo! Ó Onisciente, que conhece o passado, o presente e o futuro! Quem mais pode ser o nosso Senhor e o nosso libertador? O senhor reside nos corações dos sábios. Nós asseguramos a sua vinda aqui

entre nós como resultado das austeridades que praticamos. Ah, quão afortunados somos! Como os nossos desejos se realizaram!” Afastavam-se a contragosto da presença de Rama, enquanto lágrimas de júbilo misturado com tristeza lhes escorriam pelo rosto.

Alguns deitavam-se sob árvores copadas a pouca distância da cabana de Rama, decididos a não retornar aos seus eremitérios. Colhiam frutas e tubérculos ao redor e ficavam atentos a Rama, ansiosos por novas oportunidades de obter o seu *darshan*. Às vezes, quando ele saía da casa e caminhava ali por perto, saciavam os olhos com a sua imagem inesquecível, ocultos atrás de alguma árvore ou arbusto. E assim passavam os dias em plena satisfação.

Rama roubava os corações de todos os que vinham à sua presença. Estes, na sua devoção unidirecionada a ele, ficavam fora de si, sentindo que a contemplação do seu rosto e a repetição do seu Nome seriam toda a austeridade que precisariam praticar dali em diante. Durante o dia e também à noite, Rama discorria sobre o *dharma* e as disciplinas espirituais para aqueles que se reuniam à sua volta.

Frequentemente chamava Lakshmana para o seu lado e lhe dizia: “Irmão, tendo vindo para esta sagrada tarefa, como poderia eu permanecer em Ayodhya? De lá, como poderia encenar os capítulos posteriores do *Ramayana*? Este é o propósito para o qual eu vim. O favorecimento e a proteção dos bons e dos piedosos, a destruição dos injustos e dos maus que ameaçam a paz e o bem-estar do mundo, a promoção do comportamento e das atividades corretas – tudo isso acontecerá a partir de agora”. Assim informava ao irmão o que havia determinado, bem como a intenção e o significado da sua encarnação como homem na Terra.

Rama discorre sobre temas de natureza espiritual

De vez em quando, Rama atribuía a Lakshmana o papel de veículo para a difusão dos seus ensinamentos, destinados à elevação da humanidade, e o instruía sobre os ideais da moralidade e do progresso. “Lakshmana”, disse uma vez, “a afeição ao corpo, o apego às posses de qualquer tipo, o egoísmo que gera o conflito do ‘você’ e do ‘eu’, os laços que se desenvolvem entre o indivíduo e a sua esposa, filhos e propriedades – são todos consequências da ilusão primordial (*maya*). Esta é a Ilusão básica, misteriosa e maravilhosa, que estabelece o seu domínio sobre todos os seres e coisas, sobre todas as espécies de criaturas viventes.

“Cada um dos dez *indriyas* (os cinco sentidos da percepção e os cinco sentidos da ação) tem uma deidade que o preside, e a ilusão (*maya*) percebe o mundo objetivo e dele afeite prazer usando-os como instrumentos. Todo item e partícula de tal prazer é produzido por *maya*, sendo, portanto, ilusório, evanescente e superficial.

“*Maya* possui duas formas: uma é a ilusão baseada no conhecimento (*vidya-maya*); a outra é a ilusão baseada na ignorância (*avidya-maya*). Esta última é muito maléfica e causa infortúnio ilimitado. Os que são atraídos por ela afundam nas profundezas da corrente, no eterno emaranhado de alegria e de tristeza. A outra forma de ilusão, conhecida como *vidya-maya*, criou o Cosmos impulsionada pelo Senhor, pois não possui força própria. Somente na presença do Senhor ela pode criar o Cosmos (*prapancha*) no seu tríplice aspecto. Os três aspectos são as três qualidades da matéria ou *gunas* – *satva*, *rajas* e *tamas* –, cada uma das quais, separadamente ou em algum tipo de combinação, é característica dos seres. *Satva* (serenidade) corresponde ao temperamento caracterizado pela equanimidade e pelo equilíbrio; *rajas* (inquietação) ao temperamento

raivoso ou caracterizado pela emoção e pela atividade; e *tamas* (inércia) ao temperamento indolente e entorpecido.

“O verdadeiro sábio (*jñani*), aquele que percebeu a Realidade, é a pessoa que renunciou aos direitos e obrigações de casta e sociedade, idade e posição, e vive na consciência constante de que tudo é Brahman²¹. Ele compreendeu que aqui não existe multiplicidade nem diversidade, pois é tudo Um. ‘*Sarvam khalvidham Brahma; na iha nanaasthi kinchana*’, diz a máxima védica. Ele sabe que todo o Cosmos é constituído do mesmo Brahman e que não pode haver uma segunda entidade separada de Brahman.

“Ó Lakshmana! Você deve saber que a Trindade (Brahma, Vishnu e Rudra) representa apenas os reflexos do Único Brahman em cada um dos três aspectos ou atributos da matéria. Brahma é a personificação de *rajas* e Vishnu a de *satva*; a personificação de *tamas* é conhecida como Rudra, Shiva ou Ishvara. Todo o Cosmos, incluindo este mundo, é a manifestação do Único Brahman por meio de um desses três atributos ou de alguma combinação deles. Por isso o homem sábio vai além desses três aspectos e busca a origem no Uno. Somente ele merece ser chamado de monge ou de desapegado (*vairagi*), pois não tem gostos nem aversões e é destituído de apego (*raga*).”

Às vezes Rama explicava a Sita e a Lakshmana que, enquanto o indivíduo (*jivi*) não entender corretamente as afinidades que possui com a ilusão (*maya*) e com Brahman, não poderá alcançar a liberação e a fusão no Supremo. Terá que permanecer como um indivíduo particularizado, atado pelas espirais da ilusão aos limites do nome e da forma.

“Contudo”, acrescentou Rama, “no instante em que ele descobrir e souber que não é senão a imagem do Supremo, e que a distinção entre ele próprio e o Supremo não tem base na verdade, *maya* desaparecerá como a neblina diante do Sol que se levanta. Esse é o genuíno conhecimento do *Atma* ou *Atmajñana*, pois o Supremo é o *Paramatma*²² e o indivíduo é esse mesmo *Paramatma*, visto como uma imagem em um corpo com nome e forma – o receptáculo (*upadhi*).

“Ajam de acordo com as normas de conduta estabelecidas para a posição que atingiram e com o chamado que receberam, ou seja, o seu *svadharma*²³, e assim desenvolverão desapego. Pratiquem *yoga* ou a busca da união com o Supremo, e dessa forma conquistarão *jñana* – a sabedoria correspondente ao degrau mais elevado no progresso espiritual, aquela que conduz à Realização.

“Adorar o Supremo com o maior amor possível chama-se devoção (*bhakti*). Eu derramo a minha graça sobre quem tem esse amor. A devoção confere total prosperidade. Ela emana espontaneamente do coração e independe de coisas ou de pessoas extrínsecas. Pode também conferir conhecimento espiritual (*jñana*) a quem se dedica ao Supremo. A alegria obtida com a devoção é única e imensurável. E como alguém decide pela primeira vez trilhar o caminho da devoção? Tudo começa com a compaixão de algum bom e piedoso sábio ou alma realizada. Esse caminho leva rapidamente as pessoas a Mim.”

Ouvindo esses discursos, Sita e Lakshmana esqueciam-se de onde estavam e sob quais condições viviam. Rama também, no entusiasmo com que se estendia sobre os

²¹ O Absoluto, o Uno, a Realidade Última que tudo permeia. (N. T.)

²² O *Atma* é Deus, visto como o Particular, enquanto o *Paramatma* (o Ser Supremo) é Deus, visto como o Universal. (N. T.)

²³ O dever (*dharma*) apropriado para cada indivíduo em particular. (N. T.)

atrativos do caminho espiritual, parecia ignorar tudo o que acontecera. Assim passavam longos períodos em introspecção e na exploração da alegria interior.

Shurpanakha apaixona-se por Lakshmana

Certo dia, enquanto vigiava a cabana e refletia sobre essas verdades profundas e diretrizes preciosas, Lakshmana avistou uma pequena limeira que lutava para se desenvolver à sombra de uma enorme árvore. Quis replantá-la em um local mais próximo à cabana a fim de ajudá-la a crescer vigorosa sob os seus cuidados. Pôs-se a escavá-la pelas raízes, com todo o amor e atenção, quando Shurpanakha, a irmã perversa e depravada de Ravana, surgiu repentinamente na cena!

Assim que os seus olhos pousaram em Lakshmana, ela foi seduzida pelo halo de bondade e esplendor que iluminava o seu corpo. Emudeceu diante daquela visão inesperada. Mais que depressa, transformou-se em uma linda e encantadora donzela e aproximou-se dele com gestos amorosos. Lakshmana, porém, não lhe deu atenção e continuou a sua tarefa, indiferente à presença dela.

Shurpanakha não pôde aguentar mais aquela desatenção. Chegou mais perto dele e, em tom comovido, apelou: “Senhor! Por que me afunda neste desespero? Refresque o meu ardor insuportável. Lance sobre mim o seu olhar amoroso que dá felicidade”. Lakshmana não reagiu ao seu apelo. Ouviu as suas palavras, mas apenas riu internamente da sua audácia e prosseguiu com a tentativa de remover a planta da sombra em segurança.

Ela perdeu a paciência e preparou-se para puxá-lo para si, mas Lakshmana recuou, dizendo, como um prelúdio para o conselho que planejava lhe dar: “Mãe²⁴! Sou escravo de Sri Rama. Não sou um homem livre. O que quer que eu faça, por menor que seja, só pode ser feito sob as suas ordens”.

Ouvindo as suas palavras, Sita e Rama saíram da cabana para o jardim, curiosos para saber com quem ele estava falando. Ao ver Shurpanakha, Rama observou que ela se transformara em uma donzela e preparou-se para qualquer eventualidade.

Shurpanakha desferiu palavras ásperas e agressivas contra Lakshmana, tais como “covarde” e “patife”, e riu alto, escarnecendo dele pela sua conduta indiferente. Não havia notado a presença de Rama, pois toda a sua atenção e ira estavam voltadas para Lakshmana. “Ó ser extremamente encantador! Case-se comigo e seja feliz. Posso dar-lhe prazer e servi-lo com toda a lealdade”, implorou.

Lakshmana tentou afastá-la, dizendo: “Linda mulher! Eu sou um escravo; portanto, se me casar com você, terá que viver como uma escrava”. E, continuando com a sua espirituosa réplica, acrescentou, de maneira divertida: “Bem, ali está o meu mestre, Rama. Se o desposar, serei seu escravo”.

Shurpanakha levou a sério as suas palavras e, acreditando que aquilo seria uma boa estratégia, virou-se para a cabana que Lakshmana lhe indicava. Ali viu de pé junto à porta, ambos rindo dela, uma mulher muito bonita e, ao seu lado, a personificação do encanto masculino! Arrebatada por uma paixão ardente, correu até Rama e, expressando entre lágrimas a sua angústia, suplicou: “Deus do amor! Deus da beleza! Aceite-me como sua!”

Rama decidiu dar-lhe um sermão e divertir-se um pouco com aquela situação ridícula. Respondeu com uma risada: “Ó bela mulher! Não posso desposá-la porque

²⁴ Forma de tratamento comumente empregada em relação às senhoras na Índia. (N. T.)

estou sob o voto da monogamia. Eis a minha esposa. O meu irmão Lakshmana também tem uma esposa, porém ela não se encontra aqui; então case-se com ele e se satisfaça. Ele é a pessoa apropriada para você, aproxime-se dele”.

Ouvindo isso, a mulher correu para Lakshmana e iniciou os seus apelos mais uma vez: “O seu irmão concordou com o casamento; portanto não se demore, aceite-me”. A sua atitude agora era bem gentil e humilde.

Lakshmana percebeu o absurdo da situação e quis aumentar a diversão. Enviou-a novamente a Rama, que a mandou de volta para ele diversas vezes, até que, desesperada e cega de paixão, Shurpanakha recaiu na sua natureza demoníaca! A sua inteligência destorcida lhe disse que Sita era o obstáculo ao êxito da sua aventura de luxúria. Rama não poderia desposá-la tendo Sita ao seu lado; mas, se ela fosse eliminada, ele certamente cederia aos seus rogos. Shurpanakha, então, investiu contra Sita, a fim de matá-la e engoli-la, pois era um demônio até a raiz dos cabelos.

Shurpanakha é punida

Lakshmana observava o rosto do irmão, pronto a receber as suas ordens. Rama percebeu que a mulher estava indo longe demais e precisava ser detida. Vendo que não se precisa usar um machado para enfrentar unhas, olhou para Lakshmana e, com a mão erguida, contou até quatro com os dedos.

Lakshmana imediatamente compreendeu o significado daquela ordem! Assim fazendo, Rama indicara os quatro Vedas, os quais, como um todo, são chamados de *shruti*, isto é, “aquilo que é ouvido”, o que tem a ver com “orelha”. Lakshmana possuía um intelecto aguçado e vigilante e, portanto, podia interpretar corretamente o menor gesto de Rama.

Rama levantara a mão para o céu. O céu (*akasha*) é a quinta força elemental, caracterizada pelo som. O som é o símbolo de Brahman, conhecido como *Shabda Brahman*, ou “Deus na forma de Som”. Deus reside no Céu, que é igualmente indicado pela mão levantada apontando para o alto. E “Céu” em sânscrito é *naka*, palavra muito semelhante a *nasika*, que significa “nariz”!

Logo que Rama fez aqueles dois gestos, Lakshmana correu para a mulher demoníaca com a espada desembainhada. Puxou-a para o chão e, gritando que a sua audácia devia ser punida, decepou-lhe as orelhas e o nariz! Shurpanakha deu um gemido tão alto que abalou e fez estremecer a floresta inteira. Assumiu a sua forma verdadeira de ogra e berrou: “Isso é justo? Como pôde deformar tão impiedosamente uma mulher que veio até você? Vou trazer aqui o meu irmão Ravana para fazê-lo pagar por esse ato cruel”. E desapareceu rapidamente na floresta.

Os demônios querem vingança

Shurpanakha foi diretamente aos chefes dos demônios, Khara e Dushana, na floresta Dandaka, e lamentou-se: “Como podem suportar tão tranquilamente esse insulto e esse ferimento infligidos à sua irmã? Com que propósito acumularam tanto valor e poder? Seria melhor reduzir tudo isso a cinzas. E a masculinidade de vocês, por onde anda? Ainda podem dizer que a têm? Que vergonha para vocês e as suas vanglórias de heroísmo!”

Sem conseguir entender o que lhe acontecera e quem a deformara de maneira tão lastimável, eles indagaram: “Irmã! Quem lhe fez essas lesões? Diga-nos, e nos vingaremos com todas as nossas forças!”

Shurpanakha pôs-se a relatar a sua história, começando com uma elaborada descrição do fascínio e da cativante beleza de Rama e de Lakshmana. Ouvindo isso, os irmãos ficaram muito irritados e perguntaram-lhe por que estava perdendo o seu tempo e o deles com aquele prólogo supérfluo: “Diga-nos, quem a feriu? Quem a desfigurou?” Ela, então, informou-os de tudo o que ocorrera na floresta.

Enfurecidos com a triste situação da irmã, que tivera o nariz e as orelhas cortados, Khara e Dushana reuniram um exército de 14 mil ogros e marcharam a toda a velocidade em direção a Rama e a Lakshmana, os irmãos que a haviam castigado daquela maneira. Os guerreiros ogros eram tão imbatíveis que nem mesmo em sonhos podiam ser derrotados. Não conheciam o recuo nem a derrota; eram invencíveis em batalha. Como montanhas aladas, moviam-se rapidamente pelos vales em grupos aterrorizantes, a terra tremendo sob os seus pés. Cada um deles estava armado até os dentes com uma variedade de armas letais.

Shurpanakha, a viúva sem orelhas e sem nariz, o rosto sangrando, ansiosa para se vingar, ia à frente de toda a tropa, conduzindo-a para o terreno verdejante onde encontrara os irmãos. No entanto, a sua presença indicava um começo nada auspicioso para a campanha; ela era um mau presságio para a expedição. Um rosto sangrando, uma viúva, uma deficiente são considerados sinais de mau agouro, e Shurpanakha era tudo isso.

Os demônios (*rakshasas*), porém, não estavam cientes dos prós e dos contras representados por sinais e presságios para se dar início a uma marcha em direção a um campo de batalha. Confiavam no seu poderio físico e material e nos seus estratagemas nefastos; por essa razão eram sempre incapazes de fazer frente ao poder das forças divinas e dhármicas. Sim, pois quem consegue resistir ao poder gerado pela observância do *dharma* e pela Graça Divina?

Eles jamais davam atenção à retidão ou à divindade; concentravam todas as suas energias e habilidades em se munir de força física. Orgulhosos das suas armas, dos seus músculos e da sua perversidade, avançavam pela floresta, soando as suas trombetas, rugindo como leões e bramindo como elefantes selvagens, alardeando aos gritos as suas façanhas e rodopiando descontroladamente em suas danças selvagens. Nunca perceberam que a sua investida era comparável apenas à de um pardal sobre uma água!

Os demônios se matam entre si!

De uma certa distância, Shurpanakha apontou aos irmãos o eremitério onde estava Rama. A fim de incitar os ogros a um frenesi final, o exército gritou em uníssono: “Destruam, peguem, matem!” e avançou precipitadamente. Ao se aproximarem, os irmãos desafiaram Rama, bradando o mais alto que puderam: “Ó grande perverso, ó imensamente infeliz! Atreveu-se a deformar a nossa irmã, não foi? Agora tente, se puder, salvar da extinção a sua vida!”

Rama já estava ciente da aproximação deles. Ordenou a Lakshmana que mantivesse Sita em uma caverna, e que ficasse de guarda. “Não se preocupe nem um pouco comigo! Nenhum mal pode me acontecer”, disse. Lakshmana conhecia o poder de Rama e por isso obedeceu sem restrições. Não tinha nenhuma dúvida sobre a vitória do irmão. Levou Sita até a caverna e lá permaneceu, com o seu arco e flecha prontos para qualquer emergência.

Rama permaneceu de pé à frente da ermida, com um sorriso a iluminar-lhe o rosto e o seu arco (*Kodanda*²⁵) bem encordado, pronto para a peleja. Passou as mãos suavemente pelos cabelos trançados em nó sobre a cabeça; nesse momento, os ogros viram bilhões de ofuscantes lampejos emanando daquela coroa de cabelos. Aos seus olhos, os braços de Rama pareciam enormes serpentes de múltiplas cabeças. Tal como um leão mira um elefante e mostra os dentes, apreciando a vitória já assegurada, Rama, o Leão, ali se postou, desafiante e terrível diante daquela manada de elefantes amedrontados.

Os gritos “Lá está aquele que a deformou! Segurem-no! Peguem-no! Matem-no!” levantaram-se em meio ao tumulto. No entanto, ninguém ousou avançar para transformá-los em ação; por mais que fossem estimulados e encorajados, nenhum dos ogros conseguia reunir coragem suficiente para se aproximar de Rama.

As maldições e os berros dos ogros enchiam a floresta; em pânico, os animais selvagens corriam desordenadamente em busca de abrigo. Alguns entraram apressadamente na caverna onde Sita estava. Lakshmana solidarizou-se com a sua agonia e deixou-os entrar para que se livrassem do medo e da ansiedade. Acolheu-os e deu-lhes refúgio, pois sabia que estavam em terrível angústia.

Enquanto isso, os ogros que rodeavam Rama foram de tal modo arrebatados pela sua beleza e encanto que nada fizeram além de ficar olhando fixamente para a sua glória e esplendor. Muitos se deleitavam em descrições sobre a sua graça; outros se perdiam na sua admiração e apreço por ele. Todos estavam ligados a Rama pelo amor e pela reverência. Nenhum deles pôde levantar uma arma ou lançar um olhar de raiva contra ele!

Shurpanakha também se juntou ao louvor. Disse a Khara e a Dushana, que se achavam de pé, maravilhados, perto dela: “Irmãos! Que beleza incomparável está diante de nós! Eu jamais tinha visto até agora tamanho encanto e graça, tão pura simetria e tão harmoniosa compleição. Não o matem; capturem-no exatamente como é e o tragam à minha presença”.

Igualmente extasiados, eles responderam: “Irmã! Nós também nunca tínhamos posto os olhos em tal encarnação de formosura. Quanto mais nos aproximamos, mais rapidamente ele se liga a nós e mais fascinados ficamos pelo seu encanto. Não sentimos nem um pingo de raiva ou de ódio dele. Quanto mais o olhamos, mais abundante é a alegria que brota em nosso interior. Talvez seja esse o sentimento chamado de bem-aventurança (*ananda*) pelos sábios que aqui vivem”.

Khara não queria conversar pessoalmente com Rama; por isso enviou um mensageiro para saber quem ele era, qual o seu nome, de onde vinha, por que entrara na floresta e ali residia, e assim por diante. O mensageiro aproximou-se de Rama e lhe fez as perguntas de acordo com as ordens recebidas.

Rama sorriu diante daquele comportamento e respondeu: “Escute, companheiro! Eu sou um guerreiro (*kshatriya*); vim a esta floresta para caçar animais selvagens, tal como o seu mestre. Não receio nem mesmo o deus da morte. Se acham que são capazes, venham, lutem comigo em combate e vençam; ou então voltem para casa, cada um de vocês, e salvem-se da destruição. Não matarei aqueles que fugirem do campo de batalha”.

²⁵ A palavra “arco” em sânscrito é *kodanda*, mas esse também é o nome do arco divino ofertado a Rama pelo sábio Agastya, juntamente com outras poderosas armas celestiais, por ocasião da visita do príncipe ao seu eremitério. (N. T.)

Em vista dessa declaração, levada e devidamente transmitida a Khara e a Dushana, os irmãos brandiram as armas – lanças, machados, bastões, arcos e flechas – e gritaram até o eco ribombar pelos céus. Dispararam sobre Rama uma saraivada de mísseis, mas ele os fez em pedaços com uma única flecha do seu arco. Já as flechas que Rama arremessou contra eles causaram tanta devastação quanto fogo ou raios. Diante dessa investida, os ogros bateram em retirada, berrando de dor, em pura agonia e desespero: “Ó mãe! Ó pai! Ai de nós! Salvem-nos!”

Ao vê-los debandar, Khara, Dushana e o seu irmão mais novo, Trishira, os chamaram: “*Rakshasas!* Não fujam à luta! Quem for visto desertando será morto na hora pelos nossos próprios soldados!” Ouvindo isso, os demônios pensaram: “Bem, é muito melhor morrer nas mãos de Rama do que nas de outra pessoa ou em qualquer lugar longe da sua presença”. Então voltaram para as suas fileiras e avançaram em direção ao lugar onde Rama estava. Contudo, não tinham nenhuma disposição para combater. Estavam tão fascinados pelo encanto pessoal e esplendor de Rama que se quedaram extasiados, mirando a sua divina beleza.

Nisso, Rama disparou a flecha chamada *Sammohana*, que tinha o efeito de iludir e confundir o inimigo, fazendo com que cada soldado visse o seu vizinho como a pessoa que o haviam incumbido de destruir. Khara e Dushana os haviam exortado a matar Rama; portanto investiram uns contra os outros, vociferando: “Rama está aqui, aqui está Rama!” Mataram-se entre si com imenso contentamento. Todo o lugar ficou entulhado com os membros decepados dos ogros. O sangue fluía em torrentes pela floresta. Abutres e corvos reuniram-se ao redor, ansiosos por se fartarem de carniça. Naquele dia, no campo de batalha, 14 mil ogros enfrentaram uma única pessoa! E morreram todos, gritando “Rama, Rama!” enquanto caíam. Khara e Dushana também pereceram, juntamente com os seus fiéis escudeiros.

Os ascetas e sábios que haviam testemunhado aquela cena de terror perceberam o valor ímpar de Rama e sentiram-se felizes porque também era certo o fim de Ravana pelas mãos daquele formidável herói. Havia sido confirmada a sua crença de que Rama era a própria Providência Todo-Poderosa, que viera para varrer da face da Terra toda a raça de ogros e demônios, e assim assegurar a paz e a prosperidade da humanidade.

Ascetas e sábios visitam Rama

Assim que o feroz combate chegou ao término, Sita e Lakshmana foram até Rama e prostraram-se diante dele. Rama ergueu Lakshmana gentilmente do solo e lhe descreveu o destino dos 14 mil ogros e seus mestres durante a batalha, que havia durado apenas meia hora. Com evidente alegria, narrou detalhadamente os incidentes, entre muitos sorrisos e risadas. Enquanto isso, os olhos de Sita percorriam o corpo de Rama para ter certeza de que ele não estava ferido nem sofrera sequer um arranhão.

No dia seguinte, grupos de ascetas e sábios, acompanhados dos seus discípulos e pupilos, foram visitar o *ashram* de Rama em Panchavati, pois tinham ouvido falar que o príncipe de Ayodhya aniquilara sozinho todo um exército de ogros. Eles enalteceram Rama pela sua bravura e destreza com o manejo do arco.

Alguns, que haviam adquirido o poder de ver o futuro, aproximaram-se dele com toda a humildade e disseram: “Ó Mestre! O senhor tem que estar vigilante e alerta nos próximos dias. Os demônios opõem-se a todas as limitações e regulamentos impostos pela justiça e pela retidão. A sua rotina diária consiste em causar danos a tudo e a todos. O seu maior objetivo é satisfazer os seus desejos egoístas, não importando a maneira e

os meios de fazê-lo. Eles têm um irmão mais velho chamado Ravana, dotado de poderes muito maiores. O seu exército possui um efetivo de muitos milhões. Aquela megera certamente haverá de procurá-lo para lamentar o seu destino, e ele não deixará de assumir a sua causa e decidir vingar-se daqueles que a desfiguraram”. E assim preveniram Rama e Lakshmana, transmitindo-lhes as informações que possuíam.

Rama escutou-os, com um sorriso a brincar-lhe no rosto, e respondeu: “Sim, sim, não ignoro isso. Eu vim aqui particularmente para essa missão”. Anuiu com a cabeça, como se estivesse ansioso pelo feliz acontecimento do encontro com Ravana, porém não falou mais e sentou-se como se não tivesse nenhum conhecimento do futuro.

Voltou-se para Lakshmana e, com um brilho no olhar, disse: “Você ouviu, não ouviu?” Depois, dirigindo-se aos sábios, falou: “Por favor, não fiquem ansiosos nem preocupados. Estou preparado para enfrentar todas as situações”. Eles se sentiram consolados e reconfortados com essa garantia e promessa. Rama instilou-lhes fé e coragem e permitiu-lhes retornar aos seus eremitérios, confiantes em que poderiam continuar com os seus estudos e práticas espirituais em paz e tranquilidade, sem ser perturbados por hordas demoníacas.

Ravana ouve a história de Shurpanakha

Tal como os sábios haviam predito, Shurpanakha não perdeu tempo para aparecer diante do irmão Ravana, rasgando o ar com o seu pranto. Irrompeu no salão de audiências do imperador-demônio e ali despejou violentas injúrias, para espanto e ansiedade de todos os presentes. Temendo que alguma calamidade houvesse atingido as suas terras, os *rakshasas* de Lanka saíram às ruas e começaram a discutir sobre qual poderia ser a razão daquilo. A aparência de Shurpanakha era monstruosa; o seu corpo estava coberto de sangue, as suas palavras envenenadas pela ira. Ravana viu que alguém a lesionara gravemente e, chocado com a situação dela, rugiu do alto do seu trono: “Irmã! Conte-nos tudo o que aconteceu”.

Shurpanakha respondeu: “Irmão, se você é um genuíno *rakshasa*, se os poderes sobre-humanos que conquistou após anos de ascetismo são reais, então vamos. Chegou o momento de mostrar o seu valor, a sua coragem e o seu heroísmo. Levante-se! Não ignore as calamidades que o aguardam, deixando passar certas coisas, perdido na embriaguez provocada pela bebida.

“Você não prestou atenção ao que está acontecendo em Panchavati – quem chegou lá, com que propósito e para qual tarefa. Príncipes determinados a destruir os *rakshasas* entraram na floresta Dandaka. Derrubaram centenas de milhares de demônios-soldados e fizeram em pedaços os irmãos Khara e Dushana. Em um piscar de olhos, aniquilaram milhares que se lançaram contra eles. O seu heroísmo excede qualquer descrição. E a sua beleza pessoal – Ah!” Aqui Shurpanakha se deteve e ficou em silêncio, refletindo sobre o esplendor que a arrebatara.

Ouvindo a sua história, Ravana tomou-se de fúria incontrolável. Rangeu os dentes e bateu nas coxas, em uma explosão de desafio. “O quê? Aqueles miseráveis mataram Khara e Dushana? Talvez não saibam o meu nome nem que estou por trás deles, dando-lhes suporte. Talvez não tenham ouvido falar da minha força e de quão vingativo eu sou.” E continuou a vangloriar-se em voz alta, contando em detalhes as suas façanhas a quem se achava presente.

Shurpanakha interrompeu-o, dizendo: “Ó monte de perversidade! Enquanto o seu arqui-inimigo dança sobre a sua cabeça, você fica aqui sentado, como um covarde,

exaltando a si mesmo e à sua invencibilidade! Isso não é sinal de um imperador digno do seu trono. Talvez você não saiba que renunciantes (*sanyasins*) são arruinados pela companhia que mantêm, e imperadores pelos ministros que nomeiam, assim como a sabedoria é arruinada pelo desejo por apreciação, e a sensação de vergonha é destruída pela bebida. Bem, irmão, não negligencie o fogo, uma doença, um inimigo, uma cobra ou um pecado por serem pequenos e insignificantes, pois quando crescerem estarão fadados a infligir grande dano; portanto apresse-se, não hesite”.

As palavras de Shurpanakha destilaram o veneno do ódio nos ouvidos de Ravana. Nesse momento, Kumbhakarna, um dos irmãos mais novos do rei-demônio, indagou, com um sorriso nos lábios: “Irmã, quem cortou os seus ouvidos e o seu nariz?” Gemendo alto, Shurpanakha respondeu: “Ai de mim! Esse ato cruel foi praticado por aqueles mesmíssimos príncipes!”

Ravana consolou-a até certo ponto e, em seguida, perguntou: “Irmã, o nariz fica no rosto e as orelhas ao lado do rosto. Eles não podem ser cortados de um só golpe. Agora diga-me, você dormia profundamente quando foram decepados? Isso é deveras surpreendente”. As pessoas ali presentes também se puseram a imaginar como aquilo poderia ter acontecido.

Ela respondeu: “Irmão, eu perdi toda a consciência do meu corpo e – ora! – do local onde estava quando aquelas mãos suaves e macias me tocaram. Enquanto os meus olhos sorviam o encanto daqueles lindos rostos, eu não estava consciente do que faziam. A própria visão daqueles príncipes deixou-me tão embevecida que perdi toda a noção de mim mesma e dos arredores. E o que dizer do êxtase que experimentei conversando com eles? Estão sempre transbordantes de sorrisos alegres; não conhecem nenhuma outra atitude ou reação. Mesmo os corações masculinos certamente ficarão enlevados pelo seu encanto. Eles são de fato representações arrebatadoras do deus do amor. Até aquele momento eu nunca vira tal beleza.

“Que vergonha das nossas proezas demoníacas, dos nossos estratagemas malignos, das nossas figuras anormais, da nossa aparência horrenda! Somos realmente asquerosos. Olhe para eles apenas uma vez e haverá de jurar que estou certa. E sabe por quê? Khara e Dushana, que pereceram na batalha, relutaram em combatê-los. Imploraram-me, protestando: “Como podemos sentir inimizade e investir contra essas encarnações da auspiciosidade, esses modelos ideais de formosura?”

Os cortesãos e ministros reunidos no salão escutaram a descrição com um misto de admiração reverente e deleite. Até mesmo Ravana sentiu-se confuso com as palavras de Shurpanakha. A imagem de Rama que a irmã desenhara proporcionou-lhe imensa alegria e paz quando meditou sobre ela. Bem fundo no seu interior, sentiu-se ansioso por lançar os olhos naquela inspiradora encarnação do encanto divino. Enquanto ouvia a irmã, a raiva que irrompera nele foi se abrandando lentamente; decidiu, então, investigar com calma o que realmente ocorrera em Panchavati.

Dirigindo-se a Shurpanakha, indagou: “Diga-me, irmã, esses dois vivem sozinhos em Panchavati? Ou há outros com eles? Não têm seguidores, companheiros ou cortesãos?” Ela respondeu: “Não. Eles não possuem nenhum grupo de guarda-costas, parentes ou guerreiros. O mais velho dos dois, chamado Rama, tem ao seu lado uma mulher dotada de magistral beleza. É ainda mais encantadora que eles, a própria deusa do amor em forma humana. Os dois irmãos residem com essa mulher em Panchavati; vagueiam livres e destemidos pelas clareiras e vales da floresta. Na verdade, eu nunca tinha visto até

aquele momento beleza feminina tão perfeita; não existe nada semelhante à sua aparência no Céu nem na Terra”.

3. O ASTUTO VILÃO

Os pensamentos de Ravana e de Vibhishana

As palavras de Shurpanakha despertaram a forte paixão de Ravana e ele se tornou escravo de desastrosa loucura. Desvencilhou-se do sentimento de ódio contra Rama e Lakshmana e começou a planejar estratégias para afastar Sita da presença deles. Imerso em pensamentos, foi tomado pela ansiedade e pela inquietação; nem ao menos se esforçava para saciar a fome ou a sede, tal o fascínio fatal que o obsedava.

Contudo, enquanto Shurpanakha descrevia a beleza e o esplendor dos irmãos Rama e Lakshmana, havia no salão de audiências alguém que ouvia a narrativa com alegria no coração e lágrimas nos olhos. Era Vibhishana, um dos irmãos mais novos de Ravana, que instalou no templo do seu coração aquelas figuras divinamente encantadoras, ansiando profundamente pela oportunidade de estar na sua presença e prostrar-se aos seus pés. Perguntava-se: “Será que eles me receberão? Será que posso ser salvo? Mereço que me abençoem? Eles são divinos, com certeza. Surgiram na Terra em forma humana para destruir a perversa raça dos demônios (*rakshasas*)”. Ofertou-lhes mentalmente tudo o que era e tudo o que possuía e, a partir daquele momento, começou a viver na constante meditação sobre a sua glória.

Ravana caíra das alturas iogues que atingira em vidas passadas e agora vagava como um demônio. Na verdade, era um grande devoto de Deus, pois bem no fundo da sua consciência estava ciente do Absoluto Universal chamado Narayana. E não ignorava o fato de que Rama era o próprio Narayana que encarnara em forma humana para conferir alegria e paz aos deuses e destruir todos os traços de perversidade demoníaca na Terra. No entanto, não havia para ele outro caminho para alcançar Narayana; por isso teve que cultivar maldade despropositada e ódio feroz para levar Rama a matá-lo. Claro, pode-se considerar que Ravana tinha uma espécie de devoção estúpida e infame, mas o seu objetivo interno era atravessar o oceano de nascimentos e mortes por meio desse ato de renúncia a si mesmo e de entrega a Narayana.

Então, uma vez que o seu corpo e a sua mente haviam crescido a partir de impulsos demoníacos e se desenvolvido com a ajuda de sustento demoníaco, ele desprezou a divindade em si mesmo, que clamava pela fusão no divino Rama. Confiou na sua natureza *rakshasa* e despertou as suas sinistras capacidades e poderes. As facetas divinas e demoníacas da sua personalidade emergiam e submergiam alternadamente a cada momento, até que ele finalmente se convenceu de que os dois irmãos eram príncipes reais e nada mais. Decidiu que os destruiria e tomaria a dama pela qual estava tão apaixonado, e prometeu à irmã que vingaria a lesão que lhe haviam infligido.

Ravana arregimenta o auxílio de Maricha

Ravana anunciou que a assembleia estava adiada e ordenou aos seus assessores que trouxessem a carruagem imperial ao salão de audiências, pois iria empreender uma viagem. Sem ninguém ao seu lado no assento, dirigiu-se apressadamente à residência de Maricha no litoral. Ao chegar, contou-lhe detalhadamente o que acontecera e ordenou-lhe que participasse da execução do seu plano.

Maricha respondeu-lhe que já havia experimentado o peso do poder de Rama e de Lakshmana; explicou-lhe que eles não eram príncipes comuns e advertiu-o contra tais

empreitadas insensatas. Argumentou longa e afetosamente com Ravana no intuito de dissuadi-lo, mas a paixão o tornara cego aos ditames do dever e da moralidade e ele ameaçou punir Maricha se este não cedesse à sua vontade. Diante disso, Maricha decidiu que seria melhor morrer nas mãos de Rama do que nas mãos de um demônio como Ravana; concordou com a sua proposta e preparou-se para tomar parte na conspiração.

Ravana dirigiu-se à floresta Dandaka, seguido de perto por Maricha, a quem explicou no caminho a estratégia que concebera. Instruiu Maricha a transformar-se, por meio dos seus poderes demoníacos, em um lindo cervo dourado. Queria que ele se pusesse a saltitar nessa forma sedutora diante do eremitério onde estavam Rama, Sita e Lakshmana. Maricha teve que assentir, pois não tinha como escapar da sua ira. Ravana disse-lhe: “Rama o seguirá, tentando capturá-lo; você o levará para bem longe e de lá gritará, em dolorosa agonia: ‘Ó Sita! Ó Lakshmana!’, com uma voz exatamente igual à de Rama”. Então, deixando a carruagem à distância, ambos caminharam em direção ao eremitério.

Rama e Sita conversam sobre os seus planos

Enquanto aquela trama estava sendo urdida, Sita e Rama, no seu retiro em Panchavati, sentiram repentinamente que chegara o momento de ser cumprida a sua missão. Rama incumbira Lakshmana de coletar tubérculos e frutas para o dia. Observando que a hora apropriada havia soado, dirigiu-se a Sita: “Companheira! Você sabe de tudo. A sua natureza e características são de uma nobreza e sacralidade ilimitadas. Ambos estamos cientes do motivo pelo qual viemos à Terra e de qual é a nossa missão. Ela está agora nos chamando e temos que abraçá-la resolutamente.

“Nós dois assumimos estes corpos humanos por meio de ritos associados ao Princípio do Fogo. O meu corpo surgiu da oferenda trazida das chamas do fogo sacrificial pelo próprio deus Agni. Você emergiu da terra que havia sido lavrada pelo arado sagrado para ser consagrada em um altar de fogo²⁶ onde seria celebrado um sacrifício (*yajna*). Os nossos corpos nasceram do Fogo e pelo seu calor estão sendo sustentados.

“Portanto, Sita, deposite todo o seu esplendor e atributos divinos no Fogo e, a partir de agora, aja como um ser humano comum. Eu também me movimentarei e agirei como tal e demonstrarei tristeza e ansiedade por sua causa, as angústias da separação e a dor da solidão. O mundo guardará na mente apenas esse nosso comportamento e nos tomará por humanos, aceitando-o como uma reação natural e uma conduta própria do mundo.

“Lembre-se de que os nossos atos mais insignificantes devem servir de ideal para os chefes de família do mundo. Temos que apresentar modelos de relacionamento entre marido e mulher que estejam em perfeita consonância com os princípios da Verdade e da Retidão. As nossas atividades devem estar em conformidade com as diretrizes estabelecidas nos textos sagrados (Shastras). Devemos moldar as nossas vidas de forma exemplar, para que as pessoas comuns possam se inspirar nelas e ser motivadas a seguir os ideais ali representados. Temos que encenar este drama até a sua consumação, isto é, a destruição de Ravana e dos demônios.

“Como não pode haver efeito sem causa e devemos concretizar o efeito – a destruição de Ravana e da raça dos demônios –, manipularemos uma causa para

²⁶ Altar onde se alimenta o fogo sagrado. (N. T.)

justificá-lo ou produzi-lo. Portanto, ponha o seu esplendor divino sob a custódia de Agni, o deus do fogo, e proceda como uma mulher comum aprisionada nas espirais da ilusão (*maya*). Ravana tem uma falha básica na sua estrutura, ou seja, a sua paixão lasciva. Temos que destacá-la perante o mundo; por isso precisamos preparar uma situação na qual pareça que ele a raptou em um assomo de paixão.

“O mundo tem que perceber que a ‘dedicação e devoção de Ravana a Deus’ não são da ordem mais elevada, pois de que vale esse senso de entrega se está conspurcado pelo desejo ardente por prazeres sensuais e anseios imorais? Conduta e atividades emanados de uma consciência impura estão maculados. A devoção a Deus poluída pela luxúria é tão imunda quanto a lama – estas verdades precisam ser enfatizadas agora para o benefício da humanidade.

“Também é imperativo anunciar, para o bem dos seres humanos, que qualquer prática espiritual (*sadhana*), ascetismo, cerimônia ou ritual religioso realizado com a intenção de conquistar poderes sobre-humanos é desprezível e pernicioso. Temos que apresentar Ravana como uma advertência à humanidade no sentido de que, não importa quantos rituais e atos divinos alguém realize, se não abdicar das suas paixões e impulsos demoníacos, eles só poderão produzir um único resultado: tornar profano e improdutivo o tempo despendido.

“Além e acima de tudo isso, Sita, há uma consideração de suma importância que devemos levar em conta. Uma maldição foi lançada contra Ravana, mas também lhe foi assegurado um meio pelo qual ele poderia pôr um término às suas consequências. Precisamos garantir que esse meio alcance o seu objetivo. Chegou o início do fim de Ravana. Hoje ou amanhã, eu e você teremos que nos separar. Naturalmente, somos entidades inseparáveis e nada pode nos manter apartados. No entanto, precisamos fingir que isso aconteceu, a fim de tornar efetivo esse faz de conta. Vá agora e deixe a sua forma divina sob a guarda de Agni. Está na hora de Lakshmana voltar com as frutas e os tubérculos, e Ravana está pronto com a sua inteligência pervertida.

“Devo também informá-la de outro segredo. Você deverá desempenhar o seu papel na destruição dos *rakshasas*. Embora possa estar aparentemente sob a vigilância de Ravana, como o seu poder é imanente no Fogo, terá que reduzir Lanka a cinzas emergindo do Fogo onde o seu Ser estará adormecido a partir de agora. Lanka deverá ser transformada em cinzas, não pelo fogo, mas por *você* como Fogo. E Rama deverá destruir Ravana; essa é a vontade divina. Esta verdade precisa ser proclamada.

“Este mistério também deve ser ocultado de Lakshmana. Ele é nosso instrumento nesse empreendimento. Quando esta missão estiver cumprida e tivermos que retornar a Ayodhya, eu a aceitarei novamente a partir do Fogo onde você reside. Esse ato eu também transformarei em uma lição para o mundo. O drama começa agora”, afirmou Rama. Assim ele e Sita determinaram o seu plano de ação e passaram a aguardar o desenrolar da estratégia de Ravana.

A partir daquele momento, cada ato e comportamento deles – as dores da separação, as palpitações de ansiedade, os suspiros de dor, os gemidos de pesar – foram gestos e reações encenados no drama que fora determinado. Não eram de forma alguma genuínos, pois como poderiam Sita e Rama estar separados? Com a sua conduta, eles queriam unicamente ensinar à humanidade algumas valiosas lições.

O cervo atrai os irmãos

Nisso Lakshmana entrou, com as mãos cheias de frutas e outros comestíveis. Eles partilharam da frugal refeição e beberam a água fresca e límpida de um rio nas proximidades. Depois ficaram sentados, admirando a encantadora paisagem e trazendo à mente as atrocidades dos demônios que poluíam a pacífica atmosfera das florestas; conversaram alegremente sobre a doçura e a santidade da vida silvestre.

Não muito longe dali, Ravana e Maricha discutiam sobre a melhor maneira de entrarem no eremitério para executar o seu plano nefasto. Maricha ficou indignado com a paixão e a perversidade de Ravana, mas não teve coragem de lhe negar a sua cumplicidade. Não estava disposto a perecer nas mãos de alguém tão perverso; por isso aceitou o papel que Ravana lhe atribuiu e concordou em fazer o que ele queria.

Maricha transformou-se em um deslumbrante cervo dourado, uma forma que certamente atrairia a admiração de Sita e de Rama. Pensou consigo mesmo: “Ah, que dia auspicioso é este! Estou prestes a ser abençoado com a visão dos três mais encantadores indivíduos na Terra! Sobre mim cairá o olhar de Sita, e Rama virá atrás de mim com o seu arco e flecha nas mãos. Ah, quão afortunado eu sou! Sou o servo que deve seguir as pegadas de Rama, porém agora será o meu Mestre que me seguirá.

“Naturalmente, sei que estou empenhado em uma ação extremamente hedionda, mas sou forçado a isso. Não ajo segundo a minha vontade. Estou sendo obrigado a agir assim; estou, portanto, livre de pecado. E, seja qual for o pecado que eu tenha cometido, esta forma artificial desaparecerá quando me atingir a flecha disparada pela mão de Rama. Será esse o meu feliz destino. Podem todos aspirar a tal fim? Podem todos alcançá-lo? E ainda terei outro quinhão de boa sorte: quando eu exalar o último suspiro, os meus olhos estarão fixos em Rama! Aquela divina beleza estará à minha frente; o doce Nome estará na minha língua! Ah, quão frutífera se tornou a minha vida! Não vejo ninguém mais afortunado que eu.”

Maricha permaneceu naqueles doces pensamentos enquanto caminhava lentamente em direção ao eremitério. O onisciente Rama e a onisciente Sita aguardavam a sua chegada. Hesitante e com evidente agitação, o cervo aproximou-se da cabana. Fixou o olhar nos dois e assim ficou durante algum tempo; em seguida saltitou e deu algumas cabriolas. Espiou para dentro de uma moita de trepadeiras e nela entrou por mera curiosidade, apenas para sair em um instante.

Sita, Rama e Lakshmana notaram as suas travessuras e admiraram a sua aparência. Vendo a sua pele dourada, concluíram que era uma estranha espécie de cervo. Perceberam as suas características especiais e ficaram fascinados pelo seu encanto. Sita disse, então: “Ah, se eu pudesse ter esse cervo comigo, poderia passar o tempo feliz na sua companhia. Quando vocês estivessem envolvidos em assuntos que só lhes dizem respeito, eu ficaria contente brincando com esse bichinho de estimação original. Por favor, peguem esse animalzinho brilhante para mim. Poderiam realizar esse pequeno desejo meu, para que eu possa me entreter quando estiver sozinha, acariciando-o e observando-o enquanto brinca por aí?” Sita fez esse apelo a ambos, demonstrando grande apego pelo misterioso cervo.

A essas palavras, Lakshmana levantou-se do seu assento, dizendo: “Mãe! Eu o apanharei para a senhora”. Ele não tinha ciência do drama que estava sendo encenado tendo como prólogo esse evento. Sabendo que o cervo cairia apenas nas suas próprias mãos, Rama o deteve: “Lakshmana! Ele deve ser apanhado sem que sofra danos ou ferimentos; portanto sou eu quem deve persegui-lo e capturá-lo. Eu mesmo preciso

realizar esse desejo de Sita”. Lakshmana ficou em silêncio e sentou-se, conforme a orientação de Rama.

As cenas subsequentes do drama eram do conhecimento tanto de Sita quanto de Rama, porém isso ele guardou para si enquanto explicava: “Lakshmana, esta floresta é a morada de demônios. Lembre-se do que aconteceu há dois dias, quando os seus líderes, Khara e Dushana, caíram sobre nós. Os seus parentes e companheiros podem voltar com força total e nos atacar; por isso é necessário ter sempre uma flecha pronta no arco e vigiar os quatro quadrantes com o máximo alerta. Proteja Sita com todo o cuidado. Não a deixe sozinha sob nenhuma circunstância. Esse cervo pode escapar-me e fugir para longe. Tenho que capturá-lo vivo e isso pode levar algum tempo. Então use a sua inteligência e proeza física tal como demanda a ocasião e salve Sita de qualquer perigo que possa ameaçá-la enquanto eu estiver fora”.

Rama persegue e mata o cervo

Na sua perseguição ao estranho cervo, Rama sumiu de vista. O animal não olhava para a frente; fugia celeremente, com a cabeça voltada para trás, os olhos fixos em Rama, o seu perseguidor! Rama encantou-se ao ver esse comportamento. Sabia que o cervo era o próprio Maricha, um grande devoto seu, que experimentara e assimilara o Princípio e o Poder de Rama. Então também fixou o olhar no cervo e pôs-se a seguir os seus movimentos com grande interesse. Em dado momento, o cervo estava ao seu alcance, mas logo se distanciava com um salto, visando atraí-lo para mais longe da cabana. Rama parecia estar gostando daquela tentadora perseguição, mas, após algum tempo, colocou uma flecha no arco e, mirando no cervo, disparou-a diretamente no alvo. Quando a flecha fatal o atingiu, Maricha exclamou, em agonia: “Ah, Sita! Ah, Lakshmana!” e caiu ao chão. Aquele clamor chegou aos ouvidos de Sita e de Lakshmana.

Pressionado entre duas lealdades

Mesmo antes que o som os alcançasse, Sita já havia exclamado: “Lakshmana, você ouviu? É a voz do seu irmão! Ele está pedindo a sua ajuda! Vá, vá imediatamente! Não se demore! Esses demônios são peritos em transformações e truques. Provocam numerosas calamidades, mudando as suas formas e a sua natureza”. Sita queria que ele fosse rapidamente até o local de onde viera o grito.

Lakshmana era uma pessoa inteligente, acostumada a usar o discernimento e assim chegar a conclusões corretas. Era também um fiel seguidor das ordens do irmão, as quais venerava, pois eram tão preciosas para ele quanto o ar que respirava. Por isso respondeu: “Mãe! Nenhuma calamidade pode acontecer a Rama. Nenhum demônio, por mais astucioso que seja, pode lhe causar dano. Não viu como ele destruiu milhares deles em um só instante? Então não fique nervosa; tenha coragem e mantenha a calma. Em breve Rama retornará em perfeitas condições a este eremitério”.

Justamente nesse momento, o grito à distância se repetiu: “Ah, Sita! Ah, Lakshmana!” Sita, ainda mais agitada e aturdida, falou: “Lakshmana! Por que está se comportando de maneira tão insensível? Não entendo as suas intenções. Vá logo e acabe com o perigo que ameaça o seu irmão! Ajude-o, vá!” Ela demonstrou o seu temor e ansiedade de várias maneiras e fez o possível para convencer Lakshmana a deixá-la. Naturalmente, Sita sabia muito bem que Rama nunca poderia estar em dificuldades. No entanto, certas coisas têm que acontecer como base para eventos futuros, e por isso ela agia como uma pessoa ignorante afetada por aqueles gritos.

Lakshmana lançou mão de vários argumentos para tranquilizá-la e alegou de maneira comovente que não desobedeceria ao irmão. Ao ver que ela refutava todos os seus argumentos e apelos, disse finalmente: “Mãe, a ordem de Rama é a minha própria vida; considero-a tão preciosa quanto o ar que respiro. Não o ouviu ordenar-me que jamais a deixasse desprotegida e que a guardasse em todos os momentos? Sendo assim, não me moverei daqui um passo sequer, seja lá o que aconteça”.

Sita queria que Lakshmana fosse mandado para longe, pois Ravana tinha que se aproximar do eremitério. Era esse o plano de Rama para efetuar a destruição de Ravana e dos demônios. Precisava cumprir a sua vontade. Então ela também se aferrou às suas palavras e tornou-as mais ásperas e ferinas, de modo a levar Lakshmana a ceder.

Lakshmana tapou os ouvidos com as palmas das mãos, pois não podia suportar aquelas acusações e cobranças. Suplicou: “Mãe! Sofrerei toda a ira que derramar sobre mim!” Entretanto, quando Sita se tornou ainda mais ríspida e ameaçou ir ela mesma resgatar Rama caso ele não fosse, Lakshmana não teve alternativa. Não aguentava mais. Não poderia permitir que Sita vagasse pela floresta para encontrar Rama e socorrê-lo. Então, com o coração oprimido, afastou-se do eremitério em busca de Rama.

Antes de deixar a cabana, rogou a Sita que entrasse e ali permanecesse com as portas fechadas e que jamais viesse para fora. Exortou-a a ser cuidadosa e vigilante. Saiu do eremitério a contragosto e sem forças para se deslocar! Andou em volta do local e dirigiu-se aos espíritos da floresta, suplicando-lhes que vigiassem e guardassem Sita. Traçou quatro linhas ao redor do eremitério, invocando sobre elas um poderoso e misterioso mantra, e implorou a Sita que não desse um passo além daquelas linhas, em nenhuma hipótese e sob nenhum pretexto ou pressão.

Lakshmana era dotado de todas as virtudes; viu-se, porém, pressionado pela sua lealdade a duas ordens divergentes. Encheu-se de angústia, pois a nenhuma das duas podia desobedecer. Forçado a agir contra as ordens de Rama, teve que deixar Sita sozinha e desprotegida. O temor abalava-lhe o coração. Afastou-se, apesar de lhe falharem as pernas, mas se voltava para o eremitério a cada passo que avançava.

Sita é raptada

Naquele exato momento, Ravana transformou a sua aparência e os seus trajes, pois só estava aguardando uma oportunidade como a que se apresentava. Adotou a forma exterior de um sábio (*rishi*), mas a sua intenção era furtar como um cão astuto, mesmo possuindo o poder inato de aterrorizar tanto deuses e demônios com a simples menção do seu nome. Olhando bem à sua volta, adentrou sorrateiramente o local do retiro, com o coração palpitante. Quando tentou usar a porta da frente, as linhas místicas traçadas por Lakshmana pareceram levantar línguas de fogo sobre ele. Temendo que o seu plano falhasse ou que lhe acontecesse algo ainda pior, manteve-se atrás delas e gritou: “Ó senhora dona da casa! Dê-me algumas esmolas!”

Sita ouviu o grito; sabia que era Ravana. Trazendo tubérculos e frutas, passou pela porta e ficou do lado de fora. Ravana, porém, não ousou se aproximar dela para recebê-los, limitando-se a dizer: “Não posso me aproximar de nenhum eremitério; esse é o meu voto”. Ele queria que Sita pusesse as esmolas na sua mão.

Sita respondeu: “Não, não devo atravessar a linha demarcada pelo meu cunhado. Venha o senhor, venerável convidado! Receba-as de mim aqui mesmo”. O mendicante, que era, na verdade, um impostor, pressionou-a: “Senhora, não cruzarei a linha nem irei além dela. Nem posso aceitar esmolas do outro lado de uma linha; não é apropriado

para ascetas como eu. Vamos, dê-as a mim; estou com fome, com muita fome”. Desempenhou tão bem o seu papel, com muitos suspiros e gestos, que Sita decidiu lhe dar o que trazia nas mãos, ultrapassando a linha e chegando perto dele.

Tudo aconteceu em um instante. Assim que ela transpôs a linha, Ravana puxou-a pela mão e a colocou-a dentro de uma carruagem que estava à espera. Não deu atenção às suas lamentações; apenas partiu para bem longe, em incrível velocidade, enquanto Sita gritava: “Ó Rama! Lakshmana! Venham salvar-me deste monstro perverso!”

Os anacoretas e habitantes da floresta em torno de Panchavati ouviram o seu apelo, mas não podiam salvá-la. O verde de toda a floresta esmaeceu, tornando-se marrom, quando a voz da agonia por ali passou. O clamor ecoou pela floresta, fazendo com que todas as coisas móveis e imóveis fossem atingidas pela tristeza.

No interior da carruagem, Sita pôs-se a admoestar o seu raptor: “Ravana! Você está construindo uma estrada real para a sua própria destruição. Está aniquilando completamente e sem deixar vestígios o seu império, os seus súditos, a sua dinastia. Perpetra esta vilania com uma risada no rosto, mas chegará o dia em que pagará por ela com lágrimas nos olhos. Miserável desprezível! Este ato perverso é impróprio para um ser que praticou austeridades como você”. Além de lhe dar muitos conselhos e advertências, ela convocou Rama e Lakshmana a resgatá-la.

Jatayu tenta salvar Sita

Jatayu, o rei dos abutres, ouviu os lamuriosos gritos que vinham daquele veículo em movimento. Reconheceu a voz de Sita e percebeu que ela se encontrava na carruagem de Ravana. Afligiu-se pela sua idade, que o tornava demasiado fraco para lutar contra o vilão que a levava embora, mas achou que seria errado não o impedir de fazê-lo. Sabia que nenhum ato de serviço podia ser mais nobre que resgatar uma mulher das garras de alguém que a arrebatava ao seu senhor e mestre. Então resolveu sacrificar a própria vida, se necessário fosse, pela piedosa ação de salvar Sita do domínio daquele demônio.

Usando toda a sua energia e habilidade, sobrevoou a carruagem em círculos, gritando: “Ó Sita! Não tenha medo, eu destruirei esse vilão cruel e a libertarei. Eu a colocarei na presença de Rama!” Voou por sobre o veículo e golpeou Ravana muitas vezes com o seu bico afiado, fazendo com que ele sangrasse abundantemente; bateu na carruagem com as asas e tentou detê-la criando um vento formidável que retardaria a sua velocidade.

Mesmo em pleno voo, Jatayu deu ao rei-demônio excelentes conselhos para se corrigir antes que fosse tarde demais. “Ravana! Esse é um caminho que nada lhe trará de bom. Liberte Sita e volte para casa em segurança; ou então, como mariposas que caem no fogo, você e a sua raça serão queimados nas chamas da ira de Rama. O seu orgulho acarretará a sua total ruína. Raptar a esposa alheia é um pecado abominável. Somente um coração pecaminoso desejaria a mulher de outrem e vagaria em sua busca. Apenas brutos ignóbeis, piores que cães ou raposas, desceriam a tais abismos. Você age como alguém tão desvairado que não consegue atentar para o que lhe está reservado.

“Refleta, existe crime mais bárbaro do que esse? Ah! Que pecado cometeram os seus pais para declará-lo seu filho? A sua cabeça virou porque você só leva em conta a sua força física, as suas riquezas e as pessoas que estão sob o seu controle. Mas ouça, tudo isso arderá em chamas e será reduzido a cinzas. Mesmo os poderes que conquistou mediante a prática de austeridades serão destruídos em um instante. Acaso você permaneceria tranquilo e impassível se as suas esposas lhe fossem arrebatadas ou

estivessem sendo cobiçadas por outros demônios? Aqueles que respeitam as mulheres, tanto as suas esposas quanto as que não o são, jamais atrairiam para si desgraça tão terrível.” Proferindo esses conselhos preciosos, Jatayu voou com a veloz carruagem até certa distância. As suas palavras proporcionaram grande consolo a Sita, que se sentiu reconfortada ao ouvir aqueles sentimentos tão bem expressos.

Jatayu teve êxito em deter a carruagem forçando Ravana a empenhar-se em uma batalha contra ele, após fazer Sita descer e ajudá-la a sentar-se embaixo de uma árvore. Entretanto, a idade cobrou o seu preço; ele não conseguiu lutar por muito tempo e logo foi superado, mas conseguiu, durante o combate, retirar a coroa da cabeça de Ravana e arrancar alguns punhados do seu cabelo. Bicou o seu corpo tão ferozmente e em tantos lugares que ele se transformou em uma massa de carne sanguinolenta. O bico de Jatayu e as suas amplas asas abertas causaram uma enorme quantidade de ferimentos em Ravana e humilharam o seu orgulho. Como último recurso, o rei-demônio sacou a sua espada curva e, com a sua lâmina afiada, cortou as asas de Jatayu, derrubando-o indefeso no chão. As asas são o próprio alento dos abutres. Jatayu, em sua agonia, gritou o Nome de Rama e tombou no chão.

“Lutei sem reservas pela causa do meu Mestre, porém o meu combate foi em vão. Essa também é a vontade de Rama. Ele deve ter planejado tudo isso para conferir algum benefício ao mundo; pois, se assim não fosse, como poderia Sita ser levada à força por qualquer um sem que a vontade dele houvesse projetado o ato? Agora tenho apenas uma súplica a lhe fazer. Preciso manter a respiração pelo menos até poder encontrá-lo e transmitir-lhe esta notícia. Não tenho nada mais grandioso a realizar nesta vida.” Com essas palavras, fechou os olhos e imergiu em oração.

Entrementes, Ravana colocara Sita novamente na carruagem e partira com muita pressa e grande agitação. Ao vê-lo passar e ouvir Sita clamando por socorro, Jatayu sentiu-se repleto de angústia por não poder oferecer mais resistência. Ali ficou, estendido na poça das próprias lágrimas, o coração ansiando pela presença de Rama e a língua sussurrando o seu Nome. “Quando a morte se aproxima, quando a calamidade está a alguns passos de distância, a Natureza age de maneira inesperada com o intuito de alertar e ensinar. As coisas se comportam desordenadamente. Ravana está procedendo daquele modo porque o seu fim está próximo e os seus parentes e amigos estão prestes a ser varridos da face da Terra.” Percebendo essa verdade, Jatayu permaneceu ali deitado, mantendo-se vivo pela sua própria vontade, à espera da chegada de Rama.

Os irmãos lamentam o desaparecimento de Sita

Após matar aquela “impostura” que era o cervo dourado, Rama retornou das profundezas da selva a Panchavati. Sabia que àquela hora o enredo da sua história já fora encenado no eremitério, tal como determinara a sua vontade, e disse para si mesmo: “Embora isso represente apenas o desabrochar do meu plano, as pessoas não devem entender tão cedo que se trata de um desígnio divino. Devo comportar-me, daqui em diante, como um ser humano comum”.

Enquanto estava no meio do caminho, viu Lakshmana chegando e decidiu mantê-lo também na ignorância do propósito secreto que se achava por trás daquela aparente tragédia. Perguntou-lhe então, como se estivesse com a mente agitada: “Lakshmana! Irmão! Você me desobedeceu e desconsiderou a minha ordem. Saiu, deixando Sita sozinha no eremitério. Como pôde fazer isso? Foi para tão longe, abandonando-a

indefesa! Ai de mim! Você tem testemunhado diariamente a perversidade demoníaca da raça dos *rakshasas*. Como pôde desamparar Sita dessa maneira? Ai de mim! O que aconteceu a ela? Temo que alguma calamidade tenha ocorrido! Sinto que Sita não está lá no eremitério. Ai de mim, o que faremos agora? Qual será o nosso futuro?”

Ao ouvir aqueles lamentos, Lakshmana caiu aos pés de Rama e disse: “Irmão! Você me conhece tanto quanto o funcionamento da sua própria mente. Seja qual for a ocasião, estou sempre pronto a oferecer o meu alento e a mim mesmo aos seus pés. Alguma vez eu iria contra uma ordem sua? No entanto, aconteceu desta vez. A força que me compeliu a desobedecer foi o impulso do meu destino. O que posso fazer? Chegou ao eremitério o grito repentino saído da garganta daquele falso cervo: ‘Ah, Sita! Ah, Lakshmana!’ Assim que o ouviu, Sita insistiu de várias maneiras para que eu fosse correndo até onde você estava. Como estou familiarizado com os truques desses demônios, caí aos seus pés e supliquei perdão, alegando: ‘Não há como Rama sofrer o mínimo ferimento. Nenhum perigo pode se aproximar dele. Esses gritos são apenas falsas estratégias dos demônios’.

“No entanto, os gritos chegaram aos nossos ouvidos pela segunda vez, e aí Sita perdeu toda a coragem. Eram reproduções exatas da sua voz, e por isso ela ignorou a sua própria realidade; desconsiderou os costumes de parentesco e de família e usou palavras que não deviam ser pronunciadas nem escutadas. Sem conseguir suportar mais aquilo, orientei-a a tomar todas as precauções, fiz tudo o que pude para mantê-la segura e depois saí do eremitério. Aceitarei de bom grado qualquer castigo que me impuser, qualquer medida que tomar para expiar o erro que cometi.” Com essas palavras, Lakshmana prostrou-se aos pés do irmão.

Rama respondeu: “Lakshmana, você não devia ter deixado Sita sozinha, qualquer que fosse o motivo! Sinto que ela não estará no eremitério quando chegarmos lá. Como poderemos nos orgulhar do nosso heroísmo se não fomos capazes de protegê-la nesta floresta, impedindo que fosse arrebatada pelos demônios? Poderá tolerar os comentários de que Rama foi incapaz de salvar a esposa da desgraça de ser raptada? Conseguirá manter a mente calma ouvindo esse tipo de conversa? Ai de mim! Como aguentarei essa tragédia?” Em grande sofrimento mental, Rama lastimou-se e gemeu, exatamente como um homem ignorante, e correu até o eremitério para verificar se os seus temores eram verdadeiros.

Tal como ele previra, Sita não estava lá. Tomado por uma angústia aparentemente insuportável, Rama lamentou o seu desaparecimento. Lakshmana caiu ali mesmo onde estava, incapaz de aguentar aquela aflição. Consciente de que causara aquela catástrofe, sentiu vontade de renunciar à vida, mas logo percebeu que Rama, já privado de Sita, seria exposto a uma ansiedade e a complicações ainda maiores se ele partisse deste mundo acabando com a própria existência. Sentiu que, se ele morresse, Rama vagaria sozinho pelas clareiras da floresta, cheio de tristeza e sem ter ninguém para lhe dar de comer ou de beber. Não conseguia suportar a angústia de Rama pela perda de Sita nem articular e reunir palavras para consolá-lo e tranquilizá-lo.

Lakshmana compreende a verdade

Lakshmana refletiu cuidadosamente sobre tudo o que acontecera naquele dia e logo chegou à conclusão de que era resultado da própria vontade de Rama. Compreendeu que o irmão não era um homem comum. Soube, então, que o que estava acontecendo fazia parte de um drama destinado a trazer progresso e prosperidade para

toda a humanidade. Sim, pois Rama, que alegremente enxugaria as lágrimas de todos os olhos – ele que era o guardião do mundo, aquele que não demonstrara o mais leve indício de sofrimento até aquele momento –, estava agora chorando e se lamentando pela separação da esposa como qualquer homem comum!

Observando esses acontecimentos, Lakshmana conseguiu facilmente inferir que tudo era o desenrolar de uma peça dirigida pelo próprio Rama! Sabia muito bem que Sita era incomparavelmente virtuosa. Seria inexplicável que uma mulher tão singularmente pura tivesse se deparado com tal calamidade, a não ser em uma cena de uma peça ou de um enredo divino concebido pelo irmão. Ninguém em parte alguma pode praticar o mínimo ato sem a ordem de Rama!

Ele, no entanto, viera como homem, determinado a orientar o homem por meio do seu exemplo ao longo do caminho da justiça, da integridade, do desapego, da devoção, da virtude, da veracidade, da moralidade e da humildade. Lakshmana percebeu que era esse o significado do drama que Rama e Sita estavam encenando e reconheceu a si mesmo como apenas um ator, cujo dever era representar da melhor maneira que pudesse o papel a ele atribuído.

Tirando forças desses pensamentos, aproximou-se de Rama, inclinou-se aos seus pés e falou: “Irmão! Você é, eu sei, o diretor do drama que é o Cosmos. Não há nada que não possa fazer, nada que não saiba. Tudo o que acontece é apenas pela sua vontade. Você não poderia desconhecer esses eventos. Não aceitarei uma negativa. Acredito inabalavelmente nisso. Creio que, por meio de tais incidentes, pretende promover a paz no mundo e destruir a raça dos demônios. É o que me sussurra a minha mente, que me pede para permanecer firme nessa fé. Essa deve ser a realidade por trás desse drama. Rogo-lhe que me diga a verdade e me conceda paz de espírito”.

Rama assente

Rama respondeu com um sorriso: “Lakshmana, você é uma parte do meu ser; sendo assim, o que posso lhe ocultar? Você descobriu a verdade. Encarnei com a missão de sustentar e promover a Retidão (*dharma*). Para fazer isso, tenho que representar muitas cenas que retratam condutas justas e injustas. Para restituir a tranquilidade e a alegria a um bebê que chora, deve-se consolá-lo com balbucios e diversões infantis, brinquedos e chocalhos, embalá-lo e cantar para ele. A mãe tem que inventar diversos estratagemas a fim de persuadi-lo a beber o leite de que necessita. Considere quão úteis são esses meios – as canções e os balanços, os brinquedos e os balbucios, os truques e as cócegas. Eles ajudam a saciar a fome e a acabar com o choro. É para isso que servem. É necessário reunir todos eles para descobrir como se conseguiu alcançar aqueles dois objetivos.

“Igualmente, querido irmão, eu – a Mãe do Universo – devo agir de múltiplas formas para restabelecer a Retidão e destruir a iniquidade. Esses incidentes se destinam a garantir o duplo objetivo que constitui a remoção do sofrimento e a conquista da bem-aventurança; não são apenas práticas sem sentido.

“As pessoas comuns baseiam a sua conduta nos paradigmas que lhes são apresentados. Então, como mestre e líder, devo praticar o que pretendo colocar diante delas como conduta ideal. A menos que pratique o que prego como ideal, não posso reivindicar ser mestre e líder. Quando surgem mestres e líderes que exercem autoridade mas não são merecedores de tais posições, a Retidão declina e a iniquidade corre solta. Portanto, irmão, lembre-se de que aqueles com autoridade de mestres ou de líderes devem provar, por meio de verdadeira prática, que as suas orientações estão certas e,

mediante o próprio esforço genuíno, ajudar a realizar os ideais que proclamam. Esse é o caminho para eles conquistarem a Graça de Deus e a gratidão dos homens.

“Sita sabe o papel que está desempenhando. Estes dois corpos – o meu e o dela – mostram as alegrias e as dores da união e da separação apenas como corpos! A dor e o prazer, o pranto e os lamentos são todos ilusórios e irrealis. Eles seguem as necessidades e compulsões da encarnação que assumi, juntamente com outras limitações.

“Estou lhe mostrando em confiança a minha Realidade. Preste atenção, pois terá igualmente que agir em conformidade com o tempo e o espaço, a ação e a causa, a ocasião e o beneficiário à medida que a história se desenrola. Este mistério divino está além da inteligência de outros; portanto você também deve manter silêncio a esse respeito e atuar de acordo com as regras. Temos que nos concentrar na missão para a qual viemos.”

Após essa revelação, eles mergulharam imediatamente na tarefa de procurar Sita. Durante a busca, ambos desempenharam os seus papéis da maneira mais sincera, admirável e realista. Não apenas os irmãos; Sita, por sua vez, demonstrava suprema nobreza e atuava com igual firmeza e sinceridade, ainda que os demônios que a guardavam no cativeiro a aterrorizassem e ameaçassem de maneira extremamente cruel. Ela não vacilava nem se rendia; sustentava bravamente a sua determinação de se salvar e preservar a sua pureza. Assim manteve intacto o seu voto.

Estudem atentamente o *Ramayana*!

O drama encenado pelas duas partes apresentou a cada chefe de família e a cada indivíduo o mais nobre ideal de conduta correta. Mostrou a pais e mães, esposas e maridos, irmãos e amigos as melhores linhas de comportamento que se esperam deles e também como cada um deve cumprir os seus compromissos e cultivar as suas virtudes. Por que nos alongarmos mais? O *Ramayana* estabelece ideais para todos os relacionamentos na vida e para a realização da mais elevada meta da existência humana. Em nenhuma outra parte se pode encontrar tal variedade e quantidade de máximas morais e suas aplicações práticas. As páginas do texto ímpar que é o *Ramayana* estão impregnadas de instruções para a conduta correta em todas as situações e condições. Ele ensina como justificar o nascimento humano, como conduzir o governo de um reino, como regular as reações do povo e como elaborar leis que possam controlar e realizar os desejos da população. Se pelo menos o *Ramayana* fosse estudado atentamente e observado na prática diária, a humanidade poderia alcançar paz e prosperidade em todos os campos.

Jatayu conta-lhes o que sabe

A fim de descobrir alguma pista sobre o motivo da ausência de Sita e também como e quando ela havia partido, Rama e Lakshmana abandonaram o eremitério munidos de armas. Examinaram cada reservatório e vasculharam todas as colinas da região, mas não conseguiram encontrar nenhum sinal dela. Enquanto assim procediam, viram galhos de árvore arrancados espalhados pela trilha diante deles, além de outras evidências de um combate travado ali, tais como flechas quebradas e manchas de sangue. Rama chamou a atenção do irmão para aquilo, dizendo: “Parece ter havido uma luta aqui”, e olhou em volta à procura de pistas que indicassem quem teriam sido os combatentes. Encontrou, estendido no chão, um abutre de porte verdadeiramente régio, esforçando-se para

respirar, mas ainda assim repetindo reverentemente, com os olhos fechados, o Nome que adorava: “Rama, Rama”.

Os irmãos foram diretamente até a ave e lhe acariciaram amorosamente a cabeça e o corpo. Quando a mão de Rama a abençoou com o seu toque suave, ela recuperou um pouco das suas forças. Abriu os olhos e olhou ao seu redor. Viu a bela forma de Rama, que podia cativar todos os mundos, e foi subitamente dominada por uma onda de júbilo e de tristeza. Incapacitada, não conseguia mover os membros e tampouco se virar de lado; então rastejou um pouco para a frente e ergueu a cabeça, colocando-a aos pés de Rama, que a pôs no seu colo e passou a afagá-la gentilmente para trazer a ave de volta à consciência e à atividade.

Jatayu falou, com voz muito fraca: “Senhor! O perverso Ravana, cedendo a motivos maléficos, abandonando a justiça e a retidão e lançando fora poderes adquiridos em anos de ascetismo, levou a Mãe Sita para longe em uma carruagem, como um cão sorrateiro ou uma raposa astuta, enquanto a Mãe de todos os mundos, a filha de Janaka, se lamentava alto, gritando ‘Rama! ‘Rama! Rama!’ e cobrindo a floresta inteira de profunda consternação.

“Ouvi os seus lamentos, mas não sabia quem emitia aquele triste som. Voei para perto e descobri, para minha grande surpresa e aflição, que a Mãe Sita estava em perigo! Não consegui ficar impassível. Embora velho e decrépito, pronunciei o seu Nome, Senhor, e assim obtive força e coragem para dar combate a Ravana. Biquei-o tão furiosamente que do seu corpo escorreu sangue por toda parte. Ele colocou Sita à sombra de uma árvore e lutou com ferocidade. Sacou a sua espada de lâmina curva e cortou as minhas asas em pedaços. Nada mais pude fazer para impedi-lo de fugir com Sita. Então deitei-me aqui, lastimando a minha derrota e aguardando a sua chegada. Sou extremamente desafortunado, pois vi a Mãe sendo raptada por aquele facínora e não pude salvá-la.” Enquanto proferia essas palavras, Jatayu derramava lágrimas de desespero.

Demonstrando grande interesse e ansiedade, Rama dirigiu-se a ele: “Ó chefe das aves! Jamais esquecerei a sua ajuda. A boa ação que realizou lhe dará bem-Aventura no outro mundo. Não fique triste”. Assim dizendo, Rama limpou a poeira das asas de Jatayu com os próprios cabelos enrolados, enquanto Lakshmana se apressava a trazer um pouco d’água para refrescá-lo e lhe mitigar a sede. Rama verteu a água, gota a gota, na boca da ave.

Enlevado com a sua boa sorte, Jatayu assim se expressou, com o semblante resplandecente de êxtase: “Rama, sou ainda mais afortunado que o seu pai, pois ele não teve a oportunidade de beber água das suas mãos ao deixar este mundo. Sorvi o meu último gole da sua mão dourada! Pude descansar no seu colo, bebi néctar dos seus dedos e, enquanto exalava o último suspiro, pude encher os olhos com a imagem da sua cativante face de lótus. Estou certo de que me fundirei em você. Ah, sou realmente abençoado!”

Acrescentou, em um tom de voz débil: “Rama! Aquele demônio cruel seguiu na direção sul. É muito provável que tenha chegado a Lanka; portanto vá direto para lá, destrua aquele miserável e traga a Mãe de volta à sua presença”. Não conseguiu falar mais nada. Gritou “Rama!” apenas uma vez e exalou o último suspiro. Rama permitiu que o sopro vital de Jatayu se fundisse nele. Realizou as exéquias do corpo da ave e tomou o banho cerimonial de finalização. Após esses rituais, dirigiu-se para o sul, imaginando as regiões de lá e as provações de Sita.

Ajamukhi perde os membros

No caminho, uma demônia chamada Ajamukhi avistou-os e, deslumbrada com a beleza pessoal dos irmãos, disse consigo mesma: “Ah, que físico encantador! Que físico encantador! Que festa para os olhos! Preciso casar-me com eles e conquistar a felicidade”. Assim decidida, agarrou as mãos de Lakshmana e puxou-o para si. Ele deduziu que ela fora atingida pela mesma doença de Shurpanakha e tratou-a com o mesmo desprezo. Decepcionou-lhe os membros e ensinou-lhe uma dura lição.

Rama aniquila Kabandha

A floresta que atravessavam era tão terrível quanto os demônios que ali encontraram e infestada de animais selvagens que rugiam, uivavam e rosnavam de maneira apavorante. Mesmo o coração mais empedernido tremeria de medo diante daquele cenário e daqueles ruídos. Enquanto os irmãos caminhavam, um demônio chamado Kabandha, todo distorcido e desfigurado, surgiu à sua frente, impedindo-os de avançar e abalando a floresta com a sua gargalhada sobrenatural. Tentou agarrar Rama e Lakshmana, porém Rama o matou antes que pudesse ter êxito. Era um monstro sem cabeça, com braços excessivamente longos e a boca no centro do estômago! Aterrorizava a floresta, devorando tudo o que estivesse ao alcance dos seus braços. Ao eliminá-lo, Rama salvou os habitantes dali de um inimigo assustador.

No momento da sua morte, Kabandha percebeu quem era o seu inimigo. Reconheceu Rama, a quem disse: “Mestre! Neste dia o senhor me liberou dos grilhões de uma maldição que me reduziu a esta figura ridícula e cruel. Os meus pecados foram remidos pela visão que tive do senhor”. E caiu aos pés de Rama, com estas palavras: “A sua missão terá sucesso, sem atrasos nem obstáculos. O senhor certamente triunfará sobre as forças do mal”.

Sabari conta a sua história

Rama, o imenso coração que a todos amava, seguiu adiante, a pé, tendo o irmão como sua única companhia. Logo se depararam com uma mulher idosa, que andava toda curvada para a frente, sem conseguir erguer o corpo. Tinha a visão embaçada e as suas mãos tremiam. Vinha na direção deles levando à cabeça uma cesta de frutas! Ao avistar as figuras encantadoras dos irmãos, deduziu que seriam os dois que eram descritos com entusiasmo e regozijo pelos sábios (*rishis*) da floresta! Pondo a cesta no chão, ficou parada na trilha, sussurrando com reverência e gratidão: “Rama, Rama”.

Lakshmana pensou que ela também poderia ser um disfarce de algum demônio ardiloso com o intuito de lhes causar dano, mas Rama sabia que ele estava equivocado. Propôs que se sentassem debaixo de uma árvore próxima, bem perto do eremitério onde residia a idosa, que se chamava Sabari. Ela notou os olhos semelhantes a pétalas de lótus, os cachos de cabelo na fronte, os longos braços que iam até os joelhos e o tom azul-escuro da pele de Rama. Sem conseguir conter o seu êxtase nem reprimir o seu sentimento de adoração, correu para a frente e prostrou-se aos pés de ambos. Depois perguntou: “De onde vieram? Quais são os seus nomes?”

Rama respondeu, sorrindo tranquilamente: “Mãe! Viemos de Ayodhya. Residimos na floresta. Eu me chamo Rama e o meu irmão é conhecido como Lakshmana”. Ao ouvi-lo dizer isso, Sabari exclamou: “Pai! O meu desejo há muito acalentado se realizou. Tenho esperado a sua chegada dia e noite, procurando-o à distância, até os meus olhos

se tornarem embaçados e quase perderem o sentido da visão. Fui bem sucedida. O meu anseio obteve o seu resultado. A minha vigília e os meus jejuns frutificaram. Ah! Fui recompensada! Este é o resultado da graça do meu *guru*. É a misteriosa obra de Deus”. E levou a cesta até perto de Rama.

Rama indagou-lhe: “Mãe! A senhora fala de um *guru*. Quem é ele, esse seu *guru*?” Ela respondeu: “O seu nome é Matanga Rishi. Uma vez que mulheres não são admitidas como alunas neste eremitério, eu escutava as suas lições escondida atrás de árvores e arbustos. Servia ao meu *guru* e aos outros sábios (*rishis*) removendo os espinhos das trilhas que levavam aos rios onde se banhavam, na maioria das vezes rolando pelo chão, pois precisava fazê-lo bem cedo, antes do amanhecer. Também retirava os cascalhos e pedras que poderiam ferir os seus pés. Vivía de frutas e tubérculos como os outros alunos. Servi aos meus mestres sem ser percebida e passei os meus dias nos recessos da selva.

“Matanga Rishi, o *mahatma* (grande alma), que conhecia os ardentes anseios da minha mente, disse-me certo dia: ‘Mãe! O seu corpo atingiu a maturidade; se continuar a se esforçar tanto, em breve ficará esgotada. Então venha, habite no eremitério e desfrute de um bom descanso’.

“Enquanto eu passava os dias a serviço deste eremitério, o sábio quis abandonar o corpo. Chamou-me para perto dele e falou: ‘Sabari! A tarefa para a qual eu vim está terminada. Decidi deixar este corpo agora. Você deve permanecer residindo neste eremitério. Dentro em breve, Rama estará na floresta. Convide-o a entrar e lhe preste todo e qualquer serviço que puder, por menor que seja. Deixe que este eremitério seja santificado pelo toque dos seus pés’.

“Protestei muito; declarei que jamais poderia ser feliz neste eremitério sem ele. Roguei-lhe que, pela morte, ele me levasse para onde ia. No entanto, o meu *guru* não estava disposto a ceder aos meus desejos. Afirmou que eu teria que ficar aqui, aguardando a chegada de Rama, pois não poderia fugir dessa responsabilidade nem perder essa felicidade.

“A partir daquele dia, passei a residir aqui, com os braços estendidos para lhe dar as boas-vindas, os olhos perscrutando o horizonte e carregando comigo este corpo decrépito para que eu pudesse viver para vê-lo e servi-lo. Ó Rama! Ó Senhor! Ó compassivo com os aflitos! Ó morador dos corações dos sábios! O desejo do meu *guru* foi cumprido. O eremitério fica a poucos metros de distância daqui. Por favor, santifique-o entrando nele.” Sabari prostrou-se aos pés de Rama e suplicou-lhe que atendesse ao último pedido do seu *guru*.

Naturalmente, Rama sentiu-se feliz com a dedicação e a devoção da idosa. Ele era a própria encarnação do amor que brota espontaneamente; então levantou-se, caminhou em direção ao eremitério com o irmão Lakshmana e nele entraram.

Ah! Sabari foi inundada por uma alegria ilimitada que se expressou em emoção e fala impregnadas de êxtase. Aquela joia entre as mulheres estivera, até alguns instantes, demasiado fraca para dar sequer alguns passos, mas agora se via dotada da força de mil elefantes! Caminhou animadamente até o rio e, em curtíssimo espaço de tempo, trouxe água fresca, límpida e notavelmente pura. Provou primeiro as frutas que selecionou da cesta e ofereceu aos irmãos as que achou doces e maduras. Enquanto eles comiam, contemplava com alegria e gratidão os seus adoráveis semblantes; quando terminaram, lavou os seus pés e verteu na própria cabeça gotas da água santificada por aquele contato. Disse, então:

“Senhor, não tenho mais nenhum desejo. Para que continuar vivendo? Sobrevivi até este momento para desfrutar da boa sorte ímpar que é a visão (*darshan*) de Rama. Já obtive esse *darshan*. Agora salve-me, fundindo esta vida, este alento nos seus Pés de Lótus. Ouvi abundantemente a sua glória da boca dos sábios e dos santos; hoje eu a testemunhei. Estou plena de gratidão e alegria.”

Enquanto saboreava as frutas que ela oferecera com tanta devoção, Rama disse: “Mãe! Estas frutas são tão doces quanto o seu próprio coração. Na verdade, não são frutas que dão em árvores. As frutas silvestres que crescem nas selvas não são nem um pouco doces; jamais poderão sê-lo. Estas são frutas que cresceram na sagrada árvore da vida, nos ramos da mente pura, à luz do sol do amor”. E comeu as frutas, exaltando a todo momento o seu sabor.

Ao vê-lo com aquela disposição, Lakshmana sentiu uma felicidade indescritível, pois havia muito tempo que ele não comia frutas com tanta alegria. Todos os dias, mesmo após descascá-las, cortá-las e colocá-las diante dele, precisava persuadi-lo a provar alguma com uma boa dose de apelos e súplicas. Rama estava muito aflito com a separação de Sita. Apesar de todos os esforços de Lakshmana, só comia mais ou menos a metade de uma fruta; por isso Lakshmana jamais ficava satisfeito com a quantidade de alimento que o irmão consumia.

Rama admira a devoção

Sabari, entretanto, lhe oferecera frutas maduras caídas das árvores. Ela costumava limpá-las, lavá-las e guardá-las para Rama diariamente; se ele não vinha, a idosa as comia como alimento sagrado dado pelo próprio Rama! Dia após dia, vagava pela floresta em busca de frutas doces para serem postas diante de Rama; assim elas eram embebidas no seu amor e na sua devoção, tornando-se duplamente desejáveis. Lakshmana percebeu que era essa a razão pela qual Rama as comia com alegria. Cheio de contentamento, admirava a devoção de Sabari, que estava sendo tão ricamente recompensada. Apreciava a divina alegria que a preencheria como resultado dos seus longos anos de estudo e prática espiritual.

De pé, com as palmas unidas diante de Rama, Sabari disse: “Senhor, sou de casta inferior e de intelecto inculto, lento e ignorante. Não sou versada em nenhuma arte ou texto sagrado. Sou a mais insignificante dentre as mais insignificantes. Como posso exaltá-lo ou descrever a sua glória? Não tenho habilidade no uso das palavras. Não desenvolvi o meu raciocínio nem me submeti às austeridades prescritas para se obter a percepção da Divindade. Estou no nível mais rudimentar da prática espiritual (*sadhana*). A minha única força é o meu amor a Deus. Não possuo nenhum outro apoio ou sustento”. Falou ainda sobre a compaixão de Rama ao aceitar a sua oferenda: “A sua graça é ilimitada”.

Rama escutava intensamente as suas palavras. Ergueu-lhe o queixo e, mirando-a diretamente nos olhos, respondeu: “Mãe! Devoção é o que preciso; o resto é secundário. Outras coisas, tais como instrução, inteligência, posição, prestígio social, casta – não presto atenção a elas; não têm nenhum valor aos meus olhos. Mais do que todos os poderes adquiridos mediante a prática de disciplinas espirituais e austeridades, aprecio a doçura da devoção impregnada de amor. Busco apenas isso. Um indivíduo desprovido de amor é tão estéril quanto uma nuvem sem umidade, uma árvore sem frutos ou uma vaca que não produz leite. Ele estará sempre distante de Deus e jamais poderá obter a Graça.

“Sabari! Desejo apenas que qualquer uma das nove formas de manifestar e cultivar a devoção²⁷ seja seguida com persistência. Observo, no entanto, que seguiu todas as nove até o final; então não vejo ninguém mais elevado que você em realização espiritual. Estou de fato exultante de todas as maneiras possíveis, pois você me ofereceu a devoção pura, firme e desinteressada; a devoção que é o amor brotando do coração e fluindo em todas as direções, em todos os sentidos e a todos os seres. Você jamais lançou calúnias contra ninguém, nem mesmo em sonhos! É isso que torna a sua mente tão pura. Ela não floresce quando vem o que é ‘bom’ nem fenece quando vem o que é ‘mau’. Você é abençoada de todas as formas.”

Sabari absorvia aquelas palavras de aconselhamento que Rama lhe transmitia. Disse, finalmente: “Rama! Não existe nenhum outro caminho para o devoto a não ser fazer o melhor para agradar o Divino, não é mesmo? Não anseio por mais nada. Neste dia, o meu Pai, o meu Deus, o Senhor da minha vida, o Senhor de todos os Mundos, o Senhor de toda a Criação apareceu diante de mim! Como posso mensurar a minha boa sorte, ó Senhor de Janaki – de Sita, a filha de Janaka?”

Sabari conta o que sabe

Nisso ela se lembrou de Sita, e os irmãos subitamente recobram a percepção da própria situação. Rama falou: “Ai de mim, Sabari! Durante todo este tempo você nos manteve contentes e livres da ansiedade, flutuando na alegria, mas agora mergulhou-nos na dor”. Tomada pelo remorso, Sabari ergueu a cabeça, consternada, e implorou: “Senhor! O que disse? Perdoe a minha indiscrição”. E prostrou-se aos pés de Rama.

Rama indagou: “Sabari! Sabe de alguma coisa sobre Sita? Ouviu algo a seu respeito?” Sabari respondeu: “Se eu sei? Se conheço algo sobre Sita? Nenhuma mulher que conheça o Princípio de Rama ignoraria o Princípio de Sita, aquela joia entre as mulheres, aquela coroa da virtude, aquela luz da feminilidade! Ah, que imensa boa sorte a dela! É a própria sombra do meu Rama! Rama, preciso contar-lhe o que o meu *guru*, o sábio Matanga, me ensinou a respeito do Princípio de Sita. Claro, não há nada que não seja do seu conhecimento; entretanto, já que me perguntou há pouco se eu sabia alguma coisa sobre Sita, eu lhe direi o que sei.

“Disse o meu *guru*: ‘Rama iludiu as mentes de Manthara e Kaikeyi a fim de cumprir a sua missão de destruir a raça dos demônios (*rakshasas*)’ e, em resultado disso, ‘Sita, Rama e Lakshmana entraram na floresta como exilados’. Contou-me que eles visitariam eremitérios e abençoariam os ascetas e que Rama destruiria os demônios que obstruíam os seus rituais e disciplinas. Acrescentou que Rama idealizaria um plano segundo o qual Ravana, que é fortemente ligado aos clãs demoníacos, seria tentado a desempenhar um papel em um drama que se desenrolaria em torno do ‘rapto’ de Sita! Assegurou-me, no entanto, que a Sita sequestrada por ele era apenas uma Sita de imitação e não a Mãe real e genuína.

“Disse-me que Rama viria para esta floresta em busca da Sita que fora ‘raptada’, e que eu seria recompensada como nunca dantes por aquela visita. Avisou-me também

²⁷ Segundo Sri Sathya Sai Baba, as nove formas de devoção são as seguintes: 1) *sravanam* (escutar as glórias do Senhor); 2) *kirtanam* (cantar as glórias do Senhor); 3) *smaranam* (recordar-se do Nome do Senhor); 4) *padasevanam* (prestar serviço aos Pés de Lótus do Senhor); 5) *archanam* (oferecer adoração ao Senhor); 6) *vandanam* (prostrar-se em reverência diante do Senhor); 7) *dasyam* (servir ao Senhor como Seu servo); 8) *sakhyam* (servir ao Senhor como Seu amigo); 9) *atmanivedanam* (entregar-se totalmente ao Senhor). (N. T.)

que Rama faria uma aliança com Sugriva²⁸, que se refugiara na montanha Rishyamuka, adjacente a este eremitério, para escapar de ser mortalmente destruído por Vali, o seu irmão mais velho. Rama realizaria a tarefa de procurar Sita com o auxílio de Sugriva.

“Rama! O senhor é o idealizador e o diretor deste drama cósmico – um drama cujos incidentes o meu *guru* veio a conhecer e me revelou. O seu palco é todo o Cosmos. A sua vontade decide o futuro e garante a estabilidade e o progresso do Universo. Tudo o que acontece é pela sua vontade manifestada em ação; sem ela, nada de grandioso ou de insignificante pode acontecer.

“Senhor, está atuando nesse drama como se não conhecesse o seu próprio desígnio. Finge estar aflito com a separação de Sita! Mas somente aqueles que são tolos, não têm fé na realidade átmica²⁹ ou são ateus podem achar que isso é verdade. Os que estão conscientes da Divindade e dos seus mistérios, os que são devotos e aspirantes espirituais (*sadhakas*) que buscam conhecer Deus como a sua própria Realidade – estes não serão levados a crer que é genuíno. O senhor é o autor de todas as ações praticadas. Ninguém, por mais poderoso que seja, pode obstruir ou se opor à sua vontade. O senhor determina as reações dos indivíduos a todos os acontecimentos, sejam estes bons ou ruins; eles não são os autores. Os ignorantes podem afirmar que são os executores dos seus atos. Rama! Perdoe a minha impertinência. Já falei demais na sua presença.”

Assim dizendo, Sabari caiu aos pés de Rama. Ela desenvolvera o fogo interno da *yoga* e, como resultado, o seu corpo foi reduzido a cinzas enquanto o seu alento se fundia no Princípio de Rama, que ela adorava. Assim, Rama e Lakshmana realizaram os profundos anseios de Sabari e encheram de bem-aventurança a sua alma que partia.

²⁸ Rei dos *vanaras* ou “habitantes da floresta”, como eram chamados os macacos. (N. T.)

²⁹ Relativa ao *Atma*. (N. T.)

4. UM ALIADO ACEITO

Rama e Lakshmana prosseguiram a sua jornada pela floresta, movendo-se como leões gêmeos e conversando sobre a devoção e a imensurável dedicação de Sabari, a aspirante idosa. Viajando rapidamente, aproximaram-se da montanha Rishyamuka, onde Sugriva residia como refugiado, juntamente com os seus ministros e cortesãos. Ao ver os dois irmãos que se aproximavam, ficou impressionado com o seu porte nobre e as suas poderosas passadas. Pareciam ser divinos. Sugriva estava sempre em guarda contra desconhecidos que chegassem perto do local onde residia, pois temia que Vali, o seu irmão mais velho, pudesse atormentá-lo, mesmo na sua morada atual, com o envio de emissários portadores de morte ou de angústia. Assim, vigiava todas as vias de acesso à sua íngreme habitação.

Amedrontado ante a postura e o esplendor dos dois estranhos e ansioso por saber logo quem eram e qual a sua missão, chamou Hanuman³⁰ e lhe disse: “Poderoso herói! Notou aquelas duas magníficas personalidades? Descubra quem são, por que vieram e de onde. Traga-me todas as informações que puder reunir. Se por acaso tiverem sido enviados por Vali, dê-me um sinal – incline a cabeça até o peito; isso será suficiente. Estarei esperando por esse sinal e tomarei imediatamente as devidas providências para abandonar esta montanha e ir para outra”. Antes de enviá-lo, Sugriva deu-lhe diversas orientações e sugestões para enfrentar todas as contingências.

Hanuman encontra os irmãos

Hanuman correu até os estranhos e, chegando à sua presença, inclinou-se aos seus pés com grande reverência; depois, com imensa humildade e respeito, indagou-lhes: “Ó seres resplandecentes! Os senhores despertam em mim profunda admiração e curiosidade. As suas formas encantadoras atraem a minha mente, nela provocando um estranho anseio. Parecem tão ternos e inocentes! Na verdade, não são simples humanos, disso estou convencido. Creio que são Nara-Narayana³¹, o par divino que desceu à Terra. Será que poderiam me informar por que estão atravessando esta selva sem ninguém para servi-los ou guiá-los?”

Rama apreciou a devoção e a humildade de Hanuman; com um sorriso no rosto, respondeu: “Somos filhos do imperador Dasharatha, governante de Ayodhya. O meu nome é Rama e este é o meu irmão Lakshmana. Entramos na floresta juntamente com a minha esposa Sita, mas ela foi sequestrada por um demônio (*rakshasa*) enquanto nós dois estávamos ausentes do chalé onde residíamos em Panchavati. Agora estamos à sua procura, buscando saber o seu paradeiro e resgatá-la”. Sem nenhuma inibição, Rama expôs claramente a Hanuman os fatos que explicariam a sua presença nas cercanias daquela montanha e disse, finalmente: “Bem, eu lhe contei os meus antecedentes e a minha história; também gostaria de conhecer a sua”.

³⁰ Filho da deusa Anjana e de Vayu, o deus do vento, era parte humano, parte macaco, e dotado de grande força, poder e sabedoria. É considerado o símbolo máximo da devoção e do serviço ao Divino pela sua total dedicação a Rama. (N. T.)

³¹ No conceito de Nara-Narayana, o homem original, a alma humana (Nara) é representada como o eterno companheiro de Narayana (Deus) na luta pela preservação do *dharma*. (N. T.)

Percebendo que os irmãos eram os seus próprios suseranos, Hanuman caiu novamente aos seus pés em respeitosa homenagem. Erguendo-se, pôs-se de pé diante deles, derramando copiosas lágrimas de pura alegria e devoção, sem conseguir pronunciar uma única palavra. Por fim, reuniu coragem e, com os braços cruzados, falou com voz hesitante: “Senhor, sou um estúpido, um ignorante; eis a razão pela qual eu o interroguei daquela forma. Perdoe a minha audácia e a minha tolice, ó rei dos reis! Pedeme para contar-lhe os meus antecedentes e a minha atual condição, como se fossem mortais comuns, que só pudessem conhecê-los se informados. Isso é justo? Eu não poderia saber quem eram, atado que estou pela ilusão na qual os senhores mesmos nos envolveram.

“Ó senhor poderoso e invencível! Como pode o servo estar à altura do senhor e mestre? Todos os seres estão dominados e iludidos pela sua estratégia e pelo seu plano! Desejo fazer uma declaração, tomando-o como testemunha: não conheço nenhuma outra atividade além de adorá-lo. Por que deve o servo temer se é cuidado e protegido pelo seu senhor? O poder do senhor é o escudo do servo.” Nesse momento, Hanuman assumiu a sua verdadeira forma.

Rama encantou-se ao vê-la e abraçou-o, dizendo: “Você é tão querido para mim quanto Lakshmana”. Trouxe-o para perto de si e afagou-o ternamente, acariciando-lhe a cabeça e tocando-lhe suavemente a testa e o rosto. Declarou, então: “Hanuman, eu derramo mais o meu amor sobre aqueles que me servem e consideram esse serviço o mais elevado meio de liberação”.

A essas palavras, Hanuman respondeu: “Senhor! Devido a uma série de circunstâncias, Sugriva, o governante das hostes dos macacos (*vanaras*), atraiu a inimizade de Vali, o seu irmão mais velho. Banido do reino, veio para esta floresta como um exilado e nela agora reside. Ele também é seu servo; merece a sua afeição e as suas bênçãos. Confira a sua graça sobre ele e liberte-o do infortúnio em que está mergulhado. Ele tem capacidade e autoridade para enviar milhões de macacos pelo mundo inteiro para procurar e encontrar Sita. É o rei dos macacos e pode alcançar a vitória nesse empreendimento”. Hanuman descreveu com detalhes as múltiplas excelências e capacidades de Sugriva e persuadiu Rama a buscar a sua amizade. Rama concordou e Hanuman ofereceu-se para carregá-los nos ombros até o alto da montanha onde estava Sugriva.

Os irmãos encontram Sugriva

Sugriva ficou radiante com a visão dos irmãos e compreendeu as razões pelas quais Rama havia entrado na floresta e vindo na sua direção. Ele e Rama entenderam o sofrimento um do outro e ambos se solidarizaram mutuamente, sentindo-se ligados por laços recíprocos de camaradagem. Sugriva inclinou-se aos pés de Rama e de Lakshmana e ofereceu-lhes reverente hospitalidade.

Rama assegurou-lhe que destruiria o seu temor e removeria a sua angústia, pois era a encarnação da própria compaixão. E Sugriva prometeu sacrificar tudo, até mesmo a própria vida, a serviço de Rama. O voto solene de eterna amizade foi selado tendo como testemunha o fogo ritual, pois o fogo está presente no coração de todo ser vivo como luz e calor; e o Fogo presente na consciência interior tem o poder de queimar qualquer vacilação ou instabilidade que possa afetar o voto.

Na verdade, o Fogo ou Agni – o sutil esplendor e iluminação divina que constitui o núcleo do fogo – é o elemento principal no *Ramayana*. Rama nasceu da nectárea dádiva

trazida do altar sacrificial pelo deus do fogo. Sita casou-se com Rama tendo Agni como testemunha e Lanka foi destruída por Agni. A Realidade ou Princípio de Sita foi deixada sob a custódia de Agni enquanto Ravana a levava para Lanka; e a partir de Agni Sita foi novamente redimida quando a guerra contra o rei-demônio terminou com a vitória de Rama. A implicação disso é que, a cada contato com Agni, o coração de Rama era purificado e libertado de ligações, pois Rama é o símbolo da suprema sabedoria (*jñana*) e da suprema moralidade. Por essa razão o pacto com Sugriva foi firmado e santificado invocando-se o Fogo (Agni) como testemunha.

Lakshmana buscou aprofundar a fé e estreitar esse vínculo relatando a Sugriva a verdade sobre Rama e a missão com a qual ele viera. Contou-lhe também a respeito de Sita e da sua divindade, afirmando que só se poderia chegar à filha do rei de Mithila e assegurar as suas bênçãos mediante incansável batedura³² (*mathana*) ou prática espiritual (*sadhana*).

Ouvindo-o, Sugriva derramou lágrimas de contrição e falou: “Mestre! Certo dia, estando envolvido em uma troca de conselhos com os meus ministros, ouvi o grito ‘Rama! Rama!’, vindo do céu, do interior da carruagem *Pushpaka*³³, que vimos voando pelo espaço. Enquanto assistíamos àquela cena estranha, Sita atirou em nossa direção um embrulho envolto em um pano. Era um pacote de joias e por isso o preservamos intacto e em segurança. É bem provável que ela tenha sido arrebatada pelo demônio chamado Ravana, pois não existe iniquidade que ele ainda não tenha cometido”. Sugriva rangeu os dentes, com raiva do monstro de quem suspeitava ser o autor daquele ato abominável.

Lakshmana identifica algumas das joias

Rama pediu que o pacote de joias lhe fosse trazido. O próprio Sugriva levantou-se e foi até a caverna onde o escondera, levou-o até a presença de Rama e colocou-o diante dele. O tecido no qual as joias estavam envoltas era parte de um pano de fibras que a madrasta de Rama dera a Sita para que ela o usasse enquanto estivesse exilada e reclusa na floresta. Quando Lakshmana o reconheceu, lágrimas lhe vieram aos olhos. Ao vê-lo assim abatido, Sugriva e Hanuman também se entristeceram.

Rama afrouxou os nós, desfez o embrulho e mostrou o seu conteúdo a Lakshmana para que ele confirmasse se as joias pertenciam a Sita. Lakshmana declarou que não podia identificá-las todas, pois jamais erguera os olhos para ela: “Eu via apenas os anéis que a minha cunhada usava nos dedos dos pés, pois costumava prostrar-me aos seus pés todos os dias. Sim, estes são os anéis que ela usava; isso eu posso garantir. Quando nos movíamos pela selva, eu costumava segui-la e andar nas suas pegadas. Você sabe que sempre caminhava na frente e eu seguia atrás de Sita, observando os seus pés; por isso conheço muito bem estes anéis”.

Sugriva e Hanuman olhavam pesarosos para os irmãos enquanto estes desempenhavam os seus papéis, profundamente emocionados ao ver as joias que Sita

³² Aqui Sai Baba se refere à lenda da batedura do “Oceano de Leite” (*Sagaramathana*) por deuses e demônios, que buscavam o néctar da imortalidade (*amrita*). Segundo ele, essa é uma lenda de grande valor para os seres humanos, pois estes também têm que bater o oceano do próprio coração e conquistar o néctar para si mesmos (*Sathya Sai Speaks*, vol. 5, p. 3). (N. T.)

³³ Carruagem voadora indestrutível que Ravana tomara de Kubera, o deus da riqueza, após tê-lo derrotado em combate. Incrustada com ouro e pedras preciosas, resplandecente como a luz e veloz como o vento, ia pelo simples poder do pensamento para onde o seu mestre lhe ordenasse. (N. T.)

deixara cair. Sugriva não aguentou mais e falou: “Senhor! Não dê lugar à tristeza. Hoje mesmo começarei a elaborar um plano para descobrir onde está Sita e destruir o malvado Ravana. Eu a trarei de volta e os farei felizes. Esta é a minha palavra empenhada, a minha promessa sagrada”.

Sugriva conta a sua história

Rama expressou enorme satisfação com aquela promessa e disse: “Conte-me em detalhes a razão pela qual mora nesta floresta e não na sua capital”. Sugriva descreveu sequencialmente e em termos claros e concisos, como contas passadas através de um fio para formar uma guirlanda ou um rosário, quem eram os seus pais, qual era o seu verdadeiro local de residência, os motivos da inimizade surgida entre ele e o seu irmão mais velho e assim por diante. Rama percebeu que a história de Sugriva era mais ou menos semelhante à sua, especialmente no tocante à separação da esposa e ao exílio do reino. Sentiu que Sugriva era íntegro e justo e que Vali merecia punição, pois levava a esposa do próprio irmão, crime imperdoável segundo o código de moral dos macacos.

Rama pediu a Sugriva que lhe narrasse a história do seu nascimento e ele respondeu: “Sim, vou tentar colocar aos seus pés a história das origens e do destino de todo o meu clã. Tempos atrás, Brahma, o Criador, criou a forma de um macaco dotado de imenso poder, mas sempre instável nos seus movimentos e atividades; por isso Brahma o chamou de Ruksharaja. Quando este solicitou a Brahma que lhe dissesse onde habitar, Ele respondeu: ‘Viva na floresta, pois lá poderá se mover conforme a sua inconstância determinar; quando pegar um demônio, mate-o e salve a região dos seus delitos’.

“Ruksharaja migrou para a região sul e seguiu as instruções de Brahma. Certo dia foi até um lago para saciar a sede e, quando inclinou o rosto sobre a superfície da água límpida, viu a sua imagem espelhada no lago. Ficou muito preocupado, pois evidentemente havia um inimigo escondido ali, à sua espreita! Percorreu toda a margem do lago, ansioso para pegar o adversário quando este emergisse das águas. O inimigo dentro do lago rugia quando ele rugia e rangia os dentes quando ele os rangia; fazia eco a cada ruído que ele fazia e refletia cada um dos seus gestos. Incapaz de se controlar mais, Ruksharaja pulou no lago para estrangular o rival. Esse salto o transformou em uma fêmea!

“Atônita, ela regressou para a margem e, voltando-se para Surya, o Sol, implorou a Sua graça, e também suplicou a Indra, com a mente repleta de angústia. Então, pela graça de Surya, concebeu um filho, que sou eu, Sugriva; e pela graça de Indra gerou outro filho, o meu irmão Vali. Imediatamente após o nascimento desses dois filhos, voltou a ser Ruksharaja!

“Levando consigo os bebês, aproximou-se de Brahma para Lhe pedir instruções. Relatou-Lhe toda a sua história para que Ele rememorasse os fatos que envolveriam a sua decisão. Então Brahma falou: ‘Ó Vali e Sugriva! Sigam para as regiões do sul e estabeleçam-se em Kishkindha³⁴. O Senhor de todos os mundos, o Supremo Soberano do Universo, Aquele que é conhecido por muitos nomes, nascerá como Rama, filho do imperador Dasharatha, da dinastia de Raghu. Ele entrará na floresta atendendo às ordens do pai e se empenhará em muitas realizações sobre-humanas, mas também se

³⁴ Antigo reino dos *vanaras*, governado por Sugriva; situava-se no atual estado de Karnataka, no Sul da Índia. (N.T.)

comportará como um mortal comum. Durante as suas andanças chegará a Kishkindha, onde vocês estarão, e se tornará seu amigo. Busquem assegurar a sorte de ter a sua visão (*darshan*), de ouvi-lo falar e de tocar-lhe os pés³⁵. Assim as suas vidas serão abençoadas’.

“Ouvindo a voz de Brahma dirigindo-se a nós, ficamos encantados ante a perspectiva que se descortinava à nossa frente. Não realizamos nenhum *japa*³⁶, austeridade ou ritual (*yajna*). Todos os nossos talentos e habilidades foram o resultado direto da graça que Brahma derramou sobre nós naquele dia. Quando a voz cessou, oferecemos homenagem mental a Brahma; algum tempo depois, chegamos a Kishkindha e destruímos os demônios (*rakshasas*) que infestavam as florestas dali.

“Certo dia um demônio chamado Mayavi, filho de Maya, investiu contra nós com o propósito de vingança. Sitiou-nos à meia-noite, provocando uma terrível desordem. O meu irmão mais velho não pôde tolerar a sua audácia por nem mais um instante. Levantou-se e se lançou sobre ele com todas as suas forças. Aterrorizado, Mayavi fugiu e escondeu-se em uma caverna, mas Vali o perseguiu até lá.

“Eu também me envolvi na feroz perseguição ao perverso demônio, bem atrás do meu irmão. Ao entrar na caverna onde Mayavi se refugiara, Vali me deu as seguintes instruções: ‘Irmão! Vou entrar na caverna para aniquilar o inimigo; vigie a entrada e permaneça aqui para impedir que ele escape’. Quando perguntei por quanto tempo, ele respondeu: ‘Até quinze dias e quinze noites! Fique bem atento durante todo esse período. Se eu não sair no décimo sexto dia, considere que ele me matou e então poderá retornar’.

“Esperei e montei guarda durante um mês inteiro. Nisso veio da caverna um cheiro de sangue, que presumi ser do meu irmão. Receando que Mayavi pudesse surgir vivo dali, bloqueei a entrada com uma enorme pedra. Sabendo que seria tolice esperar mais, voltei para casa, reuni os meus companheiros e simpatizantes e consultei-os sobre o próximo passo a dar. Achamos que, se Mayavi conseguira eliminar o terrível Vali, devia ser realmente um inimigo muito poderoso; por isso passei os dias em contínuo temor.

“Considerando que necessitariam de um líder naqueles tempos difíceis em que estavam sendo atacados por inimigos de todos os lados, os habitantes da capital declararam que, em consequência da morte de Vali, eu devia assumir o seu lugar. Não me achava nem um pouco disposto a aceitar o exercício daquela autoridade, mas vi-me forçado a isso.

“No entanto, cerca de dois ou três dias depois, Vali retornou à capital. Ele havia eliminado Mayavi e livrado a terra daquele abominável inimigo. Ao encontrar-me na posição de governante, encheu-se de uma ira incontável. Deduziu que eu bloqueara a entrada da caverna com uma pedra para impedir que ele saísse vivo de lá e que buscara deliberadamente a posição que me fora imposta.

“Decidido a vingar-se de mim, começou a tratar-me como o mais reles dentre os reles e a me atribuir a responsabilidade pela menor falha ou deslize. Privou-me de todos os poderes e funções e olhava para mim como se eu fosse menos do que um serviçal da

³⁵ Sai Baba parece estar se referindo, nesse diálogo, às três maneiras pelas quais o Divino, um *guru* ou um santo podem conferir a sua graça: por meio da visão (*darshan*), do toque (*sparshan*) e da conversação (*sambhashan*). (N. T.)

³⁶ Disciplina espiritual que consiste na repetição constante de um mantra ou de um dos Nomes do Senhor. (N. T.)

sua casa. Expulsou-me da residência da minha família e levou a minha esposa, colocando-a sob a sua custódia.

“Um dia, determinado a destruir-me, lutou ferozmente comigo. Não pude fazer frente à sua valentia; por isso abandonei Kishkindha e refugiei-me aqui. Vali insistiu em que os meus apoiadores e amigos não ficassem para trás; então eles se juntaram a mim neste lugar. A minha esposa envidou todos os esforços para me seguir, mas Vali não permitiu que partisse, apesar de todas as suas tentativas. Tratou-a como se fosse a sua própria esposa.” Lágrimas afloravam aos olhos de Sugriva enquanto ele relatava a sua triste história.

Rama consolou-o e se solidarizou com a sua situação, assegurando-lhe, mais uma vez, que o protegeria do perigo e o guardaria contra o mal. Sugriva respondeu: “Tenho vivido ao desamparo nesta montanha porque é o único lugar aonde o meu vingativo irmão Vali não pode ir. Um sábio lançou sobre ele uma maldição que efetivamente o impede de entrar nesta região; se assim não fosse, eu teria morrido nas suas mãos há muito tempo”.

A maldição lançada sobre Vali

Rama perguntou: “Amigo, como ele foi amaldiçoado?” Sugriva respondeu: “Mestre! Dundubhi, o irmão de Mayavi, era um poderoso herói. Ninguém podia igualá-lo em valor e força física. Ele se divertia em confrontos com montanhas e com o mar pelo simples prazer de demonstrar o seu poder! Certa vez, quando exultava com as suas ousadas façanhas diante de um pico de montanha que reduzira a pó, ouviu uma voz invisível que o avisava: ‘Dundubhi! Não permita que o seu ego infle tanto! Cuidado! Existe alguém mais poderoso que você. Ele passeia alegremente às margens do lago Pampa³⁷, exibindo a sua liderança e afirmando o seu poder. O seu nome é Vali’.

“Ao ouvir aquelas palavras, Dundubhi transformou-se em um gigantesco búfalo e correu para Kishkindha, onde ficava o lago Pampa. Rasgou a terra com os chifres e abriu caminho mugindo através de montanhas e vales, alardeando com orgulho e arrogância o seu poder invencível. A sua fúria tornava-se mais selvagem a cada passo; ele espalhava terror ao seu redor. Quando fincava os chifres na terra, enormes árvores eram arrancadas pela raiz. A sua ferocidade abalava todos os corações.

“Vali percebeu quando ele invadiu a sua região, como Rahu se aventurando a engolir a Lua. No mesmo instante investiu contra ele, e os dois inimigos de estranha aparência batalharam pela vitória como elefantes selvagens engalfinhados em um combate mortal. A luta durou mais de seis horas. Finalmente, Vali aplicou um golpe fatal em Dundubhi, que cambaleou de dor e caiu morto, qual o pico de uma montanha que rola por terra durante um violento terremoto. O impacto da sua queda foi tão perturbador que árvores gigantes cas tombaram no chão junto com ele!

“Vali ficou tão embriagado pelo sucesso que partiu o cadáver em dois e jogou as metades à distância, uma em direção ao sul e a outra em direção ao norte. Contudo, uma massa sanguinolenta de carne e ossos caiu sobre um eremitério, derramando uma chuva de sangue sobre a área sagrada e poluindo ascetas que se achavam tranquilamente envolvidos em meditação e na recitação de hinos sagrados. Era o eremitério do grande santo Matanga, que tinha ido até o rio para o seu banho ritual. Ao

³⁷ Lago considerado sagrado pelos hindus, situado no atual estado de Karnataka, no Sul da Índia. (N. T.)

retornar, notou gotas de sangue por toda parte e logo se viu perto da metade do cadáver de um monstro aterrador.

“Matanga não conseguiu se conter. Os seus discípulos e alunos, ansiosos por ser banhados em bem-aventurança, estavam banhados em sangue. A sua tolerância chegou ao fim. Hesitou por um momento, perguntando-se quem ousaria cometer tal pecado. Sem poder refrear a sua ira, que não permitiu que ele olhasse para trás ou perscrutasse o futuro, proferiu uma terrível maldição: ‘Se Vali, aquele pecador perverso, se aproximar desta montanha ou mesmo lançar os olhos sobre ela, que a sua cabeça seja partida em dois!’

“Apavorado com a maldição, Vali afastou-se desta montanha, da qual não pode se aproximar e nem mesmo olhar para ela. Eis por que vivo aqui, livre de obstáculos, mas sem a minha esposa, que me foi roubada, e privado dos meus parentes e amigos.” Assim relatou Sugriva a sua situação a Rama, sem nada omitir.

Rama demonstra o seu poder

Perturbado com a história da crueldade de Vali, que há tanto tempo atormentava Sugriva, Rama não conseguiu mais ouvir a respeito de todas as suas atrocidades. Na verdade, ele não tolerava injustiças nem apreciava a descrição de iniquidades. Confortou Sugriva e assegurou-o de que Vali não conseguiria escapar ao castigo por confiar apenas na força física e no poder material, ignorando a força e o poder conquistados mediante a prática da retidão e pela devoção a Deus. Prometeu que, com uma única flecha, faria Vali tombar e poria fim à sua vida perversa, ainda que os quatorze mundos³⁸ se opusessem à realização desse voto.

Disse ainda: “Não lance os olhos sobre a face de alguém que seja indiferente às dores de um amigo ou à absurda vanglória de um inimigo. Não escolha um amigo apenas para obter alguma vantagem passageira, satisfazer um desejo urgente ou entregar-se a um comportamento infame. Amigos devem sentir profundo amor um pelo outro. Aquele que não tem um coração cheio de amor, a mente movida pelo amor ou um rosto iluminado pelo amor só pode ser um mau e indesejável ‘amigo’. Os corações desses falsos amigos são deformados e poluídos. Um servo ardiloso; uma esposa ou um marido ganancioso, avaro e mal-intencionado; um falso amigo – esses quatro tornam a vida dolorosa como se estivesse sendo perfurada por lanças e espetos.

“Portanto, ó Sugriva, não se aflija. Eu o resgatarei até a máxima extensão das minhas capacidades físicas, verbais e mentais. Que importa quão forte é Vali? Você não está ciente da sua própria força; acha-se aturdido com a sua avaliação da força do seu irmão, isso é tudo. É o que está no fundo das suas dúvidas e medos. Bem, talvez deseje ter certeza dos meus poderes antes de desenvolver confiança e coragem. Peça-me para realizar qualquer tarefa para que a sua fé em mim possa criar raízes profundas. Eu demonstrarei a minha força e encherei de coragem o seu coração; depois disso, lutarei com Vali e o destruirei.” Rama acariciou suavemente as costas de Sugriva para induzi-lo a confiar nele e a se libertar do medo e da ansiedade.

Ansioso para ver a destreza de Rama e também por desejar um sustentáculo para a sua fé, Sugriva respondeu: “Rama, certa vez o meu irmão e eu concordamos em testar a nossa força e habilidade em uma fileira de sete gigantescas palmeiras, tentando

³⁸ Segundo os Puranas (textos da literatura sagrada do hinduísmo), existem quatorze mundos, sete superiores e sete inferiores. (N. T.)

derrubá-las uma após a outra com o disparo de uma única flecha que atravessasse todas elas. Derrubei apenas três, mas Vali atingiu cinco e todas rolaram pelo chão. Essa foi a medida máxima da sua capacidade; para derrotá-lo, é necessário ter uma força além dessa extensão. Estou ávido para descobrir se o senhor possui esse poder extra e ver quantas palmeiras consegue derrubar com uma só flecha”.

Sugriva e os seus cortesãos levaram Rama até um lugar onde sete palmeiras colossais enfileiradas perfuravam o céu. Pediram-lhe que tentasse derrubá-las, comentando entre si que, sendo aquelas árvores monstruosas quatro ou cinco vezes maiores que as cinco derrubadas por Vali, Rama devia ser considerado forte bastante para sobrepujá-lo se conseguisse tombar duas delas.

Olhando para aquela fileira, Rama sorriu. Pediu a Sugriva que se aproximasse e falou: “Sugriva, aos meus olhos essas palmeiras são as mais fracas e pequeninas”. Então colocou uma flecha no seu arco e arremessou-a, derrubando todas sete. A flecha ainda carregou as palmeiras tombadas até uma montanha à distância, explodindo pedras pelo caminho!

Sugriva expressa os seus sentimentos

Tomado pela admiração e pela devoção, Sugriva prostrou-se aos pés de Rama, exclamando: “Rama! Uma centena de Valis não poderia ter realizado essa façanha. Sou realmente afortunado. Não tenho mais preocupações na vida, uma vez que conto com a sua amizade! Embora eu esteja afastado de um só Vali, agora tenho Vali multiplicado por cem como o meu mais íntimo camarada! Perdoe o meu erro. Envergonho-me de que a minha estreiteza mental tenha me persuadido a testar os seus poderes daquela maneira.

“Ah, sou realmente afortunado por ser abençoado com a amizade do próprio Deus nesta forma! Hoje terminou a minha história de aflição. No meu coração raiou a esperança de poder recuperar em breve o meu reino. Sinto-me realmente alegre por saber que poderei voltar a viver feliz com a minha esposa e filhos. Só estou em dúvida quanto ao momento e ao tempo que isso levará para acontecer – se dentro de minutos, horas ou dias. Naturalmente, isso depende da vontade e da graça de Rama, e se concretizará no momento que ele determinar.”

Sugriva sabia que somente Rama poderia ajudá-lo e que apenas em Rama devia confiar. Inclinou-se aos seus pés e perguntou: “Rama, a sua vontade e a sua compaixão são o meu único refúgio. Quando pretende pôr fim às minhas dores?”

Erguendo-se novamente, declarou: “Ouça, Rama, por um longo tempo considerei Vali o meu maior inimigo e tremia de medo dele. Agora acho que ele é o meu maior benfeitor. Por temê-lo, estabeleci a minha morada nesta montanha. Estando aqui, pude notar a sua chegada, encontrá-lo e ser abençoado com a sua amizade! Vali é, portanto, a causa raiz de todos esses desdobramentos. Ele é verdadeiramente o meu benfeitor.

“Rama! Lutamos com alguém quando estamos sonhando. Nós o odiamos ao máximo e empregamos todos os métodos para destruí-lo; mas ao acordarmos e nos levantarmos da cama, ficamos sabendo que o ódio e a luta eram falsos e sem fundamento. A sua visão (*darshan*) despertou-me do sonho. Enquanto eu sonhava, sentia ódio por Vali e interpretava todas as suas ações como inimigas; na minha ignorância, lutei contra ele. Agora que vi o senhor e tive o benefício de escutar os seus conselhos, despertei e tornei-me consciente do meu sonho. O toque dos seus sagrados pés transmitiu-me a visão da verdade.

“O meu ódio e inveja, ganância e egoísmo longamente nutridos, a minha inimizade por Vali e os meus planos de vingança – tudo isso me deixava cada vez mais fraco. Eu me achava imerso no meu ardente e único anseio por um momento favorável para acertar contas antigas. Foi essa a austeridade (*tapas*) que me concedeu a sua graça; eu conquistei o senhor, e a minha agonia foi considerada ascetismo, e a minha raiva transformada em amor.

“Senhor, abençoe-me, derrame a sua graça sobre mim. Não tenho mais vontade de recuperar o meu reino. A minha esposa e os meus filhos têm as suas trajetórias marcadas pelo destino. O que posso fazer para mudar o curso dos acontecimentos? Não devo me preocupar mais com eles. Será suficiente para mim se me conceder a alegria de servi-lo e de estar na sua presença pelo resto da minha vida.”

Quando Surgiva suplicou daquela maneira, Rama acariciou-lhe ternamente a cabeça e disse: “Filho, as palavras que profere são verdadeiras. Reinos e poder, alegria e tristeza, raiva e ansiedade, propriedades e privilégios, coisas boas e más – tudo isso é matéria da qual os sonhos são feitos. A proximidade com Deus, o Princípio de Deus em você, apenas isso é real. Mas lembre-se, o meu voto, a minha palavra jamais se revelará falsa. Não importa o que aconteça, eu lhe concederei o reino. Você não poderá escapar da responsabilidade de governá-lo nem fugir da luta com Vali, que deve ocorrer amanhã. Vamos, prepare-se”.

O combate entre Vali e Sugriva

Armados com arco e flecha, Rama e Lakshmana avançaram, tendo Sugriva ao seu lado. Hanuman e os demais tiveram autorização para permanecer na residência na montanha. Ao longo do caminho, Sugriva foi recebendo as instruções necessárias; finalmente, Rama ordenou-lhe que prosseguisse e lançasse um brado de desafio em frente ao portão principal da cidade. Obedecendo à sua ordem, ele se pôs de pé diante da cidade de Kishkindha e gritou tão ferozmente que as paredes do forte trepidaram e a terra estremeceu de medo. Assim que aquele brado chegou aos seus ouvidos, Vali ergueu-se da cama tal qual uma cobra quando é pisada. Sabia que era Sugriva quem o desafiava e saiu pronto para lutar e fazê-lo bater em retirada.

Tara, a esposa de Vali, agarrou-lhe os pés e lembrou-lhe as palavras proferidas pelo seu próprio filho alguns dias antes: “Senhor, os irmãos que buscaram a ajuda de Sugriva não são homens comuns; são dotados de assombrosos poderes. Ele permaneceu escondido durante todo esse tempo e surge agora com renovada confiança e coragem. Atreveu-se até a desafiá-lo. Ele não se arriscaria a fazer isso sem ponderar as consequências. Deve ter se convencido das capacidades deles e recebido a promessa do seu auxílio. Os príncipes Rama e Lakshmana possuem poderes divinos. Não é auspicioso que entre em combate contra eles”.

Ao ouvir as suas patéticas importunações, Vali explodiu em uma risada zombeteira e exclamou: “Mulher covarde! Dizem que Rama possui equanimidade. Se isso for verdade, certamente nos contemplará a ambos com os mesmos olhos. Além do mais, eu não lhe fiz nenhum mal, fiz? Mas se, apesar disso, Rama me matar... Bem, nesse caso acreditarei que o meu nascimento e os meus anos de vida terão valido a pena!”

Tara, por um lado, ficou feliz por ele entreter tal perspectiva; por outro, não conseguia nem por um momento conceber a ideia da separação do seu senhor. Argumentou, então: “Senhor! A objeção de uma mulher é considerada um mau presságio. Não aceite irrefletidamente o desafio”.

Vali, no entanto, desconsiderou todos os seus apelos. “Quando a batalha chama, ninguém se importa com presságios; ou o inimigo morre ou a própria vida da pessoa termina”. Assim dizendo, afastou Tara para o lado e, rugindo com fúria aterradora, correu para a entrada principal do forte, onde avistou apenas Sugriva. Saltou sobre ele e ambos começaram uma árdua luta com os punhos, esmurrando-se mutuamente. Sugriva não conseguiu resistir àquela saraivada de ferozes golpes. Com muitos chutes e puxões, Vali causou-lhe dor tão angustiante que ele terminou por fugir, derrotado pelo irmão, que voltou exultante para o forte, dando tapinhas nas coxas.

Rama e Lakshmana seguiram o fugitivo. Quando chegaram ao retiro na montanha, Sugriva caiu aos pés de Rama, o coração pesado sob o fardo do desapontamento, do desespero, da dor e do medo, e disse: “Senhor, não entendo por que me causou essa desgraça. Entrei nesta aventura agarrado à imensa esperança de que o senhor viria em meu socorro. Durante todo aquele tempo aguardei o momento em que a sua flecha atingiria Vali e o aniquilaria, porém isso não aconteceu. Não pude suportar o impacto daqueles socos; por essa razão tive que tomar o caminho vergonhoso da fuga pela sobrevivência. O meu irmão é um lutador poderoso; não pude aguentar os seus golpes”.

Rama consolou-o, dizendo: “Sugriva! Não se aflija; ouça os motivos: vocês são tão parecidos, tão indistinguíveis um do outro, tão semelhantes na aparência e nas conquistas que não consegui mirar nele corretamente”. Aquelas palavras possuíam um profundo significado interno, o de que Vali era igualmente dedicado aos pés de Rama. “Ele também é meu devoto e tem ansiado pela minha graça tanto quanto você”, acrescentou Rama.

Não conseguindo captar o significado oculto daquela declaração, Sugriva suplicou: “O senhor, que tanto sabe, não pôde distinguir quem era Vali e quem era Sugriva? Não entendo o motivo pelo qual não foi capaz de fazer isso. Não consigo acreditar nas suas palavras. Talvez quisesse que eu demonstrasse ao máximo a minha capacidade. Se essa era a sua intenção, eu poderia tê-la considerado desde o início, mas estava realmente tão confiante em que o senhor provocaria a queda de Vali que entrei na luta com ânimo bem leve e despreocupado”.

Rama trouxe o abatido e desalentado Sugriva para perto de si e reconfortou-o abundantemente. Passou a mão divina sobre o seu corpo, e a dor desapareceu em um piscar de olhos; as feridas e contusões foram instantaneamente curadas. Impressionado e surpreso, Sugriva exclamou: “Rama! A sua mão pode realizar qualquer coisa; ela contém tudo. Criação, preservação, destruição – todas três estão subordinadas à sua vontade. Já não tenho desejo de governar este reino. Tal alegria não é absolutamente nada, comparada com a que a sua graça pode conferir”.

Sem dar atenção ao que ele dizia, Rama respondeu: “As suas palavras são apenas reflexos da passagem dos seus pensamentos. Você falou dessa maneira quando teve uma visão do meu poder e da minha glória. Não atribuo a tais palavras muito valor porque dou mais importância aos sentimentos que surgem do coração. Muitos grandes devotos se esquecem de tudo quando experimentam o jogo divino³⁹ e o supremo poder de Deus e acreditam que não existe nada superior a Ele. Contudo, após algum tempo ou quando os seus anseios mentais não frutificam, passam a acalantar dúvidas até mesmo em relação ao que experimentaram ou viram! Esses são os véus que escondem a verdade e as cortinas que a distorcem nas mentes daqueles cuja fé é fraca. Sei como

³⁹ Essa expressão se refere aos feitos milagrosos e inexplicáveis de um *avatar*, e também ao Jogo Divino da Existência, concebido como uma peça teatral na qual cada criatura é um ator e Deus é o diretor. (N. T.)

tudo isso acontece; portanto não dou muito valor a tais sentimentos. Você precisa se preparar para enfrentar novamente o seu irmão”. E assim Rama obrigou Sugriva a entrar na peleja.

Sugriva não tinha nenhuma disposição para lutar, mas estava certo de que dessa vez Rama cumpriria a sua promessa e mataria Vali; então avançou com coragem e confiança no coração. Rama colheu algumas flores silvestres e amarró-as como uma guirlanda, que pôs no pescoço de Sugriva. O significado desse gesto é o seguinte: como Vali já dissera a Tara, Rama considerava a todos como iguais, e era essa visão de “igualdade” que o impedia de matar Vali. “Agora coloquei essa guirlanda de flores ao redor do pescoço de Sugriva para mostrar que o meu amor por ele é maior e, sendo assim, posso com justiça tratar Vali de maneira diferente. A guirlanda extra de Sugriva indica que ele porta o símbolo do amor divino. O amor não precisa de razão para fluir; ele não provém de um impulso egoísta”, disse Rama.

Encorajando-o e fazendo-o sentir-se cheio de heroísmo, Rama e Lakshmana persuadiram Sugriva a lançar novamente o seu grito de desafio em frente ao portão do forte de Vali. Eles se esconderam atrás de uma árvore próxima. Quando Vali correu para fora, ansioso pelo combate, e a terra tremeu sob o peso do seu impacto, Sugriva assustou-se. Com todo o seu coração, rogou a Rama para vir logo em seu socorro e avançou para enfrentar o inimigo. Dessa vez, para justificar as próprias conquistas e capacidades, lutou com o máximo da sua habilidade. Quando lhe faltaram as forças e surgiram nele os primeiros sinais de exaustão, chamou “Rama!” apenas uma vez.

Rama mata Vali, o seu devoto

Rama tem como a sua tarefa favorita a guarda dos seus devotos. Então, ao ouvir o chamado, pôs uma flecha no arco e atirou-a diretamente no orgulhoso coração de Vali, que girou ao redor de si mesmo, impotente, até tombar pesadamente no chão. Naquele momento, Rama aproximou-se dele e concedeu-lhe a sua divina visão. Mesmo atingido mortalmente pela flecha, Vali ergueu-se e assumiu uma postura sentada. Ele era incomparavelmente forte e corajoso! Com as palmas unidas, fitou longamente aquela tez azul como uma nuvem e aqueles olhos de pétalas de lótus e derramou copiosas lágrimas de êxtase e de enlevo.

Mal podendo conter a sua felicidade, exclamou: “Ó Rama! Sendo uma encarnação tão divina e auspiciosa da beleza, sendo o próprio Senhor de toda a Criação, por que realizou um ato tão questionável? Se tivesse apenas me avisado e depois me matado, eu me sentiria extremamente feliz em morrer. Teria eu me recusado a lhe prestar o serviço que Sugriva podia fazer? Não, não. Existe alguma razão justificável para esse ato, pois o próprio Senhor jamais assume uma tarefa sem um motivo justo. Observada de fora, ela pode parecer contrária à nossa ideia de divindade; entretanto, sob a perspectiva da visão interna, torna-se evidente o fato de que é baseada na Verdade.

“Sei que as ações do Senhor não devem ser interpretadas do ponto de vista mundano comum. Ele está acima e além dos atributos (*gunas*) que limitam e regulam a conduta humana; os Seus atos, portanto, só podem ser entendidos corretamente quando vistos de uma perspectiva não afetada pela emoção, pela paixão ou pelo preconceito. Somente com perfeita equanimidade se obtém o entendimento de atos realizados com perfeita equanimidade. Quem é influenciado por características e atributos naturalmente verá apenas características e atributos análogos, ainda que estes estejam ausentes!”

Vali era dotado de um intelecto muito claro; por isso argumentou: “Rama, conheço muito bem a sua destreza e habilidade. Com uma única flecha, pode destruir não somente este Vali, mas o Universo inteiro, e também criá-lo novamente. Mesmo assim, desejo saber do senhor que pecado por mim cometido o levou a me matar. Por favor, aponte-me o erro pelo qual fui responsável. O senhor veio à Terra na forma humana a fim de restabelecer a retidão, não foi? Qual é, então, o significado e o propósito de se esconder atrás de uma árvore, como um caçador comum, para me eliminar?”

Bondosamente, Rama sentou-se ao lado do moribundo e explicou: “Vali! Você sabe que os meus atos não são motivados por fins egoístas. Abandone a noção equivocada de que busquei e assegurei a amizade de Sugriva com o objetivo de descobrir o paradeiro de Sita. Ora, você mesmo acabou de dizer que assumi esta forma humana com o propósito de restabelecer a Retidão na Terra! Responda-me agora: se eu me limitasse a testemunhar as suas ações erradas, injustas e perversas, chamaria isso de quê? De serviço ou de desserviço ao mundo? De justo ou de injusto? A esposa do irmão, a irmã e a nora – todas três ocupam uma posição equivalente à de uma filha. Lançar olhares pecaminosos sobre elas é tornar-se um pecador abominável; e não é pecado matar um pecador como esse.

“Quão injusto foi você ao deduzir que Sugriva fechara a entrada da caverna com a intenção maléfica de eliminá-lo! Você havia dito que sairia ao término de quinze dias, no máximo, e lhe pedira que o aguardasse ali até então. Ele, no entanto, esperou ansiosamente por você durante um mês inteiro! Finalmente, quando o cheiro de sangue lhe penetrou as narinas, afligiu-se porque o ogro matara o seu irmão. Hesitou em entrar na caverna, pois certamente não seria páreo para o monstro que o aniquilara. Quando colocou a pedra na entrada da caverna, o seu intuito era impedir a saída do ogro, certificando-se de que ele permanecesse confinado ali dentro. Depois os cidadãos o pressionaram para assumir o reinado e ele teve que anuir aos seus desejos.

“Que crime cometeu Sugriva ao agir daquela forma? Você não parou para investigar a respeito. Ele jamais desobedeceu às suas ordens e diretrizes, por minimamente que fosse, pois o amava e reverenciava. O seu irmão segue estritamente o caminho da Verdade. Mas você, sem absolutamente nenhuma razão, guardou no coração um sentimento de vingança contra ele. Em seu orgulho e arrogância, banuiu-o para a floresta. E, quando o expulsou, devia ter permitido que a esposa dele o acompanhasse, mas preferiu escolher para sua própria esposa uma pessoa que devia ter tratado como filha. Não considera isso um pecado? Não existe pecado mais abominável que esse.

“Além disso, você ocupa a posição de governante desta região. Deve proteger e cuidar dos seus súditos. Como poderá punir aqueles que cometerem crimes se você se deleita em praticar o mesmo crime? ‘Tal é o rei, tais são os súditos’, diz o provérbio. O povo será como os seus governantes. Consequentemente, o que fez se torna ainda mais hediondo e reprovável, não é?” Assim Rama, com o seu infinito amor, esclareceu Vali sobre os crimes e pecados que ele cometera.

Vali escutou atentamente e refletiu sobre o que ouvira. Finalmente percebeu o seu erro e disse: “Senhor! A minha inteligência falhou em levá-lo a declarar corretos os meus atos. Agora ouça-me! Não sou de forma alguma um pecador. Se fosse, como poderia ter sido atingido por uma flecha disparada pelas próprias mãos do Senhor, e como poderia passar os meus últimos momentos contemplando a face da Divindade e ouvindo a Sua doce voz?”

Rama ficou imensamente satisfeito com aquelas palavras, proferidas com tanta sabedoria das profundezas do amor, da devoção, do júbilo e da dedicação. Então, desejando anunciar ao mundo o genuíno espírito de renúncia que Vali possuía no coração, falou: “Vali, eu lhe restituirei a vida e o libertarei do fardo da velhice e da senilidade. Venha, tenha o seu corpo de volta”. Assim dizendo, colocou a mão sobre a cabeça de Vali.

Entretanto, mesmo enquanto Rama o abençoava, ele interveio com uma súplica: “Oceano de Compaixão, ouça o meu apelo! Apesar das tentativas feitas ao longo da vida, não podemos evitar a morte quando o alento nos abandona. Em tal momento, nem mesmo os sábios do mais elevado conhecimento têm o Nome do Senhor na língua! Assegurei uma boa sorte ímpar aqui e agora, quando pronuncio o seu Nome, vejo a sua Forma, toco os seus pés e ouço as suas palavras. Se eu perder essa oportunidade, deixando-a escapar, quem poderá dizer quanto tempo terei que esperar por ela novamente? Continuando a respirar, que grande realização conseguirei? Não, não desejo viver mais.

“Senhor! Mesmo os Vedas, a fonte de todo o Conhecimento, falam a seu respeito dizendo apenas: ‘Isto não, isto não’⁴⁰; e nessa linha prosseguem até que finalmente declaram: ‘Aquilo, Aquilo’. Eu tenho ‘Aquilo’ agora ao meu alcance. Devo deixá-lo escapar? Existirá neste mundo algum tolo que desistiria da árvore divina que realiza todos os desejos, e que está ao seu alcance, por causa de uma erva daninha? Este Vali – nascido de uma resolução mental do próprio Brahma, dotado de força física e intelecto aguçado e reconhecido por essas qualidades – não pode ceder à tentação de se apegar ao corpo como se ele fosse real e valioso. Não! Se eu ceder, tornar-me-ei alvo de infâmia. Por que me alongar mais? Quando não se está satisfeito consigo mesmo, que importam outros tipos de satisfação?

“Senhor! Como resultado do seu *darshan* e das suas palavras, superei todo o sentido de dualidade e de separação. E, além de todo o resto, obtive a visão do Um. O volume das ‘consequências’ dos meus pecados foi destruído. Deixe o corpo que suporta a carga de tais consequências ser destruído junto com elas; não permita o surgimento de outro corpo para suportar esse fardo.”

Após afirmar a sua determinação de parar de respirar, Vali chamou o filho até a sua presença e disse: “Até o momento este rapaz cresceu como o filho nascido da luxúria deste corpo. Ele é forte, virtuoso, humilde e obediente. Agora desejo que o senhor cuide dele como um filho merecedor do seu amor. Ponho-o nas suas mãos”. E, com essas palavras, colocou as mãos do filho sobre as de Rama.

Rama trouxe Angada, o filho de Vali, para junto de si e abençoou-o com imenso amor. Satisfeito com a aceitação, Vali verteu lágrimas de alegria. No momento da morte, os seus olhos lentamente se fecharam, fixos na divina face diante deles. Por acaso um elefante toma conhecimento das flores que caem da guirlanda ao redor do seu pescoço ou se preocupa com elas? Com a mesma despreocupação, Vali permitiu que o alento, pouco a pouco, o abandonasse.

Rama consola Tara

⁴⁰ Em sânscrito, *neti neti*, expressão usada no processo védico de investigação que consiste em negar as irrealidades para finalmente descobrir Aquilo que é verdadeiramente real: Brahman, a Realidade Suprema, que está além de toda e qualquer descrição. (N. T.)

Entristecidos, os habitantes da cidade de Pampa reuniram-se em grupos assim que ouviram as notícias da morte de Vali. Ao chegar ao local, acompanhada da sua comitiva, Tara, a esposa de Vali, debruçou-se sobre o corpo do marido e perdeu a consciência. O seu lamento cheio de angústia era tão pungente que pedras se derreteram em solidariedade. Quando, a intervalos, ela recobrava a consciência, olhava para o rosto do seu senhor e se dirigia a ele, gritando com imensa dor: “Apesar de todos os meus protestos e argumentos para detê-lo, o senhor correu em direção a essa desgraça. A esposa deve sempre estar atenta à segurança e à felicidade do seu senhor. Não existe ninguém mais preocupado com o bem-estar do marido que a esposa. Outros, por mais eminentes que sejam, sempre terão um pouco de egoísmo mesclado aos conselhos que dão.

“Senhor! Devido às artimanhas do destino, o meu conselho não prevaleceu. Como criarei e cuidarei deste filho? Os que o mataram evitarão prejudicar o seu filho? Quem nos guiará agora? Como foi que a sua mente o convenceu a nos deixar e seguir para o outro mundo? Por quem devo continuar a viver?”

Depois, virando-se para Rama, abriu o seu coração: “O senhor enviou para o outro mundo o meu amado senhor, o meu próprio alento. Deseja que nós, que ficamos para trás, vivamos à mercê de estranhos? Será isso um motivo justo de orgulho para um ser nobre e dedicado à conduta correta? Será apropriado? Se não quer o nosso progresso nem aliviar a nossa tristeza, então mate a mim e ao meu filho. A flecha que aniquilou o poderoso herói não vacilará diante de uma mulher fraca e de um rapazinho. Nós nos juntaremos a ele na sua jornada”. E abaixou-se aos pés de Rama, chorando em inconsolável aflição.

Rama respondeu: “Tara, por que chora assim? Você é uma esposa heroica. Não se comporte desse modo, pois isso traz infâmia à sua condição. Fique calma; controle-se. O corpo é temporário, é desprezível. O próprio Vali considerou-o vil! O colapso, o fim do corpo é algo que pode acontecer a qualquer momento; não se pode evitá-lo. Ele é apenas um instrumento para se atingir a meta suprema. Se não se mantiver em vista esse objetivo e alcançá-lo por meio do corpo, este não passará de um pedaço de carvão cujo destino é o fogo.

“É tolice lamentar-se por Vali como se ele fosse este corpo que está aqui. Você chora, então, pelo *Atma* que estava neste corpo? O *Atma* é eterno; não pode morrer nem decair, não pode diminuir e tampouco se desintegrar. Somente aqueles que não compreenderam o Princípio do *Atma* sofrem com a ilusão de que eles próprios são o corpo. Sem essa compreensão, até os mais instruídos são levados ao engano. É ‘ignorância’ uma pessoa estar apaixonada pelo corpo como se este fosse ela mesma. Tornar-se consciente do *Atma* – consciente daquilo que ela realmente é – isso é ‘sabedoria’. Obter o Conhecimento do *Atma* é tão valioso quanto a boa sorte de se encontrar um diamante no meio da poeira. O *Atma* é a pedra preciosa incrustada nessa massa de carne. O corpo carrega urina, fezes, maus odores e sangue ruim; é importunado por pragas e problemas. Não se pode deter a sua decadência; ele deve perecer um dia. O que o justifica é a conquista que se pode obter por meio dele. Essa é a coroa da vida humana.

“Por meio do corpo, o seu marido alcançou muitas vitórias heroicas e honradas. Enquanto governou este reino, protegeu e apoiou os seus servos e fiéis seguidores como se fossem o seu próprio alento. Destruiu os demônios. Tinha profunda devoção a Deus. No entanto, infligiu danos ao irmão – o único pecado que cometeu e cuja consequência

foi a morte pelas minhas mãos. Acredite, portanto, que até desse pecado ele foi purificado. Agora você não tem mais motivos para se afligir.”

Quando Tara ouviu aquelas palavras de conselho e consolo, a sabedoria raiou na sua mente e ela se acalmou. Rama disse, então, que não deveria haver mais demora. Pediu a Tara que regressasse e que os ritos fúnebres de Vali fossem celebrados por Sugriva, a quem recomendou que criasse Angada com carinho e amor.

A busca por Sita é protelada devido ao mau tempo

Quando os ritos terminaram, Rama enviou Lakshmana à capital e Sugriva foi instalado no trono. Hanuman e outros também entraram na cidade e, como amigos e seguidores, o auxiliaram a desempenhar com sucesso a missão de conduzir o reino. Assim que assumiu as rédeas da administração, Sugriva reuniu os anciãos e os líderes da comunidade e ordenou-lhes que tomassem todas as providências adequadas para a busca e descoberta do paradeiro de Sita e que iniciassem todas as etapas necessárias para esse fim.

Sugriva, porém, não se sentia feliz por haver se tornado o governante e ter sido honrado com tal responsabilidade; ao contrário, estava triste e taciturno por haver sido a causa da morte do irmão. “Infelizmente, a ira leva à perpetração dos mais terríveis pecados. Ela gera o ódio e assassina o amor. Que vergonha para mim! A que profundezas caí ao permitir que a raiva e o ódio penetrassem no meu coração!

“O meu coração está despedaçado de angústia pelas palavras de adoração que o meu irmão dirigiu a Rama. Nunca percebi, nem mesmo em sonhos, que Vali tinha tanta devoção e dedicação a ele. Ah! A sua sabedoria era ilimitada, mas a sua ira inflamada não permitiu que ela se expressasse! Sim, a raiva suprime o divino em nós. A luxúria e a cólera arrastam a vida para o desastre.”

Embora muito deprimido por esses pensamentos, Sugriva aprendeu com Lakshmana as diretrizes da governança; depois suplicou a Rama que entrasse na cidade e abençoasse a ele e aos seus súditos. Rama, entretanto, respondeu que devia viver apenas nas florestas, sem entrar em nenhuma vila ou cidade; caso contrário, estaria desobedecendo ao desejo do pai.

Sugriva realizou uma conferência de líderes e anunciou que, uma vez que estavam no final do verão e as chuvas eram iminentes, as tropas dos macacos teriam muita dificuldade em se locomover no frio e durante as tempestades. Sugeriu, então, que a missão de procurar Sita tivesse início assim que terminasse a estação chuvosa. Apresentou a sua sugestão a Rama e a Lakshmana. Compreendendo que as alegações de Sugriva eram verdadeiras, Rama concordou, e os irmãos se retiraram para a montanha Rishyamuka, onde passaram a residir.

Logo começaram as chuvas, que caíam do céu aos cântaros sobre cada centímetro quadrado de terra! Até mesmo conseguir tubérculos e frutas em tempo hábil para o sustento tornou-se uma tarefa árdua para Lakshmana. Eles não conseguiam sair do seu abrigo no ermitério e mal se podia ver a luz do Sol. Rama aproveitou esse período para ministrar valiosos conselhos ao irmão. “Lakshmana”, dizia, “quando nasce uma criança perversa, o código moral é aviltado; quando um ciclone inicia a sua trajetória, as nuvens tremem de medo. A companhia dos maus é o prelúdio do desaparecimento da sabedoria, enquanto a companhia dos bons a faz florescer.” Assim passavam os dias, aprendendo e ensinando questões referentes à sabedoria e à sua aquisição e preservação.

5. SUCESSO NA BUSCA

Finalmente as chuvas pararam e a estação do outono (*sarad*) raiou no mundo. O solo brilhava, coberto por um resplandecente tapete verde. A grama brotou por toda parte e logo a terra se enfeitou com uma vestimenta floral multicolorida. Assim como a cobiça enfraquece quando a alegria aumenta, as águas evaporaram quando a estrela Agastya⁴¹ despontou no firmamento. Assim como a mente se torna pura e translúcida quando o desejo e a ilusão desaparecem, os rios tornaram-se claros e límpidos.

Rama disse a Lakshmana: “Irmão, é hora de avisarmos Sugriva”. Lakshmana acatou a ordem e pediu a Hanuman, visitante diário do eremitério, que lembrasse a Sugriva a tarefa prometida. Sendo bastante diligente e estando ansioso para cumprir as ordens de Rama, Hanuman avisou Sugriva com muita rapidez e eficácia.

Sugriva reuniu os líderes das hostes de macacos e iniciou os preparativos. A todos infundiu a determinação e a coragem necessárias para a execução da missão a eles conferida e, estimulado pela resolução de cumpri-la, enviou-os aos quatro quadrantes. Confiou a liderança geral ao próprio Hanuman, que levou toda a assembleia a gritar: “Vitória!” (*Jai*) a Sugriva e a Rama, o Senhor. Dançando e pulando de alegria, os macacos partiram apressadamente em direção aos seus respectivos caminhos, inspirados por Hanuman e pela santidade da missão.

Dois generais, sendo um deles Sushena, seguiram para o norte. Vasculharam as montanhas Gandhamadana, o monte Sumeru, a montanha Arjuna, a cordilheira Nilagiri e todas as cavernas ali existentes até que finalmente alcançaram as costas do Mar do Norte.

Hanuman dirigiu-se para o leste com um grupo de seguidores, todos igualmente diligentes na busca. Pouco interessados em dormir ou em se alimentar, estavam prontos a oferecer as próprias vidas aos pés de Rama. Desejavam unicamente ter sucesso na tarefa de servi-lo. Desde o menor até o maior, todos possuíam a mesma lealdade e espírito de dedicação. Recitando o Nome “Rama”, “Rama”, “Rama”, esquadriharam todo canto e recesso, cada pico e promontório, toda caverna e enseada, cada vale e margem de rio, pois podiam penetrar em regiões e locais onde pessoas não conseguiriam entrar.

Swayamprabha fornece uma pista

Certo dia chegaram às margens de um grande lago e, avistando uma mulher profundamente envolvida em austeridades, prostraram-se diante dela à distância. Ela abriu os olhos e, vendo que estavam exaustos, lhes disse: “Macacos, vocês parecem muito cansados e com fome. Revigorem-se com estas frutas”, e ofereceu-lhes alimento em abundância. Eles se sentaram ao seu redor e lhe falaram a respeito da missão na qual se achavam empenhados; por sua vez, a mulher declarou que se dirigia ao local sagrado onde estava Rama.

“Ouçam a minha história. O meu nome é Swayamprabha; sou filha de um eminente sábio e amiga de Hema, uma ninfa celestial (*apsara*). Enquanto me dedicava a austeridades, Brahma apareceu à minha frente e perguntou-me do que eu precisava, assegurando-me de que me concederia o que desejasse. Respondi: “Desejo ver Deus

⁴¹ Agastya é o nome dado à segunda estrela mais brilhante visível a olho nu no céu noturno (a primeira é Sirius), e é também como se chama um grande e venerado sábio (*rishi*) indiano. (N. T.)

como homem, movendo-se sobre a Terra!” Ele disse, então: ‘Fique aqui sozinha. No devido momento, um grupo de macacos poderosos chegará a este lugar e, a seu pedido, fará uma parada. Eles lhe contarão a respeito de Rama, que é Deus vindo em forma humana. Mais tarde, você poderá ver o próprio Rama’.

“Ah! Essa dádiva está sendo concedida agora; já se evidenciam dois sinais de que isso está acontecendo. O primeiro é chegada de vocês; o segundo é o seu relato da história de Rama e a informação sobre o local onde ele reside. Sinto-me tão feliz quanto se já tivesse obtido o terceiro, ou seja, a visão (*darshan*) de Rama.”

Imersa em êxtase e deleite ilimitados, a mulher vertia lágrimas de alegria, assim como os macacos, que ficaram profundamente comovidos. Com os olhos fechados, entregou-se à introspecção até que rompeu o silêncio, anunciando: “Macacos! Em uma bela cidade à beira-mar, no centro de um jardim encantador, Sita está sozinha, lamentando consigo mesma o seu destino. Vocês haverão de vê-la, sem dúvida; tenham certeza disso. Prossigam com confiança e coragem”.

Sampati⁴² sabe onde Sita se encontra

Houve um dia, durante a busca, em que os macacos se entregaram ao pessimismo e suspiraram: “Ai de nós! Restam apenas dois dias do período que nos foi dado pelo nosso mestre Sugriva e ainda não encontramos nem sinal de Sita!” Angada e os demais lastimaram a sua sorte e perderam-se no desespero; lágrimas lhes desciam pelas faces. Haviam alcançado o litoral, mas estavam tristes porque nenhum deles podia atravessar o mar para continuar a procurar Sita. Sentaram-se em grupos na areia, consumidos pelo desapontamento.

Jambavan, o velho líder, aconselhou Angada de diversas maneiras: “Por que se aflige? Envidamos os nossos melhores esforços; examinamos todos os lugares sem a mínima negligência em relação ao nosso dever. Não desperdiçamos um único momento na inatividade; não nos preocupamos sequer em comer ou beber. Temos nos empenhado incessantemente na busca por Sita. Sugriva, o nosso mestre e governante, pode não ser testemunha das nossas atividades, mas Rama as está testemunhando – acreditem! – e, portanto, não participará de nenhum castigo que nos seja imposto. Não temos razão para temer a ira de Sugriva. Esta é a tarefa de Rama; sendo assim, vamos realizá-la com o seu Nome em nossa língua e a sua Forma em nossa mente”.

Enquanto Jambavan consolava e reconfortava Angada, um enorme abutre, já envelhecido, pousou na praia a fim de realizar os últimos ritos para o seu falecido irmão e depositar no mar sagrado, em oferenda, água santificada por grãos de sésamo. Os macacos reuniram-se em torno do recém-chegado, perguntando-se se ele seria um demônio (*rakshasa*) que assumira aquela forma. A ave, porém, começou a falar primeiro: “Macacos! O meu nome é Sampati, sou irmão de Jatayu. Abutres que somos, ambos competimos em um voo em direção ao Sol, anos atrás. Não podendo suportar o calor escaldante, o meu irmão voou de volta quando nos aproximávamos do Sol. Um sentimento de orgulho induziu-me a prosseguir; no entanto, à medida que avançava, as minhas asas se queimaram e caíram, e despenquei da imensidão do céu como uma pedra.

“Um sábio chamado Chandrama passava por aquele caminho e viu a minha situação. Sentou-se ao meu lado e, com as suas lições, ministrou-me imensa sabedoria.

⁴² Irmão do abutre Jatayu. (N. T.)

Escutar os seus preceitos fez com que o meu orgulho fosse destruído. Ele me disse: ‘Ó rei das aves, ouça as minhas palavras! Na *Treta Yuga*⁴³ que está chegando, o deus Narayana encarnará em forma humana. Ravana levará a sua consorte para um lugar desconhecido e um exército de macacos (*vanaras*) buscará o seu paradeiro. Quando você avistar aqueles emissários de Deus empenhados na sua piedosa missão, a sua vida se tornará santificada e meritória. Poderá assegurar-se de que isso terá acontecido porque, naquele exato momento, as suas asas crescerão e se fortalecerão. O seu dever será transmitir a eles informações sobre o lugar onde Sita está’.

“Hoje vim a este lugar à beira-mar para celebrar as exéquias do meu irmão Jatayu. Ao vê-los, recordei-me das palavras proferidas por aquele sábio há muito tempo. E, ao recordá-las – vejam! –, elas se tornaram realidade!” Naquele momento, os macacos exclamaram, agitados: “Sampati! Deixe de lado a história da sua vida. O nosso tempo está acabando rapidamente. Vamos, dê-nos logo as pistas que nos levarão ao paradeiro de Sita. Conte-nos o que sabe, diga-nos o que aconteceu a ela!”

Sem perder tempo com pormenores, Sampati principiou a sua narrativa: “Ó macacos (*vanaras*)! Certo dia, quando me afligia uma fome incontrolável, chamei o meu filho Suparna e lhe pedi: ‘Filho! Voe depressa e traga-me algum alimento. Estou velho e faminto, as minhas asas caíram’. Vendo a minha situação, ele voou para a floresta, porém não retornou. A ansiedade que sentia por Suparna suprimiu os tormentos da fome. Finalmente ele apareceu com um pouco de carne de veado. A fome fez com que eu esquecesse o controle natural a um ser sábio; furioso com o excessivo atraso, decidi lançar uma maldição sobre o meu filho.

“Temendo que eu o fizesse, Suparna agarrou-se aos meus pés, implorando: ‘Pai, eu não perdi um único momento enquanto estava fora; por favor, ouça a minha súplica. Perdoe-me pela demora, que foi inevitável’. E pôs à minha frente a carne de veado. Após saciar o apetite, pedi-lhe que me contasse a causa do atraso.

“Ele explicou: ‘Quando voava para a floresta, avistei um ser com vinte mãos e dez cabeças passando em alta velocidade. Com ele havia uma mulher de indescritível beleza, que chorava e se lamentava de maneira comovente. Ataquei-o, sabendo que era um monstro, e a vi dentro da carruagem. Ela gritava apenas um nome: ‘Rama! Rama! Rama!’ Nenhuma outra palavra saía da sua boca. As minhas vãs tentativas para detê-lo e salvar aquela mulher foram a causa da minha demora’.

“Ao ouvir as suas palavras, senti-me terrivelmente envergonhado por haver perdido as minhas asas e envelhecido. A tristeza me oprimia. Suspeitando que se tratasse de um demônio (*rakshasa*), perguntei ao meu filho que direção havia tomado o monstro de dez cabeças. A sua resposta foi: ‘ele seguiu em direção ao sul’.

“Imediatamente exclamei: ‘Ai de mim! Esse monstro é o mesmo Ravana mencionado pelo sábio, e a mulher é Sita, a Mãe Divina! Não pode haver dúvida a esse respeito. Aquele monstro a roubou como se fosse um cão ou uma raposa e agora está fugindo com a sua presa’. Rangi os dentes de raiva. O que mais podia fazer?”

⁴³ Segundo a antiga tradição hindu, cada ciclo cósmico (*kalpa*) se divide em mil ciclos de quatro eras ou idades (*yugas*), classificadas com base nos atributos mentais predominantes: *Krita Yuga* ou *Satya Yuga* (Idade do Ouro), *Treta Yuga* (Idade da Prata), *Dvapara Yuga* (Idade do Bronze) e *Kali Yuga* (Idade do Ferro), a era atual. À medida que elas se sucedem, há um crescente declínio da retidão (*dharma*), da sabedoria e da virtude, assim como da capacidade física e intelectual e da longevidade do ser humano. (N. T.)

Assim explicou Sampati o que ocorrera e o que sabia sobre o incidente, concluindo: “Eu aguardava a chegada do exército de macacos (*vanaras*), tal como o sábio havia me dito. Ficava diariamente à espera de que passassem pelo meu caminho. Hoje a minha prece foi atendida, e a minha vida santificada”. Em seguida, anunciou: “Ó macacos! A cidade de Lanka, repleta de jardins e parques encantadores, está situada no monte dos Três Picos, à beira-mar. Ali, no bosque denominado Ashokavana⁴⁴, se encontra Sita, lamentando o seu destino. Ela aguarda a sua chegada; sendo assim, avancem em direção ao sul”.

Angada perguntou à ave como viera a saber que Sita estava em Ashokavana, lastimando o seu infortúnio. Sampati respondeu que a visão de um abutre abrange uma extensão de aproximadamente 400 *yojanas*⁴⁵ e que, se não fosse pelas limitações devidas à idade, ele certamente os ajudaria ainda mais na sua missão.

O problema seguinte seria cruzar o oceano! Sampati declarou: “Ó macacos! A tarefa que Rama lhes atribuiu poderá ser bem sucedida se houver um dentre vocês com a força e a habilidade para transpor de um salto uma distância de cerca de cem *yojanas*”. Enquanto assim falava, as suas asas cresciam e se agitavam um pouco. Já era capaz de saltar uma pequena distância e, em pouco tempo, conseguia efetivamente voar. As palavras do sábio tinham se revelado verdadeiras. Sampati estava maravilhado com a recuperação das suas asas.

O abutre, então, continuou: “Ó bravos heróis macacos! Para cumprir a ordem de Rama, vocês se empenharam com grande eficiência e entusiasmo, sem mesmo permitir que a fome e a sede dificultassem os seus esforços. Evidenciaram fé inabalável e profunda devoção. Frequentemente arriscaram as suas vidas enquanto estavam envolvidos na busca. A tarefa de Rama está sendo cumprida por vocês. É ele quem lhes está conferindo resistência e força.

“O seu dever agora é contemplá-lo e orar a ele de todo o coração. Quando o fizerem, poderão infalivelmente avistar Sita e contentar Rama. Com a sua graça, poderão facilmente transpor de um salto o oceano, vê-la e trazer alegria ao coração de Rama. A alegria que levamos ao coração de Deus é a única realização meritória. O que dizer de vidas que não oferecem esse presente a Deus? Só têm valor aqueles que vivem conforme as diretrizes estabelecidas por Deus e que realizam o Seu desejo por meio das ações praticadas. Os demais são estéreis e fúteis; limitam-se a consumir alimento precioso e a se mover por aí, sobrecarregando a Terra.” Com essas palavras, Sampati bateu as asas e voou para longe.

Ao observá-lo voando alto, os macacos ficaram agradavelmente surpresos com a repentina recuperação dos seus poderes. Constataram que a repetição do Nome de Rama pode conseguir o impossível – como diz o ditado, os mudos podem falar, e os coxos galgar colinas. Desprovido das suas asas, Sampati somente poderia recuperá-las e voar pelo céu mediante a graça conquistada pela recitação do Nome de Rama. As suas palavras fizeram com que os macacos pudessem enxergar e reconhecer as coisas corretamente.

⁴⁴ A palavra sânscrita *vana* é “bosque” em português, e *ashoka* é o nome de uma pequena árvore perene considerada sagrada na Índia e no Sri Lanka (antigo Ceilão), muito apreciada por sua bela folhagem verde-escura e cachos de flores coloridas e perfumadas. (N. T.)

⁴⁵ Unidade de medida védica de distância usada na Índia Antiga. Entre os eruditos não há um consenso em relação a quantos quilômetros ou a quantas milhas (unidades de medida modernamente usadas) equivaleria um *yojana*. Ao longo dos séculos essa equivalência parece ter variado entre aproximadamente 6 e 13 quilômetros. (N. T.)

Quem saltará sobre o oceano?

Os líderes dos macacos puseram-se a avaliar a sua força e capacidade de saltar. Jambavan dirigiu-se a eles, dizendo: “Amigos, a velhice me sobrepujou; a minha habilidade e força declinaram. Mas, de alguma forma, estimulado pelo júbilo que sinto em cumprir as ordens de Rama e encorajado pelas suas bênçãos, até agora tenho sido capaz de permanecer e de me locomover com vocês. Quando o Senhor encarnou como Vamana⁴⁶ e assumiu a Sua forma de Trivikrama, eu me achava na plena posse do meu vigor e inteligência e na melhor fase da vida adulta”.

A essas palavras, os macacos reuniram-se em torno de Angada, o príncipe herdeiro do seu reino, e lhe imploraram: “Ó príncipe, encontre alguma solução viável; decida quem dentre nós deve tentar saltar sobre o oceano”. Angada, então, convocou uma grande assembleia com todos eles e anunciou que gostaria de saber qual a capacidade de cada um para esse empreendimento.

Vikata levantou-se e disse: “Consigo saltar no máximo até trinta *yojanas*”. Nila declarou: “Príncipe, eu posso dar um salto de 40 *yojanas*; lamento não ter capacidade para ultrapassar essa distância, nem mesmo em um dedo”. Durdhara ergueu-se e afirmou que poderia facilmente saltar uma distância de 50 *yojanas*. Nala veio à frente e, gesticulando muito com as mãos, garantiu que conseguiria saltar 60 *yojanas*⁴⁷.

Em meio a essa competição de bravatas e desfile de habilidades, Angada falou: “Ouçam, eu poderei transpor de um salto esse oceano, mas uma única vez; duvido que tenha força suficiente para saltá-lo na volta. Além disso, não basta chegar à outra margem; deve-se lutar com os demônios ali, se necessário, o que me deixaria ainda mais fraco e sem forças. Receio que as minhas energias não durariam o suficiente para todas essas três operações”.

Ao ouvi-lo se expressar naqueles termos desalentadores, os anciãos líderes dos macacos levantaram-se ao mesmo tempo e suplicaram: “Príncipe, o senhor é o herdeiro do nosso reino! Discutir se é capaz ou não de assumir essa missão é irrelevante. Não é certo nem apropriado para o senhor atravessar o oceano até a terra dos demônios (*rakshasas*); é contra os cânones da realeza. Essa é uma tarefa que o senhor deve delegar a algum servo do reino. Se dispõe de milhões de servos ansiosos para cumprir as suas ordens, não é certo que considere assumi-la”.

Jambavan sugeriu que fosse outro o encarregado dessa missão. Olhando à sua volta, Angada avistou Hanuman e falou: “Ó filho do deus do vento, você é um servo dedicado de Rama. A sua devoção é realmente profunda; foi o primeiro dentre nós a ser abençoado com a visão (*darshan*) de Rama. Com a sua inteligência, diplomacia e força moral, estabeleceu a amizade entre ele e o nosso governante Sugriva. No entanto, agora que estamos em dificuldades para executar a missão de Rama, você se mantém calado. Acho difícil entender o significado desse silêncio”. Exaltando Hanuman ainda mais, continuou: “Não há aventura que você não possa enfrentar com êxito. É forte, extremamente inteligente e dotado de todas as virtudes. Avalie as próprias habilidades, capacidades e excelências e levante-se”.

⁴⁶ O quinto dos dez principais *avatares* (Encarnações Divinas) do Senhor Vishnu, manifestado na *Treta Yuga* sob a forma de um anão; Trivikrama, que significa, literalmente, “três passos”, é a Sua forma gigantesca. (N. T.)

⁴⁷ Os nomes citados neste parágrafo são de comandantes do exército dos macacos. (N. T.)

Hanuman salta sobre o oceano

As palavras de Angada trouxeram a Hanuman a plenitude do seu antigo vigor. Erguendo-se repentinamente, ele declarou: “Macacos! Esperem aqui, todos vocês; aguardem o meu regresso. Vagando por montes e vales, selvas e planícies durante todos esses dias, não tiveram nenhum tempo para descansar. Alimentem-se dos frutos e tubérculos disponíveis nesta área e estabeleçam-se aqui. Saltarei neste instante sobre o oceano, entrarei em Lanka, verei Sita e retornarei. A minha única função é cumprir a ordem de Rama. Existirá outra maneira de tornar a vida meritória a não ser conquistando a sua graça?”

Com essas palavras, uniu as palmas em saudação perante a vasta assembleia e depois se despediu de Angada, o príncipe herdeiro. Exultantes, as hostes dos macacos bradaram em uníssono: “Vitória a Rama (*Jai Rama*)!” Hanuman desenhou na mente a forma gloriosa de Rama e, com um salto para o céu, já se achava a grande distância sobre o mar. Incapazes de suportar o tremendo fluxo de ar causado pelo seu deslocamento, as árvores nas colinas foram arrancadas e carregadas para longe. O impacto do seu salto foi tão grande que o monte sobre o qual ele estava afundou nas regiões inferiores.

Ao avistá-lo voando acima dele, o oceano pensou: “Esse Hanuman é um servo de Rama; está indo realizar a sua missão. Ah, que sorte a dele! Possui a força e a inteligência necessárias para alcançar a vitória. É, de fato, o primeiro dentre os devotos de Rama”. E agitou-se na alegria que sentia ante a visão da travessia de Hanuman.

O monte Mainaka, que submergira no mar, ergueu-se sobre as águas, pois desejava servir àquele ser empenhado no serviço ao Senhor. Disse ele: “Ó filho do deus do vento! Será exaustivo para você cobrir toda a distância com um único salto; por favor, descanse um pouco sobre a minha cabeça e conceda-me a boa sorte de ter uma parte no serviço ao qual se dedica”.

Hanuman ouviu a sua súplica, mas não parou; limitou-se a tocá-lo, em um gesto simbólico, e acelerou. Com gratidão, curvou-se em direção ao hospitaleiro monte e explicou: “Mainaka! Estou a serviço de Rama. Até cumprir a minha tarefa, não posso pensar em descanso, nem mesmo em comer ou beber. Não é apropriado que eu pare pelo caminho”. Um pouco adiante, a sua passagem foi obstruída por Surasa, uma demônia em forma de serpente, e pela ogra Simhika, porém Hanuman as dominou e finalmente chegou à costa de Lanka.

Hanuman passa por Lankini

Ali avistou, brilhando esplendidamente à luz do sol, muitos jardins, parques e centros de lazer que o fizeram se esquecer de onde estava. Maravilhado com a variedade de pássaros multicoloridos que adejavam em bandos para lá e para cá nos parques, galgou uma encantadora colina nas proximidades, pensando: “Este sucesso não se deve à minha habilidade ou força; deve-se inteiramente à graça e às bênçãos de Rama”.

Vendo as mansões de magnificência ímpar, os atraentes jardins e as ruas largas e extensas da cidade, Hanuman ficou encantado, imaginando se ela não seria uma réplica do próprio Céu. Viam-se em toda parte soldados *rakshasas* bem equipados desfilando pelas ruas. Mulheres *rakshasas*, famosas pela sua habilidade e poder para assumir qualquer forma que desejassem, entregavam-se a jogos licenciosos. Ninfas celestiais,

serpentes míticas (*nagas*) e donzelas divinas e humanas escravizadas por Ravana gemiam e se lamentavam nos palácios, aguardando o dia da sua libertação. Concluindo que não seria prudente caminhar na sua forma original entre a vasta multidão que enchia as ruas, Hanuman assumiu uma forma sutil imperceptível para adentrar a cidade.

Bem no portão de acesso a Lanka havia uma demônia chamada Lankini, posta ali para impedir a entrada de qualquer estrangeiro na cidade, fossem quais fossem as suas intenções. Ao ver a estranha figura de Hanuman, que se aventurava a entrar, abordou-o de maneira ameaçadora: “Quem vem lá? De onde procede? Quem é você? Nunca vimos uma criatura assim nesta região. Não pode ter vindo de fora dos limites de Lanka, pois ela é cercada pelo mar. Ah! Atravessou o oceano de alguma forma? Como vai poder passar por mim e entrar na cidade? Alto! Pare onde está!”

Sem dar atenção aos seus disparates, Hanuman seguiu em frente, arrastando a cauda, como se não tivesse ouvido as ameaças. Ainda mais irritada e feroz, Lankini rugiu furiosamente: “Seu idiota infeliz! Não está me ouvindo?” Ignorando os seus protestos e perguntas, Hanuman caminhou em direção ao portão, com um sorriso no rosto. A demônia gritou: “Animal repulsivo! Quem contraria as minhas ordens é devorado, lembre-se disso. Mastigarei os seus ossos em segundos. Você foi avisado!” e correu para capturar o macaquinho no qual ele se transformara ao tentar entrar na cidade de Lanka.

Quando ela chegou bem na sua frente, Hanuman cerrou o seu pequeno punho e acertou-lhe um poderoso murro. Lankini rolou inconsciente pelo chão, o sangue a lhe escorrer da boca. Recuperou-se depois de algum tempo e correu loucamente para pegar Hanuman, mas quando este lhe aplicou outro golpe, ela não suportou o impacto. Caiu e não pôde mais se levantar.

Com grande esforço, Lankini conseguiu sentar-se e, com as palmas unidas, suplicou: “Ó ser de maravilhosa forma! Há muito tempo, Brahma, o primeiro da Trindade⁴⁸, afastou-se de Ravana depois de lhe conceder muitas dádivas; nessa ocasião, encarou-o subitamente e disse: ‘No dia em que o guardião do seu portão for fatalmente ferido por um golpe desferido pelo punho de um macaco, saiba que terá início a sua queda. Os seus poderes não poderão mais ajudá-lo. Fique avisado de que, a partir desse incidente, a morte estará se aproximando de você. Esse macaco entrará em Lanka sob o comando de Deus, tendo como objetivo o cumprimento da Sua Missão. A sua chegada anunciará a destruição dos demônios; esteja ciente disso’.

“Você é o mensageiro anunciado! Que auspicioso o meu corpo ter sido santificado pelo contato com a sua mão sagrada! Ah, quão suave e extasiante foi o golpe que me deu!” Assim dizendo, ela acariciou o local onde Hanuman a tinha atingido.

Hanuman encontra Vibhishana

Sem dar atenção às suas palavras, indiferente ao elogio e à crítica, Hanuman entrou em Lanka repetindo “Rama, Rama” a cada respiração. Ainda assim, alguns pensamentos o atormentavam. Quem lhe forneceria uma pista sobre o paradeiro de Sita? Como identificá-la quando a visse? Assumiu uma forma sutil para impedir que o notassem; dessa maneira ia de uma copa de árvore para outra e perambulava pelos bazares e entre grupos de demônios sem ser percebido.

⁴⁸ A Trindade Divina (*Trimurti*), composta por três aspectos de Deus: Brahma (o criador), Vishnu (o preservador) e Shiva (o destruidor ou transformador). (N. T.)

Subitamente os seus olhos caíram sobre um prédio que parecia um templo consagrado a Hari (ou seja, ao deus Vishnu, que encarnara como Rama). Era todo rodeado por um jardim de tulsi⁴⁹; via-se na porta de entrada, lindamente esculpido, o Nome “Hari”. Tratava-se indubitavelmente de um templo em honra a Vishnu. Surpreso, Hanuman ficou imaginando: “Como foi que o Nome de Hari veio parar nesta porta? Certamente este é um lugar sagrado”.

Curioso, saltou para o telhado e espiou pela janela para descobrir o que estava acontecendo. Justo naquele momento alguém esticava os braços antes de se levantar da cama, enquanto pronunciava “Hari”. Ao ouvir aquilo, Hanuman ficou imensamente alegre e, ao mesmo tempo, entusiasmado por saber que, mesmo em Lanka, havia pessoas recitando o Nome de Hari. Sentiu-se mais corajoso e menos apreensivo em relação à procura de Sita. “O dono desta casa parece ser um homem bom e devoto. Talvez possa me informar o paradeiro de Sita e ser persuadido a fazer amizade comigo, já que ambos somos leais à mesmíssima Forma de Deus.” Com essa ideia, transformou-se em um sacerdote da casta brâmane e adentrou a residência.

A princípio, Vibhishana, o dono da casa, sentiu alguma dúvida em relação àquele desconhecido, mas decidiu que, fosse ele quem fosse, certamente devia ser honrado, pois se tratava de um brâmane. Aproximou-se e prostrou-se diante de Hanuman, a quem indagou: “Mestre! Qual é a sua terra natal? De onde vem? Como conseguiu evitar ser identificado e perturbado pelos demônios nas ruas?” Pôs-se, então, a narrar a Hanuman os horrores a que eles se entregavam, exaltando a audácia e o destemor do seu hóspede. Hanuman respondeu: “Sou um servo de Hari. Chamo-me Hanuman e vim porque Rama me enviou”. Em seguida passou a descrever com detalhes as virtudes e as excelências de Rama.

Enquanto ele descrevia Rama, lágrimas rolavam pelas faces de Vibhishana, que pensava: “Oh, que dia feliz! Quão afortunado eu sou! Hoje, assim que me levantei da cama, pude ouvir essas gloriosas palavras que me trazem paz e alegria”. Hanuman interpretou esses incidentes como sinais da graça de Rama. Surpreso em saber que em Lanka, a terra do medo, podia haver uma pessoa tão absorta em Hari, perguntou: “Senhor, como vive sem temor neste ambiente abominável?”

Vibhishana respondeu: “É devido à Graça de Deus. Temos que viver durante todo o tempo que Ele decidiu conceder à nossa vida; não há escapatória. Ele é o mestre do mundo objetivo; portanto a Sua lei não pode ser revogada nem alterada. A língua se move incessantemente na cavidade bucal, com dentes de bordas afiadas a rodeá-la, não é? Quem a ajuda a escapar de ser mordida? É assim que eu vivo aqui. Mas já falei bastante a meu respeito; diga-me em que missão foi enviado”.

Hanuman percebeu que Vibhishana que era um homem bom e que a associação com pessoas como ele renderia, sem dúvida, bons resultados. Antes de responder às suas perguntas, repetiu muitas vezes o Nome de Rama, em jubilosa gratidão, e rogou permissão para revelar a sua missão àquele devoto de mente pura, pois sentiu que não seria correto ocultar-lhe a situação.

Começou por indagar: “Senhor, qual é o seu nome? O que está fazendo em Lanka?” Tocado pela humildade e pelas boas maneiras de Hanuman, Vibhishana respondeu:

⁴⁹ *Tulsi* (ou *tulasi*) é uma planta aromática nativa do subcontinente indiano, comumente conhecida como manjerição-sagrado. Tem uma estreita relação com o Senhor Vishnu e seus *avatares* Rama e Krishna, sendo muito usada em rituais de oferenda e adoração. (N. T.)

“Senhor, sou um infeliz, sou irmão de Ravana. O meu nome é Vibhishana. Encontro-me em uma triste dificuldade, pois não posso recitar o Nome de Hari tanto quanto desejo”. Ouvindo isso, Hanuman sentiu que obtivera a resposta que esperava. Deu um grande pulo de alegria e declarou: “Sou um mensageiro de Rama. Vim à procura de Sita”.

Imediatamente Vibhishana caiu aos pés de Hanuman e indagou: “Senhor, onde está o meu Rama agora? Tenho ansiado muito por vê-lo, mas não tenho as virtudes ímpares que podem me dar direito a essa dádiva. Pertencço à raça demoníaca dos *rakshasas*. Será que terei a oportunidade de receber o *darshan* de Rama? Não me dediquei a nenhuma prática espiritual (*sadhana*). Aqui não tenho liberdade para praticar austeridades ou rituais. Não conquistei nenhum direito à boa sorte. Acaso serei abençoado por ele?”

Ao ouvir o seu apelo, o coração de Hanuman derreteu-se em solidariedade. Consolou-o abundantemente, explicando: “Vibhishana, Rama presta atenção apenas ao coração. Ele não é influenciado por ligações familiares, afinidades religiosas ou conquistas relativas a práticas espirituais. O que mais lhe agrada é a pureza de sentimentos. Rama o abençoará pela excelência dos seus ideais e pela limpidez da sua vida diária. Ele lhe concederá o *darshan* pelo qual anseia; portanto não se aflija.

“Ora, pode me considerar a melhor prova do que afirmo sobre a compaixão e a graça de Rama. Eu sou um macaco e a instabilidade é a marca registrada da minha tribo. A palavra ‘macaco’ tornou-se um adjetivo para uma mente travessa, brincalhona e trivial. Não sou versado nas Escrituras Sagradas. Quanto a ascetismo, não faço ideia do que isso significa. Não tenho repetido o Nome de Deus conforme as regras prescritas nem feito peregrinações a rios sagrados! Então por que Rama me abençoou? Porque presta atenção apenas ao amor que anima e aos sentimentos que movem as pessoas. No seu caso, ele também atentarà apenas à pureza de sentimentos. Permaneça confiante; não duvide.”

Aliviado com as palavras de Hanuman, Vibhishana contou-lhe em detalhes como Sita havia sido trazida para Lanka. Hanuman recusou-se a ingerir qualquer alimento ou bebida, pois resolvera abster-se de ambos até vê-la e lhe transmitir a mensagem de Rama. Estava ansioso para retomar a busca sem demora, mas Vibhishana aconselhou-o a proceder com vagar e cautela, informando-se acerca dos pontos fortes e fracos do império de Ravana antes de seguir adiante. Ele mesmo o inteirou de alguns pormenores em relação a esses pontos e depois deixou que partisse no cumprimento da sua missão.

Hanuman ficara tão encantado ao saber que Sita estava em Lanka que se esquecera de perguntar o lugar exato onde ela se encontrava! Entrou em muitas mansões à sua procura. Viu grupos de mulheres caídas em suas camas, intoxicadas pela bebida e pela dança e vencidas pelas banalidades do luxo. Observava de perto cada mulher que havia nessas casas, tendo na mente a descrição que Rama lhe fizera sobre as características e as elevadas virtudes de Sita, porém não conseguiu encontrá-la. Quase em desespero, subiu até o cume de uma colina e, durante muito tempo, refletiu profundamente sobre a situação. “Como posso retornar à presença de Rama sem concluir a minha missão, que é encontrar Sita e consolá-la? Sem dúvida, seria bem melhor afogar-me no oceano. Ai de mim! A minha vida é um desperdício, uma vergonha”, pensou.

Justamente naquele instante, avistou um belo jardim verde, muito bem cuidado, brilhando ao longe. Ao descer a colina, verificou que não poderia tê-lo visto do chão, pois ele estava situado em um vale cercado por altas mansões. Sem saber o que fazer, dirigiu-se apressadamente à residência de Vibhishana, onde o encontrou imerso na recitação do Nome de Rama.

Ao perceber a sua presença, Vibhishana levantou-se e, aproximando-se dele amistosamente, indagou em um tom gentil: “Hanuman! Você viu Sita?” Hanuman expressou a sua decepção, mas Vibhishana tinha uma informação a lhe dar: “Nesta cidade existe um bosque chamado Ashokavana. Ali, no meio de terríveis e poderosos demônios (*rakshasas*), Sita está sendo mantida prisioneira. A minha esposa e a minha filha estão com ela, prestando-lhe serviço”. E revelou a Hanuman o caminho que o levaria ao bosque e ao local onde se achava Sita.

Sita, finalmente!

Não conseguindo permanecer ali nem mais um instante, Hanuman logo alcançou as cercanias do bosque. Os que o viram começaram a gritar e a abordá-lo, pois a sua figura lhes era estranha e peculiar. Percebendo que a sua forma chamava demasiadamente a atenção, colocando-o em evidência, Hanuman assumiu um tamanho minúsculo; assim, pulando de galho em galho sem ser percebido e ocultando-se atrás de folhagens, chegou a Ashokavana.

Ali avistou, sentada à sombra de uma árvore, uma mulher fraca e desgastada por falta de alimento e de sono. Os ferozes demônios que montavam guarda à sua volta ameaçavam-na para enfraquecer a sua vontade e quebrar a sua determinação. Nisso, o rufar de tambores e o sopro de trombetas anunciou a aproximação de um monumental cortejo de cavaleiros. Na retaguarda vinha um personagem régio adornado com joias e trajado em magnífico estilo. Seguiam-no centenas de donzelas carregando bandejas cheias de pedras preciosas, doces, presentes perfumados e sedas macias. Abrigado entre folhas verdes, Hanuman observou a cena do alto de uma árvore.

Era Ravana, evidentemente, pois apelou a Sita e implorou-lhe que lhe concedesse o seu amor. Tentou extrair-lhe uma promessa ameaçando-a com castigos cruéis. Hanuman ouviu-o exortar aqueles que o rodeavam a lhe infligir dores e ferimentos. No entanto, aquela mulher frágil e fraca não levantou os olhos para ele uma única vez durante todo o seu longo discurso. Apenas disse: “Louco! Indivíduo perverso e imoral! Somente Rama e mais ninguém tem direitos sobre mim! Reduzirei este corpo a cinzas nas chamas do sofrimento por estar separada dele, porém jamais me desviarei da minha resolução. acredite nisso e tenha cuidado!”

Hanuman ouviu aquelas declarações enfáticas e compreendeu que a mulher não era outra senão Sita; esse reconhecimento trouxe paz e tranquilidade à sua mente. Logo Ravana, mordido pelo desapontamento e enraivecido pela frustração, proferiu palavras ainda mais violentas. Após dar a Sita o prazo de um mês para refletir e aceitá-lo, retirou-se do bosque, acompanhado do cortejo de cavaleiros e das criadas com as bandejas. Quando todos já haviam partido, Sita elevou a cabeça para o céu e suspirou: “Rama! A compaixão ainda não entrou no seu coração? Por que me condenou a essa tortura? Quando serei libertada disto?” E prorrompeu em lágrimas.

O sonho de Trijata

Entre as guardas de Sita havia uma demônia chamada Trijata, profundamente apegada aos Pés de Lótus de Rama. Era uma piedosa devota, que possuía tanto sabedoria mundana quanto experiência espiritual. Certo dia falou às suas companheiras que vigiavam Sita: “Colegas, ontem à noite eu tive um sonho que devo relatar a vocês. Mas primeiro sirvamos e reverenciemos Sita e conquistemos a sua graça, e então escutem a história revelada no meu sonho.

“Sonhei que um macaco havia entrado em Lanka, massacrado os demônios e incendiado a cidade! Ravana estava sem roupa e, montado em um burro – vejam só, um burro, dentre todos os animais! –, seguia rapidamente em direção ao sul. Tinha a cabeça raspada e os braços separados do corpo. Vibhishana havia sido coroado imperador de Lanka e o nome de Rama retumbava por toda a extensão desta terra. Aí Rama ordenou que chamassem Sita.

“Irmãs do clã *rakshasa*, tomem nota! Eu jamais tenho sonhos. Nunca havia tido nenhum até então; portanto, se isso ocorre agora, certamente se tornará realidade. Acontecerá exatamente como no sonho, e não demorará muito, será dentro de quatro ou cinco dias.” Impressionadas com a revelação, as demônias imediatamente se prostraram aos pés de Sita e depois retomaram em silêncio os seus afazeres rotineiros.

Vendo o comportamento de Trijata, Sita dirigiu-se a ela: “Trijata! O próprio Rama deve tê-la enviado aqui para fazer parte desse grupo que está ao meu redor. Na verdade, é devido à existência de algumas mulheres como você em Lanka que desafortunadas como eu são capazes de sustentar a sua castidade e virtude. Se não fosse assim, qual seria o destino de mulheres como eu? Você ouviu o que Ravana disse há pouco, não ouviu? Ele me deu o prazo de um mês. Se Rama não chegar a tempo, eu – ou melhor, este corpo será cortado em pedaços que serão apanhados e devorados por abutres e corvos. Sendo a consorte de Rama, jamais tolerarei esse horrível destino para este corpo. Sugira-me algum meio pelo qual eu possa me livrar dele antes”.

Encarapitado no galho da árvore, Hanuman encheu-se de tristeza ao ouvir Sita se expressar naquele tom de desespero. Trijata caiu nos pés dela, assegurando-lhe: “Mãe, não perca a esperança! Rama não é um ser comum. A sua força e majestade são inigualáveis e sempre serão. Ele certamente a salvará. Muito em breve chegará e segurará a sua mão; não perca a coragem”. Consolou-a com palavras amorosas e foi para casa.

Sita e Hanuman conversam

Aproveitando-se dessa chance, Hanuman pulou para um galho mais baixo e, enquanto continuava a repetir “Rama! Rama!” em êxtase de bem-aventurança, deixou cair na frente de Sita o anel que Rama lhe dera.

Quando os seus olhos pousaram sobre o anel, que caiu brilhando como uma chama do mais puro fulgor, Sita ficou atônita. “Será verdade ou estarei sonhando? Poderá ser verdade? Como este anel de ouro que o meu Senhor usava no seu dedo dourado veio parar aqui em Lanka? Será fruto de magia demoníaca ou mera alucinação? Não, não; se o reconheço como pertencente ao meu senhor, não devo hesitar mais em apanhá-lo. Seria um pecado abster-me de tê-lo nas mãos.” Assim dizendo, pegou o anel e colocou-o reverentemente sobre os olhos, que vertiam lágrimas de gratidão. “Rama! Estará você me concedendo o seu *darshan*, a alegria da sua presença, por meio deste anel?”, falou, erguendo a cabeça.

Então avistou um macaquinho sentado em um galho da árvore, recitando continuamente “Rama, Rama” com profunda devoção. Em um lampejo, lembrou-se dos incidentes do sonho de Trijata e exultou: “Ah! Bons dias parecem estar se aproximando rapidamente. Durante dez longos meses não ouvi o Nome de Rama ser pronunciado em Lanka. Hoje pude ver um ser vivo recitando o Nome sagrado. E ainda por cima recebi o adorador anel do meu senhor!” Ela não conseguia conter a sua alegre excitação.

Sita, que não conversava com nenhum estranho há muito tempo, olhou para o macaquinho e dirigiu-se a ele com as seguintes palavras: “Ó macaco! Quem é você? De onde vem este anel?” Não podia confiar plenamente nele, pois durante meses havia sido enganada por truques de impostura dos *rakshasas*. Interrogou-o de várias maneiras a fim de verificar as suas credenciais. De vez em quando, perguntava-lhe sobre o bem-estar de Rama e, só em pensar que ele estaria sozinho na floresta, as lágrimas lhe fluíam profusamente dos olhos. Oscilava entre a alegria e a tristeza.

Hanuman observou a situação de Sita. Não podia lhe ocultar o vínculo de amor e lealdade que o ligava a Rama. Relatou-lhe a história da dinastia e dos feitos de Rama, bem como a sua própria história até conhecê-lo. Enquanto ouvia a sua narrativa, Sita sentia-se tão feliz quanto se Rama estivesse diante dela. Podia imaginá-lo de pé ao seu lado em Ayodhya e nos retiros da floresta. Sentia-se tão emocionada que chegou a esquecer de si mesma e da sua condição.

Logo ela recobrou a consciência e, reconhecendo onde estava, falou: “Macaco! Estou contente por você ter me contado tudo isso, mas deixe-me fazer-lhe uma pergunta: sendo apenas um frágil macaquinho, como foi capaz de entrar nesta cidade fortemente guardada? Como pôde evitar ser apanhado por esses demônios e ter êxito em descobrir este lugar e chegar até mim?”

Hanuman respondeu: “Mãe! Que habilidade e força possuo? Sou servo de Rama, seu escravo. Ele me faz agir conforme quer ou deseja; sem ele não consigo sobreviver nem por um instante. Sou uma marionete em suas mãos, atuo à medida que ele puxa os cordões. Não tenho vontade própria”.

A seguir Hanuman discorreu sobre a glória de Rama e manifestou a sua devoção e dedicação de maneira impressionante. Ouvi-lo era algo profundamente emocionante. Rama lhe havia dito que transmitisse a Sita alguns incidentes que não eram do conhecimento de nenhuma outra pessoa. “Pode acontecer que Sita não acredite nas suas palavras e duvide da sua autenticidade. Então poderá lembrá-la de eventos conhecidos apenas por ela e por mim”, explicara. Assim, Hanuman começou a narrar aqueles incidentes especiais: “Mãe Sita, Rama pediu-me que lhe contasse como um corvo cruel tentou feri-la e como ele a salvou”.

Sita chorou alto, dizendo: “Hanuman! Por que Rama, que era tão gentil comigo, está demorando a me libertar desta tortura? Ele é o Oceano de Misericórdia. Sim, mas por que se tornou tão cruel em relação ao meu destino? Não, não! Estou errada. Rama é a encarnação da compaixão, mas tem que desempenhar um papel que envolve toda essa aparente dureza, isso é tudo. Hanuman! Você não é um indivíduo comum, pois Rama não se associaria tão intimamente a ninguém assim e tampouco enviaria o seu anel por um indivíduo inferior. Quão afortunado é você por ser o seu mensageiro! Mostre-me uma vez a sua plena forma e estatura”.

Hanuman desceu até o chão e se pôs diante de Sita, com as palmas unidas em adoração. Quando ela o viu crescer até atingir uma estatura imensa e aterrorizante, suspeitou de que se tratasse de algum truque demoníaco. Fechou os olhos e virou o rosto para o lado! Percebendo o seu temor e a suspeita que o embasava, Hanuman declarou: “Mãe! Não sou Ravana e tampouco um dos seus diabólicos *rakshasas*. Sou o servo fiel de Rama, com o corpo sagrado e puro de inigualável esplendor. Ele é o próprio alento da minha existência, acredite-me; estou dizendo a verdade. Imaginando que a senhora poderia não ter fé em mim como o seu autêntico mensageiro, retirou do dedo este anel de ouro e colocou-o nas minhas mãos para que lhe fosse entregue.

“Comigo vieram Jambavan, Nila, Angada e milhares de outros de extraordinário heroísmo, mas, pela graça de Rama, somente eu fui capaz de atravessar o oceano. Todos os demais se encontram na outra margem. Jatayu e Sabari relataram-nos como aquele hediondo rei-demônio a trouxe para Lanka. E quando, há três dias, tivemos notícias de Sampati confirmando-nos que a senhora efetivamente se achava aqui, sentimo-nos felizes como se a estivéssemos vendo com os nossos próprios olhos. Rama e Lakshmana aguardam o meu retorno com a boa nova. Se me permitir, voltarei imediatamente para informá-los sobre o seu bem-estar.”

Sita suplicou: “Hanuman! Não sei se ou quando você retornará a este lugar. Por favor, fique mais um dia e me dê alegria falando-me sobre Rama e Lakshmana”. Ocorreu, no entanto, que as demônias começaram a se reunir para a execução das suas respectivas tarefas; por isso Hanuman retomou o seu tamanho diminuto e pulou para o galho de uma árvore.

Sentada à sombra da árvore, Sita pôs-se a refletir sobre tudo o que Hanuman lhe dissera. Deleitou-se ao fazê-lo e, lançando os olhos sobre Hanuman, que estava encarapitado no galho acima da sua cabeça, cumulou-o de bênçãos. Naquele dia não teve sede nem fome; nem tocou nas frutas e bebidas que as guardas lhe trouxeram. A sua comovente situação magoava o coração bondoso de Hanuman. Sita parecia-lhe a própria imagem do infortúnio. Ele ouviu as palavras ríspidas e cortantes proferidas pelas demônias que a guardavam e rangeu os dentes de raiva, pois não podia lidar com elas como desejava. Somente Sita poderia lhe ordenar o que fazer.

Algum tempo depois, Sarama, a esposa de Vibhishana, e sua filha Trijata foram até a árvore e inclinaram-se aos pés de Sita, que ali se achava sentada, cheia de tristeza. Perguntaram-lhe sobre a sua saúde e, como eram muito atenciosas com ela, Sita contou-lhes como o sonho de Trijata se tornara realidade e que um macaco havia realmente entrado em Lanka, conforme ela sonhara. Quando ouviram o seu relato, Sarama e Trijata mostraram-se extremamente admiradas e entusiasmadas; assediaram-na com perguntas, em sua ânsia por saber de todos os detalhes. Sita mostrou-lhes o macaquinho no galho da árvore e o anel que ele trouxera; então ambas pressionaram o anel contra os olhos, em reverente adoração.

Sita recusa-se a retornar com Hanuman

Hanuman estava à espera de uma oportunidade para ver Sita quando ela estivesse sozinha e em breve o conseguiu. Pulou para o chão e sussurrou: “Mãe! Não fique ansiosa nem aflita. Sente-se nas minhas costas, e eu a transportarei em um instante até onde Rama e Lakshmana aguardam notícias suas”. Implorou de várias maneiras que Sita concordasse com esse plano. Sita, porém, respondeu: “Hanuman, estou realmente muito feliz por ouvi-lo falar assim. As suas doces palavras trazem-me o conforto de um barco no mar tempestuoso em que estou imersa, lutando em meio à tristeza da separação. Mas não sabe que nunca terei contato com ninguém além do meu senhor? Como poderei, então, sentar-me nas suas costas? Pense nisso”.

A sua réplica arguta atingiu Hanuman no coração e expôs a sua mesquinhez e orgulho por haver sugerido um passo desonroso, mas ele logo se recuperou e retrucou: “Mãe! Não sou seu filho? O que há de errado se um filho transporta a mãe nas costas? Que consequência maléfica pode resultar disso?” E sustentou a sua ideia com vários argumentos e pontos de vista.

Sita retrucou: “Hanuman! Claro que, para mim e para você, os sentimentos de mãe e filho são reais; mas imagine o que o mundo pensará a esse respeito. Devemos considerar também esse aspecto, não é? Temos que viver de modo a servir de ideais para outros. Que os nossos atos não atraiam sobre nós o ridículo, o desprezo ou a condenação do próximo. Ninguém deve apontar um dedo com escárnio para nós. E, acima de tudo, os nossos atos devem nos proporcionar satisfação pessoal. Jamais os cometo quando sei que não posso obtê-la. Ainda que a minha vida me abandone, não necessito nem anseio o auxílio de nenhuma outra pessoa.

“Além disso, o meu Rama tem que destruir esse vil demônio que me tortura. É ele quem deve cumprir essa responsabilidade, ninguém mais. Rama tem que vir pessoalmente a Lanka, eliminar Ravana e levar Sita de volta, segurando-a pela mão – esse é o sinal do verdadeiro herói que é Rama, o sinal do seu genuíno valor.

“Olhe só para Ravana, que chegou como um ladrão disfarçado e me arrebatou ao meu Senhor. Rama, porém, é a encarnação da Retidão. Ele observa as normas do reto comportamento. Honra a palavra dada. Seria desonroso para Rama se acaso se espalhasse a notícia de que um macaco enviado por ele levou Sita de Lanka sem o conhecimento de Ravana. Certamente seria um ato traiçoeiro sairmos daqui da maneira que sugere. Não devemos recorrer a estratégias mesquinhos, e sim preservar o nome justo de Rama como o nosso próprio alento. A sua fama é a deidade que adoramos em nossos corações. Temos que preservá-la intacta em pensamento, palavra e ação. Eis por que não fiquei satisfeita com a sua proposta.”

Hanuman admirou a sua virtude irrepreensível, a sua firme adoração ao seu senhor e os ideais sublimes que preservava. Exaltou-a mentalmente e, lembrando-se das suas palavras para se inspirar nelas, desculpou-se: “Mãe, perdoe-me. Desde que vi com os meus próprios olhos as torturas que padece e as dores que sofre com a separação de Rama, cogitei a ideia de levá-la o mais rapidamente possível até os seus Pés de Lótus. Peço-lhe perdão pelo meu erro”, e prostrou-se repetidas vezes aos pés de Sita, com grande remorso.

Sita indagou-lhe muitas vezes sobre as condições de Rama e de Lakshmana e como eles estavam passando na floresta. Hanuman respondeu: “Por que se preocupar com homens? Eles podem aguentar qualquer fardo ou trabalho árduo e suportar bravamente a separação das mulheres. Estas sofrem mais, pois é um terror para as esposas viver separadas dos maridos.

“Mãe! Rama e Lakshmana estão indo bem, é claro, mas não os compare a homens comuns; não é justo. Que tristeza! Rama passa cada momento pensando na senhora e na separação; por isso não dá atenção à fome nem à sede. Não come nem bebe, a não ser quando Lakshmana o pressiona amorosamente a ingerir algumas frutas ou um pouco de bebida. Não me lembro de uma única ocasião em que Rama tomou um gole d’água por iniciativa própria. Sendo assim, não fique com a impressão de que eles se esqueceram da senhora ou que a estão negligenciando.

“Lakshmana passa os dias guardando Rama como as pálpebras guardam os olhos. Ele é a respiração da respiração de Rama. Vencido pela agonia da separação da senhora e por estar testemunhando a angústia do irmão, tornou-se uma rocha, indiferente a qualquer sentimento que não seja a preocupação com ele. Lakshmana é a fonte plena e infalível da coragem e do sustento. Durante esses dez meses ele não tem dormido nem se alimentado.”

Enquanto Hanuman descrevia a situação comovente dos irmãos, Sita agia como se estivesse maravilhada com o amor e o carinho que Rama sentia por ela. Repetidas vezes comentava: “Sim, você descreve apenas o infortúnio dos homens. O que sabe sobre os sofrimentos das mulheres? Como pode avaliá-los?” Fingia não acreditar em tudo o que Hanuman lhe contava. Observava-o, apreciando a sua sabedoria e os seus poderes. Ficou imensamente alegre e feliz ao lembrar-se de como ele e Rama haviam se conhecido e criado vínculos de amor e lealdade. Finalmente, adquiriu uma fé inabalável em Hanuman e na sua missão.

Hanuman ainda insistiu diversas vezes: “Mãe! Por que esse sentimento de separação? Por que passar dias e meses em agonia e dor? Por favor, sente-se nas minhas costas e eu a levarei em um instante à presença de Rama”. Sita percebeu que, apesar dos argumentos morais, espirituais, legais e mundanos que ela lhe expusera, Hanuman estava ansioso por fazer prevalecer o seu ponto de vista. Por isso decidiu colocar um ponto final em conversas desse tipo mediante uma réplica sagaz.

Questionou-o, então: “Hanuman! Você é ou não é daqueles que obedecem rigorosamente às ordens de Rama?” “Sim, prefiro sacrificar a minha vida a ir contra as ordens de Rama ou desobedecer a elas”, respondeu ele, batendo no peito com o punho para dar ênfase à sua declaração. “Bem, considere o seguinte: Rama lhe ordenou que me procurasse e que, depois de me ver, lhe transmitisse informações sobre o lugar onde eu estava? Ou pediu que me levasse de volta com você?”

Ante essa pergunta, Hanuman emudeceu. Sem poder continuar com as suas alegações, respondeu: “Mãe! Eu não havia refletido tão profundamente nas consequências da minha proposta. Mais uma vez, peço-lhe perdão”. E, a partir daquele momento, nunca mais tocou no assunto.

6. LANKA EM CHAMAS

Hanuman sabia que seria errado permanecer por mais tempo em Lanka. Sentiu que, quanto antes comunicasse a Rama as bem-vindas notícias sobre Sita, melhor seria para todos os interessados. Pediu permissão para partir e Sita respondeu, com os olhos marejados de lágrimas de esperança e de tristeza: "Vá, vá depressa e em segurança. Diga a Rama que venha o quanto antes e me leve com ele".

Comovido diante daquela cena emocionante, Hanuman consolou-a, com a dor dominando o seu bravo coração: "Mãe, muito em breve Rama sitiará Lanka com as suas hostes de macacos (*vanaras*) e destruirá as forças demoníacas; então ele a resgatará e a reconduzirá a Ayodhya".

Sita, contudo, permanecia inconsolável. Tinha as suas dúvidas. "Hanuman, o que está dizendo? Será que exércitos de macacos serão capazes de combater e destruir esses demônios, que dominam tantas estratégias e subterfúgios misteriosos e que são, por si mesmos, muito mais fortes? Como poderão Rama e Lakshmana se defender desses demônios e vencê-los? A vitória sobre eles é um sonho impossível. Só a minha morte porá término a isso. Prefiro exalar o último suspiro e salvar as vidas de todos vocês a causar o aniquilamento de tantos no campo de batalha".

Hanuman interrompeu-a com as seguintes palavras: "Mãe, não chore! Nós, que integramos as hostes dos macacos, somos escravos de Rama. Todos nós acreditamos que ele é a nossa força e coragem. Inspiramos o seu Nome em nossa própria respiração. Não temos outra fonte de vida. Sendo assim, mesmo que cada um desses demônios se torne mil vezes mais diabólico, poderemos facilmente destruí-los. Seremos capazes de alcançar a vitória sobre eles, apesar das suas artimanhas e perversidades. A senhora duvida da dimensão das nossas forças e habilidades pelo fato de aparecermos em nossas formas habituais. Deixe-me mostrar-lhe a forma que posso assumir em batalha". Hanuman cresceu até ficar quase da altura do céu e se pôs diante de Sita, como uma montanha de ouro reluzente.

Atônita, Sita protestou, suplicando-lhe que voltasse à sua forma anterior: "Hanuman! Pare! Basta! Contenha-se. Se os demônios o virem, talvez você não possa retornar tão cedo à presença de Rama". Hanuman deixou a forma terrível que assumira e transformou-se instantaneamente em um tranquilo macaquinho. Prostrou-se diante de Sita e depois virou-se para se pôr a caminho; mas a situação em que ela se encontrava e o seu rosto angustiados haviam ficado tão profundamente impressos no seu coração que os seus pés mal conseguiam se afastar dali.

Hanuman é capturado!

Ao retornar do lugar onde Sita estava, Hanuman avistou um pomar. Colheu algumas frutas saborosas e comeu até se fartar; depois jogou fora as verdes e as que havia arrancado a mais. Observando o que ele fazia, um guarda *rakshasa* tentou afugentá-lo, porém Hanuman lhe aplicou um golpe que o deitou por terra. O demônio levantou-se e correu até o chefe dos guardas, que ficou aterrorizado e apressou-se a ir até o seu superior; este, por sua vez, se dirigiu ao seu comandante. Assim, a notícia de que um macaco estava causando tumulto no jardim chegou aos ouvidos imperiais do próprio Ravana.

Aquele incidente o atingiu como um mau presságio. Não pôde conter a sua raiva diante daquela traquinagem e daquele insulto. As chamas da sua ira subiram aos céus. Ordenou que algumas centenas de demônios subjugassem e capturassem o audacioso animal. Como eles não tiveram êxito, enviou alguns milhares de soldados treinados e fortemente armados ao jardim onde Hanuman aguardava a sua investida. No entanto, mesmo aquela força descomunal não conseguiu causar nenhum dano ao macaco e tampouco persuadi-lo a se mover dali. Hanuman quebrou um galho seco da árvore na qual estava e, com aquela diminuta arma, que agitava para todos os lados, recitando “Rama, Rama”, rechaçou todos os projéteis arremessados contra ele.

Ao verem aquilo, os demônios (*rakshasas*) ficaram imaginando quem seria ele. Um emissário dos deuses? Ou o arauto da destruição de Lanka? Os heróis derrotados regressaram à sua base, sob o fardo de premonições de desastre e sem coragem para relatar a sua derrota a Ravana, o seu governante.

Disseram-lhe, então: "O senhor enviou nesta expedição inúmeros demônios especialmente selecionados, mas não conseguimos alcançar o nosso objetivo. Quando o macaco rugiu uma vez, centenas dos nossos homens morreram de puro pavor. A terra tremeu sob os nossos pés. Aquele rugido ecoou e voltou a ecoar por todas as mansões da cidade. Vendo a situação na qual estávamos, os nossos líderes decidiram vir à sua presença e informá-lo de que ele não é um inimigo comum e que isso é o presságio de alguma terrível calamidade". Terminaram por expor a Ravana, sem reservas, um fato puro e simples: se permitissem que o macaco vagasse pela região, o perigo certamente tomaria conta de toda a terra.

Diante disso, Ravana enviou ao jardim o próprio filho, Akshayakumara⁵⁰, à frente de milhares de experientes guerreiros *rakshasas*. Hanuman, porém, aniquilou a tropa em um piscar de olhos e Ravana teve que lamentar a morte do seu bem-amado filho. A terra inteira estremeceu de medo ante a notícia da morte do príncipe e a destruição do seu exército. Temerosa, a população murmurava que aquele não era um macaco comum, que ele devia ser um fenômeno divino enviado para vingar o pecado de terem trazido Sita até Lanka. Muitos, no íntimo dos seus corações, rogaram a Sita que livrasse a cidade do macaco, pois receavam que a sua vingança houvesse tomado a forma daquela estranha fera.

Ravana mandou chamar Meghanada⁵¹ e encarregou-o de eliminar o novo invasor, colocando à sua disposição um imenso exército de vários milhares de soldados. Meghanada subiu na sua carruagem e conduziu o exército com grande pompa. Enquanto marchavam, deixavam atônitos a terra e o céu com o seu poder e as suas furiosas passadas. O seu grito de guerra rasgou os céus. Todos os que testemunhavam aquele fausto e ostentação eram tomados de assombro e admiração.

Sem a menor preocupação, Hanuman observava a marcha e ouvia o soprar das trombetas. Sentado impassível em um pequeno galho de uma árvore frondosa, divertia-se com as atitudes grotescas dos demônios até que estes se aproximaram e lhe despejaram saraivadas de flechas por todos os lados. Com um rugido de arrebear de tímpanos, saltou para o chão, arrancou uma gigantesca árvore pelas raízes e, agitando-

⁵⁰ Esse nome significa, na verdade, “o jovem Akshaya” ou “o jovem Aksha”, como era chamado o filho mais novo de Ravana, pois a palavra sânscrita *kumara* tem aqui o sentido de “jovem”, “adolescente”. (N. T.)

⁵¹ O filho mais velho de Ravana, também conhecido pelo nome de Indrajit por haver derrotado o próprio deus Indra. (N. T.)

a à sua volta, repeliu a chuva de flechas que tentava atingi-lo. Estas foram desviadas tão rapidamente que retornaram e atingiram com forte impacto os soldados que as haviam arremessado, dizimando-os em tão grande número que muito poucos sobraram para continuar a lutar.

Derrubado por um golpe, Meghanada rolou sangrando pelo chão; resolveu, então, recorrer à arma sagrada de Brahma (*Brahma-astra*), que tinha consigo. Sabendo que Brahma, o primeiro da Trindade, havia dito a Ravana que ele encontraria a morte nas mãos de um homem e de um macaco, decidiu evitar essa calamidade e disparou a arma sagrada com as fórmulas rituais apropriadas. Hanuman tinha grande reverência pela arma que fora santificada por aqueles mantras e era dedicada a Brahma; portanto, em vez de contra-atacar, prostrou-se reverentemente diante dela, e por isso Meghanada facilmente o amarrou com um laço de serpentes⁵².

Hanuman e Ravana conversam

Exultantes, os demônios imediatamente levaram a feliz notícia a Ravana. Centenas de milhares de rostos ansiosos aglomeravam-se nas ruas para ver o macaco amarrado. Sem se deixar perturbar pelo medo ou pela ansiedade, Hanuman movia-se calmo e senhor de si, observando as multidões com um sorriso divertido. Finalmente, chegaram ao salão de audiências de Ravana; os cortesãos e ministros ali reunidos ficaram perplexos com a insultuosa indiferença demonstrada por Hanuman diante da ostentação de poder e de luxo que havia no aposento.

Ravana riu alto da absurda figura do macaco, mas logo foi dominado pelo temor da morte iminente, embora a raiva fosse a emoção predominante nele naquele momento. Perguntou: "Ei, seu macaco! Quem é você realmente? De quem é o poder que tem exibido e utilizado? Por que destruiu este pomar e este parque? Mesmo preso, não demonstra nenhum senso de vergonha; olha para tudo à sua volta com a cabeça erguida. Vamos, dê-me as respostas corretas!"

Hanuman sorriu cordialmente para o seu interrogador. Em suas respostas, empregou um estilo de linguagem e um vocabulário que estavam além da compreensão das pessoas ao seu redor. Ravana, contudo, era um especialista em retórica e gramática e o compreendia muito bem. O diálogo entre eles parecia aos ouvintes uma disputa entre dois gigantes intelectuais. Ravana demonstrou várias proezas mágicas e exibiu muitos poderes e atos heroicos diante de Hanuman com o intuito de impressioná-lo com a sua invencibilidade.

Hanuman, no entanto, permaneceu impassível. "Ravana", disse ele, "conheço as suas façanhas. Ouvi dizer que luta com mil braços. Estou ciente também do seu famoso combate com Vali⁵³. Mas o que fiz de errado? Estava com fome. Arranquei algumas árvores pelas raízes; é da minha natureza. Eu estava no meu elemento, no meu habitat natural, o topo das árvores.

"Evidentemente, todos têm o desejo e a determinação de preservar a própria vida, de proteger o próprio corpo. Os seus soldados são terrivelmente perversos. Eles me feriram e por isso eu os feri; então, incapazes de suportar a dor, morreram. Lutei com eles para me salvar. A flecha arremessada pelo seu filho forçou-me a me deixar capturar

⁵² Em sânscrito, *Nagapasha*: arma de guerra com o poder de se tornar uma serpente (ou mais de uma) que laça e imobiliza o inimigo. (N. T.)

⁵³ Esse combate havia terminado com a derrota de Ravana. (N. T.)

por ele, mas não estou tentando enganá-lo como compensação disso. O meu único desejo é cumprir as ordens do meu Mestre. Ouça-me com atenção.

“Renuncie a todo orgulho e desejo de fama pessoal. Reflita sobre a grandeza do seu clã, da família à qual pertence. Lembre-se de que é bisneto de Brahma, neto do grande Pulastya⁵⁴ e filho do sábio Vishrava. Abandone essa ilusão de acumular pompa e poder; adore em seu coração aquele que destrói o medo dos corações dos seus devotos – Rama, a suprema joia da dinastia de Ikshvaku, a pedra preciosa da dinastia de Raghu! Entregue-se a ele, refugie-se nele. Até o tempo estremece de medo diante de Rama. Não é bom para você criar inimizade com ele.

“Escute-me! Entregue Sita aos Pés de Lótus de Rama, medite na graça que deles emana e, fortalecido por ela, reine sobre Lanka para todo o sempre. Faça com que a glória do seu avô Pulastya alcance, imaculada, as longínquas regiões do mundo enquanto o Sol e a Lua iluminarem o firmamento.

“O justo nome da sua linhagem não deve ser manchado por você em hipótese alguma. Desista do seu orgulho e da sua ilusão, ó imperador! Os rios que nascem nas montanhas ficam cheios na estação chuvosa e fluem em torrentes, mas secam após algumas semanas, tornando-se apenas filetes d’água. Da mesma forma, o seu poder e a sua riqueza em breve minguarão e desaparecerão. Adore Rama como a fonte de poder e de riqueza; estes, então, jamais se esgotarão, pois ele é a fonte inexaurível da paz e da prosperidade. Está sempre pleno. Você não perderá; ao contrário, se beneficiará dele. Ó Ravana! Estou lhe dizendo isto com a mente aberta, sem nada ocultar. Ninguém pode resgatar o desafortunado que está cego pelo ódio contra Rama. Aceite o meu conselho.”

As palavras suaves e edificantes de Hanuman eram cheias de sabedoria e de moralidade. Ravana, contudo, não estava preparado para tirar proveito do seu conselho e respondeu: "Seu tolo! Atreve-se a me aconselhar o que fazer?! Mas que ultraje! A morte deve estar perto de você, ou não teria a coragem de pregar um sermão por tanto tempo na minha presença. Chega de tagarelice! Cale a boca!"

Hanuman não obedeceu; ao invés disso, retrucou: "Ravana! As suas palavras pressagiam a sua desgraça. Infelizmente você perdeu o juízo. Com o passar do tempo, conhecerá a veracidade do meu diagnóstico. Em alguns dias saberá de quem a morte se aproxima – se é de mim ou de você!"

Ao ouvi-lo expressar-se daquela maneira, com total destemor e sem restrições nem limites, Ravana enfureceu-se além de qualquer controle. Levantou-se cuspidando fogo e, batendo nas coxas de forma desafiadora, ordenou aos berros que os seus lacaios matassem o impertinente macaco. Todos correram até o lugar onde Hanuman estava amarrado com laços de serpentes.

Nesse mesmo instante, Vibhishana, irmão de Ravana, entrou no salão, seguido pela sua comitiva. Prostrou-se diante do irmão mais velho e protestou: "Mestre! Não é correto matar um emissário. O *rajadharma*⁵⁵ não aprova esse ato. Puna-o de alguma outra maneira, mas não pronuncie sobre ele uma sentença de morte". Os ministros de Ravana apoiaram a sugestão, declarando que ela representava a mais nobre verdade. Ravana riu com desprezo daquelas ideias absurdas sobre certo e errado; ainda assim, recuou e disse: "Bem, mutilem-no e mandem-no embora".

⁵⁴ Um dos dez *prajapatis* ou progenitores da humanidade, criados por Brahma, e um dos sete grandes sábios (*rishis*) por Ele nomeados com a atribuição de proteger os aspirantes espirituais (*sadhakas*) e preservar a cultura e a tradição védicas no primeiro *manvantara* ou era de Manu. (N. T.)

⁵⁵ O *dharma* régio, ou seja, o conjunto das normas que regem os direitos e deveres de um soberano. (N. T.)

Hanuman se liberta e incendia Lanka

Os ministros reuniram-se para decidir sobre a mutilação. Chegaram à conclusão de que os macacos se orgulham das suas caudas e desejam mantê-las intactas, longas e fortes. Alguém sugeriu que a melhor punição seria enrolar lençóis na cauda de Hanuman, derramar-lhe óleo até deixá-la tão ensopada que chegasse a pingar e então atear fogo nela. O plano recebeu aceitação unânime! Todos exultaram pelo brilhantismo da ideia. "O macaco sem cauda irá até o seu mestre e o trará aqui para vingar a sua perda; poderemos, então, testemunhar o valor e o poder do seu mestre", disseram. E uma torrente de murmúrios percorreu o salão.

Hanuman observava os seus movimentos e ouvia as suas confabulações, rindo interiormente o tempo todo. Quando eles terminaram, prorrompeu em uma tonitruante gargalhada! Os demônios enfureceram-se com aquele comportamento insultuoso. Reuniram panos e óleo e puseram-se a envolver e embeber a cauda. No entanto, quanto mais faziam isso, mais longa ela ficava! Tiveram que encomendar quilômetros e quilômetros de tecido e uma enorme quantidade de tanques de óleo.

Notícias daquele fato prodigioso espalharam-se por toda a cidade e multidões de homens, mulheres e crianças acorreram ao salão para testemunhar o milagre. Nisso, bandas de música iniciaram o desfile, sob os aplausos do povaréu. Com a cauda inteiramente envolta em tecido embebido em óleo, Hanuman foi conduzido pelas ruas até chegarem à praça central da cidade. Ali, diante de uma imensa massa de cidadãos ansiosos, foi posta uma chama acesa na ponta da sua cauda.

Repentinamente, Hanuman assumiu a sua forma sutil e as cordas que o amarravam afrouxaram-se e caíram ao chão. Ele pôde, então, retornar ao seu tamanho natural e sair pulando. Com um único salto, subiu no telhado de uma mansão dourada, gritando: "Rama, Rama". Os demônios tremeram de medo, pois uma forte rajada de vento surgiu do nada, soprando com enorme velocidade. Fora de si de tanta alegria, Hanuman deu uma cambalhota no ar e começou a pular de uma mansão para outra, com a sua cauda flamejante. Elas pegaram fogo! A cauda ficava cada vez mais longa, e o incêndio aumentava à medida que ele se deslocava de uma rua para outra. As mansões de toda a cidade de Lanka foram tomadas pelo fogo e transformadas em montes de cinzas.

Os demônios fugiam desesperadamente, com as esposas e filhos, abandonando as casas em chamas, ansiosos para salvar as suas vidas. Para aumentar a confusão, bois, cavalos, mulas e elefantes saíam dos seus currais e corriam desordenadamente, em pânico e aflição. Toda a cidade foi envolta por uma mortalha de lamentos, gritos, urros e soprar de trombetas. "Oh, salve-nos! Oh, leve-nos para um lugar seguro!" Apelos angustiosos como esses erguiam-se das gargantas de mulheres e crianças e ecoavam pelo céu.

Ao ouvir os lamentos, a rainha Mandodari, consorte de Ravana, chamou os soldados que guardavam o palácio e ordenou-lhes que dessem abrigo às mulheres e crianças. Confessou os seus temores e externou a dor que a afligia: "Ai de mim! A tola obstinação de Ravana está acarretando a extinção do clã dos *rakshasas*. Essa calamidade só acabará em holocausto. Eu e o meu cunhado Vibhishana o aconselhamos tanto, lhe imploramos com as palmas unidas, porém ele se recusou a nos dar atenção. Queixamo-nos de que isso levaria à destruição de todos os demônios; mas, como dizem: 'Quando o extermínio está próximo, o discernimento foge para longe'. Os maus tempos estão se acercando dele; por isso se comporta de maneira tão nefasta".

Para onde quer que ela olhasse, ferozes línguas de fogo refulgiam na sua direção. Também viu Hanuman saltando em meio às chamas, bem diante dos seus olhos. Gritos elevavam-se do interior de cada habitação: "Hanuman, salve-nos!" "Poupe esta casa!" Com as palmas unidas, os moradores rogavam: "Tenha piedade dos nossos filhos!" A esposa de Kumbhakarna, irmão mais novo de Ravana, correu à frente com a sua súplica: "Ó mensageiro de Rama! O meu marido está imerso em sono profundo⁵⁶. Não ateie fogo à nossa casa. Salve-o de morrer queimado".

Lanka foi tomada pela angústia de ser inteiramente destruída. Logo o próprio Ravana veio a saber da calamidade e ordenou que o macaco fosse cercado por soldados munidos de armas e morteiros. Aqueles que iam em direção a Hanuman debandavam, apavorados, quando a sua cauda em brasa os golpeava impiedosamente, e muitos foram mortos por ela. Mulheres clamavam e invocavam as nuvens para que fizessem chover em abundância e impedissem que o fogo se alastrasse. Malyavanta⁵⁷ viu a situação delas e falou consigo mesmo: "Não, este fogo não pode ser apagado pela chuva! Isto é o insuportável sofrimento de Sita". Outros diziam: "Esta é a chama da ira contra Ravana; é a forma ígnea da maldição pela qual ele terá que passar e que reduzirá esta cidade a cinzas".

As enormes labaredas saltavam de telhado em telhado, sem nenhum sinal de exaustão. Às vezes Hanuman se fazia pequeno, às vezes gigantesco; porém o ritmo da destruição continuava o mesmo, qualquer que fosse o tamanho por ele assumido. Podiam-se ouvir, vindos de todos os lados, o crepitar das chamas e o incessante estrondo de paredes ruindo.

Sita ouviu as notícias. Ergueu a cabeça e lançou um longo olhar para a fumaça e as labaredas que cercavam o jardim. A fumaça escurecia o céu e o jardim ficara desagradavelmente quente! Sem demora, Sita invocou o deus do fogo e implorou-lhe que salvasse Hanuman, o genuíno devoto (*bhakta*) de Rama. Como a sua oração provinha de um coração compassivo, o ambiente tornou-se repentinamente fresco e confortável para Hanuman.

Ravana sofreu a perda e a desonra por desprezar o conselho dado pelos anciãos e por se entregar a conversas vulgares ao lhe ser indicado o caminho correto. Em um piscar de olhos, teve a capital do seu império destruída pelo fogo. A casa onde Kumbhakarna permanecia adormecido, assim como a de Vibhishana, o maior dentre os devotos, eram as únicas que não haviam sido arrasadas pelo incêndio.

Hanuman visita Sita

Hanuman pulou no mar e mergulhou a cauda na água para apagar o fogo; em seguida assumiu a forma de um macaco em miniatura e foi até a presença de Sita. Prostrou-se diante dela e falou: "Mãe! Irei até Rama e lhe transmitirei toda a sua mensagem, conforme a senhora me pediu. Dê-me algo para que eu possa provar que a encontrei".

Sita pensou por algum tempo e, tirando da cabeça uma joia incrustada com pedras preciosas, colocou-a na mão de Hanuman. Ele a pressionou reverentemente contra os

⁵⁶ Devido a uma maldição lançada por Brahma, Kumbhakarna dormia profundamente por seis meses; ao final desse período, ficava acordado durante um único dia e depois voltava a dormir por mais seis meses. (N. T.)

⁵⁷ Avô materno e conselheiro de Ravana. (N. T.)

olhos e, transbordante de alegria, inclinou-se mais uma vez aos pés de Sita, que o abençoou e disse: "Hanuman! Você viu com os seus próprios olhos a tortura que Ravana está me infligindo; portanto não há necessidade de me alongar sobre esse assunto. Diga ao meu senhor que deve me agradecer com o seu *darshan*. Informe-o de que tenho orado por isso incessantemente. Diga-lhe também que ele e Lakshmana devem sitiar Lanka dentro de um mês.

"Hanuman! Passei estes três dias muito feliz, falando de Rama com você. O meu coração tornou-se calmo e sereno. Não consigo imaginar como atravessarei as noites e os dias depois que for embora. Serei como um peixe em uma lagoa seca. É claro que o onisciente Senhor está sempre velando por mim, mas quando – oh, quando? – deleitarei o meu olhar naqueles seus olhos de lótus?"

Hanuman tentou infundir fé e coragem na mente de Sita com afirmações e palavras de encorajamento. Rogou, implorou e prostrou-se várias vezes aos seus pés até que, finalmente, se voltou e seguiu o seu caminho.

O regresso ao acampamento de Rama

Antes de deixar o bosque de Ashoka (Ashokavana), Hanuman deu um rugido de despedida que abalou a terra e fez com que os homens, mulheres e crianças da ilha tremessem, apavorados. Sem demora, chegou à costa; encheu a mente com o pensamento em Rama, e os olhos com o seu encanto; então, enquanto meditava naquele Nome e naquela Forma, saltou sobre o mar e atingiu o outro lado em um instante.

Aquele era o dia da lua cheia do mês de Kartika (outubro – novembro), e o luar refrescante era um bálsamo para o coração. O Nome de Rama incutia força e alegria. Hanuman vencera! Os grupos de macacos que o avistaram à distância, vindo do horizonte, ficaram indescritivelmente eufóricos. Encheram-se de uma alegria que fez com que os seus rostos florescessem e brilhassem com novo esplendor à medida que ele se aproximava. Exultaram pelo cumprimento da missão na qual Rama os enviara.

Por três dias inteiros haviam aguardado o retorno de Hanuman, com os corações ressequidos pelo desespero; agora vestiam-se de folhas e de flores. Espalharam-se ao longo da costa, empurrando-se para a frente, desejosos de estreitá-lo contra o peito assim que ele tocasse no solo. Foram logo lhe perguntando o que acontecera em Lanka e também a respeito de Sita, do seu bem-estar e da situação e condições da cidade. Com muito entusiasmo, Hanuman contou-lhes tudo o que queriam saber e foi até a presença de Rama.

Pouco depois, entraram no jardim chamado Madhuvana⁵⁸ e devoraram os frutos que ali cresciam, pois Sugriva prometera a todos livre acesso ao local assim que descobrissem o paradeiro de Sita. Os guardas lá postados tentaram impedir a entrada da horda, mas não conseguiram; então foram correndo até o seu mestre para lhe dizer que eram impotentes para evitar o saque.

Ao ouvi-los, Sugriva exclamou: "Ora, eles venceram! Executaram a tarefa que Rama lhes atribuiu!" Sentindo-se extremamente feliz, orientou os guardas: "Isso é uma celebração, um festival de bem-aventurança (*ananda*). Vão, não se preocupem!"

Nisso, grupos de macacos chegaram e caíram aos pés do seu rei e mestre. Sugriva sorriu para eles e disse: "Bem, soube que a sua expedição frutificou". Eles responderam:

⁵⁸ Esse nome significa "bosque do mel" (*madhu* = mel + *vana* = bosque). (N. T.)

“Senhor! Por meio da sua graça e dos seus bons votos, obtivemos sucesso na nossa empreitada. Foi um grande herói que alcançou a vitória. Ele nos deu novo alento. É unicamente por causa dele que estamos aqui na sua presença, vivos e falando com o senhor”. E forneceram a Sugriva detalhes sobre a situação em Lanka e a difícil condição em que se achava Sita.

Diante disso, Sugriva levantou-se repentinamente, declarando: “Não devemos nos demorar nem mais um minuto!”, e apressou-se a ir até onde Rama estava. Percebendo que os macacos vinham apressadamente na sua direção com a notícia da missão bem-sucedida, Rama e Lakshmana sentaram-se sobre um enorme rochedo e aguardaram o grupo que se aproximava. Bastante excitados, os macacos avançaram a passos largos e prostraram-se aos pés de Rama.

Entrevista com Rama

Primeiro, Rama indagou sobre a saúde e o bem-estar de todos. Jambavan, o mais velho e experiente dentre eles, levantou-se e disse: “Aqueles que conquistaram a sua compaixão são verdadeiramente abençoados, pois ela confere todas as virtudes. Tal renome alcança os três mundos”. E elogiou Hanuman de diversas maneiras.

Hanuman ergueu-se e prostrou-se diante de Rama. Em seguida passou a descrever pormenorizadamente a ilha de Lanka e, com lágrimas de alegria e compaixão, relatou a situação de Sita e depositou nas mãos de Rama a preciosa joia que trouxera com extremo zelo e atenção. Rama, estreitando Hanuman contra o peito, pediu: “Ó filho do deus do vento! Conte-me mais sobre Sita, a sua condição e os seus sentimentos”.

Hanuman respondeu: “Ó Senhor da minha vida! É impossível descrever o que vi. Sita está reduzida a pele e ossos, pois não come nem dorme. Conta os minutos, suplicando o seu *darshan*. Não tem outro pensamento que não seja a recitação do seu Nome. Ela queria que eu lhe falasse sobre as suas incontáveis prostrações. Lembra-se frequentemente de Lakshmana e então derrama copiosas lágrimas. Escutei com os meus próprios ouvidos o som da afiada adaga verbal com a qual Ravana a golpeia diariamente, pela manhã e à noite, quando a vê e fala com ela. A Mãe não dá nem um pouco de atenção à sua tagarelice; derrete-se na agonia da separação e nos pensamentos concentrados no senhor”. Por fim gritou, caindo aos pés de Rama: “Salve Sita agora mesmo!”

Ao ouvir essas palavras, Lakshmana ergueu-se, tomado por uma ira vingativa, e chorou pela situação de Sita. Imaginá-la em Lanka abrasava o seu interior. Disse, finalmente: “Irmão! Não se demore. Salve a minha cunhada!” Rama respondeu, com um sorriso: “Lakshmana! Não se apresse. Espere o momento propício. Há um tempo certo para se dar cada passo. Não se abata quando o sofrimento o invade nem exulte quando vem a alegria”. E consolou-o com palavras suaves e reconfortantes.

Rama convidou Hanuman a sentar-se perto de si e, com ele aos seus pés, perguntou: “Hanuman! Qual é a natureza do governo que Ravana estabeleceu em Lanka? E como foi que você ateou fogo à cidade?”

Hanuman respondeu: “Senhor, não há nada que não conheça. O que devo dizer da força dos macacos? Somos apenas animais que pulam de galho em galho. Como pudemos saltar de um lado do mar para o outro? Como fomos capazes de sobrepujar os demônios? Como conseguimos destruir pelo fogo a cidade de Lanka? Tudo isso se deveu apenas à sua graça e à sua glória. A força e a coragem que o seu Nome confere ajudaram-

nos a realizar tais coisas. Por mim mesmo, sou inteiramente incapaz de fazer qualquer coisa.

“Aquele seu anel que eu levava comigo protegeu-me e guiou-me pelo caminho correto. Senhor! Como a Mãe ficou feliz ao vê-lo e segurá-lo na mão! ‘Será isso um sonho? Ou Rama realmente o enviou para mim?’ Assim ela se perguntava, duvidando, mas finalmente se firmou na fé. Senhor, foram o sofrimento e a extrema angústia da Mãe Sita que incendiaram e a destruíram Lanka, não eu. O senhor me escolheu como instrumento e realizou essas grandes tarefas usando-me como ferramenta. Tudo isso é uma bênção a mim concedida, já que tem imenso carinho pelos seus devotos. Senhor! Nada é impossível para quem conquistou a sua graça.”

Rama ficou muito satisfeito ao ouvir aquelas palavras carregadas de sinceridade e humildade. Virou-se para Lakshmana e disse: “Irmão! Prepare-se imediatamente para a campanha”. Então os próprios deuses, observando a junção de forças capazes de abalar a terra e os preparativos realizados com toda a presteza por Jambavan e Sugriva, ficaram atônitos e satisfeitos.

Os macacos guerreiros tocaram os pés de Rama e emitiram um rugido triunfal. Rama agraciou a todos com o seu olhar de compaixão e de bênção. Cada guerreiro tornou-se uma montanha alada! Assim que avançaram, exultantes, foram saudados por auspiciosos presságios – também sentidos por Sita naquele exato momento, no bosque de Ashoka. Ravana, por sua vez, foi assediado por pressentimentos sinistros indicados por acontecimentos de mau agouro.

Jambavan e outros arrancavam enormes árvores e as brandiam como armas. Em sua marcha, soltavam gritos de guerra que faziam a terra tremer debaixo dos seus pés e os céus ribombarem ao seu redor. De vez em quando clamavam animadamente: “Vitória ao Senhor Ramachandra!”

Mandodari tenta dissuadir Ravana

Em Lanka todos os demônios (*rakshasas*) estavam ansiosos em relação ao que lhes estaria reservado em dias futuros. Receavam o desastre iminente, convencidos de que não poderiam escapar à catástrofe. Somente por sussurros podiam compartilhar entre si os seus temores, pois tinham um medo mortal de Ravana. Onde quer que se reunissem em grupos, a conversa girava em torno do calamitoso estrago causado pelo mensageiro de Rama. Perguntavam-se: "Se o servo foi capaz de tão terrível façanha, qual será o tamanho da ofensiva que o seu mestre poderá lançar?" Imaginavam Rama como tendo poder para um ataque descomunal.

Esses temores foram transmitidos a Mandodari, rainha consorte de Ravana, pelas suas criadas. Com a mente repleta de apreensão e ansiedade e percebendo que o seu receio se baseava em uma avaliação correta dos acontecimentos, aguardou um momento propício para falar a sós com Ravana, quando ele estivesse em um estado de espírito mais receptivo.

Assim que essa oportunidade se apresentou, ela disse a Ravana: "Senhor! Não crie inimizade contra o Onisciente. O senhor mesmo expressou a opinião de que Rama não é um ser comum. O seu exército não teve êxito em se vingar dele quando a sua irmã Shurpanakha foi desfigurada; não conseguiu prejudicá-lo nem levá-lo a se arrepender. Agora que Rama tem ao seu lado milhões de formidáveis heróis macacos, o que poderão fazer contra ele os nossos guerreiros *rakshasas*? Nem mesmo foram capazes de amarrar e punir o mensageiro que entrou neste reino. Essa é a extensão da desgraça que nos

atingiu. Se um único servo causou tanto horror e desespero, quão piores seriam as calamidades que milhões como ele poderiam acarretar?

“Rogo-lhe, portanto, que ouça o meu apelo. Envie Sita de volta a Rama, aos cuidados do irmão Vibhishana ou dos seus ministros. Ela também não é uma mulher comum. Exemplarmente casta, é a própria encarnação da energia espiritual que resulta de uma natureza reta. Causar sofrimento a alguém assim não poderá lhe trazer nada de bom. Atenda à minha súplica. Devolva Sita a Rama. Quando o fizer, tudo ficará bem para o senhor e para a nossa raça *rakshasa*. Do contrário, assim como uma serpente engole rãs, as flechas de Rama engolirão as hordas de demônios. Abandone a teimosia e o orgulho. Ofereça Sita aos pés de Rama.” Com essa lastimosa insistência, a rainha prostrou-se aos pés de Ravana.

Ravana, o ignorante pretensioso, olhou para Mandodari e respondeu com uma sonora gargalhada. "Mas que vergonha! Mulheres delicadas apavoram-se facilmente; é da sua própria natureza. As suas palavras surgidas do medo transformam até uma boa sorte em infortúnio. Quando os macacos chegarem aos nossos portões, os demônios certamente os devorarão. Os deuses estremecem, mortalmente aterrorizados, à simples menção do meu nome; então, por que está receosa desses brutos habitantes das árvores? Que vergonha, esses seus temores! Saia daqui!" Assim dizendo, dirigiu-se orgulhosamente para o salão, parecendo a arrogância personificada.

Assim que ele partiu, Mandodari lamentou-se: "Ai de nós! O destino está arquitetando uma enorme tragédia. O que estará decidido para mim? É terrível até imaginar isso". Carregada de tristeza e perplexa, sem saber o que mais poderia fazer, recolheu-se aos seus aposentos e ali ficou, rolando na cama, agitada por uma infinidade de pensamentos.

Ravana conversa com os seus ministros

No salão de audiências, Ravana convocou os ministros e convidou-os a expressar as suas estimativas da situação: "Vocês estão cientes das calamidades infligidas pelo mensageiro de Rama. Que medidas se fazem necessárias? Quais as suas sugestões para o futuro? Digam-me francamente, sem o menor temor". Os ministros entreolharam-se, reprimindo um riso de zombaria, mas nenhum deles ousou se pronunciar.

Subitamente, Kumbhakarna emergiu do seu sono de meses e irrompeu no salão. Embora não devesse estar ciente do enorme incêndio deflagrado durante a visita de Hanuman, pois dormia quando isso ocorreu, gritou com o irmão mais velho: "Ei! Você se gabou de que não há um herói que o iguale em todos os três mundos e desafiou qualquer um a enfrentá-lo. Agora ouço dizerem que um minúsculo macaquinho entrou na cidade e a queimou até as cinzas! Que vexame! Você devia se envergonhar! Como permitiu que ele escapasse vivo?" Com essas palavras de escárnio, saiu do salão e dirigiu-se apressadamente à sua residência.

Nesse ponto, o ministro Atikaya⁵⁹ levantou-se do seu assento e falou ao imperador: "Mestre! Obedeceremos às suas ordens. Se apenas um olhar benevolente seu pousar sobre nós, seremos capazes de destruir todos os homens e macacos e varrê-los da face da Terra. Para que dizer mais?" E sentou-se, com um grunhido de satisfação.

Meghanada, o general dotado do poder de assumir qualquer forma que desejasse, ergueu-se e declarou: "Mestre Supremo! O seu poder e majestade repercutem no

⁵⁹ Atikaya era um dos filhos de Ravana. (N. T.)

mundo inteiro. Os deuses são seus avalistas. Quem pode ser mais forte que eles? Então, por que falar do destino dos homens na presença do senhor?" As suas palavras estavam impregnadas de orgulho pomposo.

Kumbha e Nikumbha, os filhos ateus e extremamente egotistas de Kumbhakarna, também se expressaram nesse tom. Akampana e outros guerreiros vieram acrescentar os seus versos à mesma música. De vez em quando o imbatível Mahodara levantava-se e batia nas coxas como se estivesse manifestando a sua impaciência por entrar em combate. Naturalmente estavam todos contagiados por um medo interior, embora não o demonstrassem na fala ou nos semblantes. Conseqüentemente, Ravana ficou satisfeito e eles alcançaram o seu objetivo, que era elevar o ânimo do seu senhor.

Por último, um deles se levantou e, tentando chamar a atenção, propôs: "Imperador! Trajado como um brâmane, irei até onde Rama e Lakshmana estiverem, me aproximarei deles e os convidarei para um almoço; então, quando entrarem no meu eremitério, eu os amarrarei pelas mãos e pelos pés. Se o senhor aprovar esse estratagema, tentarei pô-lo em prática".

Vibhishana tem a palavra

Ravana sentia-se muito contente com os seus ministros e com os demais. Nesse momento, Vibhishana adentrou o salão. Ravana olhou para ele e perguntou-lhe: "Irmão! Qual é a sua opinião sobre a questão daqueles homens e daqueles macacos?"

Vibhishana fez uso da palavra: "Ó irmão todo-compassivo! Eu lhe responderei da melhor maneira possível, sem enfeites nem evasivas. Rogo-lhe apenas que me ouça com paciência e atenção. Perdoe-me, ó soberano senhor! Se deseja uma boa condição após a morte e fama imaculada durante a vida, assim como prosperidade e felicidade agora e no futuro, deve abster-se de admirar a beleza de mulheres que pertencem a outros.

"O que poderá um único ser vivo como você fazer para ferir ou estorvar o governante dos quatorze mundos? Conseguirá alguém sobreviver tendo se oposto a ele? Como poderá tal pessoa prosperar? A ganância anuvia todas as virtudes do ser. A luxúria e a ira são portas de entrada para as regiões da ruína. Rama não é uma pessoa comum. Ele é a morte para o deus da morte. É o regulador do tempo. Não pode ser afetado por nenhuma doença, carência ou fraqueza. Não é nascido; é, portanto, imortal. Abandone o seu ódio contra esse ser divino e implore para ser aceito como seu servo. Devolva-lhe a sua consorte e conquiste a sua graça. Prostrado aos seus pés, suplico-lhe com toda a força que possuo."

Ao ouvi-lo, Malyavanta, um velho e venerado ministro, concordou com a cabeça; levantou-se e falou: "Mestre! As palavras proferidas pelo seu irmão são justas e corretas. Aceitar as suas sugestões redundará em fama para o senhor". Ravana, porém, ficou imensamente irritado com os conselhos de ambos e repreendeu-os com veemência: "Vocês são dois idiotas! Sabem o que fizeram esse tempo todo? Exaltaram o meu inimigo. Não são dignos de estar presentes aqui enquanto esse assunto estiver sendo considerado". E ordenou que fossem retirados do salão de audiências.

Diante disso, Malyavanta desceu do seu assento e dirigiu-se apressadamente à sua residência. Quanto a Vibhishana, prestou reverência ao irmão mais velho e, com as palmas unidas, advertiu-o: "Ó rei! Os Vedas e os Shastras (Escrituras Sagradas) declaram que as naturezas gêmeas da bondade e da perversidade habitam no coração de cada pessoa. Se a bondade predominar e receber plena autoridade, ela gozará de alegria, paz

e prosperidade de todos os tipos. Se a perversidade predominar e assumir o controle, ela será acometida por toda espécie de adversidades.

“Agora a sua natureza vil está sobrepujando a sua natureza virtuosa; por isso condena como inimigos aqueles que lhe prestam bons conselhos e tentam promover o seu bem. Sita é como a noite da destruição para os demônios (*rakshasas*). Você não tem compaixão por ela; essa é a sua característica perversa. Suplico-lhe esta dádiva; por favor, aceite o meu pedido. Devolva Sita a Rama. Tenho a certeza de que isso lhe granjeará toda a felicidade e tudo o que é auspicioso.”

Ravana ergueu-se repentinamente do seu trono e exclamou: "Seu estúpido! A morte chegou bem perto de você! Somente a minha graça o tem mantido vivo até este momento. Agora considera os meus inimigos como seus benfeitores. Não consigo entender por que desenvolveu respeito e lealdade a eles. Existirá na Terra um ser vivo que não possa ser subjugado pela força dos meus braços? Como ousa enaltecer os meus inimigos, se come a comida que lhe dou, vive na casa que providenciei para você e habita o meu território? Alguns arbustos espinhosos cultivados para proteger o forte acabam por se tornar nocivos ao próprio forte. No seu caso, você se alastrou demais para ser útil. Vá, vá para algum eremitério e lá ensine as suas lições sobre moral e bondade!" Assim dizendo, afastou com um chute o irmão, que estava aos seus pés.

Apesar de toda a raiva com que Ravana o enxotava, Vibhishana persistiu por longo tempo em lhe suplicar, segurando com as mãos os mesmos pés que o estavam chutando: "Rei! Rama decide com base na Verdade e a resolução que ele toma nunca falha. O seu tempo está acabando, e igualmente o dos seus seguidores. Eu me refugiarei em Rama. Fiz o melhor que pude para salvá-lo. Não tenho nada do que me arrepender, pois nada fiz de errado". Com essas palavras, deixou o salão.

Vibhishana se junta a Rama

Recitando “Rama, Rama” a cada respiração e quase sem fôlego de tanta alegria e animação, Vibhishana atravessou o oceano e desembarcou na outra costa. Considerando-o um mensageiro de Ravana, os macacos (*vanaras*) que o avistaram foram relatar o fato ao governante Sugriva, e Vibhishana foi impedido de entrar no acampamento.

Sugriva transmitiu a Rama a notícia da sua chegada, dizendo: “Rama! O irmão de Ravana está aqui para ter o seu *darshan*”. Quando Rama lhe perguntou o que achava do incidente, respondeu que era difícil entender os planos e os propósitos dos demônios (*rakshasas*), uma vez que eles assumiam várias formas, conforme o desejassem, o que os tornava impossíveis de ser explicados. “Não sabemos por que ele veio até nós. Imagino que seja para criar uma ruptura entre mim e Angada, o filho de Vali. Creio que é aconselhável amarrá-lo e mantê-lo à distância, sem demora”, acrescentou.

Rama retrucou: “Amigo! As suas palavras estão corretas. Você falou de acordo com as injunções das Escrituras (Shastras) relativas a deserções. No entanto, ouça o meu voto, que pode ser contrário ao seu conselho. Proferi o voto de proteger todos aqueles que se entregassem a mim. Ainda que seja nosso inimigo, seria errado abrir uma exceção para ele. Não abandonarei nenhum ser que se entregue a mim, mesmo que isso envolva o pecado de matar um bilhão de brâmanes.

“Talvez Ravana o tenha enviado para semear a discórdia entre nós. Bem, ainda que seja verdade, por que deveríamos temê-lo? Por outro lado, pode ter vindo por estar com medo do irmão. Se ele se entregar a mim, eu o protegerei e cuidarei dele como o próprio

ar que respire; portanto faça-o entrar imediatamente”, ordenou. Sugriva apressou-se em obedecer. Hanuman trouxe Vibhishana e o fez ficar de pé diante de Rama.

Quando os seus olhos pousaram sobre o rosto de lótus de Rama, Vibhishana verteu copiosas lágrimas de êxtase e mal pôde se manter de pé. “Senhor”, ofegou, prostrando-se aos pés de Rama. “Salve-me, salve-me! Sou o seu escravo!”, rogou. “Ó protetor dos deuses! Sou o irmão mais novo de Ravana, que governa os demônios. O meu nome é Vibhishana. Nasci como um demônio em consequência da enorme quantidade de pecados que acumulei. A estupidez e a ignorância me dominam. Assim como a coruja anseia pela noite, deleito-me apenas com a escuridão. Sei que cuida de todos aqueles que se entregam ao senhor, ansiando pelo seu amor e pela sua graça. Não tenho mais ninguém a quem recorrer para me resgatar.”

Ao vê-lo implorando tão humildemente, ávido por ser admitido como alguém de confiança e salvo, Rama ficou encantado. Trouxe-o para perto de si e acariciou-o ternamente, batendo de leve nas suas costas com profundo amor; dirigiu-se a ele com doçura: “Meu querido Vibhishana! Não se preocupe. O próprio *darshan* que teve de mim destruiu a sua natureza demoníaca. Você é para mim tão próximo quanto Lakshmana e Sugriva”. Essas palavras apagaram todo o medo do coração de Vibhishana.

Rama indagou: “Ó governante de Lanka! Todos os seus seguidores e companheiros estão fortes e com saúde? Como pôde passar os dias na retidão em meio a tantos milhões de demônios? Como conseguiu manter a sua devoção e dedicação a Deus naquele ambiente?” Perguntou-lhe ainda sobre diversos assuntos relacionados às suas atividades.

Finalmente, Vibhishana respondeu: “Ó senhor da dinastia de Raghu! A luxúria, a ira e todo o resto dessa linhagem maligna infestam o coração até o momento em que o senhor entra nele com o seu arco e flecha nas mãos. Quando se passa a conhecer a sua natureza e o seu encanto, a luxúria e a ira fogem da mente. Apegos e ódios infestam os corações obscuros que não conhecem a luz da sabedoria. Senhor! Obtive a realização dos meus sonhos mais queridos quando lancei os olhos sobre os seus Pés de Lótus e toquei-os com as mãos e a cabeça. O medo e a tristeza que sentia foram destruídos. Jamais pratiquei uma única boa ação em um dia que fosse e, ainda assim, o senhor me abraçou. Oh, quão imensa é a minha boa sorte!” Abundantes lágrimas de alegria e gratidão fluíam dos olhos de Vibhishana.

Rama interrompeu-o, dizendo: “Vibhishana, você possui todas as excelências desejáveis. Caso contrário, não teria merecido de mim essa visão (*darshan*) e essa oportunidade de me tocar, de entrar em contato comigo e de conversar comigo”. Tomado de êxtase e de uma alegria sem limites, Vibhishana prostrou-se repetidas vezes aos Pés de Lótus de Rama.

Rama ordenou-lhe: “Agora vá, banhe-se nas águas sagradas do mar e volte logo”. Vibhishana dirigiu-se para o litoral; nesse ínterim, Rama pediu a Hanuman que lhe trouxesse um pote com a água sagrada do mar. Quando Vibhishana retornou do banho e prostrou-se aos seus pés, Rama retirou um punhado da água do pote e, salpicando algumas gotas sobre a cabeça de Vibhishana, declarou: “Por meio deste ritual, faço-o governante do reino de Lanka”.

Vibhishana ergueu-se e disse: “Senhor! Para que preciso de um reino? Ficarei contente se apenas tiver um lugar ao lado dos seus Pés de Lótus”. Rama, porém, replicou: “Não, você não pode escapar a esse dever”.

Vibhishana respondeu: “Inclino a cabeça diante da ordem que recebo do senhor”, e uniu as palmas das mãos em humilde reverência. Impressionados pela compaixão e pela graça que Rama concedera a alguém que se entregara por inteiro aos seus Pés de Lótus, os macacos permaneceram ao redor deles, com os corações repletos de bem-aventurança.

Rama voltou-se para os generais das hostes dos macacos e lhes disse: “Comandantes! Levem Vibhishana com vocês. Não o considerem como alguém à parte, e sim como seu camarada. Ele pertence a mim”. Vibhishana sentiu-se grandemente encorajado por essas afetuosas palavras. Logo todos se deslocaram em direção ao litoral.

7. A PONTE

Suka, o mensageiro

Olhando para o mar, Rama indagou qual seria a melhor maneira de atravessá-lo. Muitos macacos sugeriram meios e métodos. Por fim, Vibhishana levantou-se do seu lugar e dirigiu-se a Rama: “Senhor! O oceano deve a sua origem a Sagara e seus filhos⁶⁰, antepassados do senhor. O oceano é o ‘preceptor’ familiar da sua linhagem. Basta que o senhor decida que ele deve ser transposto, e os macacos poderão fazer isso facilmente”.

Nesse meio-tempo, os macacos amarraram e levaram até Sugriva um mensageiro de Ravana que fora avistado por Vibhishana. Sugriva mandou que lhe decepassem os membros, mas quando os macacos estavam se preparando para executar a ordem, ele protestou, gritando de aflição: “Ó macacos! Eu juro por Rama! Não me cortem o nariz nem as orelhas!”

Lakshmana ouviu o seu clamor comovente e pediu que o demônio fosse levado à sua presença. Falou-lhe suavemente e admoestou os macacos por torturarem um mensageiro que Ravana enviara. Em seguida, escreveu uma carta e colocou-a na mão do mensageiro, ordenando-lhe que entregasse a missiva a Ravana com as seguintes palavras: “Ó destruidor da sorte do seu próprio clã! Pelo menos neste dia transforme o seu coração e caia aos pés de Rama. Ele o perdoará. Não dizime nem leve à destruição a tribo dos *rakshasas* para sustentar as suas vilanias. Saiba que não há outros meios à sua disposição para você evitar a morte iminente”.

Com essas sérias e severas advertências, o mensageiro foi mandado de volta ao seu mestre. Transbordando de alegria por poder escapar vivo, ele gritou: “Vitória (*jai*) ao Senhor Ramachandra!” e prostrou-se aos pés de Rama antes de regressar apressadamente à sua terra.

Suka fala com Ravana

Na corte de Ravana, Suka relatou os acontecimentos e começou a descrever, com incontrolável deleite, o majestoso encanto de Rama; depois entregou-lhe a carta que Lakshmana lhe confiara.

Ravana indagou como estava passando o seu irmão Vibhishana. “Maldito! Os seus dias estão contados! A morte o tragará em breve. Ele é uma praga criada neste celeiro. Abandonou Lanka e juntou-se ao meu inimigo. A desgraça o perseguirá até que morra!”, vociferou.

Virou-se para Suka e perguntou-lhe: “Sob esse pretexto você visitou o acampamento deles. Contou-lhes sobre o nosso poderio militar e a nossa resolução inflexível, não contou? Diga-me o que descobriu em relação aos seus recursos e capacidades”.

De pé diante do trono, com as palmas unidas, o mensageiro falou: “Senhor! Rogo-lhe que estenda a sua graça sobre mim e ouça com serenidade e paciência o que vou dizer. No momento em que o seu irmão selou amizade com Rama, este o coroou

⁶⁰ *Sagara* significa “oceano”, mas é também o nome de um célebre antepassado de Rama e rei da dinastia de Raghu, cuja história é contada no capítulo 7 do primeiro volume desta obra. (N. T.)

imperador de Lanka! Sabendo que eu havia chegado ao acampamento como seu mensageiro, os macacos me apanharam e me torturaram de diversas maneiras. Jurei em nome de Rama e invoquei-o para que me salvasse; por isso permitiram que eu partisse sem sofrer nenhuma mutilação, com o nariz e as orelhas intactas.

“Ainda que eu tivesse mil línguas, não poderia descrever o poder daqueles exércitos de macacos. Que miríade de heroicos guerreiros eles formam! Há macacos de muitas cores diferentes, de todas as idades e categorias, de estatura e força gigantescas. Quem olha para eles estremece de pavor. O simples fato de imaginá-los ou de pensar neles já constitui uma experiência aterrorizante. Avalie o poder daquele único macaco que matou o seu filho e reduziu a cidade a cinzas! Tudo isso é consequência de serem eles reflexos e ecos do invencível poder do próprio Rama. Até o pirralhinho menor dentre eles se torna, por esse mesmo motivo, um monstro aterrador.

“Existem macacos guerreiros dotados da força de muitas manadas de elefantes. Dvidida, Mainda, Nila, Nala, Angada, Vinata, Dadhimukha, Kesharin, Kumuda, Gaja, Gavaksha, Jambavan são os seus generais, todos iguais em poder e habilidade militar a Sugriva, o seu governante. E há mais centenas de milhares deles de idêntica força. O seu número está além de qualquer estimativa. A sua fúria e ferocidade podem destruir a Terra, o Céu e as regiões inferiores como se fossem simples montes de palha. Senhor, ouvi dizer que o seu número é de 18 *padmas*⁶¹, cada um tendo à frente um valoroso general. Imperador! Não encontrei um único macaco, do nível mais alto ao mais baixo, que duvidasse da vitória; também não havia entre eles quem tivesse o mínimo traço de nervosismo às vésperas da marcha. Todos estão retesando os músculos para esmagar esta cidade. Aguardam apenas o sinal de Rama, que até o momento não foi dado.

“Quer o oceano ceda e lhes dê o direito de passagem ou não, estão determinados a construir uma travessia de pedras e lograr êxito no seu empreendimento. Mostram e rangem os dentes, vangloriando-se de que espremerão o senhor até reduzi-lo a bagaço. O medo atinge todos os que escutam os seus rugidos exultantes e os seus brados de desafio. No instante em que aqueles macacos ouvem o nome ‘Ravana’, ficam tão furiosos que arrancam gigantescas árvores com raízes, galhos e tudo, e as agitam no ar em raivosa demonstração de ódio. Ficam se balançando e se sacudindo, agitando-se e gritando, em sua ânsia por destruir esta cidade. E há ursos igualmente terríveis entre eles.

“Como se tudo isso não bastasse, têm a liderá-los Rama, capaz de sobrepujar milhões de ‘deidades da morte’. Centenas de milhares de Adisheshas⁶², cada uma abençoada com mil cabeças e línguas, não poderão fazer completa justiça se forem solicitadas a descrever o heroísmo e a habilidade militar de Rama. Com uma única flecha arremessada pelo seu arco, ele tem o poder de até mesmo secar o oceano.”

A reação de Ravana ao relatório do espião e mensageiro foi uma explosão de gargalhadas ferozes: “Mas que vergonha! Dando ouvidos à tagarelice daquele arquivovarde do Vibhishana e dos macacos que ficam cercando Rama! Você está enaltecendo muito aquele tolo. É um verdadeiro absurdo descrever a força e o heroísmo de simples macacos. Basta, basta! Como se macacos pudessem ser tão fortes! Eu já ouvi o suficiente, há muito tempo, a respeito do poder e da força desse Sugriva. E o que

⁶¹ No sistema numérico indiano, cada *padma* equivale a mil trilhões, ou seja, a um quatrilhão. (N. T.)

⁶² A serpente divina de mil capelos sobre os quais repousam os mundos e que serve de leito ao Senhor Vishnu. (N. T.)

poderá fazer aquele poltrão do Vibhishana, que agora é seu ministro? Poderá contribuir com riqueza, vitória ou recursos para Rama?”

Diante dessas palavras, restou ao mensageiro recolher-se interiormente e lamentar a falta de inteligência que Ravana demonstrava. Uniu as palmas das mãos em obediência e ficou em silêncio.

Ravana rasgou o envelope que continha a carta enviada por Lakshmana e, depois de folheá-la, entregou-a ao seu ministro. Disse, então: “Você é como a perdiz (*titiri*), receosa de que o céu desabe sobre a sua ninhada! Coitada! Protege os filhotes cobrindo-os com a cabeça, como se ela fosse uma capa! Acaso o céu poderá cair e matá-los? Conseguirão ter êxito esses ermitões, esses sacerdotes sujeitos a rituais, que tentam me assustar com o seu palavreado?”

Após assistir durante algum tempo às bravatas de Ravana, Suka interrompeu-o, dizendo: “Senhor! O que lhe relatei há pouco é a pura verdade. Leia essa carta com atenção e aja sem nenhum ressentimento ou orgulho. Ouça! Abandone a hostilidade que está nutrindo. Rama possui um coração terno e compassivo. É o mestre dos três mundos. Se o senhor apenas se aproximar de Rama, ele o tomará sob a sua proteção e o resguardará do perigo. Perdoará todos os seus erros. Devolva-lhe Sita. Atenda à minha súplica”. E o enviado rogou tristemente a Ravana que se salvasse da ruína.

À medida que Suka lançava os seus apelos, os olhos de Ravana iam ficando vermelhos de raiva e de vergonha. Vociferou, protestando: “O quê? Está me considerando um criminoso?! Seu tolo! Acha que o enviei para se render aos pés daqueles bebês tagarelas da floresta? A sua audácia e impertinência não podem continuar”. E, erguendo-se do trono, expulsou-o a chutes para fora do salão.

O mensageiro fugiu para o acampamento de Rama em busca de asilo. Quando os macacos o viram novamente no meio deles, sentiram-se propensos a se vingar, mas se contiveram e aguardaram as ordens de Rama. Levado por Sugriva à presença de Rama, Suka prostrou-se diante dele e contou-lhe em detalhes a sua história e o seu destino. Suplicou-lhe que fosse aceito, assim como Vibhishana o fora, e que passasse a ser protegido pelo seu novo mestre. Sendo a própria encarnação da compaixão, Rama chamou os líderes dos macacos e ordenou-lhes que dessem as boas-vindas a Suka, o seu novo irmão. Este, por sua vez, declarou, cheio de gratidão, que alcançara a meta da sua vida.

O oceano mostra o caminho

Rama pediu a Lakshmana que lhe trouxesse o arco e a flecha. Quando os recebeu, declarou: “Seres arrogantes não merecem bondade. Pessoas nocivas e cruéis não são merecedoras de brandura. Os avarentos por natureza não são dignos de ensinamento moral. Seres egoístas não merecem conselho. Pessoas vorazes não podem se beneficiar da insistência na renúncia. Seres tomados pela raiva não são merecedores de aconselhamento a respeito de como estar em paz. Os que sucumbem à loucura da luxúria não são dignos da leitura das Escrituras. Salinas não merecem sementes de cereais. Da mesma forma, este oceano, que não cede a uma amável solicitação, não merece misericórdia”. Assim dizendo, colocou uma flecha no seu arco.

Lakshmana sentiu-se temeroso em relação às consequências que resultariam para o oceano, que se tornou quente ante o simples fato de Rama estar se preparando para disparar uma flecha nas suas profundezas. Os habitantes do fundo do mar padeciam extrema agonia. As ondas começaram a gritar como se estivessem aterrorizadas; uma

após a outra, rolavam na direção de Rama e lhe lambiam gentilmente os pés, como se estivessem suplicando piedade. Subitamente ouviu-se uma voz que parecia vir do céu, dizendo: “Senhor! No acampamento há dois generais, Nala e Nila, que são alvo de uma maldição proferida por um sábio. Pode-se agora usá-la como uma bênção. Escute a história que agora pode ser narrada”. O próprio oceano contou a Rama os detalhes doaaaaa terrível incidente.

“Outrora havia muitos eremitas que viviam em cabanas às margens de um rio. Aqueles dois, quando jovens, penetraram nos eremitérios enquanto os sábios estavam imersos em profunda meditação, pegaram os saligramas⁶³, ícones sagrados adorados pelos eremitas, e os atiraram no rio. Furiosos com aquele sacrilégio, os sábios lançaram sobre eles a seguinte maldição: 'Meninos! Que todas as coisas que vocês jogarem na água jamais afundem; que, ao invés disso, flutuem. E que permaneçam exatamente onde vocês as arremessaram, mesmo quando as águas correrem velozmente durante as enchentes'. Isso significa que todas as rochas que eles atirarem flutuarão no mesmo lugar.

“Mande gravar o seu Nome em cada laje ou pedra. Ele não é nada pesado; ao contrário, é leve. Dessa maneira, até enormes picos de montanhas flutuarão ao serem lançados à água e formarão uma ponte. Eu também contribuirei com a minha parte para ajudar nessa empreitada, pois toda a Natureza deve servir ao buscador quando a busca é pela Verdade.”

Rama, então, decidiu não disparar a flecha que pusera no arco; no entanto, como a sua flecha, uma vez fixada, teria que encontrar um alvo, ele a arremessou contra uma área florestal distante, que por essa razão se tornou um deserto árido.

A construção da ponte sobre o oceano

Rama convocou os seus ministros e ordenou-lhes que construíssem uma ponte de um lado a outro do oceano. Hanuman declarou: “Senhor! O seu Nome é a ponte que pode transportar o homem em segurança através do oceano da vida. Que ponte pode ser mais forte e mais segura do que essa?”

Jambavan, o velho general, acrescentou: “Senhor! Com a proeza de um incêndio devastador, o senhor pode secar totalmente essa massa d'água; mas certamente ela se encherá de novo até a borda com as lágrimas das mulheres que ficarão viúvas em Lanka durante a batalha que logo será travada contra Ravana e os seus exércitos”.

Rama sorriu ante a singela e sincera lealdade e o valor daqueles devotos. Dirigindo-se a Nala e a Nila, Jambavan lembrou-os da garantia dada pela fonte invisível – o próprio oceano – sobre o uso que se poderia fazer agora da maldição que haviam atraído quando jovens. Disse-lhes que instalassem Rama nos seus corações e lançassem colinas, morros, montanhas e rochas ao mar.

Os heroicos macacos correram em todas as direções e retornaram trazendo colinas inteiras na cabeça e nos ombros como se fossem tão leves quanto bolas usadas em jogos. Depois, dispostos em uma longa fila, passaram-nas de ombro a ombro, repetindo em voz alta o Nome de Rama. De vez em quando arrancavam enormes árvores, que iam passando para a frente até o local da ponte onde Nala e Nila atiravam na água o que lhes era entregue.

⁶³ Concha fossilizada esférica de cor preta, adorada como símbolo sagrado representativo do Senhor Vishnu. (N. T.)

Trabalharam sem descanso o dia inteiro, sem pensar em comida ou em qualquer coisa para o seu sustento. Em um único dia construíram uma ponte com 14 *yojanas*⁶⁴ de comprimento. Revigorados por uma boa noite de sono, levantaram-se antes do amanhecer, durante o período sagrado chamado de *Brahma muhurta*⁶⁵, e retomaram o trabalho. Bradando entusiasticamente: "Vitória (*Jai*) a Sri Ramachandra, o nosso Senhor!", corriam para os diversos cantos da terra, em busca de colinas e montanhas, que levavam até a praia e ali empilhavam para uso de Nala e Nila.

No segundo dia, a ponte recebeu um acréscimo de 20 *yojanas* de extensão; no terceiro, conseguiram prolongá-la em mais 21 e, no quarto, em mais 22 *yojanas*. Finalmente, no quinto dia, em outro esforço vitorioso, construíram mais 23, completando a ponte de 100 *yojanas* de comprimento.

Assim Nala e Nila, sem se importarem com a exaustão ou com a necessidade de descanso, concentrados em realizar a tarefa que Rama lhes atribuíra, puderam anunciar-lhe que a ponte estava pronta porque todos os que haviam trabalhado arduamente para concluí-la mantiveram sempre diante deles o seu Nome e a sua Forma.

O monte Govardhana é consolado

Rama e Lakshmana ficaram satisfeitos com a devoção e o senso de dever dos macacos, que haviam terminado a tarefa tão bem e com tanta rapidez. Rama orientou o governante Sugriva a transmitir ao longo da imensa fileira de macacos a ordem para que cada um arriasse o monte que transportava ali mesmo no lugar onde estava e descansasse um pouco antes de retornar à base.

Sugriva comunicou-a àqueles que estavam envolvidos em passar de ombro a ombro rochedos e montes para a construção da ponte. Nesse momento Hanuman transportava um imenso monte que trouxera do longínquo norte; ao ouvir a ordem de Rama, depositou-o perto de Brindavan, onde se achava naquele momento. Surpreendeu-se com o lamento do monte, que gritava: "Ai de mim! Perdi a oportunidade de prestar serviço a Rama!" Não havia jeito de consolá-lo ou confortá-lo.

Hanuman levou a sua situação ao conhecimento de Rama, que sorriu prazerosamente e exclamou: "Ah! Até mesmo as montanhas desejam ansiosamente participar dessa tarefa!" Expressando alegria por esse entusiasmo, disse a Hanuman: "Vá depressa consolar o monte. Diga-lhe para não ficar triste, pois na *Dvapara Yuga* que se aproxima eu o sustentarei bem alto na palma da minha mão durante sete dias e sete noites. Ao ouvir isso, ele se sentirá feliz". Essa garantia fez dele o monte Govardhana, que o Senhor futuramente ergueria e manteria suspenso, tal como prometera na *Treta Yuga*⁶⁶.

Rama instala um *lingam*⁶⁷

⁶⁴ Ver N. T. 45. (N. T.)

⁶⁵ Período compreendido entre as três e as seis horas da manhã; significa literalmente a "Hora de Brahma" e é especialmente auspicioso para a realização de práticas espirituais. (N. T.)

⁶⁶ Aqui Rama está falando não como o descendente da Dinastia Solar, mas como o próprio Senhor Vishnu, que encarnaria na *yuga* seguinte como o *avatar* Krishna e, como tal, ergueria o monte Govardhana com o dedo mínimo da mão esquerda e o manteria suspenso durante sete dias e sete noites para abrigar os aldeões e o gado de Brindavan das tempestades e chuvas torrenciais contínuas mandadas pelo enfurecido deus Indra. (N. T.)

⁶⁷ Símbolo sagrado do Senhor Shiva; representa o Absoluto sem Forma, o Universal, do qual todos os seres surgem e no qual todos os seres se fundem. (N. T.)

No quinto dia, Rama sentou-se à beira-mar e encantou-se ao ver a ponte. "Macacos! A sua devoção e habilidades no serviço estão além de qualquer descrição. Pelo seu senso de dedicação, vocês conquistaram o meu coração", declarou. Vibhishana veio até a sua presença e falou: "Senhor! Devemos entrar em Lanka amanhã; por isso tenho uma súplica a lhe fazer". Rama respondeu: "E qual seria? Diga-me".

Vibhishana continuou: "Ravana é um devoto adorador de Shiva. Possui intenso apego por esse aspecto da Divindade. No entanto, é certo que encontrará a morte nas mãos do senhor. Então, para celebrar a sua devoção a Shiva, rogo-lhe que, na noite em que formos passar por esta ponte em direção a Lanka, instale aqui um *Shivalingam*, de modo que, nos séculos vindouros, as pessoas possam adorá-lo e se recordar desses eventos ao entrarem em Lanka por essa rota. Elas seriam realmente afortunadas por ter essa experiência e louvariam o *lingam* como aquele instalado pelo Senhor Rama. Mesmo quando a ponte for corroída e desintegrada pelo tempo, o local poderá ser identificado pelas gerações futuras por meio do ídolo adorado aqui".

Rama sentiu-se feliz com a sugestão e respondeu: "Satisfarei o seu anseio. Você é o futuro governante de Lanka e, para agradá-lo, estou pronto a realizar os seus desejos, não importa o que isso envolva". Sugriva determinou aos macacos que providenciassem todos os requisitos para a instalação. Acabou conseguindo um *lingam* impressionante; aliás, o próprio Hanuman fora enviado com esse propósito.

Rama procedeu à ablução cerimonial do *lingam* com água do mar e invocou vitalidade e graça sobre ele. As suas palavras tiveram o efeito de um mantra ou fórmula sagrada; portanto nada mais se fez necessário para santificar o *lingam*. Os macacos entoaram hinos e os seus brados de êxtase ecoaram nos céus. Em meio a saudações de "Vitória, Vitória!" (*Jai, Jai*), Lakshmana e Sugriva ajudaram Rama a instalar o *lingam* na posição adequada e a finalizar a cerimônia de consagração.

Um mau presságio para Ravana!

Em formação regular, os macacos puseram-se em marcha sobre a ponte, com a imagem de Rama na mente e o seu Nome na língua. A cena era inexprimivelmente sublime. Rama e Lakshmana pararam e miraram o mar que se agitava de ambos os lados. A presença de Rama, o Oceano de Compaixão, elevou o ânimo do oceano lá embaixo. Ondas erguiam-se para captar um vislumbre de Rama. Os habitantes do mar espiavam por entre as águas e brincavam alegremente ao vê-lo. Abandonando a natureza que lhes era própria, olhavam ávida e longamente para a sua forma divina.

Os macacos haviam preparado um acampamento na ponte – na extremidade que ficava em Lanka. Então, quando a vanguarda chegou ao ponto mais alto, a notícia se espalhou por toda a ilha. Pouco depois, Rama, Lakshmana, Sugriva e Vibhishana, que vinham em marcha lenta, também chegaram ao portão principal do forte de Lanka. Acatando ordens de Rama, os macacos arrancavam árvores inteiras e, dançando de alegria, comiam os frutos e lançavam galhos e ramos por sobre as ameias para dentro da cidade. Erguiam rochas gigantescas por sobre os muros e as arremessavam nas ruas lá embaixo. Procuravam demônios que estivessem sozinhos do lado de fora do forte para provocá-los e atormentá-los, ameaçando torcer-lhes o pescoço. Não havia maneira de reprimir as suas brincadeiras.

Ravana logo recebeu a notícia de que o inimigo se encontrava no portão da cidade. Até então ele usara apenas uma das suas dez gargantas para se comunicar, mas agora rugia de raiva e de ódio por todas elas. Não se lembrou de que usá-las todas era um mau

presságio! Pairava sobre ele uma antiga maldição segundo a qual o seu fim estaria próximo quando falasse pelas dez gargantas. Passados alguns segundos, recordou-se da maldição e ficou assustado. No entanto, por mais que tentasse controlá-las, a sua voz continuava a sair por todas as dez gargantas ao mesmo tempo.

Notando aquele estranho acontecimento, os demônios deduziram que a destruição de Ravana era iminente, agora que Rama e os seus exércitos de macacos haviam entrado em Lanka. Sentaram-se junto com as esposas e filhos e lamentaram por suas vidas estarem chegando ao fim naquele dia ou no seguinte. Decidiram, então, aproveitar o pouco tempo que lhes restava na alegria e no prazer. Como diz o provérbio, quando a calamidade se aproxima, o discernimento se afasta.

Mesmo sabendo que a maldição estava se tornando realidade, Ravana tentou desprezar o aviso e disse para si mesmo que nenhum mal lhe aconteceria. Dirigiu-se aos aposentos da rainha, temendo que os ministros pudessem ler no seu semblante abatido que ele fora vencido pela consciência da maldição. Imerso em ansiedade e aflição, pensava: “Será que eles cortarão os narizes e as orelhas das minhas cabeças, como fizeram com a minha irmã quando ela caiu nas suas mãos? Ou deceparão as minhas dez cabeças?” Esses temores o assombravam.

Mandodari tenta novamente dissuadir Ravana

Vendo o desespero de Ravana, a rainha Mandodari decidiu aconselhá-lo sabiamente. Segurou-lhe as mãos e, com voz suave, doce e amável, falou: “Senhor! Por favor, ouça-me! Abandone a sua raiva. Preste atenção às minhas palavras e reflita cuidadosamente sobre elas. Não se planeja vencer pelo ódio e pela oposição aqueles a quem se pode conquistar pela reverência e pela devoção. Em tais circunstâncias deve-se recorrer ao raciocínio inteligente. Opor-se a seres tão sagrados não trará nada de bom. O senhor não poderá triunfar se enfrentar Rama; o vagalume não pode derrotar o Sol.

“Escute-me! Pegue Sita e, ao devolvê-la em segurança, prostre-se diante de Rama e suplique o seu perdão. Não arruíne a sua vida nem destrua Lanka, sacrificando as vidas das mulheres e crianças que aqui habitam. Persistir na determinação de lutar está em desacordo com a devoção e dedicação a Deus que o tornaram famoso. Se acaso se aferrar a essa horrível decisão, mesmo Shiva, a quem tem agradado até agora, certamente o abandonará. Somente boas ações podem conquistar a Graça de Deus. Como poderia Ele recompensar e apreciar atos tão hediondos?”

Mandodari falou nesse tom por muito tempo, tentando corrigi-lo e salvá-lo da ruína. “O senhor me é tão querido quanto a minha própria vida. Preste atenção! Rama não é um príncipe humano comum. É o próprio destruidor dos demônios Madhu e Kaitabha⁶⁸, que retornou! Ele aniquilou Hiranyaksha⁶⁹ e Hiranyakashipu⁷⁰. É o Senhor que pisou na

⁶⁸ Dois demônios que roubaram os Vedas e os esconderam no fundo do oceano. Ambos foram aniquilados pelo Senhor Vishnu, manifestado sob a forma do *avatar* Hayagriva, um homem com vários braços e cabeça de cavalo, que resgatou os livros sagrados e os trouxe de volta à superfície. (N. T.)

⁶⁹ *Asura* (uma classe de demônio) que submergiu a Mãe Terra nas águas do oceano; foi morto pelo Senhor Vishnu, manifestado sob a forma de um javali, o *avatar* Varaha. (N. T.)

⁷⁰ Poderoso rei-demônio abatido pelo Senhor Vishnu, manifestado sob a forma de um homem-leão, o *avatar* Narasimha. (N. T.)

cabeça do imperador Bali⁷¹ e acabou com o orgulho de Kartaviryarjuna⁷², que era dotado de mil braços. Sendo assim, por que se vangloriar das proezas dos seus meros vinte braços? Rama é reverenciado no mundo inteiro e possui a mais auspiciosa forma.

“Há muito tempo o senhor mesmo me contou que Brahma lhe havia dito que Deus encarnaria como Rama para aliviar a Terra do fardo da crueldade e da iniquidade, não se lembra? Estando ciente de tudo isso, por que não reconhece a verdade e abandona esse caminho? Devolva Sita – o ápice da castidade, o diadema da virtude, a incomparável joia da beleza – a Rama. Depois coroemos o nosso filho imperador deste reino e passemos o resto dos nossos dias em paz e abundante alegria na presença de Rama.

“Ah! Quão afortunado é o seu irmão! Ele se move sob a sombra refrescante da graça de Rama. Não é tarde demais. Neste exato momento, corra até Rama, que está bem à entrada de Lanka, e caia aos seus pés, implorando perdão.” Em prantos, Mandodari rolou aos pés do seu senhor, suplicando-lhe que se acautelasse enquanto era tempo e tomasse as providências imediatas para resgatar a si mesmo e ao seu império, seu povo e sua fama.

Ravana ergueu-a, enxugou-lhe as lágrimas e disse: “Querida! Por que está agitada assim? De onde vem todo esse temor, essa falta de coragem? Não há ninguém mais poderoso do que eu no mundo. Os governantes das oito direções foram derrotados pelo poder dos meus braços. A morte não se atreve a se aproximar de mim. Não dê abrigo ao medo. Está exaltando aquele fracote do Rama na minha presença, inconsciente da profundidade e da extensão do meu poder”. Com essas palavras, deixou a rainha e adentrou o salão de audiências, sentando-se imediatamente no trono.

Observando os movimentos de Ravana e o rumo que tomavam os seus pensamentos, Mandodari falou consigo mesma: “Que tolo! Esse é o destino inevitável daqueles que não abandonam o seu falso orgulho. Bons conselhos não penetram em suas mentes. Quando se está com febre, alimentos doces têm sabor amargo. Ele agora está com a febre venenosa do orgulho; por isso rejeita conselhos neotáreos como se fossem veneno. O que mais posso fazer agora?” Imaginando as calamidades e dores que estariam à espera de Lanka, achou que seria melhor acabar com a própria vida antes de testemunhar e participar de todo aquele tormento e angústia. Com o coração pesado e repleta de pensamentos a respeito de Rama, entrou no seu quarto e atirou-se na cama.

Prahasta⁷³ tenta persuadir Ravana

Ravana convocou os seus ministros e deu início aos preparativos para a batalha iminente. Abordou-os aos gritos: “Demônios! Os macacos, Jambavan e os homens que estão agora nos atacando não são sequer um petisco para os nossos estômagos. Não percam a coragem, não vacilem nem discutam! Lancem-se à batalha! Preparem-se!”

Prahasta, contudo, levantou-se e, com as palmas das mãos unidas, assim se expressou: “Demônios! Não nos afastemos do caminho correto. Senhor! Esses seus

⁷¹ Imperador bondoso, porém orgulhoso da caridade que fazia, Bali prometeu três passos de terra ao Senhor Vishnu, manifestado como um anão brâmane, o *avatar* Vamana. Este assumiu, então, uma forma gigantesca que cobriu a Terra inteira com um passo e o Céu inteiro com outro. Incapaz de cumprir a promessa, Bali ofereceu a própria cabeça para o passo que faltava. Diante disso, Vamana pôs o pé sobre a cabeça do imperador e lhe concedeu a imortalidade pela humildade que demonstrara. (N. T.)

⁷² Poderoso rei dotado de mil vigorosos braços, derrotado e morto em duelo pelo Senhor Vishnu, manifestado sob a forma de um homem empunhando um machado, o *avatar* Parashurama. (N. T.)

⁷³ Filho de Ravana, além de ministro e general do seu exército. (N. T.)

ministros proferem palavras que estão em consonância com o que o senhor deseja, mas isso não garantirá o nosso sucesso. Um macaco sozinho atravessou o oceano, entrou em nossa cidade e aqui realizou muitos feitos surpreendentes. Naquela ocasião nem esses ministros nem exércitos conseguiram pôr fim às suas travessuras destruidoras. O senhor afirma que os macacos são apenas petiscos para os nossos estômagos. Bem, quando aquele macaco esteve aqui, onde é que estavam esses estômagos? Não tinham fome? Quando ele queimou a cidade até reduzi-la a um monte de cinzas, esses ministros não tiveram, evidentemente, nenhum apetite para devorá-lo!

“Senhor, as palavras que saem dos lábios desses ministros podem lhe parecer muito agradáveis agora, mas trarão terríveis calamidades com o passar do tempo. Reflita sobre tudo isso em horas mais tranquilas. Rama montou um acampamento no nosso monte Sunila. Transpôs o oceano por meio de uma ponte que eles mesmos construíram. Dispõe de um exército de incontáveis macacos. Pode alguém assim ser um homem comum? Desista dessa suposição, caso creia nela. Não tagarele como uma língua deixada à solta. Não dê ouvidos à retórica desses ministros. Tampouco me condene como um covarde temeroso da batalha. Acredite em mim e no quanto é oportuno e urgente o meu conselho.

“Leve Sita com o senhor agora mesmo e entregue-a a Rama, suplicando o seu perdão. Essa atitude salvará a nós e a Lanka. Poderemos, então, afirmar que resgatamos a nossa raça do aniquilamento. Esse é o triunfo que teremos conquistado. Caso contrário, enfrente a derrota e o desastre. Tome as devidas providências neste exato momento. Se o fizer, a sua fama persistirá enquanto durarem o Sol e a Lua. Não adquira uma reputação que será execrada enquanto existirem o Sol e a Lua.”

Ravana reagiu com extrema ira e pura fanfarronice. Tremendo de raiva ante o desagradável conselho que lhe dera Prahasta, alteou a voz até que ela se tornou um rugido selvagem e admoestou-o com uma torrente de impropérios: “Idiota! Quem lhe ensinou essa artimanha? De onde tirou essa sabedoria? Dizem que faíscas têm origem em moitas de bambu⁷⁴! Você nasceu no meu clã!” Ravana rangeu os dentes furiosamente, vociferou insultos grosseiros e vulgares e, finalmente, expulsou-o do salão.

Antes de sair, Prahasta esclareceu a sua posição, condenando o pai e o orgulho arrogante que o deixava cego. Declarou ainda que Ravana seria a causa da destruição da dinastia. Consolou-se com o fato de que nenhum remédio pode ser útil para quem está mortalmente ferido e prestes a exalar o último suspiro. “Por isso o meu bom conselho pareceu tolo para o meu pai”, pensou.

Prahasta foi diretamente até a presença da mãe e contou-lhe tudo o que acontecera. Ambos concordaram quanto ao fato de que nada que pudessem dizer ou fazer levaria Ravana a tomar o caminho correto. Então sentaram-se juntos, absortos na contemplação de Rama e da sua majestade.

Uma noite de espera

Após montarem um agradável acampamento para Rama e Lakshmana no monte Sunila, os macacos empilharam grama, folhas e flores e prepararam leitos macios para o seu repouso. Rama apareceu assim que terminaram e, para alegrá-los, sentou-se no

⁷⁴ Aqui Ravana parece estar aludindo a um antigo método de fazer fogo característico do sudeste asiático, que consiste em produzir faíscas a partir de colmos (caules) de bambu. (N. T.)

seu; pouco depois, colocou a cabeça no colo de Sugriva e adormeceu. Mantiveram-se arcos e flechas à mão em ambos os lados do leito.

Os macacos coçavam as palmas das mãos, na ânsia de golpear Ravana e matá-lo. Só se continham porque Rama ainda não lhes ordenara: “Vão!” O afortunado Hanuman e o príncipe herdeiro Angada massageavam reverentemente os pés de Rama enquanto Lakshmana permanecia de prontidão junto à cama, com o seu arco e flecha, observando com atenção unidirecionada o rosto do irmão.

Nisso, Rama voltou-se para o oriente e os seus olhos pousaram sobre a Lua, que se erguia acima do horizonte. “Amigos, olhem! Há uma mancha escura na Lua, não estão vendo?”, perguntou. Cada um respondeu de acordo com o que achava, mas Hanuman confessou: “Senhor! Não vejo nenhuma mancha escura na Lua. Eu a vejo como o reflexo do seu rosto; por isso não enxergo a mancha que o senhor mencionou e nenhuma outra imperfeição”.

Rama passou aquela noite com os macacos até o amanhecer, conversando prazerosamente em agradável camaradagem. Quando o dia raiou, banhou-se no mar e ali mesmo no litoral procedeu aos rituais prescritos. Em seguida convocou os ministros de Sugriva e outros líderes e deu-lhes instruções relativas à tarefa que tinham pela frente.

Angada, o emissário de Rama, aconselha Ravana

Reuniram-se mais tarde e concordaram por unanimidade que Angada, filho de Vali e príncipe herdeiro do reino dos macacos, fosse enviado como emissário a Ravana antes do início do cerco a Lanka. Rama solicitou-lhe que viesse à frente e disse: “Filho, você é forte e virtuoso. Deve ir em uma missão de Rama a Ravana e aconselhá-lo com habilidade e cautela, suavidade e segurança, sem deixá-lo ainda mais enraivecido”. Angada recebeu instruções sobre o tom e o conteúdo do que deveria falar a Ravana.

Depois de se prostrar aos pés de Rama, o príncipe despediu-se e, ao sair, declarou: “Mestre! Rogo-lhe que me abençoe com o seu olhar auspicioso. Sou realmente afortunado por me haver sido confiada esta tarefa. Seja o que for que aconteça comigo ao cumpri-la, estou pronto a oferecer a minha própria vida ao senhor”. Ao ouvir aquelas palavras, Rama aproximou-se. Com o coração derretendo de compaixão, estreitou Angada junto ao peito e pôs a mão sobre a sua cabeça, cumulando-o de bênçãos.

Com Rama instalado no coração e tendo a sua Forma sempre na mente, Angada entrou na cidade. Mostrando grande autoconfiança e coragem, afastou para o lado todos os que o ameaçavam ou impediam a sua passagem. No caminho, defrontou-se com o príncipe filho de Ravana, que o abordou, perguntando: “Venha aqui, ó macaco! Quem é você e de onde vem?” A resposta foi: “Eu sou Angada, emissário de Rama”.

Ao ouvir isso, o demônio ergueu o pé para chutá-lo, mas Angada foi demasiado rápido para ele. Pegou-o pelo pé e, levantando-o bem alto, girou o seu corpo e arremessou-o no chão. Os demônios que testemunharam a cena ficaram aterrorizados. Percebendo que o macaco possuía força descomunal, mantiveram-se discretamente à distância.

Espalhou-se a notícia de que o macaco que incendiara Lanka havia regressado, o que provocou pavor e confusão generalizados. Angada notou que, para onde se voltasse, grupos de habitantes em pânico observavam os seus movimentos. Não teve necessidade de pedir a nenhum deles que abrisse caminho; todos corriam assim que o avistavam!

Finalmente, Angada adentrou com destemor o salão de audiências de Ravana. Um dos guardas levou, com a máxima urgência, a notícia da sua chegada ao imperador *rakshasa* e este determinou que trouxessem o emissário à sua presença. Então Angada foi imediatamente conduzido a Ravana.

Angada viu-o como uma montanha consciente de cor preta. As suas vinte mãos eram como ramos de uma árvore gigantesca. Sem o menor vestígio de medo, caminhou até ele, mas todos os presentes no salão tremeram de pavor lá no fundo dos seus corações ao vê-lo entrar e seguir em frente. Estavam simplesmente estupefatos.

Ravana perguntou-lhe quem era e ele respondeu: “Sou o enviado de Rama”. Ao lhe ser indagado o propósito da sua visita, começou a falar: “Ravana! Você e o meu pai foram amigos de longa data; portanto, tendo em vista o seu bem-estar, vim aqui por ordem de Rama para lhe dar alguns bons conselhos”.

Em tom suave e persuasivo, Angada continuou: “Incapaz de resistir ao orgulho, à luxúria e à ganância, você raptou a Mãe de todos os mundos, a filha de Janaka. Bem, esqueçamos o passado. Se pelo menos hoje, neste exato momento, você reconhecer a sua iniquidade e agir como lhe digo, Rama o perdoará. Tome sem demora a decisão de fazer o que sugiro; ou então, com as próprias mãos, enterrará neste solo o seu clã e o seu reino”.

Ravana retrucou: “Ó mais vil dos macacos, você é realmente um idiota! Talvez não saiba que sou inimigo do seu ‘Deus’. Qual é o seu nome? Qual era a relação entre mim e o seu pai? Não se engane quanto às consequências da sua fala”. Angada riu abertamente daquela explosão e respondeu: “Ó monarca dos *rakshasas*! Eu me chamo Angada e o nome do meu pai é Vali. Havia amizade entre vocês dois”.

Ao ouvir as suas palavras, Ravana ficou-se rígido e silencioso, mas logo superou aquela reação e replicou: “É verdade, é verdade; lembro-me de que havia um macaco com esse nome nos velhos tempos. Ah, é seu filho? Olá, Angada! Você parece ter nascido naquela moita como uma faísca destinada a destruí-la”.

Angada riu alto e bom som da resposta exaltada do *rakshasa* e disse: “Ravana, os seus dias chegaram ao fim. Em breve encontrará o seu velho amigo Vali, que poderá lhe falar sobre as consequências de se opor a Rama. Mesmo sendo dotado de vinte olhos, você é cego. Embora carregue o peso de vinte apêndices chamados orelhas, é surdo. Mesmo capturado pela densa noite da ignorância, pavoneia-se orgulhosamente, proclamando-se grande! A raça que pretende salvar será aniquilada; esse é o plano. Pecador! Bárbaro perverso! Vilão cego pela soberba! Demônio!”

Ao ver Angada ranger os dentes de raiva e lhe atirar uma enxurrada de insultos, Ravana ergueu-se repentinamente do seu trono e berrou: “Seu macaco destruidor da própria raça! Como conheço e aceito as normas da moralidade política, tenho suportado em silêncio a sua impertinência. Mas tome cuidado! Há um limite para a minha paciência!” E fitou-o com intensa fúria.

Sem se deixar afetar por aquela exibição, Angada retrucou: “Ó monarca *rakshasa*! Já ouvi falar muito da sua retidão, das suas virtudes e da sua moralidade política. No entanto, considere as maravilhosas conquistas obtidas pela sua retidão. Raptar a esposa de outrem, devorar o mensageiro devidamente enviado por Kubera, o seu irmão mais velho – são esses os destaques da sua moralidade política! Vangloria-se deles sem o menor traço de vergonha. Como ousa falar das suas virtudes e da sua moralidade? Ateu fogo à cauda de um mensageiro que veio ao seu reino e, ainda assim, proclama com a maior desfaçatez que segue normas. Tal é o comportamento dos demônios. Você não

tem absolutamente nenhum direito de pronunciar a expressão ‘moralidade política’, pois é o mais vil dos pecadores”.

Enquanto Angada retrucava ininterruptamente e sem nenhuma hesitação, os cortesãos que lotavam o salão de audiências, perplexos e apavorados, imaginavam o que lhes estaria reservado. Retomando a discussão, Ravana falou: “Escute, ó macaco! Existe um único herói no seu acampamento que possa me enfrentar em combate? O seu senhor, alquebrado pela tristeza com a separação da esposa, definha e se consome cada dia mais, e a visão da sua agonia deixa o irmão perturbado e enfraquecido. E quanto a Sugriva? Ele o odeia e é seu oponente, pois você é o herdeiro do reino. Como dois pássaros brigando à beira de um rio, vocês dois algum dia cairão na corrente. Ambos cobiçam o mesmo reino; como poderão lutar com entusiasmo e ter sucesso contra mim? O meu irmão, em quem parecem confiar, é um covarde. Jambavan, outro dos seus líderes, é demasiado velho para ser de alguma utilidade. Quanto a Nala e Nila, são apenas engenheiros, ignorantes na arte de manejar espadas”.

Angada interrompeu a longa fala do *rakshasa* e entrou com a sua: “Ravana! Um minúsculo macaquinho entrou na sua cidade e a incendiou. Algum tolo acreditaria que isso seria possível? No entanto você, que sabe que é verdade, nega que o macaco seja um valoroso combatente. Não estou nem um pouco enraivecido por você ter declarado que não há ninguém em nosso acampamento capaz de vencê-lo em combate. Sim. Os textos sagrados sobre moralidade dispõem que somente entre iguais deve haver amizade ou inimizade. Alguém louvaria um leão por matar um sapo? Uma tentativa de Rama para aniquilá-lo certamente estaria muito aquém da posição e da dignidade dele. Abater um inimigo tão indigno e desprezível desmereceria a sua majestade. As normas que estabelecem a conduta e as características da casta dos guerreiros (*kshatriyas*), à qual ele pertence, são elevadas e nobres. Você é um pecador perverso, vil e vulgar, que deve encontrar a morte apenas nas mãos de simples macacos”.

Ravana prorrompeu em uma risada de desatino. “Macacos repulsivos! Vocês dançam alegremente e pulam descaradamente de um lado para outro, de acordo com os comandos de quem segura a corda que têm amarrada à cintura. Aprendem os truques que essa pessoa lhes ensina e os repetem sempre que ela ordena, para que possa coletar algumas moedas dos espectadores.”

Incapaz de tolerar aquelas observações sarcásticas, Angada bradou: “Você parece entender apenas de animais. Não se interessou em saber sobre o Senhor, sobre Deus, destino e fatalidade. Ora! Os macacos não lhe ensinaram mais do que sabe? Destruíram os seus bosques, mataram o seu filho, reduziram a sua cidade a um monte de cinzas. Sim, mas eles ainda têm uma tarefa a realizar; têm que lhe aplicar a punição adequada.

“Até agora permitimos que escapasse ao seu destino. Acreditei que conselhos francos e a verdade nua e crua curariam o seu coração. Mas não; você não tem nenhum senso de vergonha nem ideia do que é arrependimento. Não possui nenhum vestígio de moral nem o hábito da retidão. Que pena! Ainda range os dentes de raiva de Vibhishana e o chama de covarde e traidor. Você está sobrecarregando a terra com o peso do seu corpo; quanto mais cedo for eliminado, melhor. É pior do que os cães que infestam as suas ruas, pois eles não têm os vícios de que sofre. Em breve perceberá que as vidas deles são melhores do que a sua.”

Sem se ater a convenções e à etiqueta, Angada despejou insultos sobre Ravana, que, não conseguindo tolerar aquelas admoestações coléricas, bradou: “Angada! Saiba que eu sou o formidável e vigoroso herói que levantou o monte Kailasa simplesmente

com a sua força física e coragem. Este Ravana é aquele que depositou em oferenda aos Pés de Shiva não flores, mas as próprias cabeças, que ele mesmo arrancara do corpo. É o devoto cujo poder foi reconhecido pelo próprio Shiva. É o guerreiro cujo nome aterroriza os mais valentes e cuja figura espalha o pânico. Pare com essa tagarelice; chega de louvar a si mesmo e aos seus chefes”.

Angada, porém, não tinha vontade de parar e continuou com a sua investida: “Ó seu idiota convencido! Não fique matraqueando desse jeito. Use a sua respiração para um bom propósito. Entoe alguns cânticos em louvor a Rama. Entregue-se a ele. Ou então a flecha de Rama fará com que as suas cabeças saltem como bolas dos ombros onde agora repousam, e os macacos se divertirão em chutá-las como em um jogo. Acontece que sou o mensageiro de Sugriva, o nosso governante; infelizmente não tenho ordens de Sri Rama. Não desejo privá-los dessa oportunidade; senão eu mesmo acabaria com a sua vida em um instante e lançaria a sua carcaça no oceano”.

Ao proferir essa ameaça, Angada suscitou um terrível fenômeno. Como o leão, bateu no solo com as palmas das mãos. A terra tremeu tão fortemente com o impacto dos seus golpes que as coroas que estavam nas dez cabeças de Ravana balançaram e caíram ao chão. Ravana rolou para fora do trono, mas logo recuperou o equilíbrio. Angada recolheu quatro das coroas e arremessou-as para longe com tanta força e precisão que foram parar no acampamento, bem na frente de Rama. Os macacos, maravilhados com os estranhos objetos, começaram a descrever uns para os outros as qualidades e a beleza daquelas coroas adornadas com pedras preciosas. Rama sabia o que eram; disse que, ao se aproximarem, elas pareciam Rahu e Ketu⁷⁵, que provocam eclipses.

Ravana ordenou: “Amarrem esse macaco! Não permitam que parta! Devorem-no!” e retirou-se às pressas para os aposentos internos. Angada gritou: “Mas que vergonha! Por que todo esse alarde de força e proeza? Vá, mergulhe nas profundezas do mar e prenda a respiração até morrer! Ladrão de mulher! Estúpido! Idiota escravo da luxúria! Arrancarei a língua da sua boca no campo de batalha e a jogarei como alimento aos corvos! Esteja avisado!”

Angada rangeu os dentes com imensa ira quando Ravana se voltou e incitou os demônios presentes no salão, dizendo: “Levantem-no pelas pernas, joguem-no ao chão e lhe esmaguem a cabeça!” Meghanada ergueu-se do seu assento e, segurando Angada pelas pernas, puxou-o com grande força para fazê-lo cair. Muitos correram para ajudá-lo; no entanto, por mais numerosos que fossem, não conseguiam mover os pés de Angada nem um pouquinho. Limitaram-se a rolar pelo chão, inteiramente humilhados e incapazes de decidir o que fazer. O poderoso guerreiro Devakantaka tentou movê-los, segurando-os de vários modos, mas também falhou vergonhosamente.

Finalmente, o próprio Ravana tentou executar a impossível tarefa. Agarrou Angada pelas pernas para levantá-lo e jogá-lo à força no chão; mas ele, rindo da loucura do *rakshasa*, disse: “Não, Ravana! Não são estes os pés que você deve segurar. Ponha as mãos nos Pés de Rama, em um gesto genuíno de entrega; isso o libertará do medo e da servidão”.

Com essas palavras, Angada sacudiu os pés para afrouxar o aperto; o impacto do seu gesto foi tão forte e inesperado que Ravana tombou no chão e perdeu a consciência; foram destruídos a sua glória e o seu esplendor. Uma sensação de vergonha espalhou-se por todas as suas faces; ele parecia a lua em plena luz do dia, pálida e fraca.

⁷⁵ Ver N.T. 14. (N. T.)

Lembrando-se de que Rama lhe havia dito apenas para ministrar alguns bons conselhos a Ravana, Angada achou por bem não continuar a dialogar com aquele covarde. “Esse sujeito não aceitará um conselho sensato; não perceberá o seu erro nem se corrigirá. Está preso à sua natureza perversa e somente a guerra poderá lhe trazer uma cura eficaz”, pensou. Decidiu, então, partir em direção à proximidade sagrada dos Pés de Rama; lá chegando, apresentou um relatório de tudo o que acontecera.

Mandodari apela mais uma vez a Ravana

Dominado pela vergonha e pelo medo, Ravana adentrou os aposentos das rainhas. Notando a sua aparência pálida e abatida, Mandodari lhe disse: “Pelo menos agora, desista dessa sua tola tenacidade. Cultivar inimizade contra Rama trará desastre para o seu próprio reino. O senhor não conseguiu atravessar a linha demarcada por Lakshmana; como espera, então, derrotá-los em batalha? Os poderes e a força que possui são meras folhas secas diante deles. Os seus seguidores não conseguiram subjugar os emissários enviados por eles; como pode nutrir a esperança de esmagá-los quando bilhões deles invadirem esta terra? Não foi capaz de mover os pés de Angada nem a largura de um fio de cabelo; no entanto, espera capturar e prender bilhões desses macacos!

“Dói-me saber que, apesar de toda a experiência já disponível, o senhor ainda se aferra obstinadamente à sua resolução. O nosso filho foi morto, a sua cidade reduzida a um monte de cinzas, e os seus bosques arrancados pela raiz. Incontáveis *rakshasas* foram arremessados para o alto como bolas e morreram na queda. Onde estavam a sua força e habilidades naquele momento? Declarações cheias de fanfarronice não infligirão nenhum dano a esses macacos”.

“Senhor”, implorou Mandodari, “perdoe-me por estas palavras, mas está redondamente enganado ao considerar Rama um simples homem. Ele é o Senhor do Universo. É um herói invencível. Já está ciente da extensão do poder e do valor de Rama, não está? Rememore silenciosamente, no seu interior, os fatos relatados por Angada. Lembre-se! O senhor estava sentado na reunião de reis no salão de audiências de Janaka para exibir a sua força e habilidade, mas não conseguiu mover nem mesmo um pouquinho o arco de Shiva. Rama, no entanto, ergueu-o como em impulso de pura diversão e deixou-o de lado partido ao meio. O senhor viu com os seus próprios olhos essa demonstração de poder. Se, ainda assim, não desiste da sua tola teimosia, é sinal de que a sua destruição está iminente.

“O que pôde fazer quando o nariz e as orelhas da sua própria irmã Shurpanakha foram decepados? Não se envergonha de proclamar e de se vangloriar da sua capacidade e do seu heroísmo após todas essas experiências? Rama eliminou Vali com uma única flecha; por acaso Vali era um inimigo qualquer?

“Rama já chegou com o seu exército de macacos e está acampado no monte Sunila. Ele é a própria encarnação da retidão e da moralidade; se assim não fosse, por que mandaria alguém para aconselhá-lo para que o senhor ainda pudesse se salvar? Aquele emissário bem que tentou mudar a sua mente para que concordasse com Rama. O senhor, porém, não abandona o seu sentimento de orgulho. Não aprecia o senso moral que move Rama nem compreende as virtudes que animam o ser sumamente sagrado que enviou o emissário.

“O senhor está provocando a queda do seu próprio reino! O que pôde fazer há pouco para expulsar Angada do salão de audiências? No acampamento deles há milhares – não, centenas de milhares – de macacos mais poderosos e com maior poder

de destruição que aquele. Ouça as minhas palavras, desista dessa sua paixão demoníaca! Vá e entregue-se a Rama.” Essas palavras de aconselhamento, que o lembravam de acontecimentos passados, atingiram como setas afiadas o coração de Ravana.

Ravana tenta enganar Sita

Ao raiar de um novo dia, Ravana chegou ao salão de audiências como a própria personificação da arrogância maligna e instalou-se no trono. As palavras de Angada e de Mandodari revolviam-se rápida e freneticamente na sua cabeça. Planos, temores, esquemas e conjecturas rodavam no seu interior como a Terra e o céu giravam à sua volta, mas nenhum deles nas linhas certas, pois a destruição do clã dos *rakshasas* estava se aproximando.

Ravana abordou um demônio chamado Viduyjjihva⁷⁶ e lhe disse: “Companheiro! Use as suas habilidades mágicas e traga-me a ‘cabeça’ de Rama, assim como o seu ‘arco’ e as suas ‘flechas’. Ao vê-los, Sita deverá acreditar que são autênticos e ficar imersa em tristeza!”

Viduyjjihva levantou-se imediatamente do seu assento e saiu do salão. Produziu uma réplica fiel da ‘cabeça’ de Rama, e também do seu ‘arco’ e das suas ‘flechas’. Satisfeito com a exatidão das reproduções, o próprio Ravana levou-as consigo até Ashokavana, onde Sita era mantida em confinamento.

Segurando-as diante dela, falou: “Veja, Sita! Eis aqui o arco e as flechas, assim como a cabeça daquele ser a quem você louva e por quem anseia dia e noite. Eu aniquilei as hordas dos macacos. Lakshmana salvou-se fugindo do campo de batalha. Para convencê-la de que tudo isso realmente aconteceu, trouxe-lhe esta cabeça, este arco e estas flechas. Olhe para eles!” Com essas palavras, colocou as réplicas diante de Sita.

Sita encheu-se de aflição, mas apenas por um momento, pois logo se lembrou de que ninguém nos quatorze mundos seria capaz de arrancar aquela cabeça. Viu que se tratava de um truque perverso para aterrorizá-la e repeliu as ameaças: “Ravana! Certamente a sua destruição chegou; caso contrário, pensamentos tão abomináveis não teriam chegado a você. Não tem coragem sequer de se aproximar de Rama; como poderia algum dia ter a esperança de matá-lo? Nem mesmo em sonhos ela se realizaria. Esse truque sujo de magia não me engana”. E despejou insultos e palavras de escárnio sobre Ravana.

Ouviram-se nesse momento, vindos de todos os lados, altos e exultantes brados de “Vitória, vitória (*jai, jai*) ao Senhor Rama!” Os macacos tinham invadido a cidade por todas as direções! Ravana retornou apressadamente para o seu palácio e para o salão de audiências.

Sarama, a bondosa esposa de Vibhishana, aproximou-se de Sita e pôs-se a consolá-la e a confortá-la: “Mãe! Esse Ravana é um embusteiro e tudo o que ele faz é trapaça. Ninguém ousaria prejudicar Rama. Ele acabou de entrar triunfalmente em Lanka, acompanhado dos seus exércitos. O nosso país está sendo despedaçado pelos próprios gritos desses macacos”.

⁷⁶ Seguidor demoníaco de Ravana, praticante de feitiçaria e magia negra. (N. T.)

8. O CERCO

Quando Rama soube por Angada o que acontecera em Lanka e a atitude e o estado de alerta do inimigo, convocou os principais líderes e incumbiu-os de decidir qual seria a melhor forma de sitiá-la. Atendendo à sua ordem, Sugriva, o governante dos macacos, reuniu-se com Jambavan, que governava os ursos, e com Vibhishana, o governante dos *rakshasas*⁷⁷. Resolveram dividir as suas forças em quatro, cada uma com os seus respectivos comandantes e líderes. Depois caíram aos pés de Rama e, providos de novo entusiasmo pelas suas bênçãos, deram ordens para o ataque.

Com Rama nos corações e armados com rochas e árvores, os macacos avançaram em torrentes assustadoras. Lanka possuía a reputação de ser inexpugnável, mas as bênçãos de Rama os ajudaram a invadi-la. O Portão Oriental foi tomado de assalto pelas forças comandadas por Nala e pelo Portão do Sul irromperam os milhões chefiados por Angada. O Portão Ocidental caiu diante da furiosa investida do exército liderado por Hanuman. O Portão do Norte era guardado pelo próprio Ravana e foi onde Rama o combateu. Os macacos não possuíam tambores de guerra nem trombetas, mas o “Ram! Ram!” que bradavam com devoção erguia-se em uníssono e ecoava pelo céu.

Toda a cidade de Lanka mergulhou em confusão e pânico, enquanto Ravana, cego por um orgulho insensato, exultava ante a perspectiva da vitória sobre as forças adversárias e se deleitava com o pensamento de que o dia festivo da vitória raiara para os *rakshasas*.

Como nuvens sobre os picos do monte Meru⁷⁸, os demônios haviam se posicionado sobre as muralhas, torreões e baluartes do forte. Rufavam tambores e tocavam trombetas. Os seus gritos de “Vitória a Ravana!” confrontavam o brado confiante de “Vitória a Rama, o Senhor!” As rochas que atiravam sobre os macacos que tentavam escalar as muralhas eram agarradas por estes antes de chegarem ao solo e arremessadas de volta com um efeito fatal sobre os próprios demônios que ali se aglomeravam. O avanço dos macacos, que eliminavam os demônios onde e quando os encontrassem, crescia em dinamismo à medida que a batalha progredia. Tal como uma gigantesca tempestade espalhando nuvens pelas quatro direções, a sua colossal ofensiva desencorajou tanto os demônios que estes fugiram para longe e a cidade se viu tomada pelo desespero.

Mulheres, velhos e crianças começaram a culpar Ravana pela calamidade que se abatera sobre as suas cabeças. Alguns demônios abandonaram a luta e fugiram com esposas e filhos a fim de escapar à morte certa. Percebendo o que faziam, Ravana rangeu os dentes de raiva e berrou: “Covardes, desertando da batalha! Eu os cortarei em pedaços com a minha espada de diamante!”

Em vista disso, alguns dos fugitivos permaneceram no combate. Nesse meio-tempo, os heroicos macacos haviam atravessado as linhas inimigas e, fortalecidos pela contemplação em Rama, tinham penetrado na fortaleza interna de Ravana e conseguido arrasá-la. Arrancaram uma coluna de ouro e, brandindo-a como se fosse uma arma, deram início à sua orgia de destruição. Todos os demônios que cruzavam o seu caminho eram severamente espancados, e as suas cabeças decepadas arremessadas para longe

⁷⁷ Aqueles que se entregaram a Rama e passaram a combater ao lado das forças que o apoiavam. (N. T.)

⁷⁸ Montanha sagrada com cinco cumes presente nas mitologias hindu, budista e jainista; é considerada o centro do Universo e o eixo do mundo, assim como a morada de seres celestiais. (N. T.)

com tal força e pontaria que caíam bem na frente do próprio Ravana. Quando escureceu, os macacos, havendo exibido diante dos demônios o seu poderio superior e o seu heroísmo, foram se apresentar a Rama.

Ora, os demônios são seres noturnos; assim, quando caiu a noite, a sua vanglória e a sua fúria se multiplicaram. Os seus gritos de “Vitória a Ravana!” chegaram como rugidos de leões aos ouvidos dos macacos, que entraram novamente em batalha. Os generais *rakshasas* Akampa e Atikaya fizeram uso das suas habilidades mágicas para espalhar por toda parte uma profunda escuridão, em meio à qual pesadas chuvas de poeira, pedras e sangue jorraram sobre as forças dos macacos. Sem conseguir distinguir amigos de inimigos, estes ficaram receosos de lutar com todo o seu ardor; então suplicaram “Rama! Rama!” em voz alta, para que pudessem ganhar coragem e enfrentar devidamente o adversário.

Ouvindo os seus clamores, Rama chamou Angada e Hanuman e explicou-lhes que aquela perturbação fora causada pela magia dos demônios. Ambos se enfureceram com as táticas vergonhosas do inimigo, mas Rama limitou-se a retirar calmamente o míssil do fogo (*Agni-astra*) da sua bainha e atirá-lo em direção às trevas criadas pelos demônios. O resplendor produzido pela arma dissipou a escuridão e encheu a área de uma deslumbrante luminosidade. Com energia e entusiasmo redobrados, os macacos e os ursos se lançaram à sua missão de sobrepujar e aniquilar o inimigo.

Quando escutaram os gritos triunfantes de Angada e de Hanuman, os demônios bateram apressadamente em retirada, mas não puderam escapar, pois os macacos os agarraram pelos pés e os jogaram ao mar! Os remanescentes recuaram para o seu acampamento quando a noite avançou, pois não tinham mais energia para continuar a peleja. Os macacos, por sua vez, foram até a presença de Rama e, quando o seu olhar pousou sobre eles, todos se sentiram revigorados e recuperados, sem o menor vestígio de exaustão.

Malyavanta suplica a Ravana, Meghanada aplaca a sua ira

Entrementes, Ravana convocou os seus ministros e dirigiu-se a eles nestes termos: “Hoje milhares de demônios foram mortos pelos macacos no campo de batalha. Agora temos que elaborar a nossa estratégia para frustrá-los”.

Malyavanta, o velho ministro que servira ao pai de Ravana e era também o seu avô materno, levantou-se e indicou vários caminhos morais e legítimos para a sua elevação espiritual. “Ravana”, começou ele, de forma bem cativante, “ouça as minhas palavras com serenidade. Perdoe-me por me expressar tão francamente. Desde que você trouxe Sita para cá, testemunharam-se diversos maus presságios que não é possível descrever em detalhes. A glória de Rama, o Ser Supremo, não pode ser mensurada ou louvada apropriadamente, nem mesmo pelos Vedas. Você não alcançará nada de bom nem receberá nenhuma graça opondo-se a esse Ser Cósmico (*Virat Purusha*). Faria muito bem em refletir a esse respeito com tranquilidade.

“Rama é o próprio Ser que aniquilou Hiranyakashipu e Hiranyaksha⁷⁹. É o repositório de todas as virtudes. Não nutra ódio contra Ele. Ó imperador! Salve Lanka, eu lhe suplico! Entregue Sita a Rama. Não se demore mais; a sua segurança reside na sua

⁷⁹ Dois poderosos reis-demônios irmãos abatidos pelo próprio Senhor, o primeiro pelo avatar Narasimha (Vishnu manifestado sob a forma de um homem-leão) e o segundo pelo avatar Varaha (Vishnu manifestado sob a forma de um javali). (N. T.)

imediate rendição.” Assim dizendo, inclinou a cabeça e prestou obediência ao governante.

Aquelas palavras feriram Ravana, que se enfureceu e vociferou: “Você parece estar determinado a se colocar nas mandíbulas da morte. A sua senilidade apela para o meu perdão; do contrário eu o teria cortado em pedaços. Cuidado! Levante-se e saia da minha vista!” E sibilou como uma serpente irada.

Malyavanta sentiu pena, pois temia que o fim de Ravana estivesse se aproximando rapidamente. Riu-se interiormente da presunção e da ignorância que o cegavam. Concluiu que ele cedia a raciocínios que levavam à ruína e a reações tolas, deixando de lado conselhos que o salvariam e também ao seu império, pois o destino decidira encerrar a sua trajetória.

Nisso, Meghanada levantou-se e declarou: “Pai, não hesite. Amanhã, durante as primeiras horas da manhã, poderá testemunhar a minha destreza na guerra. Demonstrarei em ação muito mais do que declaro em palavras”. A sua segurança aplacou a ira de Ravana e acalmou-o um pouco, enchendo-o de alegria e lhe infundindo coragem e esperança. Trouxe o filho para perto de si e afagou-o carinhosamente. Deu-lhe tapinhas de leve na cabeça e exaltou diante de todos a sua bravura e o seu coração heroico.

Por volta da meia-noite a assembleia se dispersou e cada membro voltou para a sua residência, mas nenhum deles conseguiu pregar olhos nem teve apetite para se alimentar. Todos estavam mergulhados na ansiedade e no terror diante da calamidade que os poderia atingir a qualquer momento.

Meghanada lidera o confronto

Enquanto eles se revolviam em seu temor, a madrugada irradiou-se pelo oriente. Os macacos e os ursos sitiavam Lanka em todas as direções, provocando tumulto e pânico. Os seus rugidos ecoavam pelo céu. Sem outra alternativa, os guerreiros *rakshasas* tiveram que pegar em armas e enfrentá-los. A saraivada de pedras e de montes que caía das muralhas sobre a cidade era revidada com flechas e outras armas por bilhões de demônios, que também emitiam gritos e berros que reverberavam pelo céu, em um cenário apocalíptico. Mas finalmente os enormes picos e cumes arremessados pelos macacos reduziram as hordas demoníacas a uma massa de carne sem vida.

Furioso com a notícia de que os macacos haviam invadido a cidade, Meghanada pegou em armas e avançou para combatê-los. As hordas que o seguiam rufavam tambores de guerra e tocavam clarins. Meghanada, o comandante em chefe dos exércitos de Lanka e um temível guerreiro, era famoso com o nome de Indrajit por haver derrotado em batalha nada menos do que o próprio Indra, o governante dos deuses.

Ao avistá-lo na sua carruagem, os macacos perderam a coragem. Observando a fuga das forças inimigas, Meghanada gritou de alegria e, retesando o seu poderoso arco, despejou uma chuva de flechas contra eles. Esticou a corda do arco até a orelha e, com velocidade e fúria, disparou setas que voavam como serpentes aladas em todas as direções. Com medo de enfrentá-lo, os macacos perderam o ânimo para lutar e recuaram. Alguns foram derrubados pelas flechas; outros desmaiaram e tombaram.

Presenciando a lamentável situação em que se encontravam, Hanuman, enfurecido, precipitou-se para onde estava Meghanada, parecendo o próprio deus da morte! Arrancou o cume de uma montanha próxima e arremessou-o sobre o líder *rakshasa*.

Quando viu aquilo voando em sua direção, como um mensageiro da morte, Meghanada usou a sua magia para elevar-se ao céu. A sua carruagem, cavalos e cocheiro foram todos esmagados pelo cume, que caiu exatamente sobre o alvo.

Meghanada concebeu muitos outros estratagemas mágicos, porém o seu plano para aterrorizar Hanuman mostrou-se tão ineficaz quanto a tentativa de uma diminuta serpente para aterrorizar Garuda, o rei das águias. O demônio despejou fogo do céu, fez chover sangue, estendeu uma noite profunda sobre o dia que brilhava. A escuridão era tão densa que não se podia enxergar a própria palma da mão aberta diante dos olhos. Confusos e desanimados com aquelas táticas, os macacos acharam que o seu fim havia chegado.

Rama observou os truques aos quais os demônios, em seu desespero, haviam recorrido e riu interiormente da sua impotência. Percebendo que os macacos haviam perdido a confiança e a coragem, atirou uma única flecha no meio do confronto. Esta atingiu mortalmente a magia do *rakshasa*, que a partir de então deixou de funcionar; a luminosidade foi restaurada, como se o Sol tivesse se elevado no firmamento.

Os macacos recuperaram a autoconfiança e investiram contra as fileiras demoníacas. O olhar compassivo de Rama pousou sobre eles e todos se sentiram revigorados. A tropa inteira bradou em uníssono: “Vitória (*Jai*) ao nosso Senhor Rama!” e lançou-se à frente contra todas as probabilidades. Nada podia detê-los; ninguém conseguia conter o seu avanço. Para elevar a coragem e aumentar o dinamismo dos macacos, Lakshmana juntou-se a Hanuman e, com o seu poderoso arco e flechas afiadas, lançou-se sobre Meghanada. Quando soube que ele havia entrado em combate, Ravana apressou-se a enviar potentes reforços para apoiar o filho no campo de batalha.

Armados com árvores e rochas, os macacos lutaram sem trégua. Ambos os lados guerrearam violentamente, com fúria inabalável. A maior parte do conflito centrou-se em duelos entre guerreiros e líderes. Os macacos golpeavam com os punhos cerrados e mordiam com os seus dentes afiados, causando a morte de um imenso número de demônios. Com as unhas, arrancaram muitas cabeças e mãos dos locais onde estavam encaixadas. O grito de vitória com o qual anunciaram o seu triunfo ressoou pelas Nove Ilhas⁸⁰. Os corpos sem cabeça dos demônios continuaram a correr ao longo dos mesmos caminhos que eles costumavam tomar quando eram vivos. Notando esse estranho fenômeno, os macacos prorromperam em gargalhadas irreverentes. As estradas que cruzavam o vasto campo de batalha encheram-se de rios de sangue.

Lakshmana é ferido!

Lakshmana e Meghanada empenharam-se em um terrível combate em que cada um parecia igualar o outro em habilidade e força. Indrajit (Meghanada) decidiu derrotar Lakshmana por meio de estratagemas mágicos e não de táticas de guerra, porém até esses estratagemas falharam e os seus planos redundaram em fracasso. Então, em um acesso de terrível fúria, Lakshmana destruiu a carruagem do adversário e matou o seu cocheiro. Temendo a morte iminente, Meghanada lançou mão de *Shakti*, arma de suprema potência que lhe fora dada por Brahma. Mirou-a bem no coração de Lakshmana e arremessou-a. Vinda diretamente da sua mão, a arma atingiu em cheio o alvo e Lakshmana, “mortalmente” desfalecido, tombou no chão.

⁸⁰ Alguns textos da literatura sagrada do hinduísmo, tais como o Vishnu Purana, o Markandeya Purana e o Agni Purana, fazem menção a essas Nove Ilhas da Índia Antiga. (N. T.)

Meghanada, já sem medo, aproximou-se do herói caído e tentou levar o corpo para o seu acampamento, mas não conseguiu erguê-lo, embora a sua força fosse igual à de Lakshmana. Incontáveis guerreiros aproximaram-se para ajudá-lo, mas isso de nada adiantou. Lakshmana era Adishesha, a Serpente Primordial que carrega o Cosmos sobre os seus mil capelos e que viera novamente. Como poderia algum ser ou número de seres levantá-lo, por mais vigorosos que fossem? Somente aqueles que tivessem conquistado a graça de Sri Rama seriam capazes de mover Lakshmana!

Nesse meio-tempo, as sombras da noite invadiram a terra e as duas forças oponentes regressaram aos seus acampamentos. Sri Rama viu os macacos retornando e, como o irmão não estava com eles, perguntou: “Onde está Lakshmana?” Nisso Hanuman entrou, carregando ao ombro o corpo de Lakshmana, enquanto recitava tristemente: “Rama! Rama!”

Rama agiu como se estivesse perturbado e tomado pela ansiedade, mas logo se refez. Colocou o corpo de Lakshmana no colo e examinou-o cuidadosamente durante longo tempo. Então, naquele momento crítico, o idoso Jambavan se pronunciou: “Senhor, não percamos tempo; não devemos hesitar nem retardar o tratamento. É melhor trazermos aqui Sushena, o médico de Lanka, pois ele conhece o medicamento”.

Imediatamente Hanuman assumiu uma forma humana microscópica e entrou na cidade. Enquanto o fazia, uma dúvida o assediava: será que o médico acederia à sua solicitação para ir ao acampamento de Rama? Decidiu, portanto, valer-se de uma artimanha: ergueu a casa de Sushena com ele dentro e levou-a intacta por toda a distância a ser percorrida. Ao sair, o médico se viu na presença do próprio Rama. Caiu aos seus pés e revelou o nome da montanha onde crescia a planta medicinal que podia salvar Lakshmana. Enquanto se considerava quem devia ser enviado em busca do precioso remédio, Hanuman prostrou-se aos Pés de Lótus do seu Senhor e implorou que lhe fosse confiada a tarefa, no que foi atendido.

Kalanemi tenta dissuadir Ravana

Enquanto isso, um dos espiões de Ravana relatou-lhe que Sushena, o médico, chegara à presença de Rama. Ao consultar o ministro Kalanemi sobre esse novo acontecimento e as suas consequências, o imperador *rakshasa* obteve a seguinte resposta: “Ravana! Esse Hanuman é mesmo impossível! Ele não pôs Lanka em chamas diante dos seus próprios olhos? Que habilidade especial ou força possuo eu para contê-lo e dominá-lo? Ainda é hora de fazer a coisa certa. Abandone a noção absurda de que é possível triunfar sobre Rama. Vá e refugie-se aos seus pés. Assim terá melhor sorte. Renuncie ao seu orgulho e à sua obstinação”.

Ravana, entretanto, procurava algo diferente do bom conselho que lhe dera Kalanemi, e por isso o condenou. Tremendo de raiva, gritou: “Está preparado para me obedecer? Se não, prepare-se para a morte”.

Hanuman mata Kalanemi

Achando que seria muito mais benéfico morrer nas mãos de Rama do que nas de Ravana, Kalanemi partiu para o acampamento de Rama. Fazendo uso dos seus poderes mágicos, procurou um lago no centro de um parque encantador e, trajado como um sábio (*rishi*), sentou-se à sua margem, imerso em meditação profunda.

A essa altura, Hanuman estava a caminho da cadeia de montanhas onde se encontrava o remédio que salvava vidas. Sentindo-se exausto, pois não tivera descanso

após a luta feroz com Meghanada, achou que seriam proveitosos alguns momentos de repouso e uns goles da água refrescante do lago, pois lhe dariam condições de prosseguir mais rapidamente. Prostrou-se aos pés do sábio, que recitava o Nome de Rama e exaltava as suas façanhas e qualidades superiores. Embevecido, também cantou “Rama! Rama!”

Envolto no seu disfarce, Kalanemi dirigiu-se a ele: “Macaco! Há uma guerra sendo travada entre Rama e Ravana, à qual assisto diariamente daqui. Não há dúvida de que Rama logo sairá vencedor”. Exultante, Hanuman lhe disse que estava com muita sede. O sábio respondeu que o seu cantil continha água fresca e revigorante e ofereceu-a a ele, mas Hanuman replicou: “Mestre, essa pequena quantidade de água não poderá de modo algum saciar a minha sede”. O sábio, então, contou-lhe que nas proximidades havia um lago de águas límpidas onde ele poderia dar um mergulho e beber o suficiente para se revigorar.

Hanuman concordou. Dirigiu-se ao local indicado e entrou no lago até os seus pés ficarem mergulhados na água. Nesse momento, um crocodilo veio rastejando do interior do lago e, ignobilmente, abocanhou-lhe o pé. Naturalmente, não lhe podia causar nenhum dano maior; Hanuman desvencilhou-se dele e golpeou-o até a morte. Assim que a sua vida se extinguiu, o crocodilo surgiu diante dele na forma de um resplandecente ser celestial. Surpreso com aquela aparição, Hanuman indagou: “Quem é você?”

O ser respondeu: “Ó servo de Rama! A minha carga de pecados dissolveu-se quando tive a sorte de vê-lo e de ser tocado por você. Kalanemi e eu éramos músicos (*gandharvas*) na corte de Indra no Céu. Certo dia, ali chegou o sábio Durvasa, célebre pelo seu temperamento explosivo. Quando os nossos olhos caíram sobre aquela figura selvagem e feroz, prorrompemos em risadas; por esse motivo ele nos amaldiçoou a ambos com o nascimento na Terra como demônios (*rakshasas*).

“Imploramos misericórdia, segurando-lhe os pés e derramando lágrimas de arrependimento. Ele se compadeceu de nós e disse: ‘Bem! Vocês nascerão em Lanka, no último quartel da *Treta Yuga*, quando o Senhor encarnará como Rama e uma terrível batalha será travada entre ele e o governante de lá. Durante essa batalha, Lakshmana, o irmão de Rama, será mortalmente ferido pela arma chamada *Shakti*. Hanuman, um devotado servo de Rama, viajará até a montanha Sanjivi, verdejante de plantas medicinais e, por meio do contato com ele, vocês dois serão libertados do fardo de serem demônios’. Escute, ó macaco! O sábio que vive nos arredores e que o instruiu a vir até aqui não é absolutamente nenhum sábio, e sim um demônio disfarçado, chamado Kalanemi”.

Hanuman aproximou-se de Kalanemi e gritou-lhe ao ouvido: “Querido preceptor! Aceite a oferenda que proponho fazer em troca da lição que me ensinou. O senhor é o meu *guru* e devo pagar-lhe os seus honorários”. Kalanemi se perguntara por que Hanuman levava tanto tempo para saciar a sede e retornar; adivinhara, então, que o seu irmão, que vivia a sua maldição lá fora, na forma de um crocodilo, revelara a sua identidade e a sua história. Fingiu estar demasiado absorto em meditação (*dhyana*) para reconhecer que alguém estava diante dele e o abordava. Sabendo que Kalanemi estava oculto sob um disfarce, Hanuman segurou-lhe o pescoço e torceu-o rapidamente até que ele morreu. Com o seu último suspiro, saíram-lhe dos lábios as palavras “Rama! Rama!”.

Chutando o cadáver para o lado, Hanuman prosseguiu apressadamente em direção à cordilheira Drona. Chegando à montanha Sanjivi, começou a procurar o medicamento que viera buscar, porém não conseguiu identificá-lo em meio à abundante vegetação que cobria a montanha como um espesso carpete. Percebeu que o tempo estava se esgotando e que ele estava demorando muito a voltar. Consciente da urgência da ordem de Rama, recorreu a outro plano: arrancou a montanha inteira e saltou pelo céu, carregando-a na palma da sua mão.

Hanuman encontra Bharata

À noite, em seu caminho para Lanka, Hanuman teve que passar sobre a cidade de Ayodhya. Àquela hora Bharata estava acordado e sozinho, consumindo-se de preocupação com o irmão que vivia na floresta. Subitamente, o luar que caía sobre ele foi obscurecido por uma sombra – a sombra de Hanuman carregando a montanha. Deduzindo que o macaco era um demônio (*rakshasa*) que assumira aquela forma para cumprir alguma missão perversa, resolveu destruí-lo antes que pudesse fazer alguma malvadeza. Apanhou o arco e, retesando a corda para trás até a orelha, arremessou-lhe uma flecha com certa pontaria. Ao ser atingido, Hanuman soltou um grito estridente: “Rama!”

Ao ouvir esse nome, Bharata ergueu-se, chocado, e correu em direção ao macaco que tombara. Encheu-se de tristeza quando este lhe falou da sua missão e da sua urgente tarefa. Abraçou-o e suplicou-lhe que o perdoasse pela sua insensata precipitação. Prorrompeu em lágrimas e orou: “Se é verdade que tenho adorado Rama em pensamento, palavra e ação, sem me desviar desse caminho, que sejam restauradas a saúde e a força originais deste macaco”.

Quando Bharata se lamentou tão profundamente e proferiu um voto tão firme, Hanuman sentiu-se aliviado da sua dor; levantou-se, revigorado e livre. Então, pensando em testar a sinceridade de Bharata, declarou: “Vitória ao senhor da dinastia de Raghu!” Diante disso, Bharata ficou com o coração tão oprimido pela angústia que começou a soluçar alto. “Ó chefe dos macacos!”, implorou, “Sita, Rama e Lakshmana estão passando bem? A minha Mãe Sita está feliz e de bom ânimo?” Os seus olhos ficaram marejados de lágrimas de alegria quando se lembrou dela e dos seus irmãos que estavam ausentes.

Hanuman relatou-lhe tudo o que acontecera e Bharata encheu-se de aflição ao ouvir a narrativa. Desmaiou e caiu no chão ao saber que Lakshmana perdera a consciência no campo de batalha, mas logo se refez, ergueu-se e falou: “Hanuman! Perdoe-me por haver agido tão tolamente. Não devo atrasá-lo mais. Leve rapidamente a montanha Sanjivi e o precioso medicamento que pode curá-lo. Vá depressa!”

Hanuman prostrou-se aos seus pés e ergueu a montanha, colocando-a na palma da sua mão. Bharata observou-o sem pestanejar enquanto ele partia, parecendo voar em direção ao horizonte, até que desapareceu do seu campo de visão. Sentia-se feliz porque finalmente conseguira ter alguma notícia sobre os passos de Rama, e ao mesmo tempo muito triste com a situação de Sita e de Lakshmana. Com o coração apertado, foi para casa e transmitiu às mães o relato de Hanuman.

Sumitra, a mãe de Lakshmana, ficou pesarosa por alguns instantes, mas rapidamente se recompôs, lembrando-se de que Rama estava ao lado dele. Pensou: “O filho nascido do meu ventre está oferecendo a própria vida a serviço de Rama! Isso já é consolo suficiente para mim. Traz-me um grande sentimento de satisfação; a minha vida

cumpriu a sua finalidade. Contudo, estou preocupada porque Rama deve estar aflito com o destino de Lakshmana. Essa ‘perda de consciência’ certamente o está afetando e a separação do irmão pode lhe causar aflição”. Disse, então: “Filho! Satrugna! Vá até onde Rama está e permaneça ao seu lado!”

Satrugna levantou-se prontamente e respondeu: “Que maior boa sorte eu poderia ter?” Bharata, no entanto, o deteve, com as seguintes palavras: “Sem ordens específicas de Rama, não posso concordar que você se junte a ele”. Confortou o irmão, explicando-lhe que Rama poderia desaprovar essa decisão e que era sempre benéfico inclinar-se à sua vontade.

Rama cuida de Lakshmana

Enquanto isso, em Lanka, Rama zelava por Lakshmana. O dia transformou-se em noite e esta foi passando até chegar a meia-noite. Os macacos permaneciam agachados em torno de Rama, que agia como se fosse meramente humano, demonstrando ansiedade pelo fato de Hanuman ainda não haver chegado: “Já é meia-noite e ainda não há sinal de Hanuman! Terá ele se perdido no caminho? O meu irmão Lakshmana ainda está gravemente inconsciente!”

Virou ternamente o rosto de Lakshmana para si e, acariciando-o com tristeza e afeição, disse: “Irmão! Abra os olhos e volte-os para mim. Você nunca passou tantas horas sem me olhar. Cuidou de mim durante todos esses anos sem uma piscadela, sem um descanso sequer. Como posso suportar esse seu silêncio? Desde ontem não tenho ninguém para me confortar com palavras suaves”. Assim Rama se lamentava, como se fosse um mortal comum.

“Irmão, por minha causa, você abandonou os pais e a esposa. Veio comigo para o exílio na floresta, embora não tivesse nenhuma obrigação de fazê-lo. Jamais se importava com as dificuldades que encontrava. A sua natureza é singela e encantadora. Por minha causa, você dava as boas-vindas ao sol quente, encharcava-se na chuva e tremia no frio. Não comia à hora das refeições, pois não tinha horários regulares. Dava-me todo e qualquer alimento que coletava. Não ignoro o fato de que frequentemente se deitou no chão nu com o estômago vazio. Irmão! Há doze longas horas estou privado dos seus cuidados amorosos, não percebe? Lakshmana! Abra os olhos apenas uma vez e olhe para mim! É disso que mais preciso agora.”

Segurou amorosamente o queixo de Lakshmana e implorou o seu olhar de maneira muito comovente. Os macacos derramaram lágrimas de tristeza diante da angústia que Rama experimentava. Muitos deles subiram em árvores no alto de colinas e se puseram a perscrutar a distância a fim de descobrir sinais da aproximação de Hanuman.

Lakshmana se recupera

Logo Hanuman apareceu, trazendo a montanha Sanjivi na palma da sua mão erguida. Aos olhos dos macacos, ele brilhava como a encarnação da coragem que o esplendor da compaixão tornava ainda mais adorável. Tocou o solo e se encaminhou para eles, que gritavam: “Salve! Salve!” Disseram: “Você fez as nossas vidas valerem a pena. Se não tivesse chegado antes do amanhecer, todos nós teríamos mergulhado no oceano e dado fim à nossa existência, pois não poderíamos sobreviver à morte de Lakshmana nem nos interessava existir sem ele. Você salvou as nossas vidas”.

Ao ver Hanuman com a montanha onde cresciam as plantas curativas, Rama sentiu incomensurável alegria. Imediatamente Sushena ministrou a Lakshmana os

medicamentos que solicitara – Visalyakarini, Samdhanakarini, Souvarnakarini e Samjivakarini. Lakshmana sentou-se, completamente desperto. Transbordante de felicidade, Rama abraçou-o e afagou-o com muita ternura. Exclamou: “Irmão! Irmão! Onde esteve durante todas essas horas?” Aos seus olhos afloravam lágrimas de júbilo e gratidão. Estava imerso em imenso deleite, comparável apenas à bem-aventurança divina.

Enquanto isso, como resultado do contato com o ar vitalizante que soprava da montanha Sanjivi, os macacos que haviam caído mortos durante os dias da árdua batalha recuperaram as vidas e puderam sentar-se e movimentar-se como antes. Isso trouxe enorme alegria aos macacos, que se puseram a dançar de contentamento, abraçando os companheiros e parentes revividos.

Rama derramou as suas bênçãos sobre Sushena e assegurou-o de que o protegeria contra qualquer medida vingativa que Ravana pudesse planejar contra ele. Ordenou a Hanuman que o levasse, com casa e tudo, de volta a Lanka, e que, em memória ao serviço por ele prestado a Lakshmana e aos macacos, depositasse a preciosa montanha Sanjivi perto da sua residência. Hanuman elogiou o trabalho do médico e agradeceu-lhe por ter salvado a vida do seu mestre e também as dos seus companheiros. Depois carregou a montanha e a casa com ele dentro e depositou-as em segurança no solo de Lanka.

Generais *rakshasas* são mortos

Outro dia amanheceu. Podia-se ouvir o rufar de tambores da guerra que vinha do acampamento dos demônios. Ansiosos e excitados, os macacos extraíam imensa força do pensamento em Rama, o seu guardião e guia. Cada um possuía o poder de muitos elefantes e todos saltavam, impacientes para que a contenda tivesse início. O general inimigo era Dhumraksha, que lutou desesperadamente, mas acabou sendo aniquilado por Hanuman no dia seguinte. O general Akampa entrou no seu lugar e lutou ferozmente à frente da horda demoníaca, mas Angada, que liderou os macacos contra ele, conseguiu eliminá-lo naquele mesmo dia.

Ao saber que Akampa encontrara a morte nas mãos do inimigo, Prahasta correu para o campo de batalha, provocando enorme alarido. Nila enfrentou-o, lembrando-se do Nome de Rama com intensidade cada vez maior. Empenhou-se em feroz combate com o novo general até que, saltando sobre ele com extraordinária fúria, conseguiu matá-lo.

Mahodara veio logo depois, mas Hanuman investiu contra ele com um tonitruante rugido. Enfrentou-o com unhas e dentes e rapidamente conseguiu cortá-lo em pedaços. Por cinco longos dias consecutivos, Kumbha e Nikumbha, os dois filhos de Kumbhakarna, à frente de uma falange de ferozes demônios, deram continuidade à peleja. No sexto dia, entretanto, ambos os irmãos alcançaram o Céu que os guerreiros heroicos atingem quando expiram no campo de batalha.

Observando a série ininterrupta de calamidades que se abatiam sobre as suas tropas, os demônios de Lanka, tomados de pânico, esforçaram-se para se esconder em algum lugar a fim de salvar as suas vidas. Muitos deles se renderam e buscaram refúgio no acampamento dos macacos, pondo a culpa em Ravana e insultando-o duramente. Muitos se dirigiram à rainha Mandodari, suplicando-lhe que freasse o curso do desastre. Triste porque Ravana cedera aos seus impulsos insanos, ela tentou dissuadi-lo de prosseguir com a guerra.

A guerra, contudo, não cessou; ao contrário, continuou sob a liderança de Makaraksha, o terrível guerreiro. Lakshmana lutou contra ele e o eliminou. No instante em que se alcançou esse extraordinário sucesso, os macacos pularam de alegria, gritando: “Vitória! Vitória (*Jai! Jai!*)!”

Kumbhakarna repreende Ravana

Ravana lamentou-se e chorou quando soube que os seus imbatíveis generais haviam todos tombado mortos, um a um! Correu até o local onde dormia o seu irmão Kumbhakarna e tentou despertá-lo com medidas drásticas e extremas. Vastas multidões de demônios reuniram-se perto dos seus ouvidos e rufaram freneticamente enormes tambores. Ravana trouxe centenas de pugilistas para golpear o demônio adormecido; centenas lhe desferiram saraivadas de socos, muitos lhe bateram fortemente nas coxas com gigantescas clavas. Finalmente, o demônio abriu os olhos e mirou ao seu redor. Ravana relatou-lhe o seu desespero e contou-lhe a respeito da morte dos seus próprios filhos.

O relato fez Kumbhakarna levantar-se com uma terrível sede de vingança, como se fosse a própria encarnação do Tempo, o destruidor universal. Exclamou: “Tolo! Por acaso poderá algum dia obter a vitória? Ficou manchado indelevelmente pelo pecado de raptar Sita, a Mãe do Universo, e trazê-la para cá. Esse seu ato perverso é inegavelmente hediondo. A sua crueldade está provocando a destruição de Lanka. Vá, renda-se a Rama, sem dar atenção a esse seu absurdo senso de importância! Terá sido correto para um governante com o elevado dever de manter a retidão e reprimir a injustiça no seu reino desprezar a decência e a boa conduta e raptar a esposa de outro? Será esse procedimento aprovado pela ética? Será proveitoso para o progresso espiritual? Você terá que colher os frutos das suas ações.

“Ravana! Rama não é um mortal comum. A nossa irmã Shurpanakha, enlouquecida pela luxúria, planejou satisfazer o seu desejo egoísta e sofreu as consequências da sua maldade. Ela acendeu o seu instinto e induziu-o a perpetrar esse crime bárbaro. Ao dar ouvidos a uma mulher ardilosa, você deixou de lado todo o discernimento e, pela perversidade das próprias ações, atraiu para a sua cabeça essa calamidade.”

Kumbhakarna pôs a culpa no irmão e aconselhou-o por muito tempo. Ravana, porém, não estava disposto a aceitar a responsabilidade e implorou: “Não me abandone nessa desgraça. Prepare-se para conduzir os nossos exércitos à guerra. Salve a minha vida”.

Os irmãos *rakshasas* se encontram

Sem encontrar um jeito de escapar e vencido pelo afeto que nutria pelo irmão, Kumbhakarna aprontou-se. Puseram à sua frente caldeirões de bebida quente e montes de carne para o seu desjejum. Ele engoliu tudo em um instante e dirigiu-se para o campo de batalha. Vendo-o prestes a entrar em combate, Vibhishana, o seu irmão mais novo, saiu correndo do acampamento de Rama, foi até ele e prostrou-se aos seus pés, em humilde reverência. Depois levantou-se e anunciou-se pelo nome. Kumbhakarna sorriu, radiante de alegria, e abraçou terna e amorosamente o irmão.

Vibhishana foi o primeiro a falar: “Irmão! Ravana insultou-me em plena corte e expulsou-me do salão de audiências. Considerei todos os aspectos da situação e aconselhei-o de várias maneiras, porém ele rejeitou os meus conselhos e deu ouvidos a ministros estúpidos e sedentos de poder. Despejou sobre mim intoleráveis insultos

diante deles. Não pude suportar a vergonha. Entreguei-me a Rama e este, sabendo que eu estava desamparado e era inocente, aceitou-me e concedeu-me refúgio”.

Kumbhakarna respondeu: “Bem, irmão! A sombra da morte já está sobre Ravana; então, como poderia ele dar atenção a um bom conselho? Você certamente fez bem em cumprir o objetivo da sua vida. Agora não é mais Vibhishana; é *Vibhushana* (a joia reluzente, o mais esplêndido ornamento) do clã *rakshasa*! Você enobreceu e purificou o clã servindo tão ardentemente a Rama, o próprio Oceano da Felicidade, a coroa da dinastia de Raghu. Vá e sirva-o com sincero ardor.

“Irmão! Tenho que me envolver na guerra, independentemente do destino que me está reservado. Também estou perto da morte. Ravana sabe que o meu coração não está com ele. Aconselho-o a abandonar a lealdade a um ou a outro lado e restringir-se à lealdade a Rama.”

Recebendo esse conselho e as bênçãos do irmão, Vibhishana retornou à presença de Rama e lhe disse: “Senhor! Aquela montanha *rakshasa* é Kumbhakarna, um guerreiro incrivelmente valente que veio para se empenhar em combate com o senhor”.

Kumbhakarna alcança a liberação

Quando os macacos ouviram essas palavras, ficaram tão encolerizados que cuspiram fogo e, sob a liderança de Hanuman, saltaram sobre as forças inimigas. Atiraram árvores gigantescas e rochas enormes em Kumbhakarna, porém ele permaneceu firme e imperturbável. O ataque dos macacos tivera o mesmo efeito que o ato de fustigar um elefante enfurecido com um fio de cabelo! Fervendo de raiva, Hanuman golpeou-o fortemente com o punho cerrado. Kumbhakarna cambaleou, mas prontamente se recuperou e devolveu o golpe, derrubando-o no chão. Nala e Nila juntaram-se à luta, mas também não puderam resistir ao poder do *rakshasa*. O temor apoderou-se das tropas dos macacos. Sugriva e Angada, igualmente apanhados pela poderosa investida de Kumbhakarna, rolaram pelo chão. Finalmente, Kumbhakarna espremeu Sugriva debaixo do seu braço e levou-o para fora do campo de batalha. Afirmou que a captura do rei significava que ele derrotara o exército dos macacos.

Hanuman retomou a consciência da situação e, notando que Sugriva não estava mais por perto, ficou ansioso para descobrir o seu paradeiro. Entrementes, Sugriva recobrou os sentidos e, ao ver que estava sendo carregado debaixo do braço do poderoso Kumbhakarna, dispôs-se a fazer o possível para se desvencilhar daquela pressão. Hanuman encontrou-o empenhado nessa desesperada tentativa e correu para ajudá-lo.

Sugriva, no entanto, libertou-se sozinho do seu captor e envolveu-se em uma luta feroz contra ele. Arrancou a dentadas o nariz e as orelhas de Kumbhakarna, o que deixou o monstro com extrema dificuldade para respirar. Logo uma horda de macacos bradando “Vitória a Rama!”, “Vitória ao nosso Mestre!” cercou Kumbhakarna e despejou sobre ele uma torrente de rochas, montes e árvores. Enfurecido, o demônio saltou sobre os macacos e pôs-se a mastigar ruidosamente e a engolir qualquer um que pudesse agarrar. Muitos foram esmagados até a morte. E assim Kumbhakarna conseguiu fazê-los debandar em pânico.

Em vista disso, Rama declarou a Lakshmana e aos demais que chegara o momento em que ele entraria em campo; a sua intercessão não podia mais ser adiada. “Lakshmana! Traga-me aquela aljava ‘inesgotável’”, pediu. Com a ordem de Rama na

mente, Lakshmana trouxe imediatamente a aljava e colocou-a nas mãos do seu amado irmão.

Armado com o arco *Kodanda*, Rama entrou na zona de combate como um leão em direção à sua presa. Lakshmana, Sugriva, Hanuman e Jambavan o seguiram. As flechas do seu arco voaram rápidas como serpentes aladas diretamente sobre o inimigo. Espalharam-se por toda parte e irromperam pelos quatro quadrantes, aniquilando milhões de heróis e guerreiros nas fileiras inimigas.

Incapazes de aguentar o ataque, os demônios se puseram em fuga. A chuva de flechas jamais se esgotava. Cada seta disparada retornava para a mesma bainha após infligir o dano desejado. Percebendo que Rama estava disposto a exterminar as forças demoníacas, Kumbhakarna enfureceu-se terrivelmente. Rugindo como um leão ferido, pulou no meio do combate. Os macacos ficaram alarmados e fugiram, amedrontados.

Julgando que nenhum outro plano era viável, Rama apontou uma flecha contra Kumbhakarna e lhe decepou os braços na altura dos ombros. Quando isso aconteceu, o monstro brilhou como a montanha Mandara ao ter as asas cortadas por Indra, o senhor dos deuses⁸¹. Correu em direção a Rama com um grito agudo. Rama puxou toda a corda do arco para trás, na direção da sua orelha, e disparou uma chuva de flechas que atingiram Kumbhakarna por toda a face com força letal. O impacto o fez cambalear, mas ele não caiu; então Rama disparou outra seta que o decapitou. A cabeça decepada tombou no chão, porém o tronco ainda continuou a correr até certa distância; para fazê-lo parar, Rama arremessou mais uma flecha, que o partiu em dois.

Repentinamente, um esplendor surgiu do corpo e, avançando em direção a Rama, nele se fundiu. O *rakshasa* alcançou a libertação sem realizar nenhuma prática espiritual (*sadhana*), recitação do Nome (*japa*) ou austeridade para o controle dos sentidos e da mente (*tapas*). Enquanto vivo, brilhou como um herói incomparável no campo de batalha; morto, atingiu o estado mais elevado de união com Deus.

Rama permanecia de pé no campo de batalha, o rosto de lótus salpicado de gotas de suor. Podiam-se ver no seu corpo alguns respingos do sangue de Kumbhakarna que ali haviam caído durante o combate. Era a hora do crepúsculo. Após um dia violento e agitado de luta feroz, ambos os exércitos se retiraram para os seus acampamentos. A graça de Rama fortaleceu o estado de espírito dos macacos; como fogo alimentado pela grama seca, a chama do seu ardor elevou-se às alturas.

Meghanada tenta ludibriar as hostes dos macacos

Os demônios perdiam força, dia após noite. Ravana lamentava-se desconsoladamente. Era como uma serpente que perdera a sua joia mais preciosa⁸². Apertando ao peito a cabeça decepada do irmão, pranteava alto. Meghanada procurou confortá-lo de diversas maneiras. “Amanhã mostrarei ao senhor o meu heroico poder. Esmagarei em um instante aquela horda de macacos e lhe darei uma alegria muitíssimo maior do que o sofrimento que o está atormentando hoje”, gabou-se.

⁸¹ Contam épicos hindus, dentre os quais o *Ramayana*, que em eras primevas as grandes montanhas eram aladas e voavam em grande velocidade, causando grande perturbação na Terra e nas regiões celestiais, até que o deus Indra lhes cortou as asas com o seu raio, forçando-as a permanecer no solo. (N. T.)

⁸² Possível referência ao simbolismo da serpente e de outros répteis nas diferentes mitologias como guardiães de valiosos tesouros de natureza material ou espiritual. (N. T.)

Assim que o dia raiou, Ravana foi informado por mensageiros de que os ursos e os macacos haviam cercado a cidade. A notícia atraiu para a batalha os mais valorosos guerreiros *rakshasas*, que marcharam para enfrentar o inimigo. Cada um lutava com o máximo da sua destreza e energia contra qualquer adversário que encontrasse. Durante todo aquele dia, a fúria dos combates foi indescritivelmente assustadora.

Meghanada subiu na sua carruagem mágica e elevou-se ao céu. O seu rugido desafiador trovejou como as nuvens do firmamento no dia do Juízo Final e derrubou os macacos como se fosse um poderoso golpe. A terra estremeceu com o seu eco. Instantaneamente, Meghanada fez surgir uma falsa Sita e, sentando-a na carruagem, desceu ao campo de batalha!

Hanuman notou aquilo antes de todos os outros. Abordando-o, Meghanada gritou: “Escute, Hanuman! Matarei agora mesmo a Sita que você quer resgatar travando esta guerra. Veja! Com a sua morte, a guerra deverá terminar”. E, sacando a espada, cortou a réplica de Sita em pedaços e lançou-os fora.

Mergulhado em ira vingativa, Hanuman exortou os macacos a combater sem pensar em sobrevivência e exterminar a raça dos *rakshasas*. Atacados ferozmente, os demônios recuaram para o interior da cidade.

Hanuman aproximou-se de Rama e relatou-lhe o ato perverso praticado por Meghanada. Ao receber a notícia, Rama fingiu ter sido afetado por ela. Não ignorava o fato de que se tratava de uma falsa Sita, criada por meio das habilidades mágicas dos demônios. Ainda assim, agiu como se fosse apenas um “homem entre os homens”. Lakshmana também ficou desesperado. Lastimou a perda da Mãe de todos os mundos e sentou-se, desanimado ante a inutilidade de permanecer neste mundo.

Ouvindo relatos do que ocorrera, Vibhishana correu até a presença de Rama e declarou: “Mestre! O senhor conhece a verdade. Todo esse incidente é falso. Sita está viva e guardada com grande cuidado. Apenas Ravana tem acesso ao local do seu cativeiro. Meghanada projetou uma ‘Sita’ e ‘assassinou-a’ para ludibriar-nos e levar-nos ao desespero. Tais truques são muito comuns entre nós, *rakshasas*. Sei como se deleitam com esses vis estratégias”.

Rama e Lakshmana sentiram-se felizes ao ouvi-lo e apreciaram a sua exposição das táticas secretas dos demônios. Hanuman, para confirmar a declaração de Vibhishana e se convencer ainda mais da sua veracidade, assumiu outra forma, entrou sem ser notado na cidade de Lanka e foi até o parque onde Sita permanecia sob custódia. Ao retornar, assegurou os macacos de que estava tudo bem, o que os impeliu a empenhar-se com maior entusiasmo na contenda.

Meghanada é derrotado

Pouco depois Meghanada retornou à batalha. Desta vez despejou sobre os macacos não apenas flechas afiadas, mas também lanças, clavas, machados, bastões e rochas. Os macacos ouviram ordens e gritos aterrorizantes reverberando ao seu redor: “Batam!”, “Agarrem!” e assim por diante, mas não conseguiam distinguir quem obedecia a essas ordens e os golpeava, atacava e agarrava firmemente! Foi uma experiência sinistra que espalhou confusão entre eles, deixando-os incapazes de decidir de onde vinha o perigo e para onde deveriam se voltar para obter refúgio. Até mesmo heróis formidáveis, como Nala, Nila, Angada e Hanuman, ficaram atemorizados. Meghanada disparou setas contra Lakshmana, Sugriva e Vibhishana e lhes perfurou os corpos, porém eles continuaram a combatê-lo com fúria inquebrantável.

Nesse ínterim, Meghanada envolveu-se em combate com o próprio Rama e arremessou contra ele sibilantes flechas-serpentes. Tratava-se da célebre arma do dragão (*Sarpastra*). E Rama – o supremo ator que viera no papel de um ser humano, o poderoso herói que destruíra Khara e Dushana e as suas falanges – consentiu em ser submetido aos efeitos daquela poderosa arma! A fim de demonstrar a sua potência e prestar o devido respeito a esse dragão divino, permitiu que ela lhe causasse dano! Isso pode parecer estranho, mas esta é a história de Rama, que encarnou com atributos, qualidades e limitações. Pessoas com capacidade limitada de pensamento, palavra e ação não podem descobrir essa verdade.

Os macacos ficaram desamparados e preocupados ao saber que Rama fora subjogado pela arma do dragão. Radiante, Meghanada investiu contra eles, proferindo insultos vulgares. Ao vê-lo, Jambavan gritou: “Ó verme imoral! Pare!” Meghanada repeliu-o, dizendo: “Tenha vergonha! Ignorei-o até agora por você ser muito velho para merecer atenção. De que me servem as suas palavras? Afaste-se!” Atirou um tridente contra Jambavan, que afortunadamente o agarrou e lançou-o de volta, em direção ao próprio Meghanada. O alvo foi tão certo e o arremesso tão forte que o tridente o atingiu diretamente no coração. O demônio ferido rodopiou algumas vezes antes de tombar.

Jambavan correu até ele, segurou-o pelos pés, girou-o velozmente e atirou-o no chão. “Agora diga que eu sou um velho; avalie se tenho a força da juventude ou a fraqueza da velhice”, desafiou-o. Meghanada, porém, não morreu. Levantou-se com enorme dificuldade e afastou-se. Não havia cumprido aquilo de que se vangloriara; por isso sentia vergonha de se apresentar diante do pai. Foi diretamente para um jardim chamado Nikumbala, onde outrora muitos demônios haviam feito penitência e se submetido a austeridades.

Lakshmana aniquila Meghanada

Quatro dos cortesãos de Vibhishana que haviam observado incógnitos os movimentos dos líderes inimigos vieram a saber disso e lhe comunicaram o fato. Vibhishana apressou-se a ir até a presença de Rama e lhe disse: “Mestre! Acabei de ouvir algumas notícias. Meghanada está prestes a realizar um ritual (*yajna*) maligno para a propiciação de poderes maléficos. Se concluir a cerimônia, será difícil derrotá-lo. Temos que interpor obstáculos a ela”.

Satisfeito com as suas palavras, Rama gostou da sugestão. Convocou Hanuman e Angada e ordenou-lhes: “Irmãos, vão! Perturbem e desorganizem o sacrifício que Meghanada está realizando”. Voltando-se para Lakshmana, falou: “Você tem que derrotar aquele sujeito no campo de batalha. Repare que os deuses estão pesarosos com as iniquidades que ele pratica”.

Em pronto cumprimento às ordens de Rama, os três – Vibhishana, Sugriva e Hanuman – reuniram uma enorme tropa de macacos e seguiram Lakshmana, com o objetivo de apoiá-lo. Armado com o seu arco e a sua aljava permanentemente provida de flechas, Lakshmana prostrou-se diante de Rama e saiu do acampamento, com o irmão instalado no coração. Angada, Nala, Nila e outros generais marcharam atrás de Hanuman.

Ao chegarem ao parque Nikumbala, encontraram o sacrifício já em andamento, com a oferta de carne e sangue de búfalos no fogo ritual. Então começaram a atrapalhar a cerimônia, porém Meghanada não desistiu. Puseram-se a imitar em voz alta e de forma

caricata os hinos que estavam sendo entoados, mas isso tampouco persuadiu os sacerdotes a interromper os rituais. Então os macacos, enfurecidos, correram até a área do sacrifício e, agarrando Meghanada pelos cabelos, puxaram-no para o chão e o chutaram.

Brandindo um tridente, Meghanada investiu contra eles. Angada e Hanuman lançaram-se sobre o demônio, mas este os golpeou tão fortemente com a sua arma que ambos rolaram pelo chão, até que Lakshmana veio em seu socorro e partiu em dois o terrível tridente. Angada e Hanuman logo se refizeram e passaram a esmurrar Meghanada com toda a força, porém o demônio não recuou; nem mesmo demonstrou estar sentindo o impacto. Lakshmana, como se fosse o próprio deus da morte que viera para destruí-lo, disparou sobre ele uma saraivada de flechas mortais que o atingiram como uma chuva de raios. Então, usando a sua magia, Meghanada tornou-se invisível, assumiu muitos papéis misteriosos e escapou.

A paciência de Lakshmana finalmente se esgotou. Ele colocou no seu arco uma flecha sagrada e, invocando sobre ela o poder e a majestade de Rama, disparou-a contra Meghanada, onde quer que o *rakshasa* estivesse. A flecha penetrou o seu coração e pôs fim à sua vida. Contudo, nos seus últimos momentos, ele tivera na mente a imagem de Rama; por isso Lakshmana, Angada, Hanuman e Vibhishana enalteceram a sua bravura e a maneira como havia morrido. Hanuman ergueu o corpo e o pôs suavemente sobre os ombros; levou-o até o portão da cidade de Lanka, onde o depositou, e depois retornou.

Lakshmana aproximou-se de Rama e prostrou-se aos seus pés. Contente com o seu sucesso, Rama ouviu a narrativa detalhada dos eventos no parque Nikumbala e acariciou o irmão com grande afeição. Em seguida abraçou Vibhishana, Hanuman, Nala, Nila e outros e emocionou a todos com o seu toque divino. Naquele momento, a dor que os atormentava desapareceu instantaneamente e as feridas dos seus corpos foram curadas. O olhar compassivo de Rama desceu sobre os macacos, embevecidos com a visão do seu rosto radiante.

9. A REGIÃO INFERIOR

Sulochana censura Ravana

Nesse meio-tempo, Sulochana, a esposa de Meghanada, soube da morte do marido pelas criadas, que haviam se apressado a lhe comunicar a trágica notícia. Ravana conversou com ela e observou: “Até agora, eu acreditava que essa pequena tarefa poderia ser facilmente realizada por Meghanada ou por Kumbhakarna. Agora vi com os meus próprios olhos o fracasso da sua intrepidez. Sinto-me envergonhado por Meghanada ter caído vítima do ataque de macacos. Como podem pretender ser considerados heróis aqueles que são mortos por macacos?”

Tentou confortá-la, dizendo: “Estimada nora! Pare de sofrer! Não pense que sou esse tipo de herói. Daqui a mais ou menos uma hora eu lhe proporcionarei consolo. Poderá testemunhar o meu terrível poder no campo de batalha. Arrancarei e trarei comigo as cabeças dos responsáveis pela morte do seu marido. É o que acontecerá, sem dúvida”. E Ravana entregou-se a gabolices e delírios na presença de Sulochana. A ira inflamou todo o seu ser e ele ficou fora de si de tanta raiva.

Ao ouvir as suas palavras, a sábia e virtuosa Sulochana replicou: “Ó ser de dez cabeças! Será que existe no seu coração algum vestígio de esperança de que poderá conseguir a vitória? O senhor está mergulhado na profunda escuridão da ilusão. Engoli o meu ressentimento e o meu desapontamento durante tanto tempo por achar que seria impróprio contrariar o meu sogro e, neste caso, também inútil tentar convencê-lo. A sua ira é a principal causa da destruição da população dos demônios nesta ilha. Deixe-me dizer-lhe uma coisa: é impossível para o senhor ganhar esta guerra. Esta é a verdade, a verdade indiscutível”.

Ergueu-se repentinamente e, lamentando-se a sós, dirigiu-se aos aposentos da mãe de Meghanada, a rainha Mandodari. Lá chegando, prostrou-se aos pés da sogra e depois falou: “Esta calamidade foi causada pelo seu marido e por mais ninguém. A senhora também não poderá escapar da catástrofe que certamente acontecerá neste dia ou no próximo”. E do seu coração despedaçado jorraram palavras duras e cruéis.

Mandodari também ficou deprimida ao considerar os desejos malignos de Ravana e o seu orgulho pela própria crueldade. Chorou ao perceber que as palavras de Sulochana eram terrivelmente verdadeiras. As duas mulheres permaneceram em silêncio por muito tempo e depois passaram a descrever as virtudes e a excelência de Rama, assim como a paciência e a castidade de Sita. Finalmente disseram que, se ao menos pudessem ter um vislumbre daquele ser divino, as suas vidas teriam valido a pena.

Ravana não aguentou testemunhar a agonia da nora em seu luto. As palavras de Sulochana lhe haviam trespassado o coração como estacas afiadas. A sua própria dor diante da perda de um filho tão inteligente e amoroso era tão pesada que ele caiu e, em desespero, pôs-se a bater com a cabeça no chão. Levantando-se, desabafou a sua angústia perante a imagem de Shiva no seu templo favorito.

Nisso os ministros da sua corte aproximaram-se e dirigiram-se a ele: “Ó rei, por que sofre em vão? Filhos, esposas e os demais a quem prodigalizamos o nosso amor são todos como o clarão do relâmpago que por um instante ilumina a nuvem escura. Eles vêm e vão. A vida é um clarão, ela não dura. Como sabe plenamente disso, não é

apropriado para o senhor afundar-se na ignorância e lamentar a sua perda. Agora é hora de planejar o futuro. Trace a estratégia que nos possibilitará destruir o inimigo que está às nossas portas”. Mediante diversos argumentos, tentaram consolá-lo e lembrá-lo da tarefa imediata; por fim, Ravana uniu as palmas das suas vinte mãos e, orando a Shiva, prostrou-se no chão do templo em reverente homenagem.

Ahi-Ravana sequestra Rama e Lakshmana!

Quando tais eventos tiveram lugar na terra acima, Ahi-Ravana, que vivia nas regiões inferiores⁸³, ficou ciente de que Ravana estava padecendo uma imensa aflição. Logo pensou: “Como isso é possível? Ele tem o mundo inteiro sob o seu controle e ao seu alcance! Ninguém consegue derrotá-lo”.

Ahi-Ravana, que não adorava outra divindade além de Kamada⁸⁴, pôs-se imediatamente a meditar na deusa, que lhe revelou onde Ravana se encontrava naquele momento. Assim pôde aparecer diante dele no próprio templo de Shiva, onde se prostrou aos pés de Ravana enquanto anunciava o seu nome. Ahi-Ravana, que era outro irmão do imperador *rakshasa*, indagou por que ele estava tão abatido. Ravana contou-lhe, então, tudo o que ocorrera desde que o nariz e as orelhas de Shurpanakha haviam sido decepados pelos irmãos Rama e Lakshmana.

Esse relato entristeceu muito Ahi-Ravana, que afirmou: “O caminho da moralidade é venerado por todos no mundo. Desviar-se desse caminho e preferir o da imoralidade faz com que o medo entre no coração. Em vez de prestar atenção ao passado e ao futuro, assim como ao provável rumo dos acontecimentos, você mergulhou em uma guerra insensata e fatal. Consequentemente, destruiu o seu clã e a sua dinastia. Você desconhece o heroísmo e o poder latentes no ‘homem’. Considerou o maior dentre eles como o menor e o mais fraco. No entanto, desejo dizer-lhe uma coisa: eu capturarei Rama e Lakshmana e os levarei comigo para as regiões inferiores, onde os sacrificarei em oferenda à minha deusa Kamada. Assim trarei imensa fama ao nome dos *rakshasas*”. Com essas palavras, inclinou-se diante de Ravana e prestou reverência à deusa Kamada.

Ahi-Ravana entrou no acampamento de Rama. Com o seu poder sobrenatural, invocou o espírito das trevas e envolveu os macacos em profunda escuridão. Ninguém podia enxergar nem a palma da própria mão, tal a densidade do negrume que pairava ao redor de todos! Os macacos vigiavam o acampamento com extremo cuidado; nem mesmo a morte ousaria entrar ali. No seu posto de guarda, Hanuman alongou a cauda a tal ponto que ela deu muitas e muitas voltas em torno do acampamento até que as suas espirais sobrepostas formaram uma muralha alta, com o tamanho e a força de uma barreira montanhosa. Ele próprio se mantinha alerta no único portão pelo qual era possível a entrada naquela fortaleza inexpugnável.

Ao ver o forte feito de cauda, Ahi-Ravana foi acometido de enorme temor. Não conseguia conceber nenhuma estratégia para superar aquela defesa. De repente, veio-lhe à mente uma ideia brilhante: transformou a sua aparência, tornando-a semelhante à de Vibhishana, e abordou Hanuman no portão. Disse-lhe: “Amigo, preciso ir até a presença de Rama. Com a sua aprovação, saí do acampamento para fazer as minhas orações e rituais noturnos. Terminei-os agora. Se não retornar logo, incorrerei no pecado de desobedecer à sua ordem. Permita-me entrar”.

⁸³ Segundo a tradição hindu, existem três mundos (*tribhuvana* ou *triloka*), a saber: o Céu, a Terra e as regiões inferiores. (N. T.)

⁸⁴ Kamada é um dos 1.008 Nomes da deusa Kali e significa “Aquele que concede todos os desejos”. (N. T.)

Hanuman acreditou naquelas palavras e naquela forma, uma vez que, aos seus ouvidos e aos seus olhos, eram as de Vibhishana, e deixou-o entrar no acampamento. Ali Ahi-Ravana encontrou Nala e Sugriva profundamente adormecidos, pois os combates daquele dia os haviam deixado exaustos. Rama também dormia, segurando firmemente a mão do seu irmão Lakshmana.

O falso Vibhishana que se aproximava não passou despercebido aos olhos de Rama. No seu jogo divino, ele adotara a estrutura humana ao encarnar, e o seu propósito era a completa destruição de toda a espécie dos *rakshasas*. A sua missão permaneceria inacabada se familiares de Ravana sobrevivessem nas regiões inferiores. Então desempenhou o seu papel, como se não soubesse do truque que Ahi-Ravana estava prestes a realizar. Outros não podem entender os seus caminhos. Ele sabe onde, quando e por que meios alguém deve ser exterminado. Encena o seu drama à sua maneira.

O demônio recitou o mantra do atordoamento (*mohana mantra*), que fazia com que qualquer um, à sua vontade, desfalecesse e ficasse inconsciente; como resultado, os heroicos macacos dormiram ainda mais profundamente. Ele, então, amarrou Rama e Lakshmana e levou-os para Patala, a sua região nas entranhas da Terra.

Vibhishana descobre a trama

Após algum tempo, os macacos despertaram e caíram em desânimo ao descobrir que Rama e Lakshmana não estavam ao seu lado. O lugar onde haviam dormido se tornara um poço profundo. Logo todo o acampamento se encheu de gritos e gemidos. Os macacos ficaram tão infelizes quanto o céu sem a Lua ou flores de lótus sem água. Começaram a se movimentar em todas as direções à procura dos irmãos, empenhados em recuperá-los. Muitos correram até o litoral, outros exploraram os limites do acampamento, mas ninguém conseguiu achar uma pista. Os macacos perderam a esperança e a coragem; dominados pela aflição e pelo desespero, lamentavam o seu destino, dizendo: “Todos os guerreiros *rakshasas* foram exterminados. Só Ravana sobreviveu, e os seus dias também estavam chegando ao fim. Nessa conjuntura, este infortúnio nos toma de surpresa”.

Sugriva, o rei dos macacos, desabou inconsciente no chão. Vibhishana, que não ouvira falar do incidente, voltava com as roupas molhadas de um banho de mar após haver realizado os seus ritos matutinos. Os macacos correram até ele e lhe revelaram que Rama e Lakshmana não se encontravam no acampamento. Vibhishana tomou-se de angústia por um instante, mas logo adivinhou a trama, pois estava familiarizado com os artifícios de que os demônios podiam lançar mão com o uso dos seus poderes sobrenaturais. Falou: “Venham, entremos no acampamento”, o que lhes proporcionou algum consolo.

Quando conversou com Hanuman no portão, Vibhishana ficou surpreso e chocado com as suas palavras: “Mas como?! Há algum tempo você entrou no acampamento por este portão, depois de pedir a minha permissão para fazê-lo”.

Agora a situação estava clara para Vibhishana; podia imaginar o que acontecera. Dirigiu-se aos macacos, dizendo: “Macacos! Não há necessidade de ficarem ansiosos. Ahi-Ravana, irmão de Ravana, é um mestre em tais truques. Ele vive em Patala, nas regiões inferiores. A julgar pela profundidade desse poço, estou certo de que foi ele quem levou Rama e Lakshmana para a sua própria morada subterrânea. Não tenho dúvidas quanto a isso, pois ninguém mais além dele consegue assumir a minha forma. Não desanimem. É melhor que vá até lá algum de nós que seja poderoso”.

Olhando ao seu redor, avistou Hanuman e falou: “Hanuman! A sua força física e mental é conhecida em todo o mundo. Vá imediatamente a Patala e traga de volta Rama e Lakshmana, aqueles Oceanos de Misericórdia”. E descreveu a rota que ele deveria seguir para alcançar Patala, onde estava Ahi-Ravana.

Sugriva, Angada e Jambavan estreitaram Hanuman ao peito, derramando lágrimas de alegria. Antes de partir em sua missão, Hanuman solicitou a permissão de Sugriva, o seu mestre régio, e declarou aos macacos: “Não temam nem fiquem ansiosos. Quem quer que seja, eu o destruirei, mesmo ao sacrifício da minha própria vida. Muito em breve estarei com Rama e Lakshmana diante de vocês, tenham certeza disso”. Com essas palavras, pôs-se a caminho, proferindo a aclamação: “Vitória a Rama!” (*Jai Rama*).

Hanuman resgata os irmãos

Chegando à região de Patala, Hanuman descansou um pouco embaixo de uma árvore. Nisso ouviu dois pássaros pousados acima dele, conversando alto. Como era conhecedor da sua linguagem, ficou sentado, escutando o que falavam. “Querido”, disse um deles, “Ahi-Ravana trouxe dois irmãos, Rama e Lakshmana, e fez todos os preparativos para sacrificá-los agora mesmo à deusa Kamada. Terminado o sacrifício, lançará fora aqueles corpos sagrados e poderemos banquetear-nos à vontade com eles. Hoje é um dia festivo para nós”.

Hanuman ergueu-se subitamente, como uma serpente cuja cauda tivesse sido pisada. Sibilou de raiva e saltou para a frente, como uma gigantesca labareda. “Ai de mim! Temo pelo que já tenha acontecido ao meu Senhor”, lamentou-se.

Bem na entrada da cidade de Ahi-Ravana, teria que combater e dominar Makaradhvaja, o guarda em forma de macaco. Vendo que se tratava de um macaco, resolveu explorar a sua genealogia e história. Assim foi capaz de ganhar a confiança de Makaradhvaja e dele obter informações privilegiadas sobre Rama e Lakshmana e o destino de ambos. Veio a saber que, ao amanhecer, os irmãos seriam levados ao templo da deusa Kamada para Lhe serem oferecidos como sacrifícios humanos.

Hanuman indagou ao guardião de Patala onde os dois irmãos estavam sendo mantidos prisioneiros pelo cruel soberano das regiões inferiores. Makaradhvaja forneceu-lhe todos os detalhes. Insistiu, no entanto, em não Lhe permitir que adentrasse aquela área, pois devia obedecer ao seu senhor e ser leal a ele e aos seus interesses. “Qualquer que seja o sofrimento que eu tenha que suportar, não o deixarei entrar”, afirmou.

“Se eu Lhe mostrar alguma consideração especial pelo fato de você também ser um macaco, estarei desonrando toda a espécie dos macacos como ingrata e indigna de confiança. Ahi-Ravana, o meu senhor, é tão adorável para mim quanto o seu senhor Rama é para você. Portanto, não importa quão próximo você possa ser de mim, não vacilarei nem me desviarei. Devo cumprir o meu dever e executar as suas ordens. Você só poderá entrar após me derrotar em combate”, asseverou, desafiadoramente.

Hanuman apreciou os seus sentimentos e o seu senso de dever. Ficou feliz por Makaradhvaja haver adotado a atitude apropriada. Aceitou o desafio e lutou com ele. Depois de algum tempo gasto em um confronto feroz, Hanuman decidiu que não seria conveniente o atraso; por conseguinte enroscou a cauda em torno do corpo do adversário e arremessou-o para longe. Feito isso, entrou destemidamente na cidade.

Ao ver um florista passando pelo portão com uma linda e enorme guirlanda de flores perfumadas, decidiu que ali estava a melhor oportunidade de chegar até o lugar

desejado. Repentinamente assumiu uma forma diminuta e introduziu-se na guirlanda que o florista carregava. Esta não ficou mais pesada, permaneceu com a mesma leveza; assim o florista não teve ideia do que havia ocorrido, pois para ele tudo estava como dantes.

A guirlanda foi entregue ao próprio Ahi-Ravana, que a segurou com ambas as mãos e colocou-a ao redor do pescoço da imagem de Kamada no templo, à qual também ofereceu diversas bandejas fartas como alimento consagrado. Oculto em sua posição estratégica na guirlanda, Hanuman comia tudo o que estava nos pratos à medida que estes iam sendo colocados diante do ídolo. Vendo a comida desaparecer, os demônios ficaram encantados pelo fato de que a sua deusa se dignara aceitar a sua devoção. Ahi-Ravana alegrou-se com o pensamento de que “neste dia as minhas orações foram respondidas. A minha boa sorte chegou ao seu ápice”.

Nisso, decorados da mesma forma que os animais de sacrifício, Rama e Lakshmana foram trazidos por gigantescos guerreiros *rakshasas*, que os agarravam pelos braços de ambos os lados. Hanuman viu-os ser forçados a permanecer de pé ao lado do altar sacrificial. Ali de onde estava, prestou reverência a Rama e encheu a mente de adoração por ele. Os guardas colocaram-nos diante da imagem, segurando espadas afiadas perto dos seus pescoços. Ahi-Ravana disse-lhes que a oferenda do sacrifício das vidas dos dois irmãos tinha que ser feita imediatamente após o tremular da chama sagrada, e que deviam estar prontos para executar a sua tarefa sem um momento de atraso.

Rama e Lakshmana, que eram realmente seres divinos desempenhando papéis de humanos, descobriram que fora Hanuman quem havia comido as oferendas de alimento postas por Ahi-Ravana diante da deidade, e essa descoberta os levou a encarar com muito bom humor os acontecimentos que estavam prestes a se suceder.

Vendo-os sorridentes e alegres, Ahi-Ravana enfureceu-se e disse: “Bem, se os poucos instantes a mais de vida que lhes são concedidos os deixam tão contentes, não os invejo. Sejam felizes enquanto podem. Daqui a pouco poderão sorrir no reino de Yama, o governante dos mortos”. Sem nenhuma consideração pelos irmãos, continuou a saborear o destino deles e a pronunciar palavras ásperas para feri-los ainda mais. Então o sacerdote levantou-se e, prestando reverência ao seu senhor, informou-o de que o código de moralidade política estabelecia que as vítimas tivessem a permissão de rezar ao seu guardião, se assim o desejassem, suplicando-lhe paz após a morte. O chefe *rakshasa* levantou-se do seu assento e anunciou: “Príncipes! Se vocês têm benfeitores, este é o momento de lhes expressar a sua gratidão, já que lhes restam apenas alguns momentos de vida”. Rama e Lakshmana entreolharam-se e sorriram.

Naquele exato momento, Hanuman emitiu um tremendo rugido. Ouvindo isso, os demônios imaginaram que a sua deusa se manifestara e expressara a Sua ira. Então, assumindo a sua forma aterradora, Hanuman saltou para fora da guirlanda e, empunhando a espada que estava na mão da deusa, derrubou Ahi-Ravana e golpeou-o por toda parte, cortando-o em pedaços. No entanto, o corpo do demônio tinha a força de um diamante e ele recebera uma dádiva misteriosa que fazia com que os seus pedaços se reunificassem tão logo eram separados. Finalmente Hanuman, com a mente concentrada em Rama e um grito de “Vitória a Rama” (*Jai Rama*), agarrou a cabeça de Ahi-Ravana com uma das mãos e com a outra lhe cortou o pescoço. Antes que as duas partes pudessem se juntar novamente, atirou a cabeça nas chamas ardentes do poço sacrificial à frente do ídolo.

Nisso Makaradhvaja conseguiu chegar ao templo e à presença da deusa. Ao vê-lo, Hanuman recuperou a coroa de ouro que estava na cabeça de Ahi-Ravana; colocando-a na dele, proclamou-o governante de Patala e aconselhou-o a ser sempre grato, leal e devotado aos irmãos. Em seguida, pôs Rama e Lakshmana nos ombros e, de um único salto, deixou Patala e aterrissou em segurança no meio das hostes dos macacos, que procuravam ansiosamente por eles com miríades de olhos.

Vibhishana e os demais não conseguiam conter a alegria que tomou conta deles ao verem à sua frente os irmãosãos são e salvos. Prostraram-se aos pés de Rama e de Lakshmana, estreitaram Hanuman nos braços e verteram lágrimas de gratidão. Exaltaram Hanuman com mil hinos diferentes, carregaram-no aos ombros e alimentaram-no e acariciaram-no, derramando o seu amor sobre ele.

Vibhishana ergueu-se diante de Rama e falou: “Senhor! O que direi dos seus jogos divinos (*lilas*)? Somente o senhor pode nos revelar o significado dos seus atos e atividades. Veio com a resolução de exterminar os habitantes *rakshasas*, até mesmo nas regiões inferiores, e sei que toda essa representação tem como objetivo o cumprimento dessa resolução”.

Morre o último filho sobrevivente de Ravana

Ravana soube que Hanuman havia resgatado Rama e Lakshmana do reino de Ahi-Ravana e ouviu a trágica notícia da morte do irmão. Desmaiou e tombou no chão. Durante longo tempo lastimou em voz alta a sua perda, com os olhos marejados de lágrimas. A rainha Mandodari foi até a sua presença e fez o que pôde para consolá-lo e amenizar a sua dor, mas ele não deu ouvidos às suas palavras; os seus suaves conselhos só o deixavam cada vez mais enfurecido.

Ravana reuniu coragem e levantou-se subitamente para encontrar-se com Sindhuranatha, um ministro que se apresentara naquela ocasião. Tratava-se de um ancião respeitado, já bastante idoso, muito sábio e alguém que havia sido bem próximo de Vibhishana quando este ainda estava em Lanka. Ele aconselhou o imperador *rakshasa* no tocante a diversas virtudes morais e à mortalidade dos homens e das coisas, mas Ravana recusou-se a ouvir as suas palavras e até mesmo tratou-as com evidente desagrado. O ministro entristeceu-se ao notar a sua reação e pensou: “Em tempos de infortúnio, a inteligência também se desvirtua. Pobre sujeito! Dirige-se para o desastre; nesse caso, até um conselho cheio de doçura se torna amargo para ele”. Ainda assim, por pura compaixão, continuou com o seu aconselhamento compassivo.

Ravana disse: “Os meus parentes e amigos foram dizimados; não restou ninguém vivo”. Nesse momento, um ministro idoso falou: “Por que diz isso? O senhor ainda tem um filho sobrevivente, Narantaka, que dispõe de 720 milhões de demônios. Chame-o para apoiá-lo, envie-lhe imediatamente um mensageiro. Ele poderá destruir o inimigo, não tenha dúvida”.

Encantado com essas palavras, Ravana mandou um mensageiro chamado Dhumakethu com instruções para trazer consigo o inteligente Narantaka. Ao chegar, o mensageiro descreveu as tragédias que haviam surpreendido Lanka e transmitiu-lhe o apelo urgente de Ravana. Logo Narantaka se pôs a caminho com as suas hordas e, assim que alcançou o campo de batalha, lançou-se sobre as forças dos macacos.

Hanuman espiou-o de longe e avançou para confrontá-lo. Ao vê-lo em sua forma aterrorizante, Narantaka encheu-se medo. Perguntou a Dhumakethu quem era e este lhe respondeu que se tratava de Hanuman, o invencível herói que eliminara todos os

seus irmãos. Ouvindo isso, Narantaka tornou-se ainda mais feroz. Colocou flechas no seu arco e disparou-as contra Hanuman, que as agarrou todas com as mãos e partiu-as em pedaços. Feito isso, Hanuman chegou bem perto de Narantaka e bateu-lhe fortemente no peito com o punho fechado; depois levantou-o bem alto e, virando-o rapidamente, atirou-o nas profundezas de uma região inferior chamada Rasatala. Milhões dos demônios seus seguidores foram arremessados ao mar. Finalmente, Hanuman quebrou em pedacinhos as carruagens e dizimou os cocheiros do exército de Narantaka.

10. DEZ CABEÇAS ROLAM

Ao ser informado sobre aquele holocausto, Ravana exclamou: “Quem haveria de esperar que a guerra terminaria assim? Quem acreditaria que seria uma catástrofe tão calamitosa?”

A notícia da morte de Narantaka espalhou o terror por toda Lanka. Muitos eruditos de grande sabedoria se aproximaram de Ravana, o pai enlutado, e procuraram dar-lhe consolo e conforto. O seu esforço, no entanto, revelou-se mera perda de tempo, pois os seus conselhos não entravam nas cabeças de Ravana.

Quando Ravana se recuperou, ouviu os lamentos da esposa de Narantaka, o que o deixou ainda mais furioso. Esqueceu-se de si mesmo nas chamas da vingança e da ira. A noite terminou e o dia surgiu sem que ele percebesse. Aglomerados junto aos quatro portões de Lanka, os macacos, como de costume, preparavam-se para cair sobre eles como uma tempestade e invadir a cidade.

O próprio Ravana conduz o exército

Ravana reuniu os guerreiros *rakshasas* e dirigiu-se a eles: “Soldados! Se os seus corações tremem ante a perspectiva do combate, é melhor que deixem as fileiras neste instante. Não fujam quando a batalha começar; se o fizerem, eu os trucidarei com as minhas próprias mãos”. Ameaçando-os dessa maneira, achou que iriam lutar até o final; então ordenou que lhe trouxessem a carruagem mais veloz e que rufassem os tambores de guerra e tocassem as trombetas.

Tal como a escuridão que realça picos montanhosos, os guerreiros *rakshasas* avançaram em fileiras cerradas. Uma série de maus presságios os assaltou, mas Ravana, que se gabava da sua destreza física, não lhes deu atenção. As armas que portava escorregaram da sua mão; o cocheiro caiu da boleia tão logo se sentou; os elefantes e cavalos que seguiam para a batalha começaram a se lamentar alto; em toda a volta, cães e raposas iniciaram uma dolorosa cacofonia; corujas piavam sinistramente, como se anunciassem a desgraça que pairava sobre Lanka.

As forças dos demônios – infantaria, cavalaria e tropas de elefantes – marcharam para enfrentar o inimigo nos portões. A terra tremia ao ser fortemente pisada por elas. O esplendor daquele exército, liderado por Ravana, era indescritível; ele brilhava como aquele que é conduzido anualmente pelo deus da primavera, com toda a sua cor, música e alegria. Tambores, trombetas, cornetas e flautas tocavam ao redor, em majestosa corrente de heroísmo e aventura.

Nisso, macacos e ursos investiram contra os demônios, caindo sobre eles como uma fileira de pesadas montanhas cujas asas tivessem sido cortadas pelas flechas de algum estranho poder. Atacaram-nos como se fossem agentes da morte. As suas armas mais eficientes eram dentes e unhas. Arremessavam colinas e enormes árvores sobre o inimigo. “Vitória a Sri Rama, o nosso senhor!” era o seu rugido leonino, que fazia com que os corações de elefante dos *rakshasas* estremecessem, possuídos por um terror mortal.

Logo a batalha se tornou uma série de duelos entre demônios e macacos. O brado “Vitória a Rama!” confrontava o de “Vitória a Ravana!” Os demônios lutavam como se

fossem emissários da morte. Os macacos, sangrando por muitas feridas, golpeavam fortemente os inimigos com os punhos e os despedaçavam com os dentes. Davam-lhes chutes nas costelas, agarravam-nos firmemente e os dilaceravam. Arrancavam as suas entranhas e usavam-nas em volta do pescoço.

Alarmado, Ravana observava o aniquilamento do seu exército. Pegou o arco e disparou flechas contra os soldados que fugiam do campo da feroz batalha para salvar as suas vidas. Os macacos sentiram-se inspirados ao ver Ravana enfurecido com os seus próprios guerreiros. Gritaram de entusiasmo e lançaram-se sobre ele em grande número, arremessando-lhe árvores e cumes de montanhas. Ravana, porém, reverteu a situação a seu favor, encorajando os seus soldados a permanecer firmes. Incapazes de enfrentar aquela investida, os macacos fugiram em todas as direções, clamando: “Ó senhor Sugriva! Ó Sugriva! Salve-nos, salve-nos!”

A chuva de flechas atiradas pelo rei-demônio obscureceu a terra e o céu. Os macacos correram para os cantos distantes da ilha; no acampamento, prevaleceu o caos. Percebendo a situação, Lakshmana preparou-se para entrar em ação. Armado com o seu arco e o seu feixe de flechas, prostrou-se diante de Sri Rama; com as suas bênçãos, ergueu-se e partiu para o campo de batalha.

Lakshmana abordou Ravana, zombando dele: “Seu patife! Que benefício obtém trucidando macacos e ursos? Olhe para mim, de pé diante de você como a própria morte, como o espírito do tempo que veio para pôr fim à sua trajetória no mundo!”

Ravana respondeu: “Ah, eu o conheço, não é? Foi você quem aniquilou o meu filho. Há vários dias tenho estado à sua procura. O meu coração só encontrará consolo quando eu o matar hoje”.

Gritou, enfurecido, e atirou flechas afiadas sobre Lakshmana, mas este as partiu habilmente em mil fragmentos e revidou, arremessando contra ele flechas ardentes que fizeram em pedaços a sua carruagem e o seu cocheiro. A seguir despejou saraivadas letais de centenas de flechas que acertaram o alvo, atingindo os rostos e o peito de Ravana.

O *rakshasa* tombou no chão, inconsciente, devido aos golpes e à dor, porém se recuperou muito rapidamente. Levantou-se, possuído por violenta ira, e disparou contra Lakshmana o terrível e poderoso míssil que lhe fora dado pelo próprio Brahma, o primeiro da Trindade. Quando o míssil o atingiu, Lakshmana caiu desfalecido.

Hanuman viu a queda e correu para o seu lado, gritando imprecações contra Ravana, que o golpeou pesadamente com o punho cerrado. Hanuman cambaleou de dor, mas conseguiu se equilibrar e devolveu o golpe com outro, ainda mais poderoso. Atordoadado com o impacto, Ravana disse para si mesmo: “Que esse sujeito tenha o seu punho reduzido a cinzas! Nunca imaginei que o punho de um macaco pudesse desferir um soco que mais parece um raio”.

Ravana tenta executar um ritual que haveria de lhe garantir a vitória

Nesse ínterim, Lakshmana já voltara a si e se levantara, pronto para o combate. Ravana desmaiou outra vez e teve que ser posto em outra carruagem, que o seu cocheiro habilmente conduziu em direção a Lanka. Recobrou a consciência tão logo chegou lá e, para conseguir derrotar o inimigo que estava à sua porta, ordenou a

execução de um ritual especial chamado *patalahoma*⁸⁵, que produz destruição e assegura a vitória.

Que grande idiota era ele! Poderia algum dia obter êxito em uma batalha contra Rama? Aqueles que espionavam as atividades de Ravana a mando de Vibhishana lhe comunicaram a tempo a notícia da realização do *patalahoma*. Sem demora, Vibhishana aproximou-se de Rama e, inclinando-se aos seus pés, falou: “Senhor! Ravana está agora envolvido em um ritual, o mesmo que Meghanada outrora realizou. Essa cerimônia deve também ser contaminada e profanada pelos macacos para que Ravana seja privado dos benefícios que espera auferir por meio dela. Se permitirmos que esse ritual (*homa*) seja concluído sem interrupção, será muito difícil derrotar Ravana”.

Muito em breve o dia amanheceu. Seguindo as ordens de Rama, Angada e Hanuman, juntamente com grande número de seguidores, dirigiram-se para o recinto onde estava sendo realizado o ritual. Em meio a gargalhadas, saltaram e cercaram o palácio de Ravana. “Sacrificador sacrílego! Foge da batalha e busca segurança em casa, sentando-se confortavelmente para meditar?” Angada ousou chegar bem perto dele e dar-lhe um chute.

Ravana estava absorto no silêncio preparatório e na “meditação”. Mesmo o menor movimento ou desvio da sua atenção o tornaria inapto e impuro, e seria infrutífero o *homa* que estava prestes a realizar para atingir a vitória. Angada e os macacos começaram a tomar liberdades com ele; alguns lhe cravaram os dentes; outros deram puxões no seu cabelo.

Esse foi o limite. Terrivelmente enfurecido, Ravana ergueu-se, agarrou com firmeza alguns macacos e girou-os velozmente acima da sua cabeça, na tentativa de esmagá-los. No entanto, não conseguiu dar nem um pequeno passo, o que foi para ele uma imensa vergonha. Seguiram-se contendas e lutas entre Ravana e os macacos. A cerimônia ritual que o imperador *rakshasa* planejara não pôde ser finalizada e ele mergulhou em profundo pesar.

Vibhishana e outros alegraram-se com o sucesso da sua estratégia e Rama foi informado de tudo o que acontecera.

Ravana entra em combate novamente

Ravana ficou extremamente desapontado por não haver conseguido realizar o sacrifício (*yaga*), mas tomou a decisão de se dirigir ao campo de batalha, como era o seu dever. Assim que deixou o palácio, maus presságios o saudaram: milhafres⁸⁶ vieram voando e pousaram nas suas cabeças e mãos; a sua coroa escorregou do lugar. Desconsiderando essas advertências, ele ordenou que rufassem os tambores de guerra e tocassem os clarins. Ao ser dado esse sinal, centenas de milhares de demônios se agruparam e o exército se pôs em marcha para travar uma batalha mortal contra Rama.

Munido com a sua aljava e tendo na mão o seu arco, Rama – a esplendorosa encarnação do encanto, com os seus longos braços e peito largo – postou-se no campo de batalha como a própria imagem do poder heroico. Os deuses reuniram-se e

⁸⁵ *Homa* significa oblação, oferta de arroz e manteiga feita no fogo sagrado, e Patala é o mundo inferior. (N. T.)

⁸⁶ Certas aves, como o milhafre, a coruja, o corvo e a gralha, eram e são ainda hoje consideradas de mau agouro pelo folclore de diversas culturas. (N. T.)

ofereceram reverente homenagem àquele que viera salvar a humanidade das hordas demoníacas.

Disposto em perfeita formação e alerta a toda e qualquer ordem, o exército dos macacos seguiu Rama. Como as nuvens trovejantes que trouxeram as inundações destruidoras da Terra no dia do Dilúvio, as tropas moveram-se rapidamente em direção às forças *rakshasas* com a intenção de aniquilá-las. Os picos montanhosos que os guerreiros arremessavam contra o inimigo caíam com o ruído do trovão. Em um instante carruagens, elefantes e cavalos dos exércitos *rakshasas* foram dizimados. Milhares e milhares de demônios tombaram. O sangue corria em torrentes.

Ravana perdeu todos os seus guerreiros. Vendo-se sozinho e sabendo que os macacos e os ursos eram muitos, resolveu empregar os seus poderes mágicos. Lançou feitiços sobre todos, com exceção de Rama, porém este desejava outra coisa; pela vontade de Rama, Ravana enxergava, para onde quer que se virasse, um vasto oceano de hostes de macacos, tendo a liderá-las Rama e Lakshmana, que vinham na vanguarda. Ele percebeu, então, que a sua magia não conseguia produzir nenhum efeito.

Rama luta e mata Ravana

Em seguida, Rama chamou os macacos à sua presença e disse-lhes, com muita seriedade: “Vocês todos estão exaustos devido à longa e árdua batalha; vão descansar. Agora assistam ao combate que será travado entre Rama e Ravana”.

Tão logo ouviu aquelas palavras, Ravana confrontou-o com um rugido desafiador. Rama sorriu e falou suavemente: “Tolo! Primeiro escute as palavras de aconselhamento moral que lhe darei. Existem três tipos de pessoas no mundo. As primeiras são como a árvore *patali*, cujas flores são belas mas não dão frutos; são desse tipo as que se entregam a mero palavreado e não praticam uma migalha do que pregam. As do segundo tipo são como a bananeira, que produz ambos – flores e frutos. São as pessoas que falam e agem, ou seja, praticam o que afirmam.

“O terceiro tipo é semelhante à jaqueira, que não tem flores, somente frutos. A ele pertencem as melhores pessoas, as que não tagarelam, não se vangloriam nem falam alto. Trabalham silenciosamente, agem sem ostentação. Você, porém, é um mero fanfarrão. O seu reinado imoral trouxe ruína à sua raça.”

Ravana não estava disposto a engolir tais acusações. “O quê? Atreve-se a me dar lições?”, respondeu, despejando sobre ele uma torrente de injúrias. Subitamente disparou uma saraivada de flechas contundentes contra Rama, que revidou com a flecha de fogo⁸⁷, reduzindo as de Ravana a cinzas. Ravana lançou contra Rama milhões de discos de lâminas afiadas e lanças de três pontas, mas as esperanças do seu coração perverso não se realizaram. Rama, então, ergueu o seu formidável arco e atirou uma torrente de flechas mortíferas, que voaram diretamente em direção a Ravana, como irresistíveis mensageiras da morte e serpentes ávidas para inocular o seu veneno mortal.

Rama percebeu que, mal uma cabeça era cortada pela sua flecha, outra crescia no seu lugar. Ignorando a morte iminente, Ravana permanecia imerso no seu orgulho e desafiava Rama com grande alegria. Era uma visão sinistra. As cabeças que rolavam no chão gritavam: “Onde está Rama? Onde está Lakshmana? Onde está Sugriva?” As que permaneciam ligadas ao corpo rangiam os dentes e chamavam Vibhishana; derramando impérios contra ele, bradavam: “Meu irmão! Que vergonha esperar a notícia da

⁸⁷ Ou míssil do fogo (*Agni-astra*). (N. T.)

morte do próprio irmão para poder sucedê-lo no trono! Você não é um herói; é um asceta covarde. Que vexame! Ninguém deveria olhá-lo no rosto”.

Logo as cabeças perdidas reapareciam e Ravana lutava ferozmente e com inigualável coragem. Lakshmana, Sugriva e Angada o observavam, admirando a sua bravura. Finalmente, Rama resolveu que o fim de Ravana não devia mais ser adiado, pois as suas iniquidades se multiplicavam a cada dia que passava. Nala, Nila e outros macacos heroicos arremessaram pedras contra o imperador *rakhasa*, ferindo-o muito, até que o anoitecer interveio e, por aquele dia, a batalha terminou.

Naquela noite, Trijata sentou-se perto de Sita e pôs-se a descrever o combate entre Rama e Ravana. Contou-lhe que, sempre que Rama cortava uma cabeça, outra crescia no seu lugar. A essa notícia, o rosto de Sita empalideceu e ela mergulhou na tristeza. Surpresa com aquele comportamento, Trijata disse: “Não ceda à ansiedade. A forma da senhora está guardada como um tesouro no coração dele; eis por que as suas cabeças crescem novamente”.

Sita ficou ao mesmo tempo feliz e pesarosa. Trijata apressou-se a acrescentar: “Sita, não duvide! O fim de Ravana é iminente. Rama triunfará. Ele também se lembra da senhora toda vez que dispara uma flecha; tem igualmente a sua forma no coração. Então o fim de Ravana será protelado até o momento em que, por um breve espaço de tempo, ele abandonar a sua lembrança. Esse momento assinalará a sua perdição; ele será morto nesse instante”.

O dia seguinte do confronto ficou repleto da magia misteriosa de Ravana. O campo de batalha encheu-se de criações suas: fantasmas, seres assustadores e duendes com arcos e flechas. Espíritos femininos dançavam ao redor, segurando espadas em uma das mãos e bebendo avidamente o sangue de crânios que seguravam com a outra. “Agarrem, batam, matem!”, berravam estridentemente. Em qualquer direção na qual avançassem, macacos e ursos, atônitos, deparavam com elevadas muralhas de fogo. Uma pesada chuva de areia caía ininterruptamente sobre as suas tropas. Ravana rugia, exultando com a situação difícil dos seus inimigos. Lakshmana, Sugriva e outros ficaram paralisados. Os guerreiros suplicaram de forma comovente que Rama viesse em seu auxílio.

O próprio Rama estava cercado por muitos “Hanumans” criados pela magia de Ravana, cada um carregando enormes cumes de montanhas. Eles tentaram prendê-lo nos laços das suas caudas, que se enrolavam e se estendiam por muitos quilômetros em todas as direções! Entretanto, em meio a toda aquela carnificina e confusão, Rama brilhava, despreocupado e ileso, azul como uma flor fresca. Sabia que tudo era o frágil produto da magia demoníaca e ria interiormente dos esforços de Ravana para confundir-lo. Com uma única flecha disparada do seu arco, destruiu todos os vários efeitos daquelas habilidades mágicas. Macacos e ursos sentiram-se felizes ao ver as cenas aterradoras desaparecerem instantaneamente. Tão logo surgiu a flecha de Rama, tudo aquilo se desvaneceu como a neblina diante dos raios solares.

Os macacos fizeram cair uma tempestade de pedras sobre Ravana e saltaram todos à sua volta com mísseis. Então Rama selecionou uma flecha pontiaguda e arremessou-a diretamente contra Ravana. Ela cortou uma cabeça, porém logo cresceu outra no lugar, o que voltou a ocorrer diversas vezes. Rama observava a cena, divertido, e parecia apreciá-la. Lembrou-se do fenômeno da cobiça que logo surge no lugar da conquista: assim que se conquista algo, nasce a cobiça por mais. E ficou imaginando a cabeça que caía como sendo a conquista, e a que surgia como sendo a cobiça!

O combate entre Rama e Ravana foi travado com fúria incomparável e insuperável. Diz o ditado que o oceano é como o oceano, e o céu como o céu. Não é possível compará-los com nenhum outro fenômeno. A batalha entre Rama e Ravana, que durou dezoito dias, também é única; não há outra igual a ela!

Rama não estava nem um pouquinho cansado em decorrência da luta; para ele, era um esporte, um passatempo! Ainda faltavam alguns dias para o término dos quatorze anos de exílio; podia, então, permitir-se o envolvimento no jogo da guerra. Se Rama decidisse pelo encerramento do jogo, como poderia Ravana adiar o próprio fim ou mudar a sua decisão?

Quando os dias estipulados terminaram, tudo passou a conspirar para criar maus presságios para Ravana. Cães uivavam, raposas regougavam, burros zurravam. Aves e outros animais emitiam dolorosos lamentos. Bolas de fogo caíam do céu. Viam-se explosões repentinas de chamas em todas as direções. O coração da rainha Mandodari batia alto e celeremente. Cada imagem em toda residência e templo da ilha derramava copiosas lágrimas. Tornados espalhavam a destruição sobre colinas e vales. Os deuses, alertados por esses sinais calamitosos, souberam que o fim dos *rakshasas* estava próximo e se reuniram lá no alto para testemunhar o triunfo da Retidão, gritando: “Vitória! Vitória! (*Jai! Jai!*)”

Rama disparou contra Ravana um feixe de trinta e uma flechas, que se lançaram ao mesmo tempo sobre ele como cobras mortais. Uma delas penetrou no “jarro de néctar” que Ravana guardava abaixo do umbigo⁸⁸. As trinta restantes deceparam as suas cabeças e mãos. Quando rolaram para o chão, elas ficaram durante algum tempo saltando de um lado para o outro, caindo e se levantando, em uma dança frenética, e depois se aquietaram. Assim Ravana libertou-se da vida e alcançou o Céu. Era o décimo quarto dia da quinzena brilhante⁸⁹ de *Chaitra*⁹⁰, o segundo mês da primavera.

Nisso, uma miríade de tambores celestiais ressoou no firmamento. O esplendoroso espírito de Ravana fundiu-se em Rama. Impactados por aquela visão, os macacos guerreiros ficaram perplexos e cheios de admiração. Maravilhados com o valor e o heroísmo de Rama na batalha contra Ravana, que durara dezoito dias inteiros, exclamaram em uníssono: “Vitória! Vitória a Rama!”

Mandodari se lastima

Ao saber que Ravana havia morrido, a rainha Mandodari caiu desmaiada no chão. Quando voltou a si, apressou-se a ir com as suas criadas até onde estava o cadáver do marido e ali se lamentou em voz alta. Recolheu as cabeças, invadida por uma profunda tristeza pelo trágico destino do seu senhor, e se pôs a enumerar com afetuosa recordação as façanhas de Ravana no passado: “Senhor! O senhor dominou e subjuguou toda a Criação. Os reis das oito direções caíram aos seus pés, suplicando proteção. Mas de que proveito foi toda essa glória?! De que proveito foram as austeridades e o ascetismo que praticou? Teve que suportar esse destino, apesar de todo o poder que havia conquistado. Essa desgraça o atingiu desde o momento em que se afastou de

⁸⁸ Ravana recebera de Brahma esse jarro, que o tornaria imune à derrota e à morte enquanto durasse o seu conteúdo. (N. T.)

⁸⁹ A quinzena brilhante (*shukla paksha*) é o período de quinze dias transcorrido entre a lua nova e a lua cheia durante o mês. (N. T.)

⁹⁰ Primeiro mês do calendário lunar hindu; corresponde geralmente a parte de março e de abril no calendário gregoriano. (N. T.)

Rama. O senhor não conseguiu vencer os impulsos da luxúria. Aquele que se torna escravo da luxúria não pode escapar a uma severa punição, ainda que seja tão poderoso quanto o próprio Kala, o deus da morte⁹¹. Cego por ela, não pôde evitar esse trágico fim. A luxúria levou-o a ignorar Rama e atrair essa calamidade sobre a sua cabeça.

“Ravana! Rama encarnou com o propósito de destruir pelo fogo da sua ira a floresta de perversidade dos *rakshasas*. Eu lhe disse isso muitas vezes, mas um cruel destino tornou-o surdo às minhas insistências. Alerttei-o para o fato de que Rama não é um simples homem. O senhor, porém, confiou tolamente na sua força física, no seu hábil intelecto, nos seus vastos tesouros e no imenso número de demônios que governava. Acaso não lhe implorrei, segurando-lhe os pés nas minhas mãos, que se rendesse a Rama, o Oceano da Misericórdia, e assim salvasse os *rakshasas* da aniquilação? O senhor não recebeu bem as minhas súplicas. Estava constantemente envolvido em infligir danos a outrem, atividade que lhe proporcionava imenso deleite. Raramente buscava proporcionar benefícios ao próximo. Os seus desejos eram sempre por ações e pensamentos pecaminosos. Apesar disso, Rama o abençoou e o seu espírito fundiu-se nele. Que imensa compaixão a dele! O senhor pereceu nas suas mãos – uma sorte que poucos conseguem ter. Ora, ele veio a este mundo na forma humana com o especial objetivo de exterminá-lo!

“A estrada real para a destruição da raça dos *rakshasas* foi pavimentada pelo seu próprio governante! Esta será conhecida como a sua maior conquista! É o exemplo supremo da sua habilidade em nos proteger! Será esse o resultado final de toda a sua austeridade e da sua prática espiritual (*sadhana*)?”

“Rama! O senhor fez isso para provar que ninguém pode escapar às consequências dos seus atos? Que maior exemplo dessa lei poderia existir? A calamidade que Ravana provocou está aqui para que todos a vejam e aprendam com ela.”

Mandodari chorou por muito tempo, sentada ao lado de seu senhor. Em sua sabedoria, percebera que Rama era o próprio Parabrahma, a Super-Alma Universal, o Absoluto. Os deuses, observando-a do Céu, ficaram extasiados com o seu entendimento e a sua atitude naquele momento de dor.

O funeral de Ravana

Vibhishana, emocionado com as lamentações de Mandodari, concordou com as suas palavras e os seus sentimentos. Rama e Lakshmana aproximaram-se dele, consolaram-no e depois determinaram-lhe que celebrasse as exéquias do irmão falecido. Em cumprimento a essa ordem, ele realizou, nos locais apropriados e com a devida liturgia, todos os rituais e cerimoniais prescritos. Mandodari e outras mulheres fizeram oferendas de água santificada com mantras e com sésamo. Cada etapa do rito fúnebre foi executada na ordem correta, sem nenhum obstáculo ou interferência, por Vibhishana, que nesse tempo todo recebeu o conforto e o consolo de Rama. Este explicou que Ravana fora morto quando amadureceram e se cumpriram as maldições que invocara sobre si mesmo com os seus pecados, e que, sendo assim, não havia motivo para se lastimar a sua morte.

⁹¹ Kala é uma das formas de Yama, o deus da morte. A palavra sânscrita *kala* significa “tempo” e também “morte”, pois no hinduísmo os dois conceitos estão associados. (N. T.)

Vibhishana torna-se imperador de Lanka

Rama chamou à sua presença Lakshmana, Sugriva, Jambavan e Angada e pediu-lhes que entrassem na cidade, juntamente com Nala, Nila e outros, para instalar Vibhishana como imperador de Lanka. Ordenou-lhes que fizessem isso sem demora, pois o exílio de quatorze anos estabelecido pelo seu pai terminaria no dia seguinte.

Vibhishana, entretanto, protestou e implorou: “Para que necessito de um império? Por favor, em vez disso, instale-me na presença imediata dos seus Pés de Lótus”. E insistiu: “A partir de hoje, Lanka é sua. Considere-a como parte de Ayodhya”.

Rama não concordou. Esclareceu os seus princípios políticos e declarou que a sua ordem era irrevogável. Vibhishana, então, rogou que o império lhe fosse confiado pelas suas próprias mãos.

Rama respondeu: “Não. Durante treze anos, onze meses e vinte e nove dias observei e cumpri a ordem do meu pai; portanto não seria apropriado que, no último dia, eu a contrariasse. Estou no exílio, como foi o seu desejo, e um exilado não deve entrar em nenhuma cidade ou assentamento humano. Você não desconhece esta regra”. Assim dizendo, abençoou-o e instruiu Lakshmana a entrar na cidade e instalar o novo imperador no trono de Lanka.

Inclinando a cabeça em aceitação dessa tarefa, Lakshmana, Sugriva, Angada, Nala, Nila e outros seguiram para a cidade e chegaram ao palácio, onde colocaram a coroa na cabeça de Vibhishana e lhe puseram na testa a auspiciosa marca da autoridade.

Vibhishana prostrou-se perante a assembleia de macacos e, reconhecendo o gentil auxílio que lhe haviam prestado, prometeu cumprir o verdadeiro propósito da sua vida seguindo o seu exemplo e se beneficiando da sua ajuda. “Governarei esta terra como um representante de Rama. Não a aceitarei como minha; já dediquei tudo de mim a ele”, declarou. Sentiu imenso pesar ao lembrar-se das crueldades e danos que Ravana, seus filhos e guerreiros haviam infligido às tropas dos macacos; consolou-se, no entanto, com o pensamento de que tudo o que acontecera havia sido o “jogo divino” de Rama – a Vontade Suprema. Logo todos voltaram à presença de Rama e caíram aos seus pés, em reverente homenagem.

Hanuman visita Sita

Rama chamou Hanuman para perto e pediu-lhe: “Ó Hanuman, incomparável herói! Vá até Lanka a meu serviço mais uma vez, comunique a Sita tudo o que ocorreu e retorne com notícias fidedignas sobre a sua situação”.

Conforme determinado, Hanuman entrou em Lanka, dirigiu-se até onde Sita se encontrava e inclinou-se aos seus sagrados pés. Ela perguntou: “Rama e Lakshmana estão a salvo, juntamente com os seus exércitos de macacos? Rama, o Oceano da Compaixão, está seguro e feliz?”

Hanuman respondeu, de cabeça baixa e com as palmas das mãos unidas: “Rama está a salvo e feliz sob todos os aspectos. Eliminou Ravana e instalou Vibhishana como imperador definitivo desta terra”.

Sita exultou ao saber da vitória de Rama e da queda de Ravana. O seu semblante iluminou-se de felicidade. Percorreu-a um frêmito de alegria e lágrimas de contentamento lhe fluíram dos olhos. “Ó líder dos macacos! O que posso lhe oferecer como presente por me transmitir a melhor das notícias? Nada pode igualar em valor as reconfortantes palavras que proferiu.”

Hanuman respondeu: “Mãe! A bem-aventurança que a senhora demonstrou e o desabrochar da sua alegria – eles me deram tanto quanto um presente dos três mundos. O que mais poderia desejar? Alguém pode necessitar de sorte maior que a de ver Rama vitorioso sobre o inimigo e feliz com o irmão?” E prostrou-se mais uma vez aos pés de Sita.

Sita falou: “Ó melhor dentre os macacos! Permaneci imersa em agonia durante estes dez meses de separação do meu senhor; portanto não pude ver nem saber nada a respeito do mundo exterior. Não sei que dia da semana é hoje nem se a quinzena é brilhante ou escura; tampouco sei qual é o dia dessa quinzena. Seja como for, é aquele em que você me trouxe as mais bem-vindas e auspiciosas notícias. Sendo assim, eu o chamarei de Dia da Auspiciosidade⁹², ainda que comumente possa ter um nome diferente (era uma terça-feira). Que ele seja considerado sagrado e que você, o portador dessas notícias, seja adorado especialmente neste dia, mais do que em qualquer outro da semana”. Ao ouvir isso, Hanuman caiu aos seus pés e levantou-se, com as palmas das mãos unidas.

Sita implorou a Hanuman: “Conceda-me a dádiva de me encontrar com o meu senhor Rama, a Encarnação do Encanto e da Compaixão. Não sabe que todo esse combate e morticínio na guerra foi por minha causa, para me restituir ao meu senhor? Leve-me logo até os Pés de Lótus de Rama!”, disse ela, queixosa. Não conseguindo suportar a angústia patente nas suas palavras, Hanuman saltou no céu e chegou até Rama em um instante; então narrou tudo o que sucedera durante o encontro.

Sita é levada à presença de Rama

Rama reuniu Angada, Vibhishana e outros e ordenou-lhes que fossem até onde se achava Sita e a trouxessem respeitosamente à sua presença. Quando chegaram a Ashokavana, o bosque onde Sita havia muito tempo estava confinada, Vibhishana sugeriu que ela se banhasse e, quando saísse de lá, vestisse roupas de seda e estivesse ornada com joias. Sita, no entanto, rejeitou a sugestão, dizendo: “Rama é a joia mais preciosa que possuo; ela é suficiente para mim. Vê-lo é o banho com o qual me contentarei. A reverência que lhe farei será o meu traje de seda. Não me agradaria usar nada que tenha algum dia pertencido a Ravana”.

Comovido com a profundidade do seu anseio, Vibhishana pediu às criadas que respeitassem os seus desejos; estas, por sua vez, o informaram de que Sita anelava desesperadamente pelo *darshan* do seu senhor.

Logo trouxeram um palanquim onde Sita se sentou, e os macacos o conduziram nos ombros. Em ambos os lados da estrada, mulheres *rakshasas* que haviam sobrevivido, macacos guerreiros e outros pulavam entusiasticamente à sua passagem. Ficavam nas pontas dos pés e saltavam bem alto, no intuito de obter uma visão mais nítida e próxima, porém Sita não se virou para a direita nem para a esquerda. Abaixou a cabeça e permaneceu imersa em um único pensamento: Rama. Quando ainda faltava uma pequena distância a ser coberta, ela desceu do palanquim, pois achava que devia ir andando humildemente até o seu senhor. Caminhou lentamente em direção a Rama. Quando se aproximou dele, os macacos postados ao longo do caminho caíram aos seus pés e aplaudiram calorosamente: “Vitória, vitória a Sita e a Rama (*Jai, jai Sita Ram!*)!”

⁹² O Dia da Auspiciosidade (Bada Mangal), consagrado a Hanuman, é celebrado em cada terça-feira do mês de Jyeshtha (correspondente a maio-junho no calendário gregoriano) em Lucknow, cidade próxima a Ayodhya e atualmente capital do estado indiano de Uttar Pradesh. (N. T.)

A prova do fogo

Assim que Sita chegou bem perto, Rama declarou que ela não deveria ser trazida a ele imediatamente, pois teria que passar pela prova do fogo! Os macacos, atônitos e desesperados, ficaram em silêncio, mas tiveram que sair e coletar gravetos secos e óleo para acender e alimentar o fogo do ritual de provação. Eles haviam carregado nos ombros enormes rochas e picos montanhosos, antes e no decorrer da guerra contra Ravana. Agora, esses mesmos macacos achavam aquelas pequenas varetas de madeira seca demasiado pesadas para as suas forças, pois os seus corações estavam oprimidos pelo pensamento de que Sita seria submetida a esse novo julgamento!

Claro, Rama sabia que Sita possuía um caráter sem mácula e que era a própria encarnação da virtude. Vibhishana, Angada, Sugriva e outros sabiam que a prova do fogo era apenas para convencer o mundo. A energia divina (*shakti*) que “era” Sita fora transferida e abrigada no Fogo quando eles se achavam na floresta Dandaka. A Sita que estava em Lanka era apenas o corpo. O núcleo vital (*shakti*) permanecera durante todo o tempo no Fogo, cuidado pelo Fogo. Agora ela teria que passar pelo fogo para que pudesse emergir como a verdadeira Sita, a energia divina (*shakti*) encarnada.

Sita deu as boas-vindas ao ritual, pois assim o mundo ficaria convencido de que o seu coração era puro e imaculado. Alegrou-se ao ver as chamas saltarem. Lakshmana, contudo, foi tomado de tristeza, pois ele próprio teria que supervisionar o ritual. Sita consolou-o e aconselhou-o docemente: “Lakshmana! Quando me casei, os brâmanes acenderam o fogo no dia do matrimônio e santificaram a cerimônia. Hoje, o fogo me dará um novo nascimento; depois disso eu me casarei novamente com o meu senhor. Alimente bem o fogo, pois isso é a coisa certa a fazer”.

Lakshmana comoveu-se com a sua dor pela separação, o seu ardente desejo de reunir-se a Rama, a sua fidelidade à retidão, o seu apego à justiça e a sua inteligente análise da situação. Com lágrimas nos olhos, uniu reverentemente as palmas das mãos e ficou em silêncio, pois não conseguiu encontrar palavras para expressar os seus sentimentos. Fixando o olhar sobre o rosto de Rama, fez uma pilha de achas de lenha e acendeu o fogo até que ardessem.

Sita exultou ao ver as labaredas saltitando. Na sua mente não havia nenhum vestígio de medo. Ela caminhou em direção ao fogo, parou diante dele e disse: “Ó receptor das oferendas sagradas! Fosse por pensamento, palavra ou ação, jamais abriguei na minha mente alguém além de Rama, o meu senhor. Ó purificador, que reside no coração de todo ser vivo! Quando eu entrar nas suas chamas, torne-se para mim tão refrescante quanto pasta de sândalo”.

Prostrou-se diante de Rama e entrou no fogo. Agni, o deus do fogo, surgiu sob a forma de um brâmane que trazia consigo a verdadeira Sita, à qual ofereceu aos pés de Rama, tal como o Senhor do Oceano de Leite oferecera Lakshmi aos Pés do Senhor Vishnu. À esquerda de Rama, Sita resplandecia como um lírio dourado ao lado de um lótus azul em plena floração. A assembleia de deuses manifestou o seu júbilo tocando tambores e trombetas celestiais.

Rama e Sita se despedem

Vibhishana correu até a cidade e trouxe, na carruagem aérea chamada *Pushpaka*⁹³, roupas e joias apropriadas para a divindade. Colocou-as diante de Rama, e este pediu

⁹³ Ver N. T. 33. (N. T.)

que a carruagem fosse conduzida para bem alto no céu, e os objetos de valor despejados sobre o povo lá embaixo. Vibhishana fez como indicado. Os macacos pegavam tudo o que caía em cima ou perto deles. Confundiam as pedras preciosas com frutas vermelhas e maduras; quando as provavam e descobriam que eram pedras, jogavam-nas fora com repugnância. Rama e Sita divertiam-se com aquela cena engraçada e riam com simpatia. Muitos macacos e ursos vestiram as roupas que haviam apanhado e, cheios de gratidão, aproximaram-se de Rama; com trajes multicoloridos, puseram-se a dançar em êxtase.

Demonstrando o seu apreço por eles, Rama falou-lhes com muita amabilidade: “Ó macacos! Com o auxílio da sua destreza e valor, pude aniquilar Ravana e instalar Vibhishana no trono de Lanka. Agora podem todos retornar às suas residências. Estarei sempre com vocês. A partir de agora não precisam mais ter nenhum medo”. Consolou e animou a todos com a sua atitude afável, prometendo-lhes eterna proteção e assegurando-lhes de que não haveria mais ocasião para temerem alguém ou alguma calamidade.

Imensamente gratos pelo amor que Rama derramava sobre eles, os macacos e os demais perderam todas as amarras das suas mentes. Uniram as palmas das mãos, em reverente homenagem, e disseram: “Senhor, as suas palavras estão em consonância com a sua majestade. Elas nos confundem e nos deixam sem fala. Somos fracos; o senhor é o nosso protetor e guardião. O senhor reina sobre os três mundos. Acaso pode uma mosca alegar ter ajudado uma águia? Acaso pode uma pequenina lâmpada alegar que a sua luz revela o Sol?” Os macacos prostraram-se aos pés de Rama e depois se levantaram, com os olhos cheios de lágrimas.

Os macacos e os ursos sabiam que deviam obedecer às ordens de Rama, por mais relutantes que estivessem em se afastar da sua presença. Tomaram o rumo das suas casas com um misto de alegria e tristeza, com a forma de Rama impressa na mente e rogando a ele pela sua bênção contínua. Sugriva, Nala, Hanuman, Vibhishana e outros líderes e guerreiros não conseguiam expressar os seus sentimentos; permaneceram em silêncio, com os olhos fixos no rosto de Rama, tentando dominar a angústia que sentiam. Observando a profundidade do seu amor e do seu apego por ele, Rama os fez sentar na carruagem aérea *Pushpaka*, na qual estava subindo. O veículo decolou e seguiu em direção ao Norte.

11. A FELICIDADE DE AYODHYA

A viagem para casa

Quando a carruagem decolou rumo ao Norte, houve grande comoção no solo. Hordas de macacos lançaram estrondosos brados: “Vitória (*jai*) a Rama! Vitória a Sita, a Rama e a Lakshmana!” No interior do veículo havia um trono elevado, encantadoramente projetado e esculpido. Sita e Rama tomaram os seus assentos; então, aos olhos de todos, pareceram uma nuvem relampejante pairando sobre o monte Meru.

Rama chamou a atenção de Sita para o campo de batalha lá embaixo e disse: “Aqui foi onde Lakshmana dominou e eliminou Meghanada”. Mostrou-lhe também outros locais associados com façanhas e vitórias semelhantes. Apontou-lhe a ponte que os macacos haviam construído sobre o oceano e descreveu-lhe o heroísmo, a devoção e a fé que eles possuíam.

Em poucos instantes, a carruagem aérea chegou à floresta Dandaka. Rama ordenou que ela aterrissasse em frente aos mosteiros de Agastya e de outros sábios; então, juntamente com Sita, Lakshmana e outros membros da sua comitiva, visitou os santos sábios e prestou-lhes reverente homenagem. Após despedir-se deles, subiu novamente no veículo e voou até o monte Chitrakuta, onde igualmente ofereceu reverências aos sábios. Retornou para bem alto nos céus e, da própria carruagem *Pushpaka*, mostrou a Sita a cidade de Kishkindha⁹⁴. Enquanto viajavam celeremente, apontou-lhe os rios sagrados Yamuna e Ganges aos quais Sita prestou adoração mental. Logo puderam ver o triplamente santo Prayag⁹⁵, onde o Yamuna deságua no Ganges; daquela posição, conseguiram ter um vislumbre distante da esplendorosa cidade de Ayodhya.

Guha, o chefe da tribo Nishada, que ansiava ardentemente pelo retorno de Rama, do seu irmão e da sua consorte, avistou a carruagem no céu e imediatamente caiu de bruços no chão, em grata reverência. Eis que – vejam só! – o veículo aterrissou exatamente naquele local! Guha correu na sua direção e prostrou-se aos pés de Rama, com os olhos cheios de lágrimas. Sem poder conter a sua alegria, levantou-se e abraçou-o, com o coração tomado de êxtase. Sita, Rama e Lakshmana conferiram as suas bênçãos ao chefe da tribo e, após se banharem no rio sagrado, pediram a Guha que trouxesse a balsa para que pudessem cruzar o Ganges. A carruagem aérea, que pertencera a Kubera antes que Ravana se apropriasse dela, foi devolvida ao seu proprietário original.

Faltava mais um dia de exílio fora das cidades a ser cumprido; por isso Rama incumbiu Hanuman de se transformar em um brâmane e ir até Ayodhya. Ele deveria transmitir a Bharata notícias sobre Rama e os demais e trazer de lá notícias de Bharata. Hanuman partiu imediatamente. Rama, Sita, Lakshmana e todos os que tinham vindo com ele entraram no retiro de Bharadvaja e aceitaram a hospitalidade e a gratidão daquele sábio.

Hanuman visita Bharata

⁹⁴ Capital do antigo reino dos *varanas*, governado por Sugriva. Ver N. T. 34. (N. T.)

⁹⁵ Um dos mais antigos centros de peregrinação da Índia, situado na confluência dos rios sagrados Ganges e Yamuna e, segundo a tradição, também do mítico rio Sarasvati, que para ali fluiria oculto, como uma corrente subterrânea; por isso se diz que o local é triplamente santo. (N. T.)

Hanuman encontrou os moradores de Ayodhya magros, famintos, desanimados e deprimidos, pois não haviam saboreado comida nem bebida durante a ausência de Rama. Podiam-se ouvir os seus suspiros e gemidos de tristeza em toda a cidade. Ninguém conseguia se mover em direção a outra pessoa para lhe proporcionar consolo ou cuidados, pois todos estavam demasiado fracos até para dar alguns passos e ninguém tinha o desejo nem a capacidade de dar atendimento ou conforto ao próximo.

Contudo, as notícias que trazia já haviam lançado raios de esperança. Bharata havia tido algumas premonições favoráveis sobre o feliz acontecimento: o seu olho direito havia se contraído, assim como o seu braço direito; portanto antecipara o recebimento das boas novas a respeito da entrada de Rama em Ayodhya. Sofria porque ainda faltava um dia para o término do período de exílio e preocupava-o o fato de Rama não ter enviado ninguém para lhe comunicar onde estava. Pensou em quão afortunado era Lakshmana, que permanecera o tempo todo na presença de Rama, servindo aos seus Pés de Lótus. “O Senhor me colocou aqui nesta cidade porque sou um hipócrita. O meu Senhor é todo suavidade e doçura. É o bondoso parente dos oprimidos e dos caídos. É a própria compaixão. Certamente chegará amanhã”, consolou-se.

Nesse exato momento, Hanuman surgiu no seu campo de visão, na figura de um brâmane portador de notícias. Ficou emocionado com a condição de Bharata. A ansiedade o desgastara e o seu corpo definhara muito. Tinha o cabelo todo emaranhado e os seus olhos eram correntes perenes de lágrimas. Repetia incessantemente o Nome de Rama. Ao ver uma alma tão dedicada, Hanuman foi arrebatado pela alegria; os pelos do seu corpo arrepiaram-se de êxtase. Os seus pensamentos corriam em várias direções, mas logo se lembrou da sua missão e despejou nos ouvidos sequiosos de Bharata a maravilhosa notícia que trazia:

“Bharata! Aquele de quem foi separado e por quem tem ansiado durante todos esses dias e noites, sem dormir e sem se alimentar, e cujas virtudes e poderes tem exaltado e recitado em cada momento da sua vida em todos esses anos; aquele que garantiu proteção aos deuses e segurança aos sábios, e que promove a Verdade e a Retidão em todos os mundos – ele, Rama – triunfou sobre todos os inimigos e a sua glória é cantada pelos deuses.”

Assim como um homem que sofre de sede intensa fica feliz ante a visão da água, Bharata encheu-se de felicidade ao ouvir Hanuman. Perguntou-se, a princípio, se estava realmente ouvindo alguém falar com ele, mas logo teve certeza de que era verdade. “Como pode ser uma ilusão? Quem será essa pessoa que trouxe boas novas? De onde terá vindo?”, indagou ao visitante, abraçando-o com gratidão. Hanuman respondeu: “Ó Bharata, eu sou Hanuman, filho de Vayu, o deus do vento. Você parece ter se esquecido. Sou o macaco que carregava o monte Sanjivi e se prostrou diante de você. Eu sirvo aos Pés de Lótus de Rama”.

Ao ouvir a sua resposta, Bharata ergueu-se respeitosamente, tomado de júbilo. Inclinou a cabeça em reverência e disse: “Ó líder dos macacos! Você demoliu a minha angústia. Só a sua visão já serenou a minha mente. Ah, como sou afortunado! Hoje pude ver o mensageiro de Rama!” Durante longo tempo continuou a manifestar os mesmos sentimentos. “O meu Rama está saudável e feliz? E a minha Mãe Sita, como vai? Hanuman, como posso lhe expressar a minha gratidão? O que devo fazer por você em troca? Não consigo encontrar nada de igual valor para lhe ofertar em agradecimento; portanto estarei sempre em dívida para com você. Não sei como nem com o quê poderei

pagá-la. Onde está Rama agora? Onde está alojado? Conte-me as façanhas que realizou para chegar à vitória”, pediu, com insuportável ansiedade.

Comovido com a devoção e dedicação evidenciadas por ele, Hanuman caiu aos seus pés para demonstrar a sua admiração. Respondeu: “Bharata! Rama está muito perto de Ayodhya. Poderá vê-lo dentro de pouco tempo. Os seus feitos são indescritivelmente maravilhosos, você sabe disso. Ele também se lembra constantemente de você. Rama, o Senhor dos Mundos, disse com a sua própria boca que em todo o mundo não existe irmão que o iguale em pureza de coração, agudeza de intelecto e plenitude de todas as virtudes. Como negar tais palavras?”

Encantado com o que Hanuman dissera, Bharata chorou e abraçou-o carinhosamente, dizendo: “Rama falou de mim dessa maneira? Ah, quão afortunado eu sou!” Declarando que não podia se demorar mais, Hanuman despediu-se de Bharata e voltou à presença de Rama, a quem relatou tudo o que tinha visto e ouvido.

Bharata e Ayodhya preparam-se para o retorno

Imediatamente Bharata deu início aos preparativos. Parecia raramente pôr os dois pés no chão ao mesmo tempo, pois estava sempre em movimento, extremamente atarefado! Vindo de Nandigrama, chegou a Ayodhya, onde prestou reverência ao preceptor Vashishta e comunicou-lhe que Rama brevemente entraria na cidade. Correu até os apartamentos das rainhas e anunciou-lhes que Rama, Sita e Lakshmana estavam chegando. As três mães levantaram-se rapidamente, cheias de alegria.

Bharata ordenou que a cidade inteira fosse informada das boas novas por todos os meios de comunicação possíveis. A notícia alcançou a todos com a velocidade de um relâmpago. Crianças, idosos, homens e mulheres corriam desordenadamente para todos os lados, gritando a novidade o mais alto que podiam.

Bharata reuniu os sábios, os eruditos, os preceptores, os principais cidadãos e os quatro segmentos das forças armadas⁹⁶ e, juntamente com as três rainhas e os ministros, liderados por Sumantra, pôs-se a caminho, tendo Satrugna ao seu lado, para ir ao encontro de Rama.

Finalmente em casa

Enquanto se aproximavam da cidade, Rama descrevia a sua formosura para os macacos e os demais ao seu redor: “Ó Sugriva, Angada, Vibhishana! Ayodhya é uma cidade sagrada e é belíssima”. Em meio à entusiástica descrição de Rama sobre os encantos de Ayodhya, Bharata surgiu à frente das forças armadas, com o irmão e as rainhas. Assim como o oceano se levanta jubilosamente ante a visão da lua outonal, a vasta população ergueu um sopro de júbilo ante a visão de Ramachandra – Rama, a Lua –, com uma excitação que alcançou os céus.

Extasiadas, as mães abraçaram Rama com deleite e esqueceram-se de si mesmas, levadas por aquela onda de felicidade. Sita, Rama e Lakshmana caíram aos seus pés. A alegria de ambas as partes não tinha limites. Rama puxou Bharata para perto de si e, penalizado ao ver o seu aspecto debilitado, consolou-o e aconselhou-o amorosamente. Depois elogiou em voz alta o irmão pela sua firme devoção e carinho para com o povo. Sita, Rama e Lakshmana prostraram-se diante de Vashishta, Jabali, Vamadeva e outros

⁹⁶ Carruagens, tropas de elefantes, cavalaria e infantaria. (N. T.)

sábios assim que os avistaram. Mesmo o maior asceta dentre eles não pôde conter as lágrimas no feliz reencontro com Rama.

Eruditos védicos elevaram as suas vozes aos céus e derramaram as suas bênçãos por meio de frases rituais tradicionais: “Vivam triunfalmente por centenas de anos!”, “Tenham vida próspera por centenas de anos!” Bharata e Satrugna caíram de braços reverentemente diante de Rama e, embora ele implorasse repetidas vezes que se levantassem, eram incapazes de fazê-lo e se afastar daqueles Pés de Lótus. Lakshmana e Rama tiveram que unir esforços para erguê-los.

Os irmãos abraçaram-se com fervorosa afeição, vertendo lágrimas de contentamento e de alívio ao olhar para os rostos uns dos outros. O júbilo que lhes impregnava as mentes conferia à sua beleza inata um raro esplendor. Eles brilhavam como encarnações do encanto físico. A tristeza da separação dera lugar à alegria da união. Estavam agora mergulhados no oceano da bem-aventurança.

Sugriva, Nala, Nila, Angada, Hanuman e outros assumiram belos corpos para a festiva ocasião. Os cidadãos ficaram radiantes ao avistar a comitiva de Rama. Louvaram de diversas maneiras as austeridades praticadas por Bharata, congratulando-se com o resultado que ele obtivera e apreciando as suas genuínas virtudes. Rama admirou a fé e a devoção do povo de Ayodhya. Reuniu ao seu redor Vibhishana e os macacos e apresentou-os aos seus irmãos e preceptores. Depois levou-os para perto das rainhas e lhes disse: “Estas são as minhas mães”. Todos eles caíram aos pés delas, dizendo: “Ah, quão afortunados somos! Vimos as mães que deram à luz ao próprio Deus! As senhoras são realmente dignas da maior adoração. Abençoem-nos com muita benevolência”.

Kausalya assim se dirigiu a eles: “Ó macacos! Vocês todos são tão queridos para mim quanto o meu próprio filho Rama. Que ele nunca os esqueça e os proteja sempre”. Então, deliberando entre si, subiram nas carruagens trazidas para elas e entraram na cidade.

Diante de cada residência havia potes dourados cheios de água de cores auspiciosas. Viam-se bandeiras amarradas nas ruas e nas casas. Quando Rama surgiu, os rostos das pessoas, antes murchos e descorados de tristeza como lótus ao luar, floresceram em frescor e beleza, como os mesmos lótus ao nascer do sol. Os seus semblantes brilharam com atraente esplendor. Os seus vivas e brados de triunfo ressoavam pelo céu. A carruagem que conduzia Rama adentrou as ruas da cidade, fervilhantes de excitação e deleite. As auspiciosas chamas das lamparinas, que mãos devotadas seguravam e agitavam à sua passagem, cintilavam como estrelas, dando a impressão de que o firmamento descera à Terra. As estradas estavam embebidas de fragrante água de rosas.

À medida que a carruagem passava, os cidadãos lhe jogavam chuvas de flores das suas janelas e terraços. O êxtase dos moradores não tinha limites. Com os três irmãos e as três mães, e tendo Sita ao seu lado, Rama proporcionou imenso regozijo às pessoas que se comprimiam aos milhares em ambos os lados das estradas. Elas se felicitavam mutuamente pela grande sorte de estarem vivas e presentes em uma ocasião tão feliz. Quando Rama e os seus acompanhantes chegaram ao palácio, as mulheres que viviam nos aposentos internos, os auxiliares e os criados da família aproximaram-se e os receberam com rituais costumeiros, como o lava-pés.

12. A COROAÇÃO

Assim que entraram no palácio, o preceptor real Vashishta anunciou a data em que se realizaria a coroação de Rama como imperador de Ayodhya, revelando detalhadamente os atributos auspiciosos daquele dia especial que o haviam persuadido a escolhê-lo para o grande evento. Convidou também todos os eruditos (*pandits*) e sacerdotes a participar das cerimônias estabelecidas pelos Vedas para consumir a coroação. Eles apreciaram a sua decisão e declararam: “Uma coroação tão festejada certamente conferirá paz e prosperidade a toda a humanidade”.

Vashishta chamou Sumantra à sua presença e lhe disse: “Reúna as forças armadas – cavalaria, tropas de elefantes, carruagens e infantaria – na cidade, pois está para ser celebrada a coroação de Rama”.

Tomado por imenso júbilo ao ouvir as palavras do preceptor, o ministro providenciou a presença do exército com todos os seus componentes. Elefantes, cavalos e carruagens magnificamente adornados para a ocasião foram dispostos em fileiras cerradas fora do portão de Ayodhya. Cavaleiros e soldados de infantaria em uniformes coloridos mantinham-se atentos, prontos para entrar em marcha na cidade para o festival. Enviaram-se mensageiros em todas as direções com a incumbência de reunir os diversos itens auspiciosos necessários para a realização dos rituais que faziam parte das comemorações. Toda a cidade fervilhava de entusiasmo. Os moradores rivalizavam entre si na decoração das casas e ruas. O povo sentia que dois olhos não eram suficientes para absorver todo o encanto de Ayodhya.

Rama estava particularmente atento às pessoas de fora que o haviam acompanhado até Ayodhya, como Sugriva, Vibhishana, Angada, Nala, Nila e outros. Ordenou que fossem tomadas as devidas providências para acomodá-los apropriadamente e atender às suas necessidades; conseqüentemente os criados do palácio apressaram-se a aprimorar as disposições planejadas para o conforto dos hóspedes.

Rama chamou Bharata e, com as próprias mãos, penteou-lhe os cabelos emaranhados por falta de cuidado, já que há anos o irmão não dava nenhuma atenção a eles. Os três irmãos em pessoa deram assistência a Bharata enquanto ele se banhava e lhe despejaram água santificada. Em seguida Rama recebeu o consentimento de Vashishta para desembaraçar o próprio cabelo e tomar o seu banho auspicioso.

Enquanto isso as rainhas mães levaram Sita para o seu banho. Pentearam-lhe cuidadosamente os cabelos embaraçados, vestiram-na com roupas de seda amarela e adornaram-na com muitas joias. Então, resplandecente como a deusa Lakshmi, Sita foi até onde estava Rama e sentou-se à esquerda do seu senhor.

As três mães experimentaram a mais elevada bem-aventurança ao contemplar Rama e Sita sentados lado a lado. “Não é este o dia mais afortunado para nós? Hoje as nossas vidas alcançaram a realização. O nosso desejo mais acalentado concretizou-se e os nossos olhos cumpriram o seu propósito”, pensaram. Mirando Rama e Sita e considerando-os como o deus Narayana e a Sua divina consorte Lakshmi, elas perderam totalmente a consciência dos próprios corpos e do seu entorno.

Vashishta, o grande sábio, comoveu-se com o resplendor que se irradiava do rosto de Rama. O seu enlevo ante a refulgência daquela Forma divina era ilimitado. “Hoje alcancei o objetivo pelo qual aguardava há tanto tempo”, pensou. Permaneceu imerso

em silêncio e bem-aventurança, refletindo sobre essa felicidade. Chamou os criados e instruiu-os a trazer o grande trono e instalá-lo no salão da coroação. Tratava-se de um trono incrustado com gemas multifacetadas que brilhavam com o deslumbrante fulgor do Sol.

Rama prostrou-se diante de Vashishta e dos outros sábios e caiu aos pés das rainhas mães; depois inclinou-se perante a assembleia de anciãos e cidadãos e subiu ao trono, seguido de perto por Sita. A vasta assistência regozijou-se com aquela visão ímpar, repleta de majestade e glória. Os sábios (*rishis*), os anciãos, os principais cidadãos e os homens santos sentiram-se cheios de gratidão e alegria. Brâmanes recitavam os hinos védicos apropriados e a população bradava: “Vitória, vitória (*Jai Jai*)!” tão alto e tantas vezes que parecia que o céu ia desabar. Era o sétimo dia da metade escura da Lua do mês de Vesak⁹⁷. Após solicitar a permissão da assembleia e o consentimento dos brâmanes, Vashishta enrolou ao redor da testa de Rama a insígnia da autoridade imperial.

Kausalya, a mãe de Rama, volvia ocasionalmente os olhos para o filho, sentindo-se extremamente afortunada. E o que dizer da alegria dos irmãos Lakshmana, Bharata e Satrugna? Era indescritível! Eles permaneciam de pé atrás do trono, segurando os abanadores e o guarda-sol, como atendentes de Rama. Na verdade, o clímax de que desfrutavam naquele dia era o resultado da penitência que haviam feito durante todos aqueles anos!

Os deuses batiam tambores de triunfo no Céu; músicos e dançarinos celestiais cantavam aleluias e bailavam, tomados de júbilo. Os heróis Vibhishana, Sugriva, Angada, Hanuman, Jambavan, Nala, Nila, Dadhimukha, Dvidida e Mainda – todos portando arcos, flechas, cimitarras e lanças – estavam posicionados em ambos os lados do trono, em reverente humildade.

Tendo Sita sentada à sua esquerda, Rama irradiava a beleza de um bilhão de Manmathas⁹⁸ manifestada em um único ser. Os deuses estavam fascinados pelo encanto divino do senhor da linhagem de Raghu. Rama trajava brocado de seda e fios de ouro; nas orelhas trazia pingentes cintilantes de pedras preciosas, e nos tornozelos e pulsos ornamentos cuja beleza provinha do deslumbrante fascínio daquele que os usava. Os três mundos exultavam ante a sublimidade do evento e a grandeza pessoal de Rama. Realmente, os que testemunhavam aquela cena eram os afortunados dentre os vivos.

Hanuman e as pedras preciosas silenciosas

Vibhishana deu um passo à frente, trazendo um deslumbrante colar de pedras preciosas que o Senhor do Oceano oferecera a Ravana. O seu brilho reluzia por todo o vasto salão e atingia a todos como o de uma joia ímpar. Sita aceitou-o; porém, com o colar na mão, lançou um olhar interrogativo para o rosto de Rama.

Sabendo o que se passava na sua mente, Rama falou: “Sita! Você pode dá-lo de presente a qualquer um dentre aqueles que merecem a sua graça”. Ela pensou por um breve momento e olhou para Hanuman. Percebendo a compaixão no seu olhar, ele se aproximou dela com profunda humildade e permaneceu à sua frente com a cabeça inclinada.

⁹⁷ Mês do calendário lunar hindu, correspondente a abril-maio no calendário ocidental. (N. T.)

⁹⁸ Na mitologia hindu o deus do amor tem diversos nomes, dentre eles Manmatha e Kamadeva. (N. T.)

Sita deu o colar a Hanuman, que o manuseou diversas vezes. A refulgência da joia arrebatava a todos na vasta assembleia. Com insaciável curiosidade, ele se esforçava para descobrir por que o colar era tão extraordinário. Arrancava cada gema, colocava-a entre os dentes e depois bem ao lado da orelha; finalmente, com uma expressão de desapontamento, jogava-a fora com desprezo!

Todos os olhos ali presentes observavam aquele comportamento peculiar com assombro crescente. Atônitos, quedaram-se mudos e sem reação, mas ninguém ousou interrompê-lo ou condená-lo antes que ele desse à última pedra o mesmo tratamento desdenhoso. Só conseguiam protestar em sussurros! “Quem é esse macaco que trata com tanto menosprezo o colar de diamantes que lhe foi presenteado por Sita de maneira tão amorosa e comovente?” Era a pergunta que estava na maioria dos lábios.

Até mesmo Vibhishana entristeceu-se por Hanuman haver ultrajado com a maior desfaçatez a joia inestimável que trouxera. “Ele a fez em pedaços e lançou fora as gemas!”, disse consigo mesmo.

Todos no salão, cada um à sua maneira, faziam conjecturas sobre o motivo daquele estranho comportamento. Por fim, um governante vassalo não conseguiu se conter; ergueu-se e externou o seu ressentimento: “Inigualável herói! Por que partiu esse colar em tantos fragmentos? Foi correto fazer isso? Diga-nos o porquê; dê-nos alguma explicação e esclareça as nossas dúvidas”.

Hanuman escutou-o pacientemente e respondeu: “Ó rei! Examinei cada gema a fim de descobrir se em alguma delas havia o sagrado Nome de Rama; em nenhuma consegui encontrá-lo. Sem o Nome de Rama, elas são apenas pedras e seixos; portanto eu as lancei no chão”.

Essa explicação, contudo, não calou o governante, que indagou: “Hanuman! Você não estará pedindo algo impossível ao desejar que em cada objeto e em cada partícula esteja o Nome de Rama?” Contestando o argumento, o bravo herói replicou: “De que valia, de que vantagem é alguma coisa na qual não esteja o Nome de Rama? Não tenho necessidade dela”.

O governante, porém, continuou com as suas objeções: “Você afirmou que não usaria nada que não tivesse o Nome de Rama, porém usa o seu corpo, carrega-o com você. Prove-nos que nele há o Nome de Rama”.

Hanuman riu alto e falou: “Eu vou provar, veja!” Arrancou um pelo do seu antebraço e segurou-o bem perto do ouvido do rei, que pôde escutar o Nome “Rama, Rama, Rama” emanando daquele único pelo! Totalmente maravilhado, ele caiu aos pés de Hanuman, suplicando o seu perdão.

Rama chamou Hanuman para perto de si, abraçou-o calorosamente e perguntou: “O que posso lhe oferecer nesta ocasião? Não tenho nenhum presente digno de lhe ser ofertado; por isso estou me dando de presente para você”. Então ofereceu o próprio corpo para que as mãos de Hanuman o estreitassem. Comovidos, os participantes da assembleia deram gritos de “Vitória, vitória (*Jai, jai*)!” diante daquele ato ímpar de graça. Louvaram Hanuman, declarando que não havia ninguém que o igualasse em todos os mundos, e enalteciam a sua devoção e dedicação.

Rama levantou-se do trono e foi para um espaço aberto onde vastas multidões aguardavam o seu aparecimento. Concedeu-lhes a divina visão (*darshan*) da sua majestosa e fascinante forma. Todos se sentiram emocionados como nunca dantes pela bem-aventurança trazida por aquele *darshan*. Todas as pessoas que se encontravam na cidade foram contempladas com recepção festiva, farta alimentação e alojamentos

luxuosos. Rama providenciou abundante distribuição caritativa de ouro, dinheiro, veículos, utensílios domésticos, roupas, casas e outras comodidades.

A partida dos hóspedes

Finalmente, Rama convocou todos os companheiros e camaradas que haviam estado ao seu lado para uma reunião no salão de audiências. Após acomodá-los nos lugares apropriados, dirigiu-se a eles em voz meiga e suave:

“Amigos! Vocês trabalharam arduamente em meu benefício. Evidentemente, não é apropriado elogiá-los na sua frente, mas enfrentaram diversas dificuldades por minha causa, abandonando os seus lares sem se preocupar com esposas e filhos, bens e propriedades. Não possuo outros amigos além de vocês, por quem tenho amor e compaixão especiais. Mais do que os meus pais e irmãos, mais do que o meu reino, os meus súditos e a minha Sita, vocês são os meus amados. Esta é a minha firme declaração.

“Agora ordeno que retornem às suas residências. Sirvam-me após me instalarem nos seus corações com fé e devoção. Eu lhes concederei a sorte de me verem ao seu lado, atrás de vocês, à sua frente e nas suas casas. Eu lhes concederei a minha graça.”

Ao ouvirem aquelas palavras transbordantes de graça e amor, eles se sentiram tão dominados pela gratidão e pela alegria que se esqueceram de si mesmos e do seu entorno. Sem deixar os seus olhos se afastarem do rosto de Rama, verteram copiosas lágrimas de regozijo. Não conseguiam proferir uma única palavra em resposta; as suas línguas eram incapazes de fazê-lo.

Seguindo ordens de Rama, servidores trouxeram roupas e joias em profusão, para que Lakshmana, Bharata e Satrugna as oferecessem aos membros do grupo e os ajudassem pessoalmente a colocá-las. Vibhishana e os macacos resplandeciam com aquela quantidade extra de brilho e fascínio, porém não se deixavam afetar pela situação. Permaneciam firmes e impassíveis, fitando apenas os pés do seu adorado senhor. Todos inclinaram as cabeças e se prostraram diante daqueles encantadores pés. Rama levantou-os gentilmente e abraçou-os com grande afeição.

Rama disse aos grupos de macacos e aos outros que estavam de partida: “Filhos! Amigos! Concedo-lhes o estágio de libertação *sarupya*⁹⁹, no qual são dotados de poderes e capacidades que se aproximam dos meus. Voltem e desempenhem com êxito os seus deveres e cumpram as responsabilidades que lhes competem. Reinem sobre as terras e os povos confiados aos seus cuidados e desfrutem de paz e prosperidade”. Após ministrar-lhes valiosos conselhos de diversos tipos, deu-lhes permissão para seguir viagem. Bharata e Satrugna ficaram admirados com a devoção que brilhava nos corações dos macacos e dos demais.

Conforme Rama determinara, Lakshmana, Bharata e Satrugna acompanharam a comitiva durante certa distância até chegarem aos arredores da cidade. Enquanto se sentavam nas carruagens providenciadas para eles, os macacos voltaram-se para trás melancolicamente, derramando lágrimas ante o pensamento de estarem deixando Rama. Os irmãos não conseguiam suportar a angústia que viam nos seus semblantes.

⁹⁹ Segundo Vedanta (filosofia cujos princípios básicos constituem a última parte dos Vedas), *sarupya* é o terceiro estágio na realização do Divino. (N. T.)

Conheciam o significado daquelas torrentes de lágrimas e olhares tristes e louvaram o espírito de dedicação que enchia os seus corações. Acompanharam-nos até a margem do rio e supervisionaram os preparativos para a travessia.

Feito isso, os irmãos regressaram a Ayodhya, juntamente com Hanuman. Este suplicara e rogara a Sugriva, o seu governante, alegando: “Não posso suportar a dor da separação”, e prometera voltar após aproximadamente dez dias. Embora Sugriva não tivesse ficado muito contente com isso e apesar dos seus protestos, Hanuman retornou à presença de Rama com Lakshmana e os outros.

Rama discorre sobre os bons e os maus

Certo dia, Rama foi até um jardim com os irmãos e o seu querido Hanuman para ali passearem durante algum tempo. O local estava repleto de flores e de frutas. Rama sentou-se em um assento elevado, tendo os irmãos ao seu lado. Estes desejavam lhe fazer algumas perguntas, mas estavam hesitantes; então recorreram a Hanuman, pois sabiam que Rama responderia de bom grado ao que ele indagasse.

Percebendo o que acontecia, o onipresente Rama dirigiu-se a Hanuman: “O que busca saber? Pergunte”. Hanuman respondeu: “Ó protetor dos fracos! Bharata queria fazer-lhe uma pergunta, mas foi acometido pela dúvida e se acha abatido por uma sensação de temor”. Uniu as palmas das mãos e caiu aos pés de Rama, grato por este lhe haver respondido tão francamente e lhe haver ordenado que falasse na sua presença.

Rama então falou: “Hanuman! Você conhece muitíssimo bem a minha natureza. Entre mim e Bharata não há diferença; não existe nada que nos faça sentir distintos um do outro”.

Quando ouviu aquelas palavras, Bharata prostrou-se aos pés de Rama e disse: “Ó aquele que cura as tristezas dos que a você se entregam! Ouça! Perdoe os meus erros e proteja-me! Não tenho dúvidas à espreita na minha mente. Não tenho mágoas nem apegos, nem mesmo em sonhos. Naturalmente, devo tudo isso à sua graça e compaixão. Você é o tesouro que guarda todas as virtudes. Desejo aprender a distinguir pessoas boas de pessoas más”.

Rama dignou-se responder: “Irmão, as qualidades que indicam os bons são infinitas em número, como dizem os Vedas e os Puranas. A distinção que separa os bons e os maus é tão ampla quanto a que separa o sândalo do machado. Observe isto: o sândalo transmite a sua fragrância ao machado que o corta; ou seja, ainda que o machado lhe cause a morte, essa árvore só faz o bem ao seu executor. Consequentemente o sândalo é apreciado por todos; os deuses gostam muito de ter pasta de sândalo aplicada nas suas testas.

“Mas veja o que acontece com o machado que causa dano à árvore que lhe deseja o bem. É mantido no fogo e, enquanto está incandescente, é martelado até que obtenha a forma e o gume desejados. Os perversos causam dor aos bons, porém estes sempre desejam e fazem o bem aos perversos, seja qual for o dano que lhes tenha sido feito. O que ganham com isso? Certamente alcançam o céu, ou seja, gozam de permanente bem-aventurança. Os maus, por outro lado, acham-se em luta constante com a tristeza e o desgosto, o que significa que estão sujeitos a uma angústia infernal. Embora possam parecer felizes aos olhos dos observadores, são torturados internamente pela infâmia e pelo ódio que conjuram.

“Eu lhe direi as características dos bons. Ouça! Eles não são fascinados por prazeres sensuais. Possuem todas as melhores virtudes e modos de comportamento. Ficam felizes com a felicidade alheia e se entristecem quando outros estão tristes. Têm igual carinho por todos. Não consideram ninguém como inimigo nem se perturbam com a existência de possíveis desafetos. São dotados de sabedoria, conhecimento do mundo objetivo e um profundo sentimento de desapego. Possuem um coração terno e sentem compaixão pelos fracos e desamparados. Adoram os meus pés com pureza de pensamento, palavra e ação. Deleitam-se em me servir. Não têm preocupações relativas a fama ou infâmia, honra ou desonra. Estão sempre interessados no serviço ao próximo e jamais cedem ao impulso do egoísmo, nem mesmo em sonhos. As suas ações são de uma simplicidade evidente; os seus corações, sempre calmos e serenos. Anseiam por oportunidades para praticar a renúncia e estão permanentemente imersos em alegria. Elogios e críticas são a mesma coisa para eles. Irmão! Aqueles que possuem essas características são da minha própria natureza. Eles são eu mesmo, e eu sou eles. Considere isso como verdade.

“Agora eu lhe falarei sobre as características dos maus. Ouça! Você deve evitar a todo custo a sua companhia, pois ela lhe acarretará sofrimento. Tais pessoas possuem um coração que se aflige com a prosperidade alheia. Deleitam-se em escandalizar o próximo como se estivessem dando as boas-vindas a uma fortuna. Promovem os seis inimigos dos bons – a luxúria, a ira, a ganância, o desejo, o orgulho e o ódio – e estão sempre à sua disposição. Movem-se e agem de acordo com os comandos desses seis. Piedade e caridade estão ausentes da sua constituição. Provocam brigas com outras pessoas sem nenhum motivo ou provocação. Criam inimizade até mesmo contra aqueles que lhes fazem o bem. As suas ações e afirmações são falsas, assim como as concessões que negociam. As suas atitudes são duras; o seu coração é de pedra.

“O pavão é encantador de se contemplar e o seu canto é agradável de se ouvir, porém ele aniquila cobras. Os homens perversos igualmente anseiam por prejudicar o próximo e desejam as esposas alheias. Comprazem-se em destruir a reputação de outras pessoas. Deleitam-se com o mal e estão sempre cheios de más intenções. São as pessoas mais desprezíveis. Não temem represálias. Quando veem ou ouvem algo sobre o progresso de alguém, são tomados de tanta inveja que logo os atormenta uma insuportável dor de cabeça. No entanto, quando outros são vítimas de calamidades, regozijam-se com a sua angústia. Exultam com o sofrimento alheio como se eles próprios tivessem sido coroados reis. São dominados pelo ego. Não pensam em ajudar o próximo, nem mesmo em sonhos! Nos seus corações nascem a luxúria, a raiva e outras paixões. Não têm consideração pelos pais, preceptores e anciãos. Sentem desgosto ante a simples menção de Deus ou de personalidades voltadas para o bem. O seu intelecto é embotado e a sua conduta é reprovável. Pode-se observar grande número dessas pessoas na era de Kali¹⁰⁰.

“Irmão! De todas as ações corretas, a mais correta é a ajuda prestada aos necessitados; dentre todas as más ações, a pior consiste em causar dano ao próximo.

¹⁰⁰ Segundo a antiga tradição hindu, cada ciclo cósmico (*kalpa*) se divide em mil ciclos de quatro eras ou idades (*yugas*), classificadas com base nos atributos mentais predominantes: *Krita Yuga* ou *Satya Yuga* (Idade do Ouro), *Treta Yuga* (Idade da Prata), *Dvapara Yuga* (Idade do Bronze) e *Kali Yuga* (Idade do Ferro), a era atual. À medida que elas se sucedem, há um crescente declínio da retidão (*dharma*), da sabedoria e da virtude, assim como da capacidade física e intelectual e da longevidade do ser humano. (N. T.)

Saiba que esta é a essência dos ensinamentos dos Vedas e dos Puranas. É o ideal pregado pelas pessoas boas em todos os lugares. Aqueles que se beneficiam de um nascimento humano e mesmo assim se entregam a ferir o próximo degradam-se a níveis bestiais inferiores e terão que nascer e morrer como seres desse nível. Ou então, quando renascem como seres humanos, cometem ainda mais perversidades devido à sua ignorância e à cegueira que ela traz. Eu sou aquele que distribui as consequências do *karma*. Somente após um longo período durante o qual terão que lutar para sair da escuridão é que lhes concederei uma visão de mim mesmo. Eu os lanço repetidas vezes no vórtice da vida e os faço experimentar os seus altos e baixos para que assim possam ser educados.

“Bharata! Os deuses, os sábios e os grandes seres não se envolvem em atos que impliquem dualidades. Estão sempre empenhados em me adorar com espírito de dedicação. Envolvem-se em atividades sem nenhum desejo ou apego pelas suas consequências. Pessoas que praticam austeridades com o intuito obter algo ou desempenham atividades visando colher os seus frutos deverão nascer em corpos de modo a receber o bem e o mal merecidos. No entanto, quando não se anseia pelos frutos e, ainda assim, praticam-se atos com sinceridade, retidão e de maneira correta, estes não vinculam o ser; ao contrário, conferem-lhe sabedoria. A sua devoção e dedicação progredirão muito e, como resultado, ele estará cada vez mais próximo do Supremo e da fusão no Supremo. Se alguém tiver a capacidade de distinguir entre os bons e os maus com base nessas características e agir de acordo com essa distinção ao escolher as suas companhias, poderá se libertar dos redemoinhos do *samsara*¹⁰¹, o oceano da existência mundana.

“Irmão! Saiba que todas as distinções entre os bons e os maus resultam basicamente do apego decorrente do fato de se considerar o mundo como real, quando ele não é real nem irreal. Aqueles que escaparam dessa ‘ilusão’ e dessa dualidade são as grandes almas (*mahatmas*). Eles perceberam que a sua realidade é o *Atma* imutável. Sabem que não existem dois; experimentam sempre apenas o Uno. Os demais pertencem à parcela ignorante da humanidade.”

Todos os que ouviram aqueles esclarecimentos alcançaram a equanimidade. Com os corações enlevados ante aquela eclosão de amor, reconheceram a bondade de Rama prostrando-se diante dele em agradecimento por cada ponto elucidado. Hanuman sentiu o êxtase ainda mais que os outros.

Mais tarde Rama foi até o palácio em companhia dos irmãos e de Hanuman. Essa tornou-se a rotina diária normal – ministrar conselhos e, em seguida, cumprir os deveres relativos à administração.

Rama discursa para os cidadãos

Certo dia, Rama convocou os cidadãos de Ayodhya a se reunirem no palácio com os preceptores e os brâmanes. Todos se encontraram no salão de audiências, já devidamente provido de assentos confortáveis. Rama entrou e dirigiu-se a eles nos seguintes termos:

“Cidadãos! Preceptores e brâmanes! Reverências a todos. Ouçam as minhas palavras com serenidade e até o fim. Não faço discursos perante os senhores por

¹⁰¹ O ciclo de nascimentos e mortes causado pela ilusão do mundo sensorial, que aprisiona a mente e faz surgir o desejo, o apego e o sofrimento. (N. T.)

orgulho ou presunção egoísta. Também não é com o propósito de afirmar que sou o seu monarca nem para levá-los a percorrer caminhos maléficos. Se a minha fala lhes parecer benéfica, trilhem a senda que indico. No entanto, devo declarar que aqueles que ouvem as minhas palavras e caminham de acordo com elas são os únicos que me são queridos. Somente eles são meus irmãos. Apontem-me imediatamente e sem hesitação qualquer coisa de errado que eu venha a dizer.

“Pois bem, o nascimento como ser humano é aclamado nos Vedas e nos Puranas e pelos sábios de todas as terras como a mais rara oportunidade de todas. Não se pode alcançá-lo a menos que se tenha acumulado uma grande quantidade de mérito ao longo de muitas vidas. Até mesmo os deuses anseiam por essa chance e acham difícil nascer como seres humanos. Tal nascimento abre a porta para a liberação. Oferece amplas oportunidades para a prática espiritual (*sadhana*) e a obtenção dos benefícios que dela advêm.

“O corpo humano não deve ser usado para o gozo de prazeres sensuais nem ser tratado como um instrumento para se alcançar o Céu e desfrutar de folguedos e alegrias celestiais. Esses prazeres são todos momentâneos e levam os seres de volta ao emaranhado da mudança e à labuta do nascimento e da morte; eles, conseqüentemente, trazem tristeza. Somente os tolos se deixam levar pela busca por prazeres sensuais, que são como veneno para o homem. Será conveniente preferir veneno a néctar? Aqueles que anseiam por veneno não podem ser bons. São como os néscios que descartam a pedra preciosa que realiza desejos (*chintamani*) e preferem uma conta de vidro.

“Se alguém dotado de um corpo humano não faz uso dele para atravessar o oceano da existência ilusória (*samsara*), é certamente digno de lástima por ser um infeliz de intelecto embotado. Ele é, na verdade, o assassino de si mesmo, o inimigo do seu próprio progresso. Aqueles que nascem como seres humanos devem compreender que Deus reside em todos como o *Atma* interno e servir a todos como divinos, considerando esse serviço a mais apropriada adoração a Deus. Observem os ditames de Deus de pleno coração e realizem todas as atividades como se as estivessem dedicando a Ele.

“Cidadãos! Vocês que desejam ser felizes agora e no futuro! Ouçam as minhas palavras e tenham-nas como seus guias e objetivos. Sigam esse caminho. De todas as sendas que conduzem a Deus e à autorrealização, a mais fácil é a da devoção (*bhakti*), que é repleta de alegria para a mente. A senda do discernimento e da eliminação da ilusão (*jñana*) é cheia de dificuldades e carregada de obstáculos. É quase impossível extinguir a mente. E mesmo aqueles que trilham o árduo caminho do intelecto (*jñana*) só poderão se tornar queridos para mim se tiverem devoção e amor nos corações.

“Não há nada igual à devoção. Ela não é limitada, é livre. Dá ao homem todas as alegrias e satisfações. Contudo, é necessário enfatizar que só se pode progredir no caminho da devoção quando se busca e se mantém em boa companhia (*satsanga*).”

Continuando o seu discurso perante a assembleia, Rama declarou: “Ouça, ó povo do meu reino! Desejo dizer uma verdade muito importante, frequentemente não compreendida claramente por vocês. Não façam nenhuma distinção entre Shiva e Keshava¹⁰². Acreditem que Deus é um só. O Nome e a Forma são distintos, porém o *Divyatma* (a Entidade Absoluta Universal) é o mesmo. Ele está em todos em igual potência”.

¹⁰² Epíteto de Vishnu. Significa “aquele que tem cabeleira abundante, longa e formosa”. (N. T.)

Ao ouvir aqueles nectáreos ensinamentos dos lábios de Rama, os cidadãos curvaram as cabeças em reverente homenagem. Um deles veio à frente para expressar a sua gratidão: “Somos mais apegados ao senhor do que às nossas próprias vidas. É pela sua graça que os nossos corpos são saudáveis e resistentes e os nossos lares reverberam de alegria e felicidade. Tudo se deve à sua graça. O senhor libertou-nos da tristeza e atraiu-nos para perto do senhor. Grande rei (*Maharaja*)! Quem mais poderia nos ensinar tão amorosamente? Até mesmo os nossos pais e mães buscam em nós a realização dos seus desejos egoístas, isso é tudo.

“De que utilidade somos para o senhor? Ainda assim, instrui-nos de modo a alcançarmos a bem-aventurança celestial, o que nos dá pleno contentamento. O senhor e os seus extraordinários seguidores prestaram um magnífico serviço ao mundo extinguindo a raça demoníaca. Jamais poderemos ter um senhor, um amigo, um pai, uma mãe com tanta bondade e consideração por nós.” O povo manifestou abundantemente o seu regozijo e sensação de esclarecimento perante Rama, que se alegrou com a sua lealdade e o seu anseio por aprender mais a respeito de temas espirituais. Após se despedirem dele, os cidadãos retornaram para as suas casas e ali se recordaram das valiosas verdades que lhes haviam sido ensinadas.

Ayodhya era o Céu na Terra

Em Ayodhya cada residência tinha um jardim florido, cuidado pelos moradores com amor e carinho. Era sempre primavera na cidade, pois durante o ano inteiro as plantas permaneciam carregadas de frutas e envoltas no aroma de flores. Em toda parte se podia ouvir o zumbido dos enxames de abelhas que pairavam sobre as flores. Uma brisa fresca e perfumada saudava a todos. As crianças possuíam diversas espécies de aves como animais de estimação, e as suas canções, trinados e gorjeios se misturavam para produzir uma encantadora melodia para os ouvidos.

A riqueza e a prosperidade dos cidadãos sob o benéfico reinado de Rama não podem ser adequadamente descritas nem mesmo por mil serpentes divinas (*Sheshas*) dotadas de mil línguas. Tal foi o resultado da Retidão (*dharma*) que Rama promoveu e protegeu. Ele celebrou muitos sacrifícios do cavalo (*ashvamedha*). Milhões e milhões de brâmanes receberam presentes generosos e ficaram felizes e satisfeitos. Rama, o promotor dos ritos e das cerimônias védicas e o guardião dos códigos do *dharma* – e, ainda assim, aquele que está acima e além de todas as obrigações e atributos¹⁰³ – e Sita, plena de todos os atributos auspiciosos e determinada a auxiliar todos os que anseiam cumprir com as suas obrigações benéficas, estavam ambos vigilantes na sua missão de se manterem e aos seus súditos no caminho do *dharma*.

Enfermidade física, ansiedade mental e ruína moral estavam totalmente ausentes durante o reinado de Rama. Havia profundo amor e afeição entre as pessoas. Todos abraçavam alegremente os deveres e direitos sancionados pelos Vedas para a comunidade e para a profissão. Austeridade, caridade, sacrifícios, rituais e estudos de cunho espiritual eram praticados com igual intensidade e até com entusiasmo por toda a terra. Pensamentos pecaminosos não se atreviam a espreitar as mentes humanas, nem mesmo em sonhos. Mulheres, homens, idosos e crianças – todos ficavam o tempo inteiro se deleitando em pensamentos sobre Rama.

¹⁰³ Em sânscrito, *gunatita* (aquele que é desprovido de atributos ou *gunas*). (N. T.)

Nenhuma calamidade ou catástrofe natural ocorria em parte alguma. Durante a era de Rama não havia pobres nem aflitos e tampouco pessoas humilhadas ou abatidas, cruéis ou detestáveis, feias ou horríveis de se ver. Todos possuíam as marcas do encanto. Ninguém magoava os outros com o seu orgulho e ostentação nem sentia inveja de ninguém. Todos eram versados na sabedoria átmica e estavam ávidos por praticar e proteger o *dharma*. Todos eram compassivos e determinados a servir ao próximo. Cada um ansiava por exaltar as boas qualidades alheias e ninguém dava espaço ao egoísmo no seu coração.

O globo inteiro, com as suas sete divisões (*dvipas*¹⁰⁴) limitadas pelos oceanos, estava sob a sombra do guarda-sol¹⁰⁵ ímpar que era a soberania de Rama, o único senhor incontestável de toda a área. Os habitantes desse domínio imperial desfrutavam de amor mútuo e ajuda recíproca. Não havia vestígios de facções ou lutas; a separação e a intimidação¹⁰⁶ simplesmente não existiam.

Naturalmente, a distinção se manifestava na dança e nas artes. Só se viam cajados nas mãos de ascetas e monges. A luta era usada apenas contra os sentidos pelos buscadores espirituais (*sadhakas*). Somente na música se percebia o “apego” (*raga* em sânscrito, palavra que também significa “melodia”). E se ninguém tinha inimigos, como poderia haver “assassinato”? Em vez disso, as pessoas matavam os caprichos da mente e triunfavam sobre as suas próprias naturezas inferiores.

A cidade e os seus arredores brilhavam com poços, lagos e tanques de incomparável encanto. Ah, que águas puras e que belos locais no seu entorno! O seu sublime fascínio atraía a admiração de sábios e buscadores, que se culpavam por ceder a essa atração. Nas superfícies dos lagos e tanques florescia lotus de muitas cores, e nas árvores que cresciam às suas margens cantavam muitos pássaros. Papagaios, pavões e outras aves aglomeravam-se nos galhos e festejavam. Ayodhya era ainda mais esplêndida que o próprio Céu e as pessoas ficavam maravilhadas com a sua singularidade.

Vashishta pede uma dádiva

Certo dia, Vashishta entrou no palácio para ver Rama, aquele que concede prosperidade em todos os campos. Rama recebeu-o no verdadeiro estilo tradicional, lavando-lhe os pés e oferecendo-lhe água santificada para beber. O preceptor ergueu as mãos com as palmas unidas e disse: “Ó Oceano de Compaixão! Desejo fazer-lhe um pedido. Tenho assistido com imenso prazer à sua interpretação do ‘papel de humano’, porém agora me assalta uma enorme dúvida. A sua potência é ilimitada e mesmo os Vedas não conhecem plenamente a sua natureza. Senhor! Como poderei descrevê-lo ou decifrá-lo?

“Esta profissão de preceptor ou sacerdote de família é bastante desprestigiada. Os Vedas, os Shastras e os Puranas declaram que, sendo uma ocupação mediana, o sacerdócio se acha em posição inferior. Além do mais, ela está contaminada, uma vez que o preceptor deve officiar todas as cerimônias na residência do seu senhor, sejam auspiciosas ou não.

“Inicialmente não concordei em abraçar essa profissão, mas Brahma me viu e, entendendo a minha situação, disse-me as seguintes palavras: ‘Filho! Aceite-a sem hesitação. Você não sabe o que o aguarda no futuro. Terá a ganhar enormemente nos

¹⁰⁴ Termo sânscrito que tem o significado de “continente” ou “ilha”. (N. T.)

¹⁰⁵ Símbolo tradicional de realeza e proteção na Índia e em outros países da Ásia. (N. T.)

¹⁰⁶ No original inglês, *big stick*. (N. T.)

próximos anos. O Supremo Brahman (Parabrahma) encarnará na dinastia de Raghu'. Ouvindo isso, inclinei a cabeça e tornei-me o sacerdote de família dessa dinastia. E agora, em consequência da minha decisão, alcancei o Princípio Supremo que só se pode conquistar mediante incontáveis anos de repetição do Nome (*japa*), austeridades (*tapas*) e rituais de oferenda (*yagas*) e de sacrifício (*yajnas*) sem haver me submetido às dificuldades que tais práticas envolvem. A meta que se deseja atingir por meio de todas essas boas ações (*karmas*) é o senhor, e essa meta eu conquistei.

“Que melhor tarefa posso ter do que essa que escolhi? Senhor dos senhores! Repetição do Nome, austeridades, sacrifícios, oferendas, votos, rituais e regras ritualísticas são normas estabelecidas pelos Vedas. Mediante o cultivo da sabedoria, da compaixão para com os seres vivos e da conduta virtuosa, podem-se obter a sua presença e a sua graça.

“Senhor, eu imploro! Em sua infinita misericórdia, conceda-me uma dádiva! Do canto do seu olhar cheio de compaixão, derrame a sua graça sobre mim. Permita que a minha devoção pelo senhor não diminua, por mais existências eu tenha que viver no futuro. Esta é a dádiva pela qual anseio.” Em seguida Vashishta se despediu de Rama e regressou à sua residência.

Mais a respeito do Céu que era Ayodhya

Os súditos do reino passavam o tempo cantando a cativante e triplamente sagrada história de Rama, o seu governante. Uma pessoa pode ter alcançado sucesso na *yoga* ou realizado muitos votos rituais; entretanto, se não tiver amor no coração, não obterá a visão (*darshan*) de Rama. No império de Rama o sábio, o asceta, o herói, o poeta, o erudito, o talentoso – nenhum deles era afetado pela cobiça. Ninguém se desviava para o erro movido pelo orgulho da riqueza. A embriaguez da autoridade não levava ninguém a se fazer de surdo. Onde estaria o jovem que sofria da febre da juventude? Onde se poderia encontrar o homem que perdera a reputação por ceder à tentação do egoísmo ou fora maculado pela inimizade? Onde estaria aquele que sofria, paralisado pela tristeza, ou fora mordido pela serpente da ansiedade? Não, não havia ninguém assim. O próprio Rama estava acima e além de todos, como um exemplo a ser seguido. Ele era a Encarnação do *Atma* (*Atmasvarupa*), o próprio Deus.

Os formidáveis exércitos da ilusão (*maya*) vagueiam por todo este mundo. Os seus soldados são as paixões, como a luxúria, a ganância e outras. Os seus oficiais comandantes são, entre outros, o orgulho e a incredulidade. No entanto, essa mesma ilusão é escrava de Rama, o senhor da dinastia de Raghu (Raghunatha). Embora ela seja “irreal”, a menos que se conquiste a graça de Rama, não se poderá escapar da sua captura e servidão. Somente a graça que flui do canto dos olhos de Rama pode libertar alguém das garras de *maya*.

Maya “possui” todas as coisas móveis e imóveis no Universo; ninguém consegue se desvencilhar do seu domínio. Ela imita a glória terrena do Senhor e, como uma hábil atriz, interpreta o seu papel, tendo a luxúria, a cobiça e outros como elenco de apoio. Rama, no entanto – sendo a encarnação de *Satchidananda*¹⁰⁷, a personificação do azul profundo que caracteriza o mar e o firmamento, o fenômeno que não tem nascimento, o próprio *Paramatma* –, não tem nenhum traço de ilusão.

¹⁰⁷ O mesmo que *Sat-Chit-Ananda*, expressão que se aplica ao Divino e significa “Ser – Consciência – Bem-Aventura”. Imergir em *Satchidananda* é imergir no supremo êxtase espiritual, ou seja, na “Bem-Aventura da Consciência do Ser”. (N. T.)

Na cidade de Ayodhya todos os dias havia um novo festival, cada um marcado por aspectos singulares de entretenimento. Diariamente Rama distribuía riquezas em caridade. Determinara-se que ninguém devia acusar ou desprezar outrem nem pronunciar más palavras. Em cada lar realizavam-se leituras cotidianas dos Vedas e dos Puranas. Nenhuma comunidade desprezava outra ou a considerava inferior. Cada um exercia a sua ocupação tradicional e respeitava as normas estabelecidas. Consequentemente a compaixão e o carinho para com os seus súditos cresciam com amplitude cada vez maior no coração de Rama.

Observando a devoção e a dedicação com que as esposas serviam aos maridos no reinado de Rama, até os deuses invejavam os homens. Os maridos também brilhavam como merecedores de tal serviço; nenhum fazia brotar uma única lágrima nos olhos daquelas que haviam se casado com eles. Marido e esposa sentiam que cada um era a metade do corpo do outro; por isso agiam como se fossem um só, desejando os melhores interesses do cônjuge e dedicando-se a promovê-los.

Na época de Rama, ninguém tentava recorrer à mentira sob nenhuma circunstância. Meninos e meninas honravam as ordens e orientações dos pais e preceptores. Todos eram tão felizes quanto Indra, o senhor dos deuses no Céu. Em cada residência cereais e outros bens eram tão abundantes quanto na morada de Kubera, o deus da riqueza. Os *chakoras*¹⁰⁸ sentiam-se alegres como se estivessem admirando a Lua no outono. Atrás das portas dos seus aposentos fechados, as mulheres deleitavam-se em observar Rama. Sempre emocionados, Bharata, Lakshmana e Satrugna enchiam os olhos com o encanto divino de Sri Rama. O mundo inteiro ficou repleto de ilimitado esplendor durante o seu governo.

Não havia nenhum sinal ou menção de “pecado”. Monges e ascetas vagavam sem medo pelas matas mais selvagens. O afeto mútuo entre o rei e os seus súditos crescia cada vez mais dia após dia. A Terra irradiava luz e amor. As florestas brilhavam com um verde perene. Aves e outros animais haviam perdido o ódio instintivo que sentiam uns pelos outros. Não se encontrava um vestígio de raiva em nenhum lugar; não se ouvia sequer um sussurro que indicasse a sua existência. Todos estavam unidos pelos mais fortes laços de camaradagem e demonstravam grande entusiasmo ao descrever as excelsas qualidades e os feitos de Rama.

Acontece um desastre!

Certo dia, Rama encontrava-se no seu trono no salão de audiências, juntamente com os irmãos, quando ali adentrou um brâmane em imenso desespero. Proferiu várias palavras ásperas e apelou colericamente por reparação. “Infelizmente”, gritou, “a fama da Dinastia Solar terminou hoje! Lembro-me da glória dos grandes reis de outrora, como Sibi, Raghu, Dilipa, Sagara, pois não veríamos semelhantes iniquidades se eles estivessem reinando. Por acaso um filho teria morrido durante a vida do pai? Pode tal desastre ocorrer quando o governante é bom? Mas neste dia foi o que eu vi acontecer.”

Como era onipresente, Rama sabia o que acontecera e comoveu-se com as palavras do brâmane. Investigou interiormente a razão daquela morte e assegurou-se de que não se devia a nenhuma falha da administração. Então, consciente de que ela era

¹⁰⁸ Segundo a mitologia hindu, o *chakora* (ave semelhante à perdiz) se alimenta do néctar dos raios lunares. Aqui o texto parece fazer uma relação entre essa ave e o epíteto Ramachandra, que significa “Rama, aquele que é como a Lua”. (N. T.)

consequência de pensamentos malignos, pôs-se a estabelecer limites e regulamentos destinados a evitar o surgimento de pensamentos desse tipo nas mentes das pessoas.

Rama prestava muita atenção até mesmo a tais questões menores; por isso concebeu medidas que prevenissem a sua recorrência. Deixava de lado toda preocupação consigo mesmo, buscando o cumprimento do objetivo que colocara à sua frente – a felicidade do seu povo. Zelava pelos seus súditos como se fossem tão queridos para ele quanto o seu próprio corpo. O povo, por sua vez, também valorizava o carinho e a felicidade do seu rei, que era para eles tão amado quanto o seu próprio coração.

O soberano Rama jamais trabalhava contra os desejos da população, que tampouco transgredia, sequer minimamente, as suas ordens. Naquela época o seu reinado assim resplandeceu durante muito tempo. Ele era o próprio Narayana, e o seu governo redundou em glória para a Terra e a sua história, pois a Verdade e a Retidão são os verdadeiros guardiões da humanidade.

13. EXÍLIO PARA SITA

Um acontecimento inédito em Ayodhya

Era prática entre os mensageiros da corte viajar por cidades e aldeias de todo o império e relatar pessoalmente ao governante as informações coletadas durante essas jornadas secretas. Rama ouvia esses relatos, tal como faziam os seus antecessores.

Certo dia um mensageiro que chegara no cumprimento da sua incumbência aproximou-se de Rama com estranha hesitação. Prostrou-se diante dele e, tendo se erguido, pôs-se de lado, trêmulo e em silêncio, porém logo recuperou a confiança e a coragem e dirigiu-se a Rama: “Grande rei (*Maharaja*)! Ouça as minhas palavras! Perdoe-me por trazê-las até o senhor. Ouviram um lavadeiro discutindo com a esposa e admoestando-a aos gritos: ‘Que vergonha! Acha que sou como Rama? Saia da minha casa! Como posso aceitá-la? Você viveu durante muito tempo na casa de outra pessoa! Suma daqui!’”

Aquelas palavras atingiram o coração de Rama como uma flecha. Ele não conseguiu dormir naquela noite. Por volta da meia-noite, sentou-se na cama e pensou consigo mesmo: “Faz agora um *yuga* inteiro desde que comecei a governar esta terra. Devo continuar ainda por mais alguns anos”.

A Sita sutil e a Sita densa se separam

Mergulhado em triste devaneio, o Oceano de Compaixão refletiu: “Ai de mim! Devo abandonar Sita! Preciso sustentar o caminho védico”. Então aproximou-se dela e, com um sorriso no rosto, falou-lhe docemente: “Janaki¹⁰⁹! Até agora você não me pediu nenhuma dádiva; mesmo assim, eu lhe concederei uma. Vá para o seu lar celestial”.

Naquele exato momento Sita caiu aos pés de Rama e, no seu corpo sutil, partiu para Vaikunta, a morada celestial de Vishnu. Nenhum ser, em nenhum lugar, ficou ciente desse fato. Sita permanecia na Terra, diante de Rama, mas apenas na sua estrutura física densa.

Rama solicitou à Sita-Terra (*Sita-Maya*) que pedisse uma dádiva e ela respondeu: “Senhor! Desejo passar alguns dias felizes nos eremitérios dos ascetas (*munis*)”.

Rama anuiu, dizendo: “Que assim seja. Inicie a sua viagem amanhã de manhã”. Sita reuniu e embalou vários artigos de vestuário e utensílios para as filhas e esposas dos ascetas nos eremitérios.

Os irmãos se desesperam ante as ordens de Rama

Rama acordou cedo. Criados e também pessoas em busca de favores entoavam louvores sobre as suas virtudes e excelências. A sua face de lótus resplandecia. Lakshmana, Bharata e Satrugna renderam-lhe homenagem, prostrando-se aos seus pés, porém ele não conversou com os irmãos. Manteve-se em silêncio, o rosto ruborizado pela emoção. O seu corpo mostrava sinais de tensão; cada membro tremia de agitação.

Tomados pelo medo e pela ansiedade, os três irmãos sentiram-se perdidos, sem saber o motivo daquela dor. Vendo a aflição de Rama, estremeciam, sem conseguir entender que sentimentos o perturbavam. Finalmente Rama encontrou palavras para

¹⁰⁹ Outro nome de Sita, como filha adotiva do imperador Janaka. (N. T.)

expressar o que desejava e, entre suspiros, falou: “Irmãos! Não digam que não! Levem Sita para o interior da floresta, deixem-na lá e retornem”.

Atônitos, os irmãos foram envolvidos pelas chamas do desespero, que chamuscaram os seus corações. Puseram-se a imaginar se Rama estava falando sério ou apenas brincando. Satrugna soluçava em voz alta, enquanto Lakshmana e Bharata permaneciam imóveis, com os olhos cheios de lágrimas; estupefatos, tinham as mãos e os lábios trêmulos. Por fim Satrugna implorou, com as palmas unidas: “As suas palavras transpassaram os nossos corações. Janaki é a Mãe de todos os seres (*Lokamatha*) e você reside nos corações de todos os seres vivos. É a personificação de *Satchidananda* (Ser – Consciência – Bem-Aventura). Por que razão se deve rejeitar Sita neste momento? Ela é eternamente pura em pensamento, palavra e ação, não é mesmo? Ó destruidor da raça dos *rakshasas*! Agora Sita está grávida; será correto abandoná-la justamente nessa condição?” Satrugna não conseguiu dizer mais nada. A tristeza que brotava no seu interior fluía em lágrimas e lamentos em voz alta.

Rama respondeu: “Irmãos, ouçam! Se ignorarem as minhas palavras, o alento não poderá mais sobreviver neste corpo. Honrem o que eu digo. Irmãos! Tal como ordenei, levem Janaki para a floresta nesta mesma manhã”. Continuou sentado com a cabeça baixa, em silêncio, como se estivesse abatido com o curso dos acontecimentos.

Bharata não pôde conter os seus sentimentos diante de palavras tão perturbadoras. Falou: “Senhor! Sou muito fraco de inteligência; ainda assim, atenda à minha súplica. A nossa Dinastia Solar granjeou reputação e renome mundiais. Dasharatha, o nosso pai; Kausalya, a sua mãe; e você – o Mestre dos Três Mundos – conquistaram imensa fama. A sua glória é cantada pelos Vedas e por Sessa, a serpente divina de mil línguas. Janaki é o repositório de tudo o que é benéfico. O seu nome destrói todo e qualquer traço não auspicioso e confere todos os benefícios. Ela é a alma da santidade. Por meio das suas bênçãos, as mulheres podem alcançar a meta suprema. Como poderá Janaki existir separada de você e viver feliz na floresta? Conseguirá ela, mesmo por um instante, ficar afastada de você? Como pode um peixe viver fora d’água? Ela é a encarnação da sabedoria e a personificação de todas as virtudes. Não pode levar uma vida solitária”.

Rama ouviu-o calmamente e depois respondeu: “Bharata! Você se expressou de acordo com os conceitos comuns da moralidade. Contudo o soberano deve promover a Retidão (*dharma*) e o bem-estar de acordo com os ditames da ética. Ao cumprir os seus deveres de guardar e guiar o seu povo, ele não deve provocar nenhuma crise ou revolução. Precisa resguardá-los com todo o zelo”.

Transmitiu-lhes, então, o relato que lhe fizera o mensageiro e depois continuou: “Irmãos! A nossa dinastia sofreu grande infâmia e teve o seu nome maculado. Ela teve uma série de reis e imperadores, cada um mais famoso que o outro. O seu poder e majestade são conhecidos em todo o mundo. Não há quem tenha conquistado maior renome do que eles. Estavam prontos a renunciar às suas vidas, porém jamais agiram de maneira contrária à palavra empenhada. A nossa dinastia não tem nenhuma mancha; e quando houve alguma possibilidade de que ela fosse maculada, aquele que hesitou em dar a própria vida foi indubitavelmente desprezível. Entendam bem isso”.

Os irmãos gritaram: “Senhor! Janaki certamente não tem nenhum vestígio de mácula! Ela emergiu do fogo abrasador! Deuses ou santos não lhe imputariam a mínima falha, nem mesmo em sonhos. Não sabendo disso, se alguém a chamar de pecadora, sofrerá a tortura do inferno por bilhões e bilhões de anos”.

Bharata não pôde controlar o seu ressentimento à simples menção de tal possibilidade. Rama ficou visivelmente irado e os seus olhos se avermelharam. Lakshmana percebeu a sua reação e, incapaz de suportá-la, escondeu-se atrás de Bharata.

Rama, entretanto, dirigiu-se diretamente a ele: “Lakshmana! Entenda as implicações do que o povo está falando e abandone essa sua pose tola de tristeza. Se desobedecer à minha ordem e começar a discutir comigo, lastimará isso até a morte. Ponha Janaki em uma carruagem e deixe-a em um local deserto, sem nenhuma habitação humana, às margens do Ganges e depois retorne”.

Lakshmana leva Sita embora

Tendo ouvido a ordem do Senhor, Lakshmana preparou-se até mesmo para a morte caso a encontrasse ao cumpri-la. Aprontou-se para a jornada, abasteceu a carruagem com provisões e roupas, fez Janaki sentar-se nela e partiu. A fiel consorte de Rama estava cheia de entusiasmo, gratidão e alegria ante a perspectiva de passar algum tempo em eremitérios, mas entristeceu-se ao ver o rosto abatido de Lakshmana. Emudeceu e ficou desanimada. Sofreu sem ser percebida, lá no íntimo do seu ser, tal como a serpente que perdera a joia suprema que lhe adornava a cabeça.

Ao alcançarem as margens do Ganges, os seus corações foram assaltados pelo terror, pois a floresta era realmente assustadora. Vendo o temor de Lakshmana, Sita sentiu-se ainda mais assustada. Naturalmente, ela sabia que estava apenas encenando um papel e que o seu Eu real não estava ali. Ainda assim, para que esse papel tivesse êxito perante o mundo, interpretou-o muito bem. Pôs-se a lamentar: “Lakshmana! Para onde me trouxe? Não há nenhum mosteiro visível neste local. Será que por esta floresta perambulam animais selvagens e cobras venenosas? Aqui não se vê nenhum vestígio de habitação humana. Lakshmana! Estou com medo!”

Lakshmana encheu-se de compaixão ao ouvir os lamentos de Sita. Lembrou-se de Rama e falou consigo mesmo: “Rama! O que foi que você fez?!” Reunindo coragem, olhou para ela, porém uma angústia mortal o dominou, causando-lhe imenso sofrimento. A sua situação e os seus conflitos deixaram o coração de Sita despedaçado de tanta aflição.

Percebendo que ele estava determinado a deixá-la ali e retornar, as divindades da floresta se pronunciaram do Céu: “Lakshmana! Deixe Janaki aqui e volte. Sita, a Encarnação da Fortuna, viverá”.

Aquelas palavras vindas do Invisível plantaram coragem no coração de Lakshmana, que uniu reverentemente as palmas das mãos e disse: “Mãe! O que posso fazer? Simplesmente devo cumprir a ordem do meu irmão. Não tenho coragem de transgredi-la, nem minimamente. Sou o mais perverso dos vilões. O meu irmão mandou que eu a deixasse nesta selva densa e regressasse”.

Assim dizendo, deu meia-volta na carruagem, os olhos fixos no caminho que deixava para trás. Podia ouvir Sita lastimar-se à distância: “Lakshmana! Está me abandonando na floresta e me deixando sozinha? Quem me protegerá aqui?” Ela chorava como qualquer mulher comum. Os seus gritos perfuravam os tímpanos de Lakshmana, mas este, lembrando-se do seu dever de seguir as ordens de Rama, tornou o seu coração duro como pedra e dirigiu rapidamente até chegar à cidade.

Valmiki resgata Sita

Sita desmaiou de desespero; evidentemente, tudo aquilo era a interpretação de um papel. Após algum tempo, recobrou a consciência, sentou-se e externou em palavras o seu pesar: “Ah, Ramachandra! Desde o nascimento, a minha existência foi cheia de tristeza. Ai de mim! Por mais que o sofrimento me invada, a vida insiste em se apegar ao meu corpo”. E assim se lastimou por muito tempo, pranteando o seu destino.

Naquele momento o sábio Valmiki passava pela floresta em direção ao seu eremitério; retornava do Ganges, onde havia ido tomar o seu banho ritual. Ficou surpreso ao ouvir, vinda das profundezas da floresta, uma voz de mulher pedindo ajuda. Seguiu a voz até a sua origem e, procurando em todo o redor, finalmente chegou à própria presença de Sita.

Ela o reconheceu como o sábio Valmiki e contou-lhe tudo o que acontecera. Implorou: “Ó monarca dos monges! Sou filha do imperador Janaka e esposa de Sri Ramachandra. O mundo inteiro sabe disso. Não sei por que motivo ele me abandonou e me expulsou. Pode-se escapar aos ditames do destino? Ó grande entre os sábios! Lakshmana me trouxe até aqui e foi embora. Não me disse por que teve que agir assim”.

Valmiki ouviu a sua dolorosa história e depois consolou-a e confortou-a, dizendo: “Filha! O seu pai Janaka, imperador de Mithila, é meu amigo e discípulo. Ele me reverencia e tem fé em mim. Querida, não se preocupe! Considere o meu eremitério como a sua casa paterna. Tudo ficará bem para você. Com certeza se reunirá a Rama novamente. Realizará esse desejo”. Tratando-a como se ela fosse a sua própria filha, Valmiki lhe disse que se banhasse no Ganges e depois voltasse.

Após o banho de purificação, ela prostrou-se diante de Valmiki. O sábio levou-a até a sua ermida, tranquilizando-a carinhosamente. Ofereceu-lhe raízes e frutas, estimulando-a a comer um pouco. Sita não pôde recusar os apelos do grande ancião. Daí em diante, passou a residir no eremitério, meditando constantemente em Rama e na sua glória e compartilhando serenamente com os alunos e discípulos de Valmiki as tarefas inerentes à manutenção e conservação daquele lar espiritual. Valmiki e os moradores do eremitério deleitavam-na com histórias interessantes e maravilhosas e entretinham-na com anedotas e episódios engraçados.

A cidade chora por Sita

Lakshmana chegou a Ayodhya com os olhos inchados de tanta tristeza e o coração pesado de aflição. Relatou a penosa narrativa às três mães e estas, em inconsolável agonia, prorromperam em soluços diante da calamidade que assaltara Sita. Elogiaram as suas virtudes, lamentando que uma dama de caráter tão nobre fosse submetida àquela desgraça, e criticaram Rama pela sua dureza. A capital e o palácio ficaram imersos em tristeza; ninguém pôde escapar ao sofrimento. Ouvia-se apenas o som de gemidos e todos perguntavam, cheios de pesar: “Será que uma mãe como Sita poderia ser punida dessa forma?”

Rama ouviu os lamentos e choros; então recolheu-se ao santuário, tendo apenas Lakshmana como seu companheiro, e ali passou o dia longe das vistas alheias. Mais tarde foi até os aposentos das mulheres e consolou as rainhas, aconselhando-as no tocante ao caminho da sabedoria espiritual (*jñana*). Depois explicou à população que o autêntico chefe de governo considera e trata somente o seu povo como seus parentes e amigos. Esse é o código de Rama, afirmou. Declarou ainda que o governante deve renunciar à sua própria família e amigos quando se fizer necessário, uma vez que os seus verdadeiros parentes e amigos são os seus súditos.

A separação de Sita afetou de tal forma as três mães que elas ficaram cada dia mais fracas, o que finalmente provocou a sua morte. Mediante a *yoga*, manifestaram o fogo latente nelas e permitiram que as chamas reduzissem os seus corpos a cinzas. Assim alcançaram o mais elevado estado de bem-aventurança.

Chorando a sua perda, os irmãos realizaram os ritos fúnebres estabelecidos nas Escrituras e procederam às dezesseis grandes distribuições caritativas ali prescritas. Feito isso, os quatro – Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna – passaram a dedicar-se aos problemas administrativos e às funções que lhes haviam sido atribuídas, em conformidade com os desejos do povo e tendo em vista a sua plena satisfação.

Preparativos para um sacrifício do cavalo

Rama anunciou que desejava celebrar o sacrifício do cavalo (*ashvamedha yoga*), tal como estabelecido nos Vedas, uma vez que esse ritual asseguraria a destruição de todos os tipos de sofrimento. Avisou Angada e outros e, em seguida, juntamente com os seus irmãos e os ministros do reino, foi até a residência do preceptor real. Todos caíram aos pés do *guru*, que os recebeu respeitosamente e, após indagar sobre a sua saúde e o bem-estar do império, deu-lhes valiosos conselhos em voz doce e suave, citando histórias dos Puranas e episódios dos épicos.

Rama dirigiu-se a ele: “Mestre! Eu tenho um desejo em mente. O senhor precisa ajudar-me a realizá-lo”. Prostrou-se aos pés do *guru*, que lhe perguntou qual o seu desejo. Rama respondeu: “Decidi realizar um sacrifício (*yaga*). O povo de Ayodhya ficará feliz e se regozijará quando ele ocorrer.

“Quero celebrar o sacrifício do cavalo. Isso tranquilizará a cidade, e o povo também deseja essa celebração. Bharata hesitou em informá-lo a esse respeito, pois temia a sua reação. Então senti que deveria ser eu mesmo a me aproximar do senhor e comunicar-lhe esse desejo. Acataremos a sua decisão e nos sentiremos felizes em agir de acordo com ela.”

Vashishta ouviu aquelas palavras, proferidas com reverência e humildade, e rejubilou-se com a ideia. “Rama! O seu desejo será realizado. Bharata! Levante-se e encarregue-se dos preparativos para o sacrifício”, falou. A resposta do preceptor deixou muito contentes os irmãos e os ministros, que o louvaram, inclinando-se aos seus pés. Mais tarde muitos brâmanes bem versados na tradição dos sacrifícios (*yagas*) seguiram Bharata até a cidade e o palácio.

Sumantra convidou os principais cidadãos e convocou os funcionários para que decorassem as estradas reais, bazares e centros comerciais da cidade. Solicitou-lhes ainda que erguessem pavilhões (*mantaps*) em muitos lugares. Logo tudo estava feito; as suas ordens foram executadas com a maior rapidez e Ayodhya foi preparada para o grande acontecimento. A cidade fervilhava, exultante, em alegre atividade. Os anciãos e os administradores relataram a Rama que, em atendimento às suas instruções, os principais dentre os sábios e ascetas já haviam sido informados do evento, e que Vashishta estava tendo ciência dos preparativos.

Janaka e outros comparecem ao sacrifício

Com palavras convincentes e agradáveis, Vashishta aconselhou Rama: “Envie a notícia ao imperador Janaka. Ele poderá comparecer ao sacrifício com a sua rainha e os seus parentes”. Acrescentou ainda: “Mande convites aos principais ascetas, brâmanes e grandes sábios (*maharishis*)”. Depois, quando o *guru* aceitou, Rama conduziu-o por

Ayodhya para que visse os preparativos. Ambos ficaram muito satisfeitos com as decorações em toda a cidade.

Enquanto isso, mensageiros oficiais visitavam reinos próximos e longínquos para entregar convites aos governantes daquelas terras. Um deles rumou para Mithila, a capital do imperador Janaka.

Jambavan, Angada, Sugriva, Nala, Nila e outros líderes dos macacos chegaram. Ascetas e monges que tinham vindo em grupos para a cidade foram recepcionados e acomodados com o devido respeito à sua importância espiritual. Logo chegou Vishvamitra, que Rama honrou apropriadamente e a quem ofereceu reverente hospitalidade. O grande sábio Agastya também foi recebido de maneira adequada e foram tomadas providências para que tivesse uma estada confortável na capital. Todos ficaram encantados ao ver o salão santificado onde seria realizado o sacrifício.

Os cidadãos de Mithila ficaram imensamente felizes com a chegada do emissário de Ayodhya. Este informou o imperador do sacrifício que Rama celebraria. Assim que ouviu a notícia, Janaka ergueu-se do trono, emocionado, os olhos marejados de lágrimas de bem-aventurança. Perguntou se Rama e os seus irmãos estavam bem e o mensageiro respondeu que a carta que trazia o satisfaria em todos os aspectos. Com essas palavras, entregou-lhe a auspiciosa missiva, pois nada mais podia dizer.

Como descrever o estado do imperador? Transbordante de alegria, Janaka leu a mensagem repetidas vezes. Os seus parentes ficaram inebriados de júbilo e a cidade reverberou com os gritos de “Vitória (*Jai*)!”. Ele chamou um mensageiro e ordenou-lhe: “Espalhe esta notícia pelas cidades, vilas e aldeias de todo o império, anunciando-a com o toque dos dez instrumentos musicais”. Em seguida convocou o ministro e entregou-lhe a mensagem, que ele recebeu com o mais elevado respeito, pressionando-a contra os olhos antes de lê-la. Emocionado, recordou a glória de Rama e derramou copiosas lágrimas de felicidade.

À frente de cada casa da cidade, o chefe da família colocou um pote de significado auspicioso. O imperador doou em caridade incontáveis objetos de valor para celebrar o recebimento das boas novas. A capital de Janaka vibrava de êxtase proveniente de imensa gratidão e glória.

A caminho da sua longa jornada de Mithila a Ayodhya, Janaka apeou para prestar reverência a Sathananda, o seu preceptor. Este abençoou o imperador e orientou-o a prosseguir até Ayodhya acompanhado pela sua comitiva e pelo seu exército, aí se incluindo todas as quatro forças de combate – carruagens, elefantes, infantaria e cavalaria.

Janaka deixou uma divisão do exército para salvaguardar a cidade. Destinou um palanquim para o seu *guru* Sathananda e outro para si mesmo. A terra tremeu quando a comitiva inteira partiu para Ayodhya. Quem poderia contar o número de generais, comandantes e heróis que aquele exército possuía em suas fileiras? Viajando assim, o imperador chegou a Ayodhya ao final de dois dias.

Ao ficar ciente de que Janaka se aproximava da cidade, Rama foi à frente para recebê-lo e, quando se encontraram, manifestaram imenso carinho um pelo outro. Uma residência magnífica e de encanto celestial, bem às margens do Rio Sarayu e cercada por vasta planície, fora reservada para o imperador. Rama delegou aos irmãos a missão de receber e prestar hospitalidade aos convidados reais.

Rama prostrou-se aos pés de Janaka e depois levantou-se, sentando-se ao seu lado. Arrebatado pela felicidade que brotava no seu interior, Janaka acariciou a cabeça de

Rama e abordou-o com palavras doces e suaves. Rama respondeu expressando sentimentos semelhantes em linguagem apropriada. Designou assistentes e auxiliares para cuidar do conforto de Janaka e da sua comitiva e determinou que Bharata permanecesse ao serviço do imperador.

A estátua de ouro de Sita

Nisso Vashishta chegou à presença de Rama, acompanhado de dez mil discípulos, e disse: “Ramachandra, ouça! Os Vedas, os Shastras, os Puranas – todos eles, sem exceção – proclamam que um sacrifício (*yaga*) executado sem que a esposa legítima esteja ao lado do celebrante será infrutífero quanto aos seus resultados. O mesmo declaram os grandes sábios. Sendo assim, tome as devidas providências para trazer Janaki de volta. Ela será muito necessária durante o sacrifício”.

Rama ficou surpreso com as palavras proferidas pelo principal dos sábios. Manteve-se em silêncio, sem se ater à veracidade ou não daquela crença. Finalmente declarou: “Ó principal dentre os sábios! O senhor terá que realizar o meu desejo sem provocar a quebra do meu voto e sem arruinar a reputação da minha dinastia. Se Janaki for trazida de volta, essa reputação certamente será prejudicada. E não me casarei novamente apenas para ter uma esposa para o sacrifício”.

Vasishta consultou muitos sábios famosos em busca de uma solução. Todos permaneceram firmes à regra de que se devia trazer Janaki, afirmando ser este um pré-requisito inevitável. Mas Rama – o mestre de todos os códigos de moralidade, a encarnação de todas as formas de Deus e a essência de todas as Escrituras – pensou no assunto durante algum tempo e depois ordenou que se moldasse uma estátua de Sita em ouro e pedras preciosas para ser colocada no lugar dela. Afirmou que todas as Escrituras sustentavam esse entendimento e que não poderia haver objeção a ele sob nenhum aspecto. Ascetas, sábios e eruditos versados em todos os campos do conhecimento não conseguiram contradizer esse ponto de vista. Surpresos ante a validade da solução oferecida, todos admiraram a onisciência de Rama e reconheceram que ele era o cerne de todos os códigos.

A Sita de ouro ficou pronta em um único dia; joias e trajes contribuíram para torná-la ainda mais encantadora e realista, a tal ponto que todos os que a viam confundiam-na com a verdadeira Sita. Aliás, se ela própria a tivesse visto, ficaria igualmente atônita e maravilhada. Ao se depararem com a estátua, muitos acreditaram que Sita havia retornado. Os artífices foram louvados de mil maneiras.

Tem início o sacrifício do cavalo

Rama sentou-se no Trono do Leão, sobre uma pele de tigre e com a Sita de ouro ao seu lado, onde a esposa deveria assumir a sua posição. A assembleia foi levada a crer que a própria Sita estava ali. Todos os presentes prostraram-se, cheios de júbilo e gratidão.

Vashishta dirigiu-se aos cortesãos e pediu-lhes que estendessem a sua hospitalidade aos convidados ali reunidos, de acordo com as regras em prática: “Deem a todos o que desejarem e façam com que se sintam felizes e contentes”. Então, com a ajuda de Bharata, que supervisionava os preparativos, conduziram os convidados aos seus lugares nas fileiras apropriadas, onde tomaram assento. Cada um externou a sua satisfação pela grandiosidade da recepção que tivera e elogiou os organizadores pelo cuidado e consideração demonstrados.

O salão sacrificial era guardado externamente por quinhentos guerreiros, e internamente por quinhentos mestres dos Vedas. O sacrifício começou no segundo dia da metade brilhante do mês de *Magha*¹¹⁰, depois que Rama iniciou a si mesmo com os ritos necessários. Vasishta ordenou que o cavalo escolhido para o *yaga* fosse levado até ele a fim de ser examinado por especialistas, que verificariam se possuía as marcas auspiciosas prescritas.

Lakshmana prostrou-se diante do *guru* e correu até os estábulos do palácio para ornamentar o cavalo antes de conduzi-lo ao salão. Pôs-lhe no dorso uma sela incrustada com pedras preciosas. O animal era imaculadamente branco – os cavalos do Sol¹¹¹ teriam se sentido envergonhados de permanecer diante dele! Quando Lakshmana terminou de ajazeá-lo, ele ficou tão encantador que o povo pensou que o deus do amor e da beleza havia dado uma mão na ornamentação. Seria impossível descrever o seu esplendor. Tinha-se a impressão – assim se poderia dizer – de que o próprio deus Sol (Suryanarayanamurti) se transformara em um cavalo e ali estava, saltitando orgulhosamente.

Na sua testa colocou-se uma pena de pavão com esmeraldas que reluziam esplendidamente, como as estrelas que cintilavam no firmamento. Atendentes seguravam cordões de seda faiscantes como relâmpagos postos ao redor do seu pescoço. Acompanhavam-no cinco mil grandes guerreiros, heróis de muitas batalhas e combatentes de insuperável bravura, todos a cavalo e liderados por Lakshmana.

Quando a cavalgada adentrou o salão, Vishvamitra instruiu Rama a adorar o sagrado cavalo sacrificial que seria enviado em missão de conquista. Rama doou os dezesseis artigos em caridade e tomou o banho ritual de purificação. Em seguida amarrou na testa do cavalo uma placa de ouro na qual estava inscrita a seguinte mensagem, dirigida a todos os governantes da terra:

“Na cidade de Ayodhya existe um herói que é o destruidor dos inimigos. Até o senhor dos deuses treme ao vê-lo. Este cavalo é o seu animal de sacrifício. Os fortes poderão capturá-lo ou terão que pagar imposto e tributo; se não puderem fazer nem uma coisa nem outra, que fujam para as florestas.”

O demônio Lavana

Entrementes Bhargava e outros sábios aproximaram-se de Rama e relataram-lhe as atrocidades perpetradas pelo demônio Lavana. Os sábios ali reunidos entristeceram-se com a notícia. Rama chamou Satrugna, deu-lhe uma aljava cheia das mais poderosas armas e lhe disse: “Use estas armas com os mantras apropriados contra o inimigo. Vá, conquiste a vitória e retorne triunfante”.

Rama então quis que Vibhishana viesse até a sua presença. Ele se prostrou aos seus pés e Rama lhe pediu: “Conte-me tudo sobre esse demônio”. Vibhishana relatou-lhe tudo o que sabia sobre o poder e a natureza de Lavana.

A madrasta de Vibhishana tinha uma filha chamada Kumbhinasá, que fora dada em casamento por Ravana a Madhu, um membro do clã dos *danavas*¹¹². Madhu aceitou-a e, algum tempo depois, ela deu à luz o demônio Lavana. Este se submeteu a rigoroso ascetismo e rogou ao Senhor Shiva que o abençoasse com dádivas. Shiva estava

¹¹⁰ Correspondente a parte dos meses de janeiro e fevereiro no calendário gregoriano. (N. T.)

¹¹¹ Na mitologia hindu o Sol (Surya) é geralmente representado viajando em uma esplendorosa carruagem puxada por sete magníficos cavalos. (N. T.)

¹¹² Uma classe de demônios. (N. T.)

satisfeito com as suas austeridades; por isso deu-lhe um tridente cujo poder descreveu assim: “Lavana! Quem empunhar este tridente não será facilmente derrotado por ninguém em batalha”.

Com a ajuda dessa arma, Lavana tem aterrorizado deuses e homens, demônios e serpentes, exibindo os seus poderes por toda a terra. Tem perseguido e maltratado todos os seres vivos; até agora nenhum escapou de ser vencido por ele.

Ao ouvir Vibhishana, Rama deu uma boa risada. Claro, não havia nada que ele desconhecesse. No entanto, como portava uma roupagem humana, precisava agir como se de nada soubesse. Ele mesmo, na forma de Shiva, dera a Lavana o tridente, e agora ria da estupidez daquele que o recebera e do mau uso que estava fazendo dele. Abençoou Satrugna com uma parcela do seu poder divino e enviou-o com a missão de destruir o demônio.

Sob as ordens de Rama, três mil tambores de guerra rufaram em uníssono e as suas batidas sacudiram a terra. Cavalos e elefantes relincharam e bramiram de alegria, soldados sopraram conchas e todos marcharam para a capital de Lavana. Este ouviu os seus brados de guerra e surgiu do forte com 64 mil soldados, rugindo como um leão ávido por matança. Lançou mão de diversos truques mágicos para escapar à derrota e confundir o inimigo, porém o seu exército foi aniquilado.

Os filhos de Lavana que haviam entrado na batalha foram eliminados por Subahu, filho de Satrugna, e alcançaram o Céu reservado aos heróis que perecem em combate. Finalmente Satrugna, invocando o Nome de Rama, disparou uma flecha que causou em Lavana uma ferida mortal. O demônio exalou o último suspiro e encerrou a sua trajetória perversa. Os deuses aclamaram o triunfo de Satrugna com um coro de “Vitória (*Jai*)!” e derramaram as suas bênçãos sobre ele.

Kusha e Lava capturam o cavalo

Satrugna prosseguiu com o seu exército e alcançou as margens do Yamuna. Após fazer reverentes prostrações diante do rio sagrado, conduziu as tropas para mais adiante. Assim fazendo, aventurou-se pelas quatro direções, ao longo de diversas rotas, e no caminho encontrou diferentes lugares. Foi assim que chegou ao ermitério de Valmiki, onde Janaki vivia com os seus filhos gêmeos, cada um tão formidável em esplendor quanto o próprio Sol.

Os dois meninos viram o cavalo, leram a placa de ouro amarrada à sua testa e o levaram, mantendo-o amarrado na ermida. Então avançaram, cada um com uma aljava presa à cintura e arco e flechas nas mãos, ansiosos para lutar contra os guardiões do cavalo. Naquele momento, os guerreiros que acompanhavam o animal chegaram ao local e o viram preso a uma árvore. Descobrimo que aquilo fora obra dos garotos, acalmaram-se e disseram: “Meninos! Os seus pais são realmente abençoados por terem filhos tão encantadores. Bem, agora soltem esse cavalo e vão para casa”.

Os garotinhos responderam: “Ó vocês, heróis! Acreditamos que vieram aqui para combater e não para implorar. Ao nos pedirem o cavalo, estão manchando a reputação honrada dos guerreiros (*kshatriyas*)”. Ouvindo isso, os soldados da guarda replicaram: “Meninos corajosos! Têm razão, não se deve manchar a reputação honrada dos guerreiros. É por isso que lhes pedimos que tomem cuidado com as suas palavras”.

Os juvenzinhos só fizeram rir da resposta e retrucaram: “Ah, muito corajoso deve ser aquele que enviou este cavalo sob a proteção de gente como vocês! Se não têm força para tirá-lo de nós, podem voltar para casa”.

Quando ouviram Kusha e Lava se expressarem de forma tão insolente e sarcástica, os soldados se sentiram provocados a investir contra os meninos, apesar da sua tenra idade. Mas Lava disparou contra eles uma saraivada de flechas, cantarolando baixinho, tão despreocupadamente como se estivesse participando de um jogo. Os corpos dos guerreiros foram atingidos e perfurados em tantos lugares que eles tombaram desmaiados no chão. Alguns correram até o acampamento de Satrugna e gritaram: “Grande rei (*Maharaja*)! Dois garotos, evidentemente filhos dos eremitas, capturaram o nosso cavalo e, na refrega que se seguiu, eliminaram grande número dos nossos soldados”.

Enfurecido com aquela afronta, Satrugna reuniu as quatro divisões do seu exército e marchou em direção a Kusha e a Lava. Ao confrontá-los e ver os seus feitos no campo de batalha, que atestavam a sua avassaladora intrepidez, ficou atônito e envergonhado. “Como posso entrar em combate com esses dois meninos?”, hesitou. Dirigiu-se a eles da seguinte maneira: “Ó filhos de eremitas! Libertem o cavalo e retornem aos seus lares. Vocês são dignos de adoração. Não é justo lutar com vocês”.

Os jovens recusaram-se a ceder e replicaram: “Rei! Qual é o seu nome? De que cidade vem? Por que anda pela floresta à frente de um exército? Por que motivo deixa esse cavalo perambulando à vontade por aí, com essa placa de ouro amarrada na testa? Bem, se tem força e coragem para isso, retire a placa, liberte o cavalo e leve-o para casa”.

Ao ouvi-los falar de forma tão incisiva e direta, Satrugna inclinou a cabeça, envergonhado, e ordenou que os seus homens pegassem em armas e avançassem. Os meninos apenas riram e comentaram: “Ah! Esse rei é muito poderoso! Mas escute! Pode um leão se assustar com o bater de palmas?”

Manejaram o arco e flecha lembrando-se do seu *guru*, o sábio Valmiki. As suas setas despedaçaram a carruagem de Satrugna e perfuraram o seu corpo em muitos lugares, fazendo nele um amontoado de buracos. Os seus guerreiros veteranos tombaram desfalecidos. Cada veterano convocado a vir à frente era atingido por flechas de efeitos letais.

Rama envia Lakshmana para lutar com os gêmeos

Rama logo foi informado das façanhas dos dois meninos do eremitério. Naturalmente, sabia que ambos não eram filhos de eremitas, mas não revelou esse dado, dando a crer que o que se dizia era verdade. Por um momento, duvidou que ninguém fosse capaz de enfrentar garotos de tenra idade pertencentes aos monges. Por fim, determinou: “Não é possível evitar o combate. Levem Lakshmana com vocês e vão”. Assim, aqueles que haviam fugido foram obrigados a retornar. Rama ordenou ainda: “Tragam aqueles dois meninos até aqui. Como são do eremitério, não merecem a morte sob nenhuma circunstância”.

À frente de um exército totalmente armado, Lakshmana marchou até o local onde sucedera o enfrentamento. Viu os heroicos guerreiros que haviam tombado e surpreendeu-se com a audácia dos jovens ascetas. Dirigiu-se a eles assim: “Eu os estou avisando, meninos, salvem-se. Fugam daqui e regressem aos seus lares. Vocês são brâmanes e combatê-los seria prejudicial para nós, pois iria contra as injunções das Escrituras. Agora sumam das minhas vistas”.

Kusha e Lava receberam aquelas palavras com uma gargalhada e responderam: “Ó bravo comandante! Veja como se saiu o seu irmão. Vá logo se refugiar na sua casa”.

Lakshmana ouviu-os e, com um olhar para Satrugna, que jazia desmaiado, pegou o seu arco e flecha. Perguntou-se, no entanto, se seria ou não correto lutar contra filhos de eremitas. Tentou persuadi-los, aconselhando-os: “Jovens, vocês não têm faculdade de raciocínio; são simples garotos. Não há vantagem em combatê-los. Vão e tragam aqueles que os estão apoiando nessa aventura”.

Contudo, ainda enquanto Lakshmana os importunava daquela forma, Kusha, sem dar a mínima atenção à sua sugestão, disparou uma seta diretamente contra ele. A terra tremeu, aterrorizada com o impacto da flecha, que se espalhou por todo o céu. O seu esplendor era tal que obscureceu até o Sol.

Incapaz de resistir à bravura dos meninos, Lakshmana enfureceu-se e investiu sobre eles com enorme violência. Colocou a sua carruagem diante deles e começou a atacá-los sem temer as consequências, mas os irmãos despedaçaram as flechas e guerrearam admiravelmente, empregando muitas estratégias novas. Lakshmana atirou a sua clava contra eles e atingiu Kusha, que sentiu muita dor e rolou pelo chão. Ao ver o que acontecera, Lava encolerizou-se e arremessou uma seta diretamente contra o peito de Lakshmana. No entanto, embora tenha sido atingido em cheio, ele não tombou, pois era um herói mais forte e experiente.

Lava saltou sobre ele e ambos se enfrentaram em um duelo pessoal com os punhos. Era uma contenda equilibrada, sem nenhum vencedor, na qual ambos empregavam muitas pegadas e táticas evasivas. Cada um lutava com todas as suas forças. Lava esmurrou Lakshmana com terríveis golpes de trovão. Lakshmana suportou o impacto com dor, admirando a coragem e a habilidade daquele juvenzinho.

Lakshmana invocou o Nome de Rama e atirou uma flecha contra Kusha, que se levantara, fazendo-o cair novamente. Ao tombar, o menino lembrou-se de Valmiki e de Sita e logo pôde se reerguer. Recuperou o seu arco e flecha e atacou Lakshmana. Este revidou com uma flecha que usara contra Meghanada, porém ela não conseguiu ferir os garotos. Kusha partiu-a em pedaços, que se espalharam pelo chão.

Lakshmana disse consigo mesmo: “Ah, essas calamidades têm me ocorrido desde que Sita foi exilada. Jamais poderei ter paz, a menos que abandone este corpo”. Naquele exato momento, Kusha colocou no seu arco a flecha de Brahma, que Valmiki lhe ensinara a usar. Ante a simples perspectiva do seu lançamento, os três mundos estremeceram de pavor. O menino apontou-a diretamente para o coração de Lakshmana e disparou-a. Lakshmana foi atingido e perdeu a consciência.

Rama vai até a cena da batalha

Mensageiros levaram a notícia a Rama. Bharata ficou imerso em tristeza. Uniu as palmas das mãos e, de pé diante de Rama, afirmou: “Senhor! Estamos experimentando as consequências do erro que cometemos ao exilar Sita”.

Rama contestou o irmão: “O quê? Está adotando essa tática porque tem medo de combater? Bem, se é assim, eu mesmo entrarei em campo. Dê-me a carruagem. Adie os rituais subsequentes do sacrifício (*yaga*). Preciso ir até lá e descobrir os antecedentes desses meninos. Irmão! Envie uma mensagem para os nossos antigos aliados e amigos e leve Hanuman ao campo de batalha”.

Quando chegou ao local onde estava sendo travado o combate, Rama ficou surpreso ao ver os rios de sangue. Naquele mesmo instante aproximaram-se Kusha e Lava, os imbatíveis guerreiros. Os macacos que haviam acompanhado Hanuman até o

campo ficaram aterrorizados, mas este se dirigiu aos irmãos, dizendo: “Meninos! Os pais que deram à luz heróis tão magníficos quanto vocês são verdadeiramente abençoados”.

Kusha retrucou: “Ó macaco! Se não tem força para nos enfrentar em batalha, vá embora! Não fique aí tagarelando”.

Bharata enfureceu-se e gritou para os seus homens: “Muito bem! Usem as suas armas!” Quando ouviram a ordem, os macacos lançaram árvores, pedras e picos montanhosos sobre os garotos, porém Lava pulverizou tudo aquilo com uma única flecha. Em pouco tempo as forças de Rama foram fragorosamente derrotadas e o campo ficou banhado em sangue. Todos os valentes soldados haviam perdido a vida. Por fim até o próprio Bharata caiu, desfalecido.

Então Rama entrou no campo de batalha, vermelho de raiva e à frente de um imenso exército. Viu os dois jovens e, sem lhes atirar flechas, aproximou-se e perguntou: “Meninos! Qual é a sua terra natal e quais são os seus nomes? Quem são os seus pais e onde vivem?”

Lava respondeu: “Ó rei! De que valem esses interrogatórios? Vocês – todos os quatro irmãos – parecem ter o mesmo maneirismo. Vamos, pegue o arco e a flecha e lute. Por que se preocupa com pais e com lugar de nascimento? Isto aqui não é uma negociação preliminar de casamento. Não, é um negócio sério”.

Rama, entretanto, insistiu em continuar: “Meninos, os seus corpos são tão frágeis! Não lutarei com vocês até saber quais os seus nomes e a sua linhagem”.

“Rei! A nossa mãe Janaki é filha do imperador Janaka. Ela está sendo cuidada pelo sábio Valmiki. Não sabemos o nome do nosso pai nem a linhagem à qual pertencemos. Os nossos nomes são Kusha e Lava. Nós moramos na floresta”, afirmaram.

Rama fingiu ter descoberto apenas naquele momento que eles eram seus filhos e lhes disse: “Meninos! Enfrentem o exército que está atrás de mim”. Fez com que Angada, Jambavan, Hanuman e outros se reerguessem do seu desmaio; depois fez o mesmo com Lakshmana, Bharata e Satrugna para que pudessem ver o desenrolar dos acontecimentos. Finalmente dirigiu-se aos soldados: “Homens do exército! Combatam de modo a proteger e fortalecer a sua fama e posição”. Quando a batalha recomeçou, Rama observou com imenso prazer o heroísmo dos meninos com os seus arcos e flechas, bem como a sua habilidade e bravura superiores.

Os heróis macacos não conseguiram encontrar nenhum meio de sobrepujar os garotos. Então declararam que ninguém nos quatorze mundos poderia obter vitória sobre eles e depois se mantiveram em silêncio, pois nada mais podiam dizer ou fazer.

Nisso Kusha investiu contra Rama, que o impacto forçou a cair desacordado. Em seguida o menino retirou as cordas e correntes decorativas da carruagem e dos cavalos de Rama. Os dois irmãos amarraram Hanuman com elas e o conduziram pela ponta de uma corda até a sua casa, juntamente com outros macacos e alguns ursos, todos usando adornos e brilhantes trajes coloridos. Entre as posses que faziam parte desse desfile estava o cavalo sacrificial. Com elas Kusha e Lava foram até a presença da mãe Janaki, prostraram-se aos seus pés e lhe ofereceram, como homenagem, o saque conquistado.

14. O FINAL DA PEÇA

Janaki espantou-se ao ver os macacos e os outros, ornamentados e trajados daquela forma. Nesse momento chegou o sábio Valmiki, visivelmente ansioso. Narrou-lhe tudo o que acontecera, soltou Hanuman, Jambavan e os demais e gritou: “Meninos! O que vocês fizeram? Vieram para cá após terem derrubado Rama, Lakshmana, Bharata e Satrugna!”

Abalada, Sita falou: “Ai, filhos queridos! Por sua causa a própria dinastia foi manchada. Não se demorem mais; preparem-se para a minha imolação (*sati*¹¹³), para que eu possa ascender. Não posso mais viver de agora em diante”. E suplicou que agissem rapidamente.

O sábio Valmiki consolou-a e infundiu-lhe coragem. Então foi com os garotos até o campo de batalha e espantou-se com o que viu ali. Reconheceu a carruagem e os cavalos de Rama e, ao encontrá-lo, caiu aos seus pés. Rama levantou-se instantaneamente e sentou-se, enquanto Kusha e Lava permaneciam de pé à sua frente.

Valmiki dirigiu-se a Rama: “Senhor! A minha vida alcançou a sua realização. Ah, como sou abençoado!” Descreveu em seguida como Lakshmana deixara Sita sozinha na floresta e ela ficara morando no seu eremitério, onde dera à luz os meninos. Disse, finalmente: “Senhor! Kusha e Lava são seus filhos. Com os cinco elementos¹¹⁴ por minhas testemunhas, declaro que eles são seus filhos!”

Ouvindo essas palavras, Rama abraçou os jovens e acarinhou-lhes as cabeças. Por intermédio da sua graça, os macacos e os demais guerreiros que haviam tombado reergueram-se, vivos. Lakshmana, Bharata e Satrugna acariciaram e afagaram os meninos.

Lakshmana correu até Sita, pois Rama lhe ordenara que descobrisse o que ela sugeria fazer a respeito do seu “voto”. Lakshmana aproximou-se e prostrou-se aos seus pés.

Sita ansiava por cumprir o “voto” se Rama assim o desejasse. Então acompanhou Lakshmana até a sua presença e, olhando para o grupo, fez o seguinte pronunciamento como a verdade: “Ó deuses! Ó cinco elementos! Jamais residi, nem mesmo em sonhos, com ninguém além de Rama – fosse em pensamento, palavra, corpo ou ação. Ó Mãe! Deusa Terra! Leva-me para dentro de Ti!”

Imediatamente a Terra se abriu com grande estrondo bem no local onde estava Sita, e da cratera ali aberta emergiu a deusa Terra sentada em um divino Trono do Leão. Ao vir à superfície, ela estendeu a mão e, elevando Janaki do chão, abençoou-a com as seguintes palavras: “Ó Janaki! Desde o seu nascimento até hoje, nenhum dia se passou sem que você estivesse triste, sempre derramando lágrimas. Venha! Venha ser feliz na Minha morada!” No instante seguinte, estavam ambas fora do campo de visão de todos. A glória de Sita espalhou-se pelos três mundos.

¹¹³ Antigo costume, já abolido entre os hindus, segundo o qual a viúva devia se sacrificar na pira funerária do marido. (N. T.)

¹¹⁴ Segundo a tradição védica, são os cinco componentes básicos da Natureza, ou seja, do Universo criado: a terra (*prithivi*), a água (*jala*), o fogo (*agni*), o ar (*vayu*) e o éter (*akasha*). (N. T.)

Aquilo foi claramente testemunhado por Lakshmana e outros, que verteram copiosas lágrimas. Rama interpretou o papel de uma pessoa entristecida. Pensou consigo mesmo: “Janaki partiu em consonância com as inclinações da minha mente. Ela sempre agiu de acordo com os meus planos. Agora devemos ir para Vaikunta, a nossa morada”. Aos olhos dos outros, ele parecia abatido e um pouco acabrunhado. Logo rumou para a capital juntamente com os irmãos e os filhos. Executou os rituais finais do sacrifício (*yaga*), tal como planejado, e doou em caridade os dezesseis presentes prescritos, em quantidades além de qualquer descrição.

Rama honrou o imperador Janaka de maneira condizente com a sua posição e levou os meninos à sua presença. Janaka ficou imensamente encantado ao ver os netos. Como era repleto de sabedoria e, por meio da sua visão divina, estava consciente da divindade de Sita, não manifestou nenhuma surpresa ou espanto, ansiedade ou preocupação com o ocorrido. A sua mente não se abalou, pois sabia que acontecera o que tinha que acontecer. A sua atitude não se alterou minimamente diante dos incidentes. Tomado por uma alegria sem limites, o imperador partiu para a cidade de Mithila.

Os *gurus* e brâmanes foram até a presença de Rama, atendendo a uma mensagem sua. Despediram-se dele, felizes por terem podido testemunhar o grande sacrifício, e retornaram às suas residências inteiramente satisfeitos.

As terras são doadas aos herdeiros

Rama chamou os filhos para o seu lado e aconselhou-os em relação aos meios e métodos da administração do império; em seguida investiu-os formalmente com a insígnia imperial. Colocou Taksha, o filho mais velho de Bharata, à frente do Reino do Sul, e deu a Pushkala, o seu segundo filho, o reino de Pushkara. Eles destruíram os demônios (*rakshasas*) remanescentes que lá estavam e se estabeleceram nesses domínios.

Aos filhos de Lakshmana, Chitraketu e Chitrangada, que eram guerreiros poderosos, combatentes heroicos e veteranos de guerras, Rama outorgou a Região Ocidental. Eles assumiram o governo daquelas terras após aniquilarem os demônios que havia ali. Rama investiu-os com autoridade régia sobre cidades com diferentes nomes que vieram a se tornar as suas capitais. A todos os filhos ele ministrou valiosos conselhos sobre assuntos políticos e administrativos.

Kusha foi instalado no trono de Ayodhya e a Lava coube a Região do Norte, farta em riquezas. A cidade de Lavapura (atual Lahore) ficou sendo a sua capital. Além disso, Rama doou vacas, terras, roupas e dinheiro em abundância para cada um deles.

Entrementes, a notícia de que Rama estava pensando em retornar à sua própria morada veio a ser conhecida pelo povo de Ayodhya, que compareceu em massa à sua presença, rogando que os seus pedidos fossem ouvidos. Suplicavam que ele os levasse ao seu divino lar. O Senhor respondeu que era uma solicitação justa e concordou em satisfazê-la. Estava contente com a afeição, a devoção e a dedicação que tinham pelo seu Senhor. Lakshmana conduziu-os a todos.

O reino de Kishkindha foi concedido a Angada, Sugriva, Jambavan, Vibhishana, Nala, Nila e outros que eram partes encarnadas da Divindade. Bilhões de macacos (*vanaras*) que tinham vindo para o cumprimento da divina missão foram até a presença de Rama. Ele disse: “Vibhishana! Você deve governar Lanka. No final obterá a graça da minha presença”. Após tê-lo abençoado, voltou-se para Jambavan e dirigiu-se a ele: “Jambavan, permaneça na Terra até o fim da *Dvapara Yuga*. Então, encarnado como

Krishna, eu o combaterei e nessa ocasião você me reconhecerá como o faz agora¹¹⁵". Com essas palavras, Rama o abençoou.

O final da peça

Rama então seguiu para as margens do rio Sarayu, com Bharata caminhando à sua direita e Satrugna à sua esquerda. Atrás dele vinham os ministros e o povo da cidade. Ao entrarem nas águas, Bharata fundiu-se no Senhor. Satrugna tocou a água, brilhou no lótus e também se fundiu no Senhor.

O Senhor proferiu uma bênção segundo a qual todos os que chegassem à terra santificada de Ayodhya e todos os que se banhassem no sagrado rio Sarayu poderiam alcançá-Lo.

¹¹⁵ A longa e feroz batalha entre Krishna e Jambavam ocorreu no final da *Dvarapa Yuga* e terminou com Jambavan finalmente reconhecendo Krishna como a reencarnação do seu amado Senhor Rama. (N. T.)